



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA
DOUTORADO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

JÚSSIA CARVALHO DA SILVA VENTURA

RÁDIO, CIDADE, GOSTO E MEMÓRIA:
uma etnografia da Belém que toca na *Feira do Som*

BELÉM
2023

JÚSSIA CARVALHO DA SILVA VENTURA

RÁDIO, CIDADE, GOSTO E MEMÓRIA:
uma etnografia da Belém que toca na *Feira do Som*

Tese de doutorado submetida à avaliação do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos necessários a obtenção do grau de Doutora em Sociologia e Antropologia.

Área de Concentração: Antropologia.

Orientador: Antonio Maurício da Costa

BELÉM
2023

JÚSSIA CARVALHO DA SILVA VENTURA

RÁDIO, CIDADE E MEMÓRIA:
uma etnografia da Belém que toca na *Feira do Som*

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará. Área de Concentração: Antropologia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Maurício da Costa
PPGSA/UFPA (Presidente) Orientador – UFPA

Profa. Dra Edna Ferreira Alencar
PPGSA/UFPA – Examinadora Interno

Profa. Dra. Michele Escoura Bueno
PPGSA/UFPA – Examinadora Interna

Profa. Dra. Marina Ramos Neves de Castro
PPGCOM/UFPA – Examinadora Externa

Prof. Dr. Jorge Leal Eiró da Silva
PPGCLC/UNAMA – Examinador Externo

Profa. Dra. Voyner Ravana Cañete
PPGCOM/UFPA – Examinadora Externa - suplente

Profa. Dra. Alda Cristina da Silva Costa
PPGCOM/UFPA – Examinadora Externa - suplente

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

C331r Carvalho da Silva Ventura, Jússia.
RÁDIO, CIDADE, GOSTO E MEMÓRIA : uma etnografia da
Belém que toca na Feira do Som / Jússia Carvalho da Silva
Ventura. — 2023.
235 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Antônio Maurício Dias da Costa
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em
Sociologia e Antropologia, Belém, 2023.

1. Cidade. 2. Feira do Som. 3. Gosto. 4. Rádio. 5. Memória
Social. I. Título.

CDD 305.520981

*À minha mãe, Maria de Jesus,
aos meus meninos Inácio e Vicente,
ao amor meu, Raul.*

*às mães que um dia sonharam (e sonharão) em ser doutoras,
que o patriarcado desmorone, um pouco, a cada tese defendida.*

AGRADECIMENTOS

Agradecer, aqui, é a maneira de dizer que uma pesquisa só é possível por conta das redes que se formam em torno de uma pesquisadora. E quando essa pesquisadora torna-se mãe no processo de doutoramento, duas vezes, essa rede multiplica-se e passa a ser vital. Eu comecei a pensar nessas palavras de gratidão desde que entrei no Laboratório de Antropologia da Universidade Federal do Pará pela primeira vez e carregava no ventre Inácio e, mais tarde, Vicente. Ali, eu tinha no coração a vontade de fazer ciência na Amazônia e na razão a certeza que para unir ciência e maternidade era necessário lutar e ultrapassar barreiras físicas e emocionais. A maternidade me atravessou, como não podia deixar de ser, afinal, escrevi muitas páginas dessa tese enquanto meu corpo produzia novos amazônidas, novos *flâneurs* de Belém. E começo, assim, meus agradecimentos dizendo que foi a maternidade que possibilitou o resultado desta pesquisa, porque todas as reflexões feitas, nessas páginas a seguir, são posteriores ao meu encontro com Inácio, Vicente e nova Jússia que veio à tona, conseqüentemente a pesquisadora que foi se apresentando ao longo das descobertas em uma área que convidava a ultrapassar fronteiras. Agradeço aos meus meninos que só conhecem a mãe em processo de escrita da tese e de angústias acadêmicas.

Quando nasceu uma mãe-pesquisadora é impossível manter-se produtiva se não houver uma rede de apoio. A minha foi a melhor que poderia ser, cheia de carinho, acolhimento e incentivo de que era possível defender no prazo, mesmo que tenha atravessado uma pandemia e duas maternidades nesses quatro anos. E são sempre mulheres as nossas fortalezas, normalmente, as nossas ancestrais: agradeço visceralmente à minha mãe, Maria de Jesus. Não só por cuidar de mim e dos meus meninos enquanto eu precisava de concentração para ler, refletir e argumentar e escrever, mas por tudo que representas, inclusive luta. Assim, estendo o meu agradecimento ao meu pai, Messias Pedro e a minha irmã, Raísa, incentivos certos e colos amorosos e com quem escutei a Feira do Som por muitos e muitos anos na volta da escola para casa. O programa faz eu lembrar de momentos deliciosos com vocês.

Ao meu esposo Raul Ventura Neto, ouvinte assíduo da Feira do Som e que foi praticamente ocultado das páginas dessa tese, mesmo que lá esteja, agradeço pelas provocações teóricas e pela companhia entre os encontros e desencontros durante a feitura dessa pesquisa. Meu bem, seria praticamente impossível ter caminhado sem suas mãos dadas. Lembro bem dos momentos em que escutamos a Feira juntos e muitas músicas lá tocadas envolveram nossas conversas e foram trilha para nosso percurso no trânsito a caminho do trabalho para a TV Cultura, onde trabalhei até 2018, ou para a Universidade Federal do Pará, onde fui professora e discente. Aqui, agradeço à minha sogra Cleide Ventura, que não mediu esforços para compartilhar o tempo precioso e brincar com os meus meninos enquanto eu escrevia algumas páginas do último capítulo desta tese, já na tão dolorida reta final. Obrigada, tia! Teu apoio foi muito importante.

Ao longo da minha experiência de escrever a tese, sendo mãe de dois, encontrei uma rede de apoio emocional que fez muita diferença nas madrugadas solitárias e nos dias de ressaca filosófica: um grupo de mães no aplicativo Whatsapp que passaram a me acompanhar nos momentos mais desafiadores: da maternidade à pesquisa. Vocês fizeram muita diferença na minha saúde mental, meninas. 19 mulheres vivenciando, ao mesmo tempo, um puerpério e doando seus tempos preciosos sempre que eu precisei. Gratidão, Camila Macêdo Loureiro, Dani Ferreira, Stephanie Carneiro, Lia Freire Silveira, Thainá Damasceno, Aline Folha, Amanda Henriques, Claudia Cunha, Gabi Cruz, Juliana Pastana, Mariana Britto, Marina Malcher, Rafaela Sena Daibes Resque, Roberta

Kahwage, Sanmari, Paloma, Nina, Izabela, Vanessa Brasil. Agradeço também a Flávia Martins, que cuidou da minha casa e de mim em muitos dos dias que eu dizia não ter mais forças, quando o cansaço tomava conta. Mana, obrigada pelo carinho!

Tenho facilidade para fazer amigos e amigas, não nego, e muitos vão ganhando destaque na minha vida conforme o tempo passa e no doutorado não seria diferente. Silvia Lilia é a representante desse espaço-temporal. Entramos na mesma turma, mas fizemos poucas disciplinas juntas, entretanto nos agarramos na vontade de compartilhar leituras, reflexão e na necessidade de falar, falar muito sobre nossos objetos de pesquisa e estudo. Mana, tu foste muito importante nessa trajetória, obrigada pela leitura atenta e pelo acolhimento tão gentil. Aqui, estendo meu agradecimento ao grupo de pesquisa Narrevâncias, do professor Flávio Leonel. Agradeço aos dois outros grupos de pesquisa que faço parte e que foram essenciais para o desenvolvimento dessa pesquisa. Aos professores Fábio Castro e Marina Castro agradeço pelas discussões, aprendizado e acolhimento no SISA (Socialidades, Intersubjetividades e Sensibilidades na Amazônia). Às queridas professoras Manuela Corral e Danuta Leão agradeço pelo partilhar dentro do CONSIDA (Consumo, Identidade e Amazônia) e diálogo enriquecedor.

Alda Costa, Edna Alencar, Fábio Castro, Flávio Leonel, Luiza Dantas, Marina Castro, Michele Escoura, Patrícia Silva, Voyner Ravena agradeço pelas disciplinas tão provocadoras e cheias de reflexões. As minhas leituras encontram-se diluídas nessas laudas. Vocês sempre vão me acompanhar de alguma maneira. Encontram-se, aqui, também as discussões que se iniciaram nas salas de aula que estive como professora, quando docente substituta de Comunicação Social na Universidade Federal do Pará, entre 2018 e 2020. Muitas das discussões levantadas com os meus alunos nas turmas de jornalismo e publicidade e orientandos desse período trouxe para cá.

Meus amores antigos ganharam ainda mais importância. Daniele Ferreira, muitos dos nossos encontros possibilitaram epifanias que sem a nossa sessão de desanuviamento seriam impossíveis. Manuela Corral, minha amiga-irmã querida, sem teu incentivo e conversas quase que diárias essa tese não seria possível. Obrigada por todo amor e encorajamento. És uma grande inspiração. Lidia Karolina, agradeço pela amizade e desabafos madrugada a dentro enquanto mães-pesquisadoras, quando tornou-se cansativo e difícil tuas palavras me motivaram. À minha amiga das letras à maternidade Alana Karoline minha eterna gratidão por dividir comigo @tesesefraldas e uma porção de histórias e vontade de fazer ciência e exercer a maternidade de forma ativa e política. Ao meu amigo, tão amado e querido, Giovanni Guerreiro muito dessa Belém apareceu nas nossas conversas em São Paulo, tempos atrás. Obrigada por ser meu conforto em qualquer lugar do mundo.

Agradeço ao meu orientador professor Antônio Maurício da Costa pelo acolhimento, desde a elaboração do projeto para entrada na seleção do doutorado, e ao longo da pesquisa, por escutar e acalmar as minhas inquietações acadêmicas.

Agradeço aos ouvintes da Feira do Som, que abriram suas casas, seja presencialmente ou online, obrigada. São vocês o grande motivo da minha inquietação acadêmica e a grande revelação dessa pesquisa. Agradeço também aos profissionais da Feira do Som que dispensaram seu tempo para rememorar comigo histórias do programa e de seu público, principalmente no nome de Alessandra Caleja, sempre prestativa e atenciosa e Edgar Augusto, que aceitou todas as vezes que solicitei uma nova entrevista. Gratidão!

Ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia meu muito obrigada por ter feito essa pesquisadora desabrochar e descobrir uma nova área. Certamente, é possível fazer ciência sendo mãe na Amazônia, mesmo diante de todos os desafios. Espero que nenhuma mulher precise escolher entre a ciência e a maternidade,

que o programa seja acolhedor com todas que quiserem ocupar esse lugar. Estendo meu agradecimento à secretária do Programa, Rosângela, sempre tão atenciosa.

Obrigada ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ, pela concessão de bolsa de pesquisa que possibilitou financeiramente a elaboração desta tese.

Por fim, incentivo outras mulheres-mães-pesquisadoras amazônidas a ocuparem esse espaço, que é o da pesquisa na Amazônia. A Universidade é nossa e dos nossos filhos também. Que a sala de aula e a academia estejam prontas para nos receber. Para ser mais plural, a Universidade precisa que a ocupemos.

Uni-vos, Avante!

A cidade não é um lugar. É a moldura de uma vida. A moldura à procura de retrato, é isso que eu vejo quando revisito o meu lugar de nascimento. Não são ruas, não são casas. O que revejo é um tempo, o que escuto é a fala desse tempo.

(Mia Couto, 2005)

Resumo

As transformações tecnológicas têm imposto adaptações às emissoras de rádio que possibilitam a formação de realidades híbridas que coexistem em espaços tecnológicos diferenciados, que atendem público e realidades também diferenciadas. A Rádio Cultura do Pará, emissora pública criada em 1977 e ligada à Fundação Paraense de Radiodifusão (Funtelpa), apresenta esse tipo de hibridismo. Neste universo de pesquisa escolhi trabalhar com o programa “Feira do Som”, um dos programas mais antigos da rádio paraense, no ar desde 1972. Para fazer uma etnografia da Belém que é tocada nesse programa radiofônico foi necessário utilizar algumas técnicas metodológicas: audição participante, audição não participante, entrevista em profundidade (presencial e com suporte online), análise descritiva do programa. A pesquisa tem como objetivo geral identificar *qual cidade de Belém é construída e consumida a partir do programa radiofônico Feira do Som da Rádio Cultura FM, uma das primeiras rádios públicas da Amazônia*. Defende-se como hipótese que a construção de memória social e afetiva da cidade, a partir da relação do público com a mídia, é facilitada quando este produto midiático pertence à Comunicação Pública. Assim, o conteúdo veiculado no programa radiofônico Feira do Som permite uma construção de memória afetiva e social da cidade de Belém, seja por conta de uma Belém antiga, seja pela seleção musical regional. A construção da memória social da capital paraense a partir do programa radiofônico Feira do Som é pautado pelo gosto, que é uma experiência sensível, sensorial e de sintonia com o lugar de pertencimento.

Palavras-chave: Cidade; Feira do Som; Gosto; Rádio; Memória Social;

Abstract

Las transformaciones tecnológicas han impuesto adaptaciones a las emisoras de radio que permiten la formación de realidades híbridas que coexisten en diferentes espacios tecnológicos, atendiendo a diferentes públicos y diferentes realidades. Rádio Cultura do Pará, emisora pública creada en 1977 y vinculada a la Fundación Paraense de Radiodifusión (Funtelpa), presenta este tipo de hibridismo. En este universo de investigación, elegí trabajar con el programa "Feira do Som", uno de los más antiguos de la radio paraense, en antena desde 1972. Para hacer una etnografía del Belém interpretado en este programa de radio fue necesario utilizar algunas técnicas metodológicas: escucha participante, escucha no participante, entrevista en profundidad (presencial y online), análisis descriptivo del programa. La investigación tiene como objetivo identificar qué ciudad de Belém se construye y se consume a partir del programa de radio Feira do Som de Cultura FM Radio, una de las primeras emisoras de radio públicas de la Amazonia. Se defiende como hipótesis que la construcción de la memoria social y afectiva de la ciudad, a partir de la relación del público con los medios de comunicación, se facilita cuando este producto mediático pertenece a la Comunicación Pública. Así, el contenido emitido en el programa de radio Feira do Som permite una construcción de la memoria afectiva y social de la ciudad de Belém, ya sea por un Belém antiguo, ya sea por la selección musical regional. La construcción de la memoria social de la capital paraense a partir del programa de radio Feira do Som está guiada por el gusto, que es una experiencia sensible, sensorial y en sintonía con el lugar de pertenencia.

Palavras-chave: City; Feira do Som; Taste; Radio Station; Social Memory

Resumen

Las transformaciones tecnológicas han impuesto adaptaciones a las estaciones de radio que posibilitan la formación de realidades híbridas que conviven en espacios tecnológicos diferenciados, que atienden al público y también a realidades diferenciadas. Rádio Cultura do Pará, una emisora pública creada en 1977 y vinculada a la Fundación Paraense de Radiodifusión (Funtelpa), presenta este tipo de hibridez. En ese universo de investigación, opté por trabajar con el programa “Feira do Som”, uno de los más antiguos programas de radio de Pará, en el aire desde 1972. Para hacer una etnografía de Belém que se reproduce en este programa de radio, fue necesario utilizar algunas técnicas metodológicas: escucha participante, audición no participante, entrevista en profundidad (presencial y con apoyo online), análisis descriptivo del programa. La investigación tiene como objetivo general qué ciudad de Belém se construye y se consume a partir del programa de radio Feira do Som de Rádio Cultura FM, una de las primeras radios públicas de la Amazonía. Se defiende como hipótesis que la construcción de la memoria social y afectiva de la ciudad, a partir de la relación del público con los medios, se facilita cuando este producto mediático pertenece a la Comunicación Pública. Así, como el contenido del programa de radio Feira do Som permite la construcción de una memoria afectiva y social de la ciudad de Belém, ya sea por un Belém antiguo, o por la selección musical regional. La construcción de la memoria social de la capital de Pará a partir del programa de radio Feira do Som está guiada por el gusto, que es una experiencia sensible, sensorial y en sintonía con el lugar de pertenencia.

Palabras-clave: Ciudad; Feira do Som; Gusto; Radio; Memoria Social;

Lista de imagens

Imagem 1: Primeira sede da Rede Cultura de Comunicação na Av. Almirante Barroso, nº 735,.....	30
Imagem 2: Edgar no antigo estúdio da Feira do Som.....	34
Imagem 3: Prédio novo da Rede Cultura de Comunicação.....	45
Imagem 4: estúdio e cabine de operação de áudio	51
Imagem 5: Estúdio da Feira durante o intervalo do programa	52

Lista de figuras

Figura 1: mapa da Rede Cultura de Comunicação no bairro da Cremação.....	45
Figura 2: Coluna social em que Edgar Proença é homenageado com jantar.....	71
Figura 3: Edgar Proença em coluna Social de jornal.....	71
Figura 4: Edgar Proença e a imprensa maranhense.....	72
Figura 5: Edgar Proença e a imprensa de Recife.....	72
Figura 6: Foto de Edgar Proença jovem na Revista Fon-Fon.....	73
Figura 7: Edgar Proença em coluna Social de jornal no Rio de Janeiro	73
Figura 8: Nota sobre o lançamento do livro de Edgar Proença.....	75
Figura 9: Imagens do Palácio do Rádio.....	77
Figura 10: Mapa Localização rua Edgar Proença no Lago Azul.....	79
Figura 11: Mapa localização Prédio Edyr Proença	80
Figura 12: Mapa localização Prédio Edgar Proença.....	80
Figura 13: Edyr Proença “sportman”.....	82
Figura 14: Edyr Proença correspondente de esporte	83
Figura 15: Entrevista Edgar Proença à revista carioca Fon-Fon	88
Figura 16: Continuação da Entrevista de Edgar Proença à Revista Fon-fon.....	94
Figura 17: Mapa da cidade de Belém de Miramar para o bairro de Batista Campos ...	103
Figura 18: Desenho do ambiente em que Jules conversou com a pesquisadora	104
Figura 19: : Desenho da maneira que o ouvinte mais escuta a Feira.....	105
Figura 20: Mapa de percurso entre Ananindeua e Belém às 12h30	108
Figura 21: agenda de ouvinte com perguntas feitas no programa	123
Figura 22: : mapa do bairro de Batista Campos	128
Figura 23: : Imagem da praça Batista Campos, em frente ao prédio do ouvinte.....	129
Figura 24: : Complexo de restaurantes na cidade de Bordeaux - França	132
Figura 25: : Estação das Docas – Complexo de Restaurantes em Belém - Brasil.....	132
Figura 26: Mapa de Belém com bairros e ouvintes	162
Figura 27: Receitas na agenda da Dona Margot.....	186
Figura 28: Cinema Olympia: à Esquerda imagem do cinema em 1912, à direita imagem de 2020.	188
Figura 29: Casa da Linguagem, antiga casa da família de Francisco Bolonha	190
Figura 30: Casa da Linguagem, antigo casarão da família Bolonha.	191
Figura 31: Parque João Coelho.....	193
Figura 32: Casa Serra, mercearia no Reduto	195
Figura 33: Foto de Belém em dia de chuva, no dia 11 de abril de 2023 na Praça do Operário.....	198
Figura 34: Foto de Belém em dia de chuva, enquanto escutava o Programa	199

Lista de tabelas

Tabela 1: nomes dos integrantes da família Proença registrados neste capítulo	70
Tabela 2: Dados IBGE domicílios urbanos e rurais	86

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	16
<i>Olá Edgar! Agora é a hora da Feira, da Feira do Som!!</i>	<i>21</i>
Estrutura da tese.....	28
Capítulo 1. SINTONIZANDO A RÁDIO E RECONHECENDO O OBJETO DE ESTUDO.....	30
1.1. Você está na Cultura FM.....	43
Capítulo 2. FAMÍLIA, RÁDIO E DISTINÇÃO PELAS ONDAS SONORAS.....	62
2.1. Família Proença e a Rádio Clube do Pará	62
2.2. Para quem é a rádio: para a elite ou para as massas?.....	87
Capítulo 3. BELÉM DAS FRONTEIRAS.....	101
3.1. Que Belém é essa que toca na Feira?.....	109
3.2. Identidade Amazônica e fronteira.....	136
Capítulo 4. A FEIRA DO SOM E O GOSTO.....	146
4.1. O gosto como categoria no campo: o bom e mau gosto	146
4.2. Os abraços de Edgar e os amigos da Feira: o gosto como distinção	164
4.3. Como se gosta de Belém nas ondas sonoras da Feira do Som	177
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	197
Referências	204
Apêndice A – Roteiro do Programa Feira do Som.....	219
Apêndice B – Lista de abraços da Feira do Som em 2 de agosto de 2020	220

APRESENTAÇÃO

(...)

*A cidade das praças e coretos
a cidade do rio majestoso
do rio mar
do rio rua e estrada
rio que é céu imenso
caminho de ribeirinhos e estrangeiros
porto de chegada de novos brasileiros
que por encanto fincam raízes
nesse solo fértil amazônico*

*Do português corretíssimo
adocicado pela fala indígena
em que cada palavra é carinho
nos ouvidos de quem vem doutros sotaques
terra de muitos ritmos
de tradição e novidade
sabores que ecoam nas panelas de tantos Brasis*

*Por séculos quase mais europeia do que brasileira
Paris n'América
a arquitetura
os azulejos
o teatro monumental
e a roupa branca indo de navio ser lavada em Portugal
(...)*

*A cidade que sempre foi moderna
Belle Époque em outros séculos
hoje com prédios altíssimos revestidos de pastilhas
galpões na beira do rio que espantam
quem chega pensando só em floresta
e casas de muitas janelas
casarões preservados
e palacetes amorosos*

*A cidade é eterna
porque está viva
e em constante mudança*

*Belém é tudo que se deseja e o que não
tem esgoto a céu aberto
violência
tem tiro e lixo nos canais
as dores das metrópoles ecoam também aqui
e todo belenense tem a sua reclamação*

(Maria Rezende – Canção pra morena)

No dia 16 de janeiro de 2020, numa Belém pré-pandêmica, a Feira do Som foi reconhecida como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Município de Belém. A proposta foi do vereador Amaury da APPD, do partido dos Trabalhadores, votada e aprovada na Câmara Municipal. Sendo assim, a partir de então entende-se ser patrimônio todo o acervo iconográfico, em vídeos, fotos, áudios e programas gravados, existentes do Programa Feira do Som. Eu tinha pouco mais de um ano no doutorado e acompanhei as homenagens a Edgar Augusto. A proposta foi feita pelo ouvinte, que também é músico, Eduardo. Antes mesmo do reconhecimento ser acatado pela Prefeitura de Belém, já havia comemoração. No site de rede social online *Facebook* no qual Eduardo tem uma página pessoal, comemorou os 45 anos da Feira, em 2017, já imaginando o que viria a ser concedido.

Um brinde à Feira do Som, que a 45 anos se firmou como o melhor programa de rádio do Pará, comandado pelo 5º Beatle, Edgar Augusto Proença, trincheira de resistência cultural que merece - com louvor - ser tombado como patrimônio cultural imaterial da nossa amada terra do Pará. Tim-tim, Edgar e a sua, minha, nossa Feira do Som! (EDUARDO, 2017)

As homenagens ao programa vieram também quando Edgar recebeu do município de Belém a medalha de honra ao mérito Francisco Caldeira Castelo Branco, no qual foi agraciado pelo prefeito Edmilson Rodrigues em uma cerimônia restrita e com transmissão ao vivo pelas redes sociais *on-line* da prefeitura, tendo em vista que foi no início de 2021, com alta transmissão de Covid-19 pela cidade.

A minha pesquisa foi atravessada pela pandemia de Covid-19, a qual ceifou a vida de cerca de 15 milhões de cidadãos no mundo e mais de 700 mil brasileiros. Fizemos isolamento social e mudamos a maneira de interagir com as pessoas. O contato ficou restrito às ligações de vídeo permitidas pelo aplicativo de mensagens instantâneas *Whatsapp*, por mensagens escritas e áudios no Facebook ou Instagram e plataformas como *Google Meet e Zoom*. Cada casa comportava apenas seus integrantes, sem visitas. Esse privilégio do isolamento não foi possível a todos. Grande parte da população precisou voltar ao convívio social, em pouco tempo, para prover o próprio sustento, tendo em vista que o auxílio emergencial do Governo Federal Brasileiro demorou a sair. Entretanto, como pesquisadora e bolsista pude continuar em isolamento até o momento em que ficaram disponíveis as duas doses da vacina contra o coronavírus no Brasil, cerca de 15 meses.

Cada empresa agiu de uma maneira para preservar a vida dos trabalhadores e o atendimento público. A Rádio Cultura FM decidiu fazer rotação de funcionários e deixar as pessoas dos grupos de risco no trabalho remoto. Idosos, grávidas e pessoas com comorbidades passaram a fazer o trabalho de casa. Nas redações da Rádio e TV só a quantidade mínima de funcionários para colocar no ar os programas. Foi assim por mais de um ano. Cada dia que se passava com aumento do número de vítimas fatais, hospitais sem leitos disponíveis e uma busca incessante pela vacina faziam eu não saber o que fazer com a minha pesquisa. Afinal, eu precisava adentrar a Rádio Cultura e a casa dos ouvintes da Feira.

Em Belém, o primeiro caso de Covid-19 foi confirmado em meados de março de 2020 e a minha observação participante estava agendada para junho do mesmo ano. Eu fiquei em casa, sintonizando a Feira todos os dias. Os sorteios foram suspensos e Edgar sempre falava da importância do isolamento, do uso de máscaras e do álcool em gel. Confesso que depois de acompanhar diariamente por dois meses, passei a evitar o meu objeto empírico. Não sair de casa e a angústia de não saber como faria meu campo me deixou desmotivada. Por algum tempo, desliguei o rádio e me permiti não pensar sobre o futuro. Os meus questionamentos eram muitos: como faria a observação participante? Como escutaria o programa com ouvintes? Como conheceria os ouvintes da Feira? Era viável manter a minha pesquisa?

As perguntas não me deixaram. A minha vida de pesquisadora parecia suspensa, como estava todo o mundo. Não seria diferente nas Ciências Sociais. A universidade estava fechada e a decisão pelas aulas remotas veio apenas no segundo semestre de 2020. Entretanto, fui dando prioridade às leituras clássicas da Sociologia e Antropologia que eu precisaria dar conta, tendo em vista a minha aventura numa nova área de pesquisa. Eu sou jornalista, com mestrado em Comunicação. As muitas disciplinas precisaram ser cursadas mais tarde, quando a Universidade Federal do Pará decidiu pelo ensino remoto, formato em que cursei grande parte dos meus créditos.

O que esperávamos que duraria poucos meses se estendeu até maio de 2023, quando a OMS (Organização Mundial de Saúde) anunciou o fim da emergência de saúde global causada pela COVID-19. A pandemia não dava trégua, seguia vitimando um número alto de pessoas e alardeando sempre que uma nova variante do vírus aparecia. As vacinas nos deram um novo normal, saídas controladas e com máscaras sempre no rosto. Não podia permitir que a minha pesquisa ficasse muito tempo em silêncio. Era preciso pensar numa forma de caminhar, sem colocar ninguém em risco: nem a minha família,

nem a dos meus ouvintes. Comecei a ler o trabalho de Daniel Muller (2020) e pensar como visitar as casas sem sair da minha, quiçá um dia voltasse aos encontros presenciais.

Belém estava ausente para mim. Ela fazia silêncio. E o que antes estava forte na minha memória começou a sumir. Tentei lembrar de como era a vida antes da pandemia e começou a ficar difícil. A cidade precisa pulsar e isso só ocorre com as relações sociais, com transeuntes, com vida perambulante. A sensação de caminhar pelas ruas e encontrar pessoas foi sendo anestesiada. Já não lembrava como era caminhar pelas ruas de Belém e encontrar pessoas. Quando eu percebi que Belém se esvaía de mim, acendeu um alerta. Eu precisava me conectar com a cidade de alguma maneira. Eu tive vontade de voltar a ligar o rádio e sintonizar a Cultura FM, mesmo que me irritasse ouvir Belém e não poder vivê-la. Passei a caminhar pela cidade por meio das ondas sonoras.

Num dia qualquer, em junho de 2020, liguei a Rádio Cultura FM, fiquei escutando Conexão Cultura, um programa que era majoritariamente música e virou apenas jornalismo, com entrevistas, informações sobre trânsito e notícias. Não dei muita importância e adiantei a feitura do almoço. Entretanto, quando chegou pertinho de 12h a Feira não entrou. A programação era outra. Eu senti frio na barriga e não entendi o que acontecia, mas imaginei as férias de Edgar tivessem sido adiantadas, que normalmente ocorrem em julho. O susto maior é que não era mais a Feira do Som de verão, como repete-se há anos: outros locutores assumem a Feira e mudam também o jeitinho do programa. Era uma programação nada fixa, sem identidade.

Imediatamente, entrei em contato com a produtora Alessandra e ela me explicou que Edgar estava internado por conta de um infarto. Mas a esperança é que logo voltasse à ativa. A realidade foi outra, foram meses ausente e mais de um ano fora dos estúdios. Na conversa com Edgar, no comecinho de 2021, ele lembrou como foi o tempo longe da Feira.

Para mim, foi uma catástrofe, eu estava no grupo das pessoas de 60 anos e era perigoso. A emissora afastou os mais velhos e por conta da pandemia passei a gravar em casa, mandava as músicas, editavam e faziam a montagem da feira. O tempo todo, eu achei que não deveria demorar muito, meti na cabeça que com seis meses estaríamos nos abraçando e comemorando, sem máscaras. Como todo mundo, não acreditei que a pandemia demoraria a ir. Eu teria férias no mês de julho [2020], mas em junho estava com dor nas costas e fui ao hospital para fazer exames e estava enfartando. Já nem saí de lá. Coloquei *stent* para barrar uma veia que estava entupida. Eu fumava desde os 14 anos de idade e esse era o motivo. Tive um AVC, enquanto esperava agendarem a cirurgia de peito aberto e fiquei me tratando de Covid, que peguei

nesse meio tempo. Por sorte, não tive paralisia. Não me aconteceu nada, só uma ameaça forte. Fiz muitos exames e não pude fazer a cirurgia de peito aberto por causa do AVC. Os médicos resolveram arriscar e fiquei de junho até outubro [2020] internado. Dezembro tive que voltar para colocar mais um *stent*. Resolvi não retornar para rádio porque minha voz estava muito fraquinha e ficava roco com facilidade e também não podia dirigir, eu senti uma ausência muito grande.

Foi nesse momento que percebi a importância de começar a conversar com os ouvintes. Não seria possível fazer entrevistas presenciais, não me sentia segura. Mas, deixar para o futuro era incerto demais. Quando seriam seguros os encontros presenciais? As vacinas, naquele momento, eram apenas possibilidade e sonho da população mundial, mas estava longe da realidade.

Então, comecei a buscar os contatos que eu tinha para agendar entrevistas por telefone ou por *Google Meet*, uma plataforma que passou a ser muito utilizada durante a pandemia de Covid-19 para encontros entre amigos, reuniões de trabalho e aulas. Não seria diferente para conduzir pesquisas científicas durante esse momento. Algumas das minhas entrevistas foram assim, olhando no olho dos ouvintes da Feira através de um computador. Confesso que achei que não seria possível, mas as entrevistas foram ocorrendo de forma muito natural, pois muitos já estavam ambientados com essa tecnologia. Os que não tiveram vontade, conversei pelo telefone e enquanto conversava ia fazendo desenhos, rabiscando no meu caderno de campo para imaginar a cena da nossa conversa e de como escutavam rádio. Isso ajudava a visualizar a experiência do outro.

Nos primeiros contatos quis saber como esses ouvintes se sentiam com a ausência da Feira, mas a conversa não parava por aí. Foi a forma como encontrei de nos aproximar e colher relatos. Nesse primeiro contato, fazia dez perguntas e deixava o caminho aberto para novos contatos. Em nenhum momento restringi as perguntas a apenas essas e tampouco segui uma obrigatoriedade de lista. A interação com o outro encaminhava o percurso.

1. Há quanto tempo você é ouvinte da Feira do Som?

2. Por que você ouve a Feira?

3. Você escuta outros programas de rádio? Quais?

4. O que você gosta na Feira?

5. O que você não gosta na Feira?

6. Qual teu estilo musical?

7. *Qual o jargão que você lembra do Edgar?*

8. *Qual bairro você mora?*

9. *Onde você escuta a feira? Conta um pouco da tua rotina, enquanto ouvinte?*

Escuta todos os dias?

10. *Como você tem se sentido nesse momento que a feira está suspensa?*

Nesse formato, foram feitas cerca de quarenta entrevistas pelo telefone e transcritas durante os anos de 2020 e 2021. Com alguns entrevistados, voltei a conversar, outros aceitaram passar a conversa para uma versão mais íntima, no qual podíamos nos ver pelo vídeo, fosse pelo *Google Meet* ou chamada de vídeo no *Whatsapp*. O caderno de campo ficava ao lado, enquanto o diálogo ia se desenrolando. Fui registrando em desenho e anotações as minhas sensações e impressões. Em 2022, continuei interagindo com ouvintes da Feira que foram chegando ao meu conhecimento, amigos de amigos, conhecidos que sabiam da minha pesquisa e começaram a se interessar em falar. Nesse momento, não contabilizei quantas entrevistas realizei. Acredito que foram cerca de 83 entrevistas, entre músicos, produtores culturais, jornalistas e espectadores, todos ouvintes da Feira. Grande parte dos entrevistados eram homens e passei a buscar mulheres para falar, mas consegui apenas oito que toparam conversar e duas que aceitaram abrir a casa.

As decisões foram sendo tomadas levando em consideração o contexto de saúde pública e as possibilidades de fazer pesquisa. Entendo que a ida a campo não pode ser feita com técnicas metodológicas e teorias rígidas, eu como pesquisadora precisava estar atenta aos acontecimentos e novas possibilidades de desvendar o meu objeto de estudo e, assim, fui encontrando maneiras para o fazer dessa tese.

Olá Edgar! Agora é a hora da Feira, da Feira do Som!!

Nos moldes de um jornal musical, foi na Rádio Clube do Pará, uma rádio AM das mais antigas do país, que *a Feira do Som* fez sua primeira transmissão, em 1972. A rádio pertencia à família do jornalista e locutor Edgar Augusto, por isso tinha liberdade para criação de programas. A programação das rádios locais contava, em grande maioria, com músicas estrangeiras e, especialmente ritmos latinos (COSTA, 2015).

O objetivo de Edgar Augusto era fazer jornalismo musical para dar visibilidade aos artistas e a produção paraenses, com entrevistas e informações atualizadas (FUNTELPA, 2007). Para isso, inspirou-se no programa *Pocket Show* apresentado por Rosenildo Franco na Rádio Clube entre 1968 e 1969 (FUNTELPA, 2007). Na primeira entrevista que fez com Edgar Augusto, em 2017¹, ele revelou que a Feira nasceu sem concorrentes, não havia espaço para a produção regional até aquele momento.

Depois da venda da Rádio Clube do Pará, a *Feira do Som* passou a ser transmitida pela Cidade Morena FM, em 1982. Lá, o programa ficou pouco tempo, por conta da linha editorial mais jovem e comercial. Com a inauguração da Rádio Cultura FM, a *Feira do Som* passou a fazer parte da programação aos sábados durante duas horas em 1986 (FUNTELPA, 2007). Depois de um mês de veiculação, a periodicidade do programa aumentou e este passou a ser produzido e apresentado diariamente. De segunda a sexta-feira de meio-dia até duas horas da tarde, podendo ser sintonizado pela cidade de Belém e a região metropolitana: um jornal musical radiofônico em uma emissora pública. Até hoje, o programa tem duração de cento e vinte minutos e possui três quadros, sendo dois musicais e um de interação com os espectadores: o “No tempo dos titios” e o “No cantinho dos Beatles” são espaços musicais e “Perguntas do Grisolho Couto” é o quadro interativo.

O programa é ao vivo e começa com o locutor apresentando uma música inédita na *Feira do Som*. Diariamente, Edgar Augusto mostra músicas regionais que não tocaram na rádio Cultura, também mescla a programação com sons que estão tocando pelo mundo. Ele apresenta cerca de vinte músicas por dia, nas quais ele intercala música e comentários sobre a produção e curiosidades gerais. Para o finalzinho, ele guarda os quadros fixos do programa, quando toca uma música para os titios, “músicas antigas, dos tiozões, músicas das décadas de 1960, 1970”². Ao começar, o quadro tem uma vinheta chamada “horário sagrado dos titios” com um *background* de fundo.

Logo depois segue o próximo quadro chamado por ele ao vivo, no “Cantinho dos Beatles” sendo tocadas duas músicas dos Beatles, que podem ser da carreira solo de um dos quatro integrantes ou interpretações de outros artistas às músicas do quarteto. Esse surgiu na chegada do programa na Rádio Cultura FM, em 1986, a pedido dos ouvintes, que sabiam da paixão do locutor pelo quarteto inglês, conta Edgar Augusto. Quem gosta

¹ Entrevista concedida à autora desta pesquisa em fevereiro de 2017, na antiga sede da Rádio Cultura FM.

² Entrevista concedida à autoria desta pesquisa em junho de 2019, na sala da casa de Edgar Augusto.

da música dos Beatles se identifica, sendo que muitos dos fãs mais assíduos têm seu nome – ou apelido – citado ao vivo pelo próprio Edgar ao final do quadro.

O terceiro quadro é uma pergunta para o ouvinte. É por meio das perguntas do Grisolho Couto que o ouvinte interage com a Feira. Depois da primeira música, um questionamento sobre a cidade de Belém é lançado pelo apresentador, oferecendo prêmio a ser sorteado entre os apostadores que acertarem a resposta. No decorrer do programa, a pergunta vai sendo repetida e o incentivo à participação sendo feito, inclusive com anúncio dos itens a serem sorteados.

A figura do apresentador é muito forte na Feira do Som. Edgar Augusto é jornalista e apaixonado por música, construiu o roteiro em que transforma as duas horas em um grande bate-papo sobre música, mas com tom de rádio antiga. O locutor diz que o programa é feito por um “jornalista de quase setenta anos, que apura e pesquisa para misturar passado e presente, para modernizar a Feira”. Para ele, a locução, o português bem falado e a explicação sobre as canções que tocam no programa são marcas importantes na Rádio Cultura na hora do almoço.

Em Belém, programas tradicionais, como *a Feira*, seguem contribuindo para a construção de memória social. *A Feira* passou a fazer parte do cotidiano dos ouvintes, o que permite a tessitura de laços afetivos entre o público e o programa. Essa relação de afeto permitiu uma sociabilidade, quando os indivíduos em razão dos próprios interesses (sensoriais, ideais, conscientes, inconscientes, momentâneos, duradouros, etc.) alinham-se a uma rede com os mesmos interesses, o que forma a base da sociedade (SIMMEL, 2006).

O quadro mais antigo do programa, “no cantinho dos Beatles”, exemplifica como ocorre a construção de uma memória social e afetiva a partir de uma identidade coletiva, pois para sociabilizar e criar afeto é preciso lembrar e se sentir pertencente ao grupo, já que a memória enquanto indivíduo é condicionada a padrões coletivos e ao pertencimento em sociedade. Entendemos afetar, aqui, como comover, mexer com sentimentos ou provocar modificação no ser (RIBEIRO, 2013). Somos afetados quando passamos a sentir e a pensar diferente da forma anterior de ter sido afetado. Ou como nos diz Paes Loureiro (2007, p. 17), “o homem simboliza onde quer que ele esteja e, com isso, atualiza e enriquece as relações com a realidade”.

Do mesmo modo, enfatiza Paes Loureiro sua concepção sobre a conversão semiótica chave para compreensão da mudança de qualidade do signo ou como:

o movimento de uma passagem pela qual as funções se reordenam e se exprimem em uma outra situação cultural. A mudança de qualidade simbólica em uma relação cultural. Na cultura amazônica, a conversão semiótica para o estético, segundo a qual as funções se reordenam e se exprimem pela formação ressimbolizada e sobre a qual recai a contemplação (PAES LOUREIRO, 1995, p. 39).

É a partir desse lugar de sociabilidade e da afetividade que é construída uma memória social de Belém, memória que a *Feira do Som* ajuda a compor, principalmente quando os espectadores participam do espaço do programa referente às perguntas sobre uma Belém antiga. Além de rememorar a vivência de quem esteve nessa cidade de outrora, aguça a curiosidade de quem vive as mudanças e transições da Belém presente.

É nesse contexto que, a Feira do Som, aparece nesta pesquisa como um dos programas mais antigos da rádio paraense, no ar desde 1972. A atração esteve em três emissoras, duas comerciais e uma pública: na Rádio Clube do Pará (1972-1982), uma das mais antigas emissoras do estado do Pará, com mais de 90 anos de existência; na emissora Cidade Morena FM (1982-1984); e, por último, desde 1984 até os dias atuais, está abrigado na Rádio Cultura, primeiro na Onda Tropical e, a partir de 1986, na FM.

Observo, então, a dinâmica existente na construção das relações comunicativas entre o programa e os ouvintes, considerando que a comunicação não é uma prática apartada da dinâmica da sociedade, ao contrário, é uma das práticas que dá a ver essa dinâmica e as forças que a impulsionam. É relevante destacar o papel das emissoras públicas que ainda figuram como um diferencial quando comparadas às emissoras comerciais, pois oferecem produtos com características mais específicas da realidade em que estão inseridas, informações de interesse público e com viés educativo (COSTA; MEDEIROS, 2015), podendo construir possibilidades que geram intimidade e relação afetiva mais estreita com os ouvintes, mesmo a despeito de algumas críticas, quando identificado o caráter político dado a essas emissoras pelos sucessivos grupos de poder, no caso do Estado do Pará, denominado, segundo Castro (2012), de *ethos* dominante dos grupos hegemônicos, que se manifesta quando ocorre a apropriação da emissora para atender aos interesses desses grupos.

A **hipótese** que norteia a pesquisa é de que a construção de memória social e afetiva da cidade a partir da relação do público com a mídia é facilitada quando este produto midiático pertence à Comunicação Pública. Isso porque os produtos da Comunicação pública falam com e para o espectador. O conteúdo veiculado no programa radiofônico Feira do Som permite uma construção de memória afetiva e social da cidade

de Belém, seja por conta de uma Belém antiga, seja pela seleção musical regional. A construção da memória social da capital paraense a partir do programa radiofônico Feira do Som é pautado pelo gosto. Quando falo em gosto estou me referindo ao sentido fenomenológico, que é uma experiência sensível, sensorial e de sintonia com o lugar. É a partir deste gosto que se faz a experiência sensível, imanente, de estar no mundo em uma temporalidade (CASTRO, 2018). É o gosto comum que está presente no dia a dia.

O **Objetivo Geral** da pesquisa foi *compreender qual cidade de Belém é construída e consumida a partir do programa radiofônico Feira do Som da Rádio Cultura FM, uma das primeiras rádios públicas da Amazônia*. De tal maneira que os **Objetivos específicos** foram: Realizar uma etnografia da relação dos ouvintes Feira do Som; Apresentar o entrelaçamento da família Proença com a cidade de Belém; Compreender como a memória social de Belém está presente no programa a partir da relação com os ouvintes; Revelar por meio de uma etnografia como a escuta do programa promove distinção e consolida uma memória social da cidade apenas para um grupo específico, com um gosto que se apresenta como refinado.

Para que houvesse suporte para o desenvolvimento de uma etnografia, algumas técnicas metodológicas foram necessárias: audição participante, audição não participante, entrevista em profundidade (presencial e com suporte online), análise descritiva do programa.

A observação participante está nesse entrelaçamento de técnicas metodológicas porque permite que o pesquisador fique imerso no ambiente pesquisado e compartilhe das situações vivenciadas pelo grupo, sabendo que papel representa e não aja com ingenuidade (TRAVANCAS, 2011). Durante a etnografia, o pesquisador vive um período prolongado no campo coletando dados a partir, geralmente, da observação participante. A etnografia é, então, lugar de fronteira, pois está dentro e fora, o que pode provocar uma tensão e uma ambiguidade na relação social de investigação.

O pesquisador se insere no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e interage com a situação investigada (PERUZZO, 2003). Desta maneira, a observação participante é o envolvimento direto do investigador com o grupo social que estuda, entretanto dentro dos parâmetros de conduta que respeitem as normas do grupo.

Para colocar em prática uma observação participante é preciso estar presente em todas as atividades do grupo e decidir de que forma participar, tendo em vista que só o fato de estar presente pode alterar a rotina do grupo pesquisado. Mas, o pesquisador precisa ficar atento, mesmo que não haja um código rígido de comportamento

(TRAVANCAS, 2011), pois não é membro do grupo, é apenas um observador. Segundo Cardoso (2004), o investigador não pode permitir que seu discurso seja fundido ao do grupo investigado, senão a capacidade inerente ao cientista de se surpreender fica amortecida e transforma o trabalho em observação participante. A participação não pode passar de adjetiva para substantiva (CARDOSO, 2004). A coleta de dados na observação participante não é apenas acúmulo de informações, mas também o momento para reformular hipóteses e descobrir pistas novas sobre o objeto, durante o contato (CARDOSO, 2004).

Independentemente das diferenciações de posicionamento do pesquisador no ambiente inserido para fazer a observação participante, é importante perceber que a pesquisa participante é ancorada na dialética, permitindo a captação do fenômeno na sua complexidade e profundidade. Nesse sentido, é possível perceber as “origens do fenômeno, suas partes constitutivas, os significados e as transformações sofridas. Em outras palavras, procura captar o ‘movimento’ e nele compreender a essência e todas as dimensões do fenômeno” (PERUZZO, 2003, p.20).

A observação participante é importante tanto para compreender as estratégias da produção do produto midiático para essa construção dos laços afetivos como para a tessitura feita a partir da interação, que vai além das estratégias colocadas em prática pelas equipes. É possível acompanhar também a observação participante na casa do público, fazendo uma espécie de recepção do produto midiático. Sendo assim, seriam duas etapas: observação participante na produção do produto midiático e observação participante na recepção do produto midiático. Quem define essa necessidade é o pesquisador, podendo ser escolhida apenas uma das observações: produção ou recepção.

Nesta pesquisa, a **observação participante** foi feita em dois momentos: um na Rádio Cultura FM, durante uma semana do mês de agosto de 2021, quando a Feira do Som, depois de quase um ano ausente por conta da pandemia e o estado de saúde do locutor, voltou a ser realizada ao vivo e a segunda na casa de dois ouvintes da Feira (Tom e Nolan) também em 2021, mas no mês de novembro.

Já a **audição não participante** foi feita em dois momentos: o primeiro foi em janeiro de 2018, totalizando 23 edições, o segundo em março, abril e maio de 2020, sendo 45 edições da Feira, o que ajudou a compreender a composição do programa, com os quadros, perguntas e as expressões e jargões do locutor/apresentador, bem como a participação do público, o que nos ajudou a fazer uma **análise descritiva do programa**.

Também foram feitas entrevistas em profundidade, que nos fazem entender as relações pessoais que o ouvinte tem com o produto a partir de um contato mais sensível, tendo em vista que a técnica tem maior flexibilidade, possibilitando ao entrevistado uma construção das respostas, sem o rigor da diretividade e da mediação do entrevistador (OLIVEIRA et al, 2012). Com a entrevista, como método de coleta de dados, é possível conhecer o ponto de vista dos atores sociais pesquisados, o que permite uma maior compreensão da realidade social (OLIVEIRA et al., 2012).

A finalidade desta técnica metodológica é obter de uma pessoa dados relevantes para a pesquisa. A principal vantagem está na possibilidade de adquirir informações aprofundadas sobre valores, experiências, vivências, ideias, comportamentos, sentimentos e motivações dos entrevistados (SOUSA, 2003). O questionário deve ser semiestruturado, tendo em vista que não se implica um rigor, podendo adaptar os questionamentos ao desenrolar da entrevista. Dessa forma, a entrevista em profundidade não se limita exclusivamente aos tópicos preparados, podendo desenvolver perguntas com o decorrer do contato com o entrevistado. Entretanto, os temas devem se limitar àqueles pertinentes à pesquisa e as perguntas devem ser objetivas e nunca dirigidas ou avaliativas. O anonimato do entrevistado deve ser garantido se solicitado. Nenhum entrevistado solicitou o anonimato, entretanto, por decisão da pesquisadora, os sobrenomes foram deixados de lado, na maioria dos interlocutores. Noutros, os nomes foram ocultados, pois eram muito incomuns e facilmente identificados.

Quanto ao entrevistador, este deve ser paciente, afável e bom ouvinte, com a escuta ativa e atenta ao entrevistado. Durante a entrevista as expressões faciais e respostas fáticas (Com expressões como “hum hum”, ”aham”, reticências...) podem ser lidas e anotadas para análise. Sendo assim, o contato ocular na presença física do entrevistado é imprescindível (SOUSA, 2003). O entrevistador deve fazer o entrevistado desenvolver as respostas, quando o entrevistado é lacônico e conduzir a entrevista para o caminho da pesquisa, tentando interferir o mínimo nas respostas e reações do entrevistado. O objetivo é coletar dados e não debater. As entrevistas em profundidade devem ser realizadas em um espaço neutro e confortável para que possa se prolongar por horas. Em alguns casos, é preciso fazer várias sessões, em dias diferentes.

As **entrevistas em profundidade**, nesta tese, foram realizadas com a produção do programa e com ouvintes, alguns momentos com o uso do *Whatsapp*, ligações telefônicas, ligações por vídeo e o *Google Meet*, bem como as entrevistas feitas de forma presencial. No total, foram realizadas entre produtores, músicos e ouvintes cerca de 83

entrevistas. Entretanto, na etnografia aparecem o nome de 19 interlocutores, que apresento abaixo.

Nome	Profissão	Idade	Bairro
Catherine	professora	35 anos	Nazaré
Myla	jornalista	40 anos	Jurunas
Jules	engenheiro	55 anos	Batista Campos
Dona Margot	Dona de casa	93 anos	Batista Campos
Camille	Empregada doméstica	48 anos	Paar - Ananindeua
Nolan	comerciante	58 anos	Batista Campos
Francine	cantora	43 anos	Jurunas
Manon	Produtora cultural	38 anos	Matinha
Ethan	empresário	60 anos	Nazaré
Elliot	Empresário	65 anos	Nazaré
Tom	fotógrafo	61 anos	Fátima
Theodore	comerciante	63 anos	Marambaia
Alexis	Artista plástico	66 anos	Umarizal
Juliette	professora	69 anos	Nazaré
Maxime	engenheiro	58 anos	Nazaré
Mathis	músico	59 anos	Umarizal
Emma	jornalista	33 anos	Umarizal
Oliver	músico	39 anos	Curió-Utinga
Ruben	músico	37 anos	marco

Estrutura da tese

Este trabalho é dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo evidencio o meu objeto de estudo e a minha entrada no campo, o estranhamento (VELHO, 1978) ao estar lá e as reflexões de estar aqui (GEERTZ, 1998) que foram sendo evidenciadas ao longo da etnografia. É um capítulo introdutório de reconhecimento do campo, das minhas vivências, lembranças e contato com o outro, que foi sendo revelado nas entrevistas e observação participante.

O segundo capítulo conta a história da família Proença, que está entrelaçada ao da Rádio Clube do Pará, conseqüentemente apresentando as influências na Comunicação do Pará e sobre a cidade de Belém. A família apresenta uma dominação simbólica, como elite da mídia, o que demonstra uma distinção do gosto. Para isso, utilizamos como apoio teórico Bourdieu (2017), Mills (1962) e Shore (2010).

O terceiro capítulo destaca a Belém tocada na Feira do Som que evoca uma cidade polifônica, com conflitos, realidades paradoxais, memórias, sensações e afecções (RICOEUR, 2016; MERLO-POTTY, 1999). Os ouvintes vão tecendo laços afetivos com a cidade construída no programa, tendo em vista que é um lugar de encontro (MAFFESOLI, 1998b; CANEVACCI, 1993). Nesse capítulo, abordaremos também a nostalgia por meio do *semiotical blues* e a moderna tradição amazônica (CASTRO, 2011) como resposta para o saudosismo que acompanha ouvintes e programa.

No último capítulo desta tese, o gosto aparece como categoria. Nele, consideramos que a qualidade metafísica do gosto resulta no senso comum e os juízos estéticos referem-se ao que é belo e sublime na arte ou na natureza. Desta maneira, o juízo do tipo “esta fruta é saborosa” não é estético, por não ser admitido por uma comunidade afetiva ou uma tribo (MAFFESOLI, 1998a). Entretanto, quando há um juízo estético, reflexivo, como a beleza de uma música há um jogo de entendimento e imaginação, que pode provocar paixões ou repulsas. Sendo assim, o gosto é comum, sendo então uma integração, tendo em vista que somos seres nutridos pelo afeto e essencialmente comunicantes (SODRÉ, 2014). Para Castro (2018) o gosto seria um vetor de reciprocidades, pois seria uma afinidade eletiva, uma razão subjetiva e emocional que vai se construindo no tempo e no espaço enquanto as vivências vão se dando. Dessa maneira, não se trataria de um bom ou mau gosto, já que esse gosto se constrói por meio de interações que “se conformam a partir de uma vivência cultural”, ou seja, vai se dando de forma diversa. O gosto vai sendo construído continuamente, não é fixo. É a partir do gosto que o indivíduo se coloca no mundo a sentir, a ver e a existir. Seria o gosto, então, uma forma que evoca a capacidade do indivíduo de entendimento sensível do mundo (CASTRO, 2018), tratando de uma experiência intersubjetiva (SCHUTZ, 2012) construída no dia-a-dia. Sendo assim, neste capítulo, perceberemos que os ouvintes da Feira do Som estão vinculados com o programa a partir do que sentem ao ouvir a seleção de músicas e por serem afetados pela Belém que consomem. E revelam escutar ao programa pelos prazeres estéticos da língua portuguesa falada e a qualidade musical. De tal maneira que o gosto promove distinção e consolida uma memória social da cidade de Belém apenas para um grupo social específico, que escuta a Rádio Cultura FM e mais especificamente escuta a Feira do Som.

Convido agora, você, a me acompanhar por essas páginas!

Capítulo 1. SINTONIZANDO A RÁDIO E RECONHECENDO O OBJETO DE ESTUDO

A avenida que interliga a capital paraense à sua área metropolitana é sempre muito movimentada, com carros e ônibus tomando as quatro pistas, além de um vai e vem frenético de pessoas nas calçadas. Eu desço do ônibus em uma das paradas mais agitadas dos seis quilômetros de extensão da Av. Almirante Barroso e, logo, avisto o prédio onde está localizada a Funtelpa (Fundação Paraense de Radiodifusão), na qual integram Rádio, Portal e TV Cultura do Pará.

Imagem 1: Primeira sede da Rede Cultura de Comunicação na Av. Almirante Barroso, nº 735,



Fonte: Flickr Jader Barbalho³

Eu tinha acabado de ser contratada como estagiária da TV Cultura, em 2011, e uma das produtoras fez questão de percorrer comigo o espaço que abrigava as emissoras Cultura e também a Imprensa Oficial do Estado do Pará. Não que fosse costume fazer um reconhecimento do local com os recém-chegados, mas aceitei a oportunidade. O terreno

³ <https://www.flickr.com/photos/jaderbarbalho/5693130949/in/photostream/>

abrigava um complexo com quatro prédios: um de estúdio, um da Rádio, um da TV e outro da Imprensa Oficial – o prédio existe, desde 1981, e foi crescendo a partir das demandas de cada emissora, o que não conferiu muita integração de conteúdo e de forma, apesar da estrutura física lembrar um rizoma (DELEUZE; GUATARRI, 2007). Essa foi a primeira vez que visitei o espaço que abrigava a Cultura FM e todas as vezes que estive por lá a sensação foi a mesma.

Ainda era estagiária, então, tudo que vivenciava era novidade para mim. Passaram-se mais de dez anos, mas como escrevia diários pessoais tenho a anotação desse momento registrada, o que foi fácil visitar. Eu imaginava a Rádio como um lugar animado, com música, criatividade e muitas cores. E tudo que encontrei foi diferente. A porta para entrar no local que comporta todos os setores da rádio era de vidro, com uma logo da Cultura, sem nenhuma placa ou indicação que naquele caminho você chegaria à Rádio. Ao empurrar a porta a produtora fez um comentário, dizendo que entraríamos em um mundo a parte, diferente do que viveria nos próximos anos na televisão. Não entendi o que ela quis dizer na hora, nem depois da visita, mas aproveito para registrar que depois de uma convivência, leituras, observações e análise, enfatizo que é diferente inclusive do que escutamos ao sintonizar a 93.7 FM.

A porta fez um barulho um pouco forte, como se o vidro fosse estilhaçar. A primeira vez meu coração quase parou, mas descobri que todos se acostumavam ao som, pois sete anos mais tarde continuaria a mesma coisa. O corredor era largo e muito escuro, quase não podia enxergar aonde chegaria e pela pouca luz apostaria que tinha deixado para trás uma noite sem luar ou fim da tarde com toró⁴, entretanto acabara de ver a claridade das duas da tarde. Caminhamos apressadamente, pois era uma penumbra de meter medo. Passamos pela porta do almoxarifado, o corredor tinha um cheiro mofento, típico de local em que a luz não chega. Andamos mais alguns passos e uma escada estreita nos guiaria para cima, era o único caminho a percorrer. O meu olfato incomodou-se sem saber exatamente com o quê, imagino ser uma mistura de bafio com um odor estricente, quase gélido, provavelmente por causa de um ar condicionado sem limpeza e muito bolor. Talvez as visitas tenham sido poucas àquele espaço e por isso não sofri um embotamento olfativo, uma espécie de costume ao cheiro que o faz imperceptível, por isso posso senti-lo quando penso na Rádio e lembro das visitas feitas.

⁴ Chuva forte.

O corredor e as salas eram de divisórias navais bege, aparentando uma repartição pública, entretanto com pouca personalidade e afeto. Cada porta identificava o setor que comportava com uma placa tímida, feita de metal e pintada de vermelho. Conheci apenas as salas da produção, do jornalismo, arquivo e dois estúdios: um de gravação e outro do ao vivo. A Cultura, tanto Rádio quanto TV, separam os programas da Produção e do Jornalismo. No jornalismo estão apenas os programas noticiosos, como o Jornal da Manhã, que comporta as matérias factuais e Cultura da Hora, que traz informação de hora em hora. À tarde, depois de 14h, já não havia ninguém do Jornal, apenas um produtor e locutor do Cultura da Hora, que logo entraria no ar, mas me apresentou um pouco o espaço, explicando o trabalho feito por ali. A disposição dos ambientes não mudava muito na produção ou no jornalismo: computadores separados por baias rodeavam as paredes e uma mesa de reunião no centro para discussão das pautas.

Lá, os produtores estavam em seus computadores quase sempre com *headfone*, escutavam suas próprias músicas, enquanto uma caixinha de som no teto tocava a Cultura FM para que todos os funcionários acompanhassem a programação da emissora e pudessem vivê-la. A canção que tocava era da Tiê, uma cantora paulista, representante da nova geração da Música Popular Brasileira e que costumava embalar as tardes da Cultura naquele período.

De longe, avistei Edgar Augusto. Ele estava de costas para a porta, escrevendo alguma coisa no computador, parecia concentrado. Foram os cabelos grisalhos amarrados em rabo de cavalo baixo, uma boina e um colete preto ou grafite, não lembro ao certo, que fizeram que eu o distinguísse entre tantos rostos ignotos. Edgar é figura frequente na noite belenense, além de integrante de uma família da elite cultural de Belém, com representantes nas artes, comércio e comunicação. Eu já havia encontrado Edgar em muitos eventos culturais, sua figura não era desconhecida para mim.

O programa tinha findado a pouco, já que as horas corriam depressa e passavam das duas da tarde. A produtora, Alessandra Caleja, estava sentada adiante, falando ao telefone com um ouvinte e um bloco de notas e uma caneta na mão. Quando ela colocou o telefone no gancho, eu perguntei um pouco sobre a dinâmica da Feira do Som por curiosidade e contei que meu pai era um ouvinte assíduo. Edgar virou para dar um “olá” e voltou a fitar a tela. Não parecia curioso, mas eu estava empolgada e continuei falando que ele mandava abraços para o meu pai e a Alessandra me questionou qual o nome dele e então disse: Messias, mas Edgar manda abraços ao “Mestre do cão”. O meu pai tinha

um canil⁵, no qual adestrava cachorros, no Tapanã e era ouvinte da Feira desde que ela estava na Rádio Clube, na década de 1970. Edgar então informou que sempre teve curiosidade pelo nome escolhido para o empreendimento canino e quis saber a motivação, conversamos sobre a ironia do nome, o ateísmo do meu pai e contei que o canil havia sido desativado fazia um tempo. Só eu falei, a conversa não se estendeu e, logo, fui direcionada a voltar ao prédio aos meus afazeres na TV.

Seis anos depois, visitei essa cena na lembrança. Em 2017, o programa completou 45 anos de existência e fui enviada ao prédio ao lado, agora como repórter, para cobrir a programação especial da rádio Cultura em homenagem à Feira do Som. Ouvi a Alessandra e, também, o Edgar. Foi, então, que nasceu o meu interesse em pesquisar o programa. Eu tinha acabado de defender o mestrado em Comunicação e estava em busca de um novo objeto para adentrar o doutorado. O meu interesse pela Comunicação Pública e pelas relações entre pessoas a partir de lugares midiáticos, como a televisão e a rádio me encaminharam para uma pesquisa antropológica.

Nessa entrevista com Edgar, eu o acompanhei no estúdio enquanto estava ao vivo fazendo a Feira do Som. Conversamos momentos antes e nos intervalos. Era um estúdio pequeno, no qual ele tinha acesso ao microfone e numa cabine ficava o técnico responsável em colocar no ar toda a programação e as músicas selecionadas para aquela edição. Diferente das rádios comerciais, a rádio Cultura mantém o técnico de som, que faz a montagem do programa de forma digital, com vinheta, músicas previamente selecionadas pela produção e durante o ao vivo é o responsável pelo *ON* e pelo *OFF*. Enquanto uma música está no ar, o microfone do locutor está desligado e vice-versa. Nas rádios comerciais os locutores produzem, operam a mesa de som e fazem a locução do programa.

⁵ Alojamento de cães

Imagem 2: Edgar no antigo estúdio da Feira do Som



Fonte: Redepará⁶

Coincidentemente, nesse dia, Edgar mandou abraço para o “Mestre do cão” e eu comentei no intervalo que meu pai gostava muito da Feira, mas que o canil estava extinto há uns bons anos. Ele fez a mesma pergunta do nosso contato primeiro e novamente a respondi, sem constrangê-lo com uma resposta enfadada. Certamente ele não lembrava do nosso encontro anterior, tampouco da minha resposta sobre o questionamento. A informação passou e o abraço continuou sendo mandado por longos anos, sem nenhuma atualização. Naquele momento, meu pai escutava eventualmente a Feira, sem nenhum apego diário, com as filhas crescidas e a aposentadoria em curso, não transitava pela cidade durante o almoço para ligar o rádio do carro e sintonizar a Feira, a Feira do Som.

O rádio sempre esteve ligado em casa. Ao invés da televisão, nossa sala de estar era composta por um aparelho de som profissional, com rádio, vitrola, um *Mini system*, composto de amplificador e um tocador de CD’s e caixas de som que permitiam todo o

⁶ Foto acessada pelo link:

https://www.google.com/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Fredepara.com.br%2Fimagens%2Fgaleria%2F83382%2Fthumbs%2F83382_272949.jpg&imgrefurl=https%3A%2F%2Fredepara.com.br%2FNoticia%2F143806%2Fprograma-especial-comemora-os-45-anos-da-feira-do-som&tbnid=R0uj5GhQ-dZ0KM&vet=12ahUKEwj-z_XBvfn2AhUcBLkGHe2ICMAQMygDegQIARA4..i&docid=zdJtmBExm0crPM&w=800&h=533&q=edgar%20augusto%20estúdio%20feira%20do%20som&client=safari&ved=2ahUKEwj-z_XBvfn2AhUcBLkGHe2ICMAQMygDegQIARA4

quarteirão escutar. Meu pai evitava escutar música alta, mas adorava uma disputa de *boa música* quando o vizinho ousava escutar as marcantes⁷ nos finais de semana. Para o meu pai, só quem gosta de músicas de péssima qualidade escuta em volume alto. Ele e seus amigos acreditavam ser inadmissível escutar brega, pois era música para pessoas de pouca “intelectualidade”. Ainda, hoje, a opinião não mudou. Cresci acreditando haver músicas de *boa e má qualidade*, sendo incentivada a conhecer e estudar música, o que mudou na adolescência e vida adulta. Trago este relato pois acredito ser importante para a construção do meu objeto de pesquisa e os caminhos que tomei, tendo em vista que as músicas que tocam na Rádio Cultura FM e a própria Feira do Som estão na minha vivência desde a infância. O rádio, em casa e no carro, sempre estava sintonizado na Cultura FM e na, hora do almoço, ouvir Edgar era praticamente uma religião, com ritual e frequência consistente.

Na Feira, ele escutava as músicas, conhecia novos cantores e compositores, visitava os locais indicados pelo locutor, relembra Belém antiga e conhecia pessoas. Sim, o programa permitiu que ele fosse a muitos eventos indicados na *Feira* e pudesse conhecer alguns dos nomes da música popular paraense, tenho muitas fotos pequenas com artistas de Belém, do Estado e do mundo, fora os incontáveis autógrafos. Conto isso porque essas lembranças vieram muito fortemente depois que entrei no campo. Não é uma condição psicanalítica, que eu precise discutir na terapia, e sim de memória (RICOEUR, 2018, p.71), “lembrar-se é não somente acolher, receber uma imagem do passado, como também buscá-la, ‘fazer’ alguma coisa”. Eu aprendi a ser ouvinte da Rádio Cultura FM e da *Feira* a partir do olhar de meu pai e as lembranças e o esquecimento são parte integrante desta tese, pensando junto com Halbwach (2013) que as memórias não são apenas de um indivíduo.

A música foi o que me fez conhecer uma parte de Belém, com eventos em vários pontos da cidade: teatros, praças, auditórios, museus. Até meus 27 anos, fui moradora de Ananindeua, uma cidade pertencente à área metropolitana de Belém, mas construí laços pouco estreitos com a cidade vizinha a Belém, além dos muros da casa 162 para dentro. As ruas de Ananindeua me eram desconhecidas, assim como os bairros o são até hoje. Apesar de integrar o senso do IBGE como moradora ananindeuense, minhas memórias afetivas pertenciam a Belém. E a Feira do Som permeia isso.

⁷ São as músicas do ritmo Brega que marcaram os anos que foram lançados.

Ainda criança, na volta da escola, eu, papai e minha irmã sempre escolhíamos a companhia de Edgar Augusto no rádio para a viagem Belém-Ananindeua, que naquele momento, no final da década de 1990, começinho dos anos 2000, devia demorar uns 35 minutos, o que nos fazia migrar do carro para a rádio em casa para continuar acompanhando o programa, que tem duração de duas horas. Esperávamos o intervalo para descer do carro e corríamos para a sala de casa, onde havia um aparelho de som, com rádio. Mas isso, eu conto já.

No trajeto até em casa, passamos a fazer jogos que nasceram a partir da Feira. Normalmente, as apostas eram puxadas por mim: “papai, vamos jogar adedanha⁸ musical?” Adaptamos o jogo de conhecimentos gerais para a música, selecionando uma letra do alfabeto para falar músicas ou cantores e compositores a partir deles. Quando optávamos por esse jogo, meu pai baixava o volume do rádio e a *Feira* ficava lá de trilha sonora. E quando ele escutava alguma música que pelo gosto dele valia ser apreciada parávamos o jogo para escutá-la, nunca sem protestos nossos. E, apesar de gostar muito da disputa, adedanha não era meu forte, sempre esquecia os nomes das músicas e dos artistas. Essa não era a única brincadeira que nos acompanhou na volta para casa. Muitas vezes, escutando a *Feira do Som*, tentávamos adivinhar quem cantava, os nomes das músicas e passamos a tentar responder as perguntas feitas sobre Belém no programa.

Depois de chegar em casa e almoçar, eu e minha irmã perdíamos o interesse, mas o meu pai continuava a escutar. Papai vivenciou a capital paraense desde a década de 1940, o que o faz lembrar da cidade que aparece na *Feira*. Recordo dele, logo depois do almoço, deitado numa rede amarela escutando o programa e ligando para a Rádio Cultura para responder o questionamento do dia, quase sempre era sorteado com algum prêmio o que fez ele passar a receber abraços no programa com o pseudônimo “Mestre do Cão”. Ele era adestrador e proprietário de um canil no bairro do Tapanã em Belém. Apesar de ter sido fechado em meados dos anos 2000 e meu pai ter diminuído a participação no programa, os abraços continuaram. Durante a minha escuta do programa tanto em 2019, parte de 2020, 2021 e 2022 ouvi algumas vezes, com surpresa, “abraços ao meu amigo Mestre do Cão lá do Tapanã”. Sempre ligo para avisar ao papai que o Edgar mandou abraços, ele diz que sente prestígio, mas ri e acha engraçado a lista não ter sido atualizada

⁸ Uma brincadeira popular conhecida como adedanha ou *stop* com o objetivo de dar respostas por letras sorteadas em categorias ou temas, trabalhando vocabulário, conhecimentos gerais e agilidade, tendo em vista que ganha quem responde todas as categorias mais rápido de forma correta.

ainda, já que o canil foi extinto há pelo menos 20 anos. Ele sempre pergunta: “como pode o Edgar continuar mandando abraços se não participo mais?”.

O programa coleciona ouvintes, acrescenta diariamente novos personagens a lista de abraços enviados, mas não cede os antigos. A lista vai aumentando, entretanto não vai sendo atualizada, como veremos no último capítulo desta tese.

Assim como nós, muitos outros ouvintes tiveram experiências geracionais na escuta da Feira. Alguns pais com crianças ou adolescentes abordaram Edgar em eventos, shows, concertos para dizer que os filhos eram fãs do radialista, entretanto ele garante que os genitores pareciam mais entusiasmados com o encontro.

Quem me escutava, principalmente, era gente que estava saindo do trabalho ou buscando filho no colégio. Eu conheço gente muito mais jovem do que os meus ouvintes, que se tornaram ouvintes da Feira do Som, porque os pais ouviam, os pais que gostavam. Eles iam no carro e acabavam escutando forçadamente que seja a coisa...e acabavam gostando, era o som, era a forma de falar e tinha qualquer coisa. Isso não é que eu ache é que essas pessoas falavam para mim, falam até hoje e eu fico muito orgulhoso de ter conseguido ultrapassar algumas camadas aí de preferência de público.

A Feira ocupa um horário privilegiado, um horário nobre do rádio. Anteriormente, no momento áureo do rádio⁹, as famílias se reuniam para almoçar escutando a programação, o que permitia que entre o meio dia e as duas da tarde a audiência fosse maior. Mesmo com a popularização da televisão¹⁰, o horário de 12h-14h permanece com uma boa audiência, tendo em vista o deslocamento das pessoas para almoço e a busca das crianças na escola, como me contou Edgar Augusto.

Amélie é “beatlemaníaca empedernida” e faz parte dos abraços diários da Feira. Ela é jornalista e trabalhou na Rádio Cultura por longos anos, indo e voltando de outras emissoras. Ela trabalha em vários lugares, como muitos jornalistas, para complementar a renda. Dessa maneira, a forma como encontramos de conversar foi com ajuda do aplicativo Whatsapp, com longos áudios e mensagens trocadas. Já nos conhecíamos há muitos anos e eu acompanhei tantas vezes o seu nome ser pronunciado entre os amigos da Feira do Som.

⁹ O rádio brasileiro vivenciou nos anos 1940 e 1950 um crescimento interno e uma repercussão junto ao público ouvinte que fez com que o período entrasse para a história como “os anos dourados do rádio brasileiro” (CALABRE, 2003)

¹⁰ A televisão pegou emprestada do rádio - o meio mais popular do país na época, década de 1950 – trabalhadores, estrutura de texto informal e formato, diferente da televisão norte-americana, que se apoiou na forte indústria cinematográfica (MATTOS, 2010). No Brasil, a televisão tornou-se mais importante do que em outros países, por conta da má distribuição de renda, da concentração da propriedade das emissoras, do baixo nível educacional da população, da alta qualidade das teledramaturgias e dos mais de 20 anos de regime autoritário, entre 1964 a 1985 (MATTOS, 2010).

Perguntei a ela, como para outros ouvintes, se existia afeto pelo programa.

Tem uma ligação afetiva sim, várias ligações aliás. A primeira, rádio Cultura, rádio que eu amo, rádio que vai morar para sempre no meu coração, rádio que me ensinou, rádio que eu trabalhei por mais de vinte anos. Rádio quando falam parece que estão falando de um parente ou de alguém que eu amo muito. Dois, a Feira ser num horário que compôs tantos quadros na minha cabeça de convivência com meus filhos no carro, cantando e ouvindo e rindo, num horário de retorno da escola. E três por hoje conhecer Edgar e outros fãs dos Beatles que são fanáticos e são queridos e gostam como eu. É bom saber que não somos doidos sozinhos, que não estamos sós nesse cenário de fãs. É só afeto, muito afeto, de um programa que está com a gente durante a vida¹¹.

A memória afetiva que ela construiu com a Feira permite que ela lembre com saudade do momento em que buscava os filhos na escola e voltava para casa. Além de ser um marcador temporal e espacial, o programa radiofônico também promoveu a socialização entre mãe e filhos e com a cidade de Belém.

A nossa relação é com geografia, é com lugar. Dependendo de onde estava o programa e onde estávamos na cidade. Por exemplo: ‘ah, mãe, hoje nós saímos antes do cantinho dos Beatles, ‘ah, mãe... ih tamo atrasados, já passou a resposta da pergunta do Grisalho. Quando eles chegavam [no carro] e tinham perdido parte da Feira ou a gente estava num lugar que passávamos todo dia no mesmo horário, no mesmo lugar.. em algum ponto que estava na Feira... ‘ih mãe, tamo atrasados ou tamo adiantados’. Ela meio que marca o relógio do nosso movimento¹².

O programa acompanhou a vida da família de Amélie, a minha e de muitos dos ouvintes com quem conversei, como veremos ao longo desta tese. Os filhos cresceram, entretanto, a Feira continua tendo um cantinho especial na vida da jornalista pelas memórias que foram construídas e podem ser revisitadas. Até hoje, ela acompanha o programa, interage e desloca-se pela cidade para eventos divulgados na Feira ou seleciona como companhia para se deslocar pela capital paraense. A memória afetiva faz com que Amélie sintonize a Feira quando transita por Belém. Quando ela perambula pela capital, liga o rádio e é “sempre bacana lembrar o momento que escutava com meus filhos, a volta da escola era animada”. Essas relações que vão sendo tecidas no cotidiano e que rememoram um tempo vivido, tendo em vista que os habitantes são narradores de suas memórias, mesmo que “memórias de passos perdidos” (CERTEAU, 2008), de um

¹¹ Entrevista concedida à autora no dia 21 de novembro de 2021

¹² Entrevista concedida à autora no dia 21 de novembro de 2021

pedestre que demarca o espaço caminhando e rememorando, o que, em Belém, perdura num artifício da temporalidade nostálgica, o *semiotical blues* (CASTRO, 2011).

A temporalidade da *Feira* é distendida (RICOEUR, 2016), entremeando passado, presente e futuro em um mesmo tempo, entretanto sem saber aproveitar-se da arte de envelhecer curtindo todos os passados, enaltecendo apenas a *Belle Époque*¹³ e um tempo lusitano. A relação com o tempo configura o cotidiano citadino, “uma espécie de mapeamento simbólico do emaranhando dos ritmos vividos por seus habitantes em múltiplos territórios” (ROCHA; ECKERT, 2011, p.108). A pesquisa se concentra na estrutura de espaços temporais sob as quais “se assentam os fenômenos de alteridade e experiência humana no mundo urbano contemporâneo” (ROCHA; ECKERT, 2011, p.108). As experiências vividas na cidade povoam nossas memórias, caminhamos pela cidade e sentimos sensações diversas e que guiam nossas escolhas pelas ruas, espaços, locais e são esses arranjos sociais que nos configuram “um sentido de ser e estar na cidade”, tendo em vista que é na forma de perceber a cidade que rotinas, percursos e afazeres são traçados e planejados, assim como enfrentamos temores e constrangimentos (ROCHA; ECKERT, 2010). “A descrição da cidade que somos nós e que está em nós, é uma narrativa que se transforma no jogo da Memória de seus habitantes tanto quanto do etnógrafo que reinterpreta as interpretações dos habitantes que pesquisa em suas trajetórias” (ROCHA; ECKERT, 2010, p.122).

Essa ligação com uma temporalidade passada também faz parte da Rádio Cultura, mas é nesse espaço que se instaura um espaço de comunicação (CAIAFA, 2000) e afeto entre ouvintes e o programa. Por estar articulada aos governos estaduais, a programação diária das emissoras Cultura (Rádio, TV e Portal) obedece a direcionamentos que estão associados à dominância dos grupos hegemônicos que comandam o Pará desde a redemocratização. Quando falamos em grupos hegemônicos, estamos levando em consideração o conceito de hegemonia do filósofo marxista Gramsci (1999), que nos ajudam a desvendar a coligação de forças que atravessam e condicionam a produção simbólica nos meios de comunicação, principalmente o público – ligado ao Governo do

¹³ Belém passou por uma reformulação do espaço urbano exercidas pelo Poder Público, no final do século XIX, para se tornar moderna e pudesse assumir o título de “Paris Tropical”. O projeto urbanístico seguido foi o embelezamento da paisagem financiada pela borracha, que teve ciclo de 1870 – 1910 (SOARES, 2008), tratava-se da *Belle Époque*. Esse foi um momento no qual houve um melhoramento da cidade para as elites de Belém “No final do século XIX, o cosmopolitismo do ‘ciclo’ da borracha fez-se sentir com vigor nas cidades amazônicas, transformando Manaus e Belém em pequenas reproduções de cidades europeias. Em Belém, a paisagem urbana sofreu modificações com a construção de palacetes residenciais, praças, quiosques, abertura de avenidas e outros melhoramentos urbano” (SARGES, 2010, p. 23).

Estado – que interferem na conformação do imaginário social e nas disputas de sentido e de poder (GRAMSCI, 1999; MORAES, 2010), já que a FUNTELPA funciona como principal símbolo da política pública de comunicação do Governo do Estado do Pará e reifica certa identidade cultural amazônica (CASTRO, 2012a), e ousou dizer belenense, como discutirei mais adiante, no terceiro capítulo.

Esse pensamento conservador ratificado na programação da Cultura simplifica a representação social, reafirmando a padronização cultural e negando conflitos no plano cultural. Essa é uma estratégia elitista que pacifica as tensões sociais, por isso as emissoras retratam cultura como arte, artesanato, culinária, religião (CASTRO, 2012a) e deixam de lado trabalho e política, por exemplo. Trata-se de trajetória que tem uma função política simbólica “de fornecer elementos de identidade para o poder público e para os grupos sociais hegemônicos, que historicamente se revezam na ocupação da estrutura do Estado” (CASTRO, 2012a, p.150).

A Feira do Som faz parte desse conjunto de relações sociais presente dentro e fora do ambiente midiático. É importante compreender particularmente aqueles elementos que expressam a possibilidade da comunicação pública em conduzir a construção de uma identidade amazônica de acordo com os interesses de setores hegemônicos da sociedade. A Feira do Som mantém os privilégios sociais dentro da programação, tornando o programa conservador e mantenedor das classes sociais. Sendo assim, a programação não consegue tornar-se amplamente horizontalizada, no qual os indivíduos participantes do processo tornam-se iguais, possibilitando uma democracia da comunicação.

Voltemos à matéria que eu e minha equipe estávamos responsáveis para gravar em comemoração aos 45 anos da Feira do Som. Depois de fazer algumas imagens do ofício de Edgar no estúdio e algumas perguntas sobre o programa, fomos ao encontro de Alessandra, produtora da Feira. Ela teve muita dificuldade de falar, por conta da timidez, mas deu informações importantes para a matéria e posteriormente para esta tese. Alê, como gosta de ser chamada, sugeriu nomes de ouvintes assíduos e que tinham uma história estreita com o programa e uma relação de proximidade. Foi assim que conheci dona Margot, uma senhora que anotava todas as perguntas sobre Belém anunciadas no programa numa agendinha. Segundo a produtora toda a família participava interagindo com o programa. Naquele momento, ela não soube informar os nomes e contatos.

O contato me foi passado e anotei na minha agenda, cultivada desde os momentos de estágio e que comporta telefones e nomes para pautas diversas, fundamental na prática e rotina jornalística. Naquele momento, não fui eu que entrevistei dona Margot. No

telejornalismo é comum pautas especiais¹⁴ serem feitas a muitas mãos, um repórter faz algumas entrevistas e outro faz outras, o que faz a maior parte delas escrever o texto final e grava o que vemos na tela da TV. E assim ocorreu com essa pauta¹⁵, fiz apenas duas entrevistas e o outro repórter fechou o texto que foi para o ar, o que impossibilitou que eu tivesse contato com a dona Margot, como gosto de chamá-la. Posteriormente, revisei este contato, o que a transformou em uma das “personagens” desta tese, infelizmente não interlocutora.

Nunca tinha pensado na Feira como um objeto empírico. Foram dois anos de pesquisa pouco ortodoxa, com uma inserção involuntária com uma ida ao campo inesperada. Depois da matéria jornalística pronta e no ar, transcrevi a entrevista da Alessandra e do Edgar e comecei a fazer pesquisas sobre o programa. Depois disso, voltei a escutar diariamente a Feira e a fazer anotações, fui registrando as minhas percepções no caderno de campo, a partir de uma observação não participante, com coleta de dados e forma estrutural do programa. Fiz algumas visitas à rádio com intuito de compreender o funcionamento da produção da Feira. Foram essas visitas e entrevistas que ajudaram na formatação de um projeto de pesquisa no futuro.

Em 2018, entrei na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará como professora substituta, com aulas pela manhã e, algumas vezes, até o início da tarde. Voltava para casa, escutando 93.7MHz¹⁶. Edgar voltou a me acompanhar durante 30, 40 minutos até em casa, agora no Reduto¹⁷, num dos bairros centrais de Belém. E passei a conhecer os quarteirões do meu novo bairro pelos eventos musicais anunciados no programa.

Lembro bem, que num desses dias, o objeto de estudo pareceu começar a se condensar, saindo apenas de ideias soltas para uma possibilidade de perguntas. O que me inquietava era o aparecimento de uma Belém do passado, **central** e oligárquica nas perguntas feitas na Feira e ausência da periferia e da Belém atual. Foi apenas durante a

¹⁴ Forma de reportagem que aborda a temática com maior profundidade e tempo de produção, apuração e edição. São matérias que podem ser feitas a muitas mãos.

¹⁵ Pauta é um documento de orientação aos repórteres com informações para elaboração da reportagem, com um resumo do assunto, entrevistados, local e hora onde devem ocorrer as entrevistas. A pauta não precisa obrigatoriamente ser escrita ou premeditada.

¹⁶ Frequência a qual a Rádio Cultura FM é sintonizada no rádio.

¹⁷ Reduto é um bairro central e histórico, da cidade de Belém, surgido na segunda metade do século XVIII, mas só foi efetivamente ocupado durante o século XIX, durante o período de intensa atividade comercial por conta da economia da borracha. Por ocupar uma posição conveniente, a margem imediata da baía do Guajará, o Reduto tornou-se uma área repleta de fábricas e assumiu características de bairro industrial e operário (SOUSA, 2009).

pesquisa em curso que percebi que a capital paraense vivida em temporalidade passada permeia todo o programa e não apenas o momento das perguntas, como veremos mais adiante. Entretanto, essa ainda não poderia ser minha pergunta de pesquisa. Era preciso solidificar o objeto para então escrever um projeto de pesquisa para o doutorado em Sociologia e Antropologia. Eu tinha interesse em flertar com outras áreas além da Comunicação, por acreditar na interdisciplinaridade.

As perguntas fazem os ouvintes interagirem com a produção do programa. É o momento que provoca a rememoração e experiência de quem esteve nessa cidade de outrora, de quem a compartilha quotidianamente e aguçar a curiosidade de quem vive apenas as mudanças. Diariamente uma pergunta é feita. Os questionamentos são elaborados para mexer com a memória do ouvinte. Logo no início da Feira do Som, após a apresentação de Edgar Augusto, é lançada “a pergunta do dia feita pelo nosso Grisalho Couto, emérito perguntador mor e juramentado do programa. Ei-la...”. Quem sabe a resposta entra em contato pelo telefone com a produção do programa e concorre a prêmios, geralmente CD, ingresso, livro ou item de gênero musical.

Belém diariamente é exaltada no programa, mas a cidade que aparece é a saudosista da *belle époque*, momento histórico em que o Estado e a elite paraense buscavam incorporar a capital paraense aspectos da modernidade europeia. Uma experiência alegórica¹⁸, incapaz de discernir, com mais precisão, entre o que era necessidade – do plano urbano, do capitalismo, das práticas de interação social – e forma – da forma dada a esses mesmos elementos. Incapaz de tracejar uma proto-história dos fenômenos que admira – que a burguesia local admira – o tecido subjetivo que veste a cidade consiste no *semiotical blues*: na alegorese da modernidade produzida na periferia do capitalismo (CASTRO, 2010). As perguntas deixam de lado a memória dos bairros periféricos e da sua área metropolitana, assim como ritmos musicais periféricos paraenses também estão excluídos da programação: tecnobrega, *melody*, brega, arrocha, etc. não entram na seleção musical da Feira. Brega, tecnobrega e aparelhagem são ritmos musicais paraenses, que foram ganhando espaço nas rádios a partir da década de 1980, entretanto com bastante dificuldade, precisando de uma produção e divulgação intensa (COSTA, 2009).

¹⁸ “Experiência alegórica (Benjamin, 1983): aquela que não referencia realmente e que se constitui, apenas, enquanto traço (Derrida, 1972) de uma representação que não houve” (CASTRO, 2015, p.107). Isso porque a alegoria para Benjamin (2009) visa a aniquilação da aparência baseada na ordem estabelecida, seja da arte, seja da vida (MORAES, 2019).

Voltando às perguntas. É esse quadro de questionamentos sobre a capital paraense com sorteio de prêmios que faz os espectadores interagirem com o programa, tendo em vista que o rádio detém “o poder de transmitir uma sensação de quotidianidade através da facilidade de se transpor e recriar a realidade confere ao meio uma capacidade de engendrar vínculos com a sua audiência” (KROTH, 2010, p. 146). A geração desses vínculos é proveniente da sociabilidade, como diz Simmel (2006) e da tessitura de laços afetivos (BAITELLO, 2013; VENTURA, 2017).

Foi essa angústia, unida às leituras, que motivou a pesquisa a continuar. O meu trabalho de campo começou dois anos antes da entrada no doutorado, o que permitiu que muitas das reflexões presentes, nesta pesquisa, fossem amadurecidas. As análises dão-se também pelas vivências ao longo de vinte anos de uma audição barulhenta, cheia de ruídos e dispersa de uma ouvinte, além claro de seis anos de escuta atenta de pesquisadora, sendo que quatro deles com perspectiva antropológica. São essas visitas às lembranças e ao campo que puderam desembaraçar as ondas sonoras que propagam uma Belém singular e hegemônica dentro de uma rádio pública e educativa.

Para ilustrar o processo de conhecimento que atravessará essa pesquisa, convido você a sintonizar, através dessas páginas, a Rádio Cultura FM, na 93.7MHz, e escutar comigo a Feira do Som e visitar uma Belém de outrora, que vigora na saudade, habita as lembranças e permanece na programação. A partir de um composto de procedimentos, seguidas de visitas à rádio, com audição participante, audição não participante e entrevistas em profundidade apresentarei uma etnografia que revela uma memória social da cidade de Belém a partir da relação entre ouvintes e Feira do Som.

*Vamos nessa, gente!*¹⁹

1.1. Você está na Cultura FM

Era quase onze horas da manhã do dia 23 de agosto de 2021 quando cheguei ao bairro da Cremação²⁰, o trânsito estava tranquilo e do Reduto para lá não demorou mais

¹⁹ Expressão que o locutor Edgar Augusto utiliza para marcar o início da Feira do Som.

²⁰ O bairro recebeu este nome, pois a sua origem deu-se por conta do antigo Forno Crematório construído durante a administração do Intendente Municipal Antônio Lemos (1897-1910), afim de evitar epidemias. Belém já possuía uma área para a queima do lixo, que ficava na atual Batista Campos, mas o local era muito próximo de onde a cidade estava se desenvolvendo, causando um grande incômodo no local que supostamente deveria ser como uma cidade europeia. Lemos resolveu que os resquícios de lixo deveriam ser levados para uma área distante e foi nesse contexto que, em 1901, foi construída a antiga Usina de Cremação de Lixo de Belém, cujo aparelho de incineração tinha potência para queimar cerca de 80 toneladas de lixo por dia (PARA AMAZONIA, s/p). <http://portalparamazonia.blogspot.com/2018/04/a->

que dez minutos, ainda sim sintonizei a Cultura e fui o caminho escutando. Estava ansiosa não só pelo início da observação participante, mas todo o contexto que envolvia a minha visita e as vivências do último ano e meio, estávamos enfrentando uma pandemia mundial por conta de um vírus chamado covid-19²¹ e desde meados de março de 2020 a vida na cidade de Belém tinha sido impactada. Além das máscaras no rosto para proteção, novos códigos sociais por conta do distanciamento necessário e a sociabilidade restrita me deixaram com o coração palpitando e as mãos suadas. Conferi algumas vezes se trouxera canetas suficientes, o caderno de campo e o álcool em gel²².

Agora, já passa uns minutos das onze e desço do carro em frente a nova sede²³ das emissoras Cultura, um prédio alto e com uma aparência contemporânea e uma plotagem com a logo da Rede Cultura de Comunicação, um “C” estilizado em vermelho. Desde 2018, a Rede Cultura de Comunicação²⁴ ganhou um novo prédio, no qual a integração entre rádio, televisão e portal é um pouco maior, com ensaios de conteúdos híbridos, sendo veiculados nas três mídias. Coloquei a N95²⁵ no rosto, ajustei bem vedada e desci do carro bem em frente ao prédio sede das emissoras.

[historia-da-usina-que-deu-inicio-um.html](#)

²¹ é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus, provocando uma síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV-2). O vírus espalhou-se pelo mundo rapidamente ocasionando uma pandemia mundial desde dezembro de 2019. Até abril de 2022, mais de seis milhões de pessoas foram vítimas fatais do vírus.

²² Para proteger-se do vírus além de máscaras faciais para impedir que gotículas de salivam contaminem as pessoas também utiliza-se água e sabão para lavar as mãos e álcool em gel.

²³ A Funtelpa mudou de endereço em outubro de 2018, com novas instalações no bairro da Cremação (Pariquis, 3318), é um organismo público de direito privado, que tem como provedor de recursos diretos o Governo do Estado, facultando-se o ingresso de outros recursos, sob o amparo da lei específica reguladora do caráter das fundações. O atual presidente da Funtelpa é Hilbert Nascimento (PORTAL CULTURA, 2020). O edifício tem 1262 m² de área, sete andares, e conta com modernos estúdios para os programas da Rádio, TV e Portal Cultura, ilhas de edição, biblioteca, salas de reuniões, setores administrativos, além de redações para os programas e espaço de convivência para funcionários no último andar. É a primeira vez que a Cultura ganha sede própria. Desde 1981, portanto há 36 anos, a Fundação exercia suas atividades no prédio anexo à Imprensa Oficial do Estado do Pará (IOE), na Avenida Almirante Barroso, no bairro do Marco (AGÊNCIA PARÁ, 2018).

²⁴ Na gestão da Presidente Adelaide Oliveira, a Funelpa, começou a ser chamada de Rede Cultura de Comunicação para que a integração entre portal, rádio e TV começasse desde o nome, estrutura física e conteúdo.

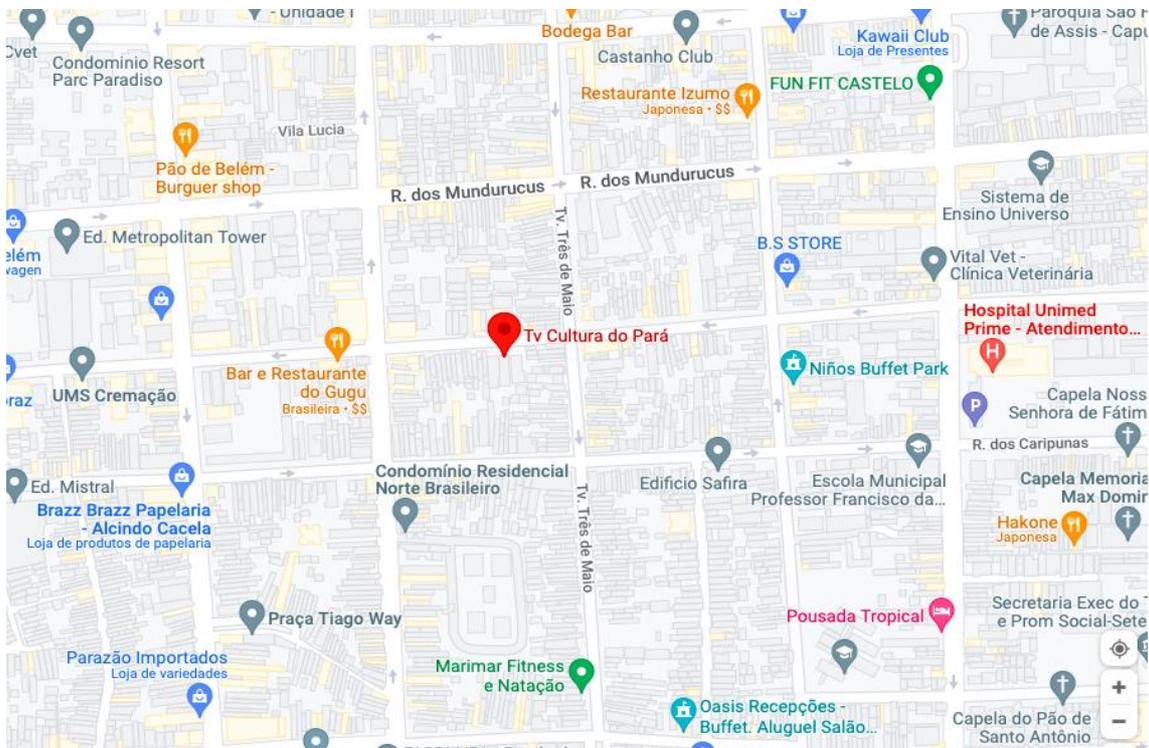
²⁵ Máscara com alta capacidade de filtrar partículas, normalmente utilizada por profissionais da saúde, entretanto durante a pandemia passou a ser utilizada pela população mundial.

Imagem 3: Prédio novo da Rede Cultura de Comunicação



Fonte: RedePará²⁶

Figura 1: mapa da Rede Cultura de Comunicação no bairro da Cremação



Fonte: Google Street View

²⁶ <https://redepara.com.br/Noticia/179874/obras-em-predios-publicos-beneficiam-servidores-e-melhoram-atendimento-a-populacao>

Esse era um espaço novo para mim. Então, o estranhamento era grande. O bairro do Marco deixou de abrigar a Cultura quando eu já havia passado no concurso de professora substituta da UFPA e deixado a produção da TV Cultura. Era tudo novo para mim, inclusive o prédio, só não as pessoas. Já na entrada reconheci um antigo companheiro de edição, que acenou com a mão de longe e um amigo de velha data da produção da TV, que aproximou e mostrou o cotovelo para eu tocar. Essa passou a ser a nova forma de cumprimento para diminuir o contágio da COVID-19 e não diminuir a aproximação. Os cotovelos ultrapassaram a serventia de flexão para ganhar uma nova maneira de interagir. Na falta de abraços e apertos de mão, os toques de cotovelos acarinharam nossas almas. Mas, comigo tanto tempo sem interagir com pessoas, além do meu marido e filho, senti-me bastante atrapalhada, nesse momento, e não soube muito como reagir. Atendi ao novo código social e toquei o cotovelo, meus olhos sorriram e fui entrando no prédio. Quanto tempo sem ver aquelas pessoas que fizeram parte do meu cotidiano por anos e nem um abraço era possível... meu papel, aqui, também era novo. Estava, agora, como pesquisadora e não como jornalista. Meus sentidos buscavam outros detalhes, entretanto com olhos e ouvidos sempre alertas. A ansiedade agarrou o estômago durante todo esse primeiro dia.

Visualizei conhecidos com máscaras baixadas, revelando mais que o nariz e a boca e até quem me perguntasse se poderia me abraçar quando me encontrou na entrada. Foram decisões difíceis e tentadoras, entretanto aproveitei para colocar em prática o toque de cotovelos, que me sentia tentada a descartar a cada novo encontro. Como era quase hora do almoço a recepção estava cheia de transeuntes. Na portaria, a recepcionista era a mesma de anos atrás, que logo reconheceu e perguntou se estava voltando – Apesar de serem entradas distintas na antiga Cultura a recepção por onde todos os funcionários e convidados entravam era a mesma, exatamente como a nova –. Eu tratei de explicar rapidamente e pedir autorização para subir à rádio, bem como pedir um direcionamento para onde deveria seguir. Ela apontou para a dupla de elevadores, “4º andar” disse e solicitou que eu subisse com um CD que havia sido deixado na portaria por um artista local para que a produção pudesse apreciá-lo e inserir na lista da Feira.

Quase dois anos sem adentrar um elevador e eu temia pela minha segurança. O vírus virou um inimigo real. A minha cabeça fazia cálculos estratégicos de sobrevivência no contato natural com as pessoas e no mais simples do meu ofício. Quantas pessoas passaram por ali? Se alguém entrasse comigo, eu ficaria ou sairia? Seria prudente

compartilhar um veículo tão usual no cotidiano e ambiente de alguns ensaios na Antropologia? Eu entrei, por sorte sozinha. E enquanto os andares passavam eu me sentia ansiosa por qualquer contato. Saí do elevador já na porta da produção da rádio, agora, mesmo com as portas em divisórias navais existia uma plotagem com a identidade visual²⁷ da Rede Cultura de Comunicação. Abri a maçaneta e encontrei uma nova sala, menor que a do antigo prédio, mas com uma ambiência semelhante. Avistei Edgar de costas para a porta, acessando o e-mail pelo computador de mesa para descobrir possibilidades de músicas para futuros programas, tendo em vista que o roteiro do dia já estava pronto. Alessandra logo à frente, mas desta vez, interagindo com o locutor. O restante dos integrantes da produção de outros programas da rádio falava sobre notícias veiculadas naquela manhã nos portais de notícia, discutiam sobre amenidades e situações da vida cotidiana, como a localização de uma loja aleatória que uma das jornalistas pretendia ir após o expediente.

Esse era o primeiro dia do programa ao vivo em meses. Esperei esse dia pacientemente. Em alguns momentos imaginei precisar mudar a minha abordagem e metodologias pensadas no projeto de pesquisa. Durante a pandemia, a Feira passou a ser gravada na casa do Edgar, com ajuda dos filhos, só chegava a gravação e a lista das músicas para a Alessandra montar na rádio junto com um técnico. Isso evitava o deslocamento do radialista, pertencente ao grupo de risco, para a Rádio e possível exposição ao Coronavírus. Entretanto, isso não evitou que a sua saúde ficasse debilitada, ele sofreu um infarto, um AVC e na espera por uma cirurgia fora contaminado com covid-19 no hospital, o que deixou o horário de 12h às 14h preenchido por outra programação na rádio Cultura. A Feira ficou suspensa por quase um ano, de julho de 2020 a agosto de 2021.

O dia 23 de agosto de 2021 marcava o retorno. Eu me apresentei, apesar de ter entrevistado Edgar outras três vezes, já como doutoranda e desenvolvendo essa pesquisa – duas presenciais e uma pelo telefone – imaginei que a máscara atrapalharia o reconhecimento facial. Eles já estavam me esperando, tendo em vista que no domingo à tarde, no dia 22 de agosto, Alessandra havia me enviado mensagem pelo *whatsapp* informando que o programa voltaria no dia seguinte e eu perguntei se poderia acompanhar, o que foi imediatamente aceito, sem burocracias esperadas. Durante a pandemia, eu e Alê passamos a trocar mensagens constantes para falar sobre a Feira e

²⁷ São elementos gráficos e visuais que demonstram valores, missão e posicionamento da empresa.

informações sobre a saúde do Edgar, que ficou hospitalizado por um longo tempo. Ao avistá-la, me aproximei e disse:

- Oi, Alessandra!

Ela se aproximou já sugerindo um abraço, o que foi inevitável escapar e apesar do medo, por conta do covid-19, fiquei feliz de estar presencialmente ali dividindo aquela experiência. Depois de trocarmos algumas palavras, ela me ofereceu uma cadeira e até um computador, depois de eu entregar o CD que enviaram da recepção. Aceitei a cadeira e educadamente recusei o computador, mas informei que usaria um caderno para tomar nota de algumas observações que não poderiam passar incólumes. Caderno e caneta para jornalistas são ferramentas de trabalho indispensáveis, o que em um primeiro momento parecia inofensivo e até aguardado. Alessandra disse que eu ficasse à vontade, aquela também tinha sido minha casa. Eu sorri nesse momento consentindo e entendendo que todas as visitas que se dariam dali adiante só foram possíveis por ter trabalhado na Cultura por longos anos e por isso recebera a autorização para observar de perto como era fazer rádio.

Alessandra que me conduziu ao Edgar e começou a conversa, como uma intermediadora. Eu sentei numa cadeira logo atrás do Edgar, o que permitia que eu pudesse visualizar o que ele fazia no computador, o que evitei apressadamente, pois percebi que ele navegava por um e-mail, seria como espichar os olhos para ler a correspondência alheia e censurei-me. Logo, ele tratou de informar que aquele era um momento de adiantar a produção de programas futuros, garimpar novos artistas e gravações. Normalmente, ouvintes, amigos, gravadoras e músicos enviam os materiais por e-mail, o que faz com que Edgar tenha sempre novidades para lançar no programa.

Olhei para o relógio e faltavam apenas 30 minutinhos para a abertura da Feira. A entrada ao vivo, principalmente, num dia como aquele de reestreia, depois de um longo período em silêncio, deveria ser corrido, angustiada, ansioso. Entretanto, encontrei calma tanto na produtora, como no locutor, mesmo que Edgar tenha me confessado sentir algum frio na barriga, um certo receio de não lembrar como fazer, não era o que aparentava o semblante, as atitudes e tampouco o ambiente. A subjetividade possibilita perceber o não-dito, as contradições e a latência imprescindíveis para compreender o funcionamento social (MARQUES, 2002), inclusive o silêncio e os não-acontecimentos são revelações da pesquisa de campo (LEIRNER, 1997), que precisam do olhar atento da pesquisadora para ler as entrelinhas e as tramas que vão sendo tecidas.

Quiçá fosse segurança, depois de quase 50 anos apresentando a Feira no mesmo formato. Mas e se fosse uma máscara, como pensa Goffman (2014)? Meia década dominando a métrica e o ofício seriam possíveis para acabar com a ansiedade da estreia? Edgar falou algumas vezes que o programa é dele, que pensou no formato, encontrou uma forma confortável de conduzir a locução e teria conteúdo para muito mais anos de Feira. O espaço Feira do Som compartilha a vivência do radialista numa sociedade patrimonialista como a belenense, na qual mais de uma vez se confunde os limites entre o público e o privado (FRANCO, 1997). Na Feira, essa confusão, entre o público e o privado, transparece quando o gosto individual do locutor prevalece na programação.

Para mim, com experiência em ao vivo de televisão, estranhei a calma tanto da produtora quanto do apresentador pouco tempo antes da Feira entrar no ar. Não havia tantos imprevistos a serem resolvidos. O porvir era o de costume, o esperado, o previsível. Aproveitei para perguntar como ele estava se sentindo com a volta do ao vivo. Ele disse que era estranho retomar sem uma normalidade conhecida anteriormente, parecia faltar alguma coisa, talvez precisasse de um novo ritmo, mas só o tempo permitiria. Em nenhuma das entrevistas que fiz com Edgar a voz empostada sumiu, o personagem sempre esteve atento às perguntas e ao comportamento, nem mesmo durante as entrevistas por telefone o Edgar da Feira deixou-se ir.

A entrada ao vivo é um encontro com os ouvintes. É preciso preparar-se para esse momento, entrar confiante no ar, mostrando o melhor de si. Esse encontro diário faz com que o personagem quase nunca escape aos ouvidos atentos de quem escuta o programa, os bordões são os mesmos há décadas e os ouvintes os repetem, como constatei nas entrevistas que fiz, a voz sempre empostada, com as palavras pronunciadas de forma clara e com muita calma também são características pontuadas. “Um dos orgulhos que tenho é de ser reconhecido pela voz. Como já aconteceu na fila de um banco onde as pessoas chegaram e falaram que me reconheceram quando eu conversava. Eu fiquei muito feliz” (PARÁ, 2007, p.113).

A gestão da imagem, como chama atenção Goffman (2014), faz com que tentemos controlar a maneira como os outros nos percebem. As máscaras sociais são como fachadas rígidas e fixas, que na vida real nem sempre é possível serem bem ensaiadas (GOFFMAN, 2014), deixando evidente e aparente o simulacro. Quando Edgar está prestes a entrar no estúdio, prepara-se para vestir a máscara de locutor, comunicador, entretanto não despe-se das máscara de integrante da elite cultural belenense, comportando-se como curador de músicas, selecionando as que merecem e as que não devem ser ouvidas. Essa relação

de curadoria e cumplicidade com ouvintes faz eu evocar o *faire don* e a dívida de Mauss (2003).

O “presente” quando é dado deixa o presenteado em dívida e a Feira presenteia seu público quando faz parecer que está fornecendo gratuitamente cultura musical, conhecimento intelectual que os diferencia de outros ouvintes de rádios belenenses. E não fazer jus ao presente que recebeu faz com que esse ouvinte se mantenha em uma posição inferior ao doador e é por isso, segundo Mauss (2003), que a dívida mantém um vínculo social ativo, fazendo com que a troca seja indispensável para a manutenção da sociedade. O ouvinte não deixa de sintonizar se está em dívida e sente-se na obrigação de interagir e compartilhar com o programa. A entrada no estúdio é uma fronteira entre bastidores e palco. Nos bastidores há o relaxamento, os comentários autênticos. Já no palco, com o microfone ligado, veste-se a polidez e a máscara mais verossímil possível para convencer ao público acerca da performance.

15 minutinhos para 12h e a produtora pegou o celular, uma garrafa d’água e o roteiro do dia, com as músicas que seriam tocadas naquela edição. Ela me convidou a acompanhá-la até o estúdio, no qual a Feira ocorreria. O andar era o mesmo, saímos da produção, andamos por um corredor, entramos numa porta, passamos pela redação de jornalismo e entramos no estúdio. Se não estivesse acompanhada da produtora, certamente teria dificuldades para encontrar o estúdio. Apesar das plotagens nas portas com identidade visual da Cultura, a identificação do ambiente é ainda muito ineficiente.

Quando entramos no estúdio, o calor estava intenso, pois o ar condicionado havia parado de funcionar. O Técnico de áudio, operador da mesa do ao vivo, estava incomodado. Mas, foi motivo para a nossa interação. Doni Araújo entrou no último concurso feito para a Fundação, em 2011, e divide com outros técnicos a tarefa de colocar no ar o que escutamos quando sintonizamos a 93.7Mhz. O novo estúdio é amplo, acústico, com espaço para apresentação de bandas ao vivo. O operador de áudio fica em uma cabine bem maior. É por meio de um vidro com tratamento acústico que Doni visualiza a movimentação. Em alguns programas a produção fica ao lado dele, mas no caso da Feira, Alessandra fica com Edgar e vez ou outra chama a atenção do operador por meio de uma campainha, já que Doni baixa o volume do microfone para não ouvir a conversa dos bastidores e entre uma música e outra mexe um pouco no celular. Entretanto, a pedido meu, pude acessar à escuta dos microfones do estúdio. Eventualmente, ele esquecia e fechava os microfones, mas eu solicitava novamente.

Edgar sentou na cadeira a direita, Alessandra a esquerda. Eu e Doni ficamos na cabine de operação. As imagens abaixo mostram a distância da cabine e a amplitude do estúdio. O vidro que deveria ser transparente ficou translucido por conta de uma instalação errada. Em cima da mesa de operações há um papel, o roteiro do programa para que o operador se guie e saiba quais músicas serão chamadas. Esse roteiro é entregue com antecedência por e-mail ou *whatsapp*, mas por segurança também é impresso e entregue momentos antes do 12h.

Imagem 4: estúdio e cabine de operação de áudio



Fonte: registro da pesquisadora durante a observação participante (agosto de 2021)

Imagem 5: Estúdio da Feira durante o intervalo do programa



Fonte: registro pesquisadora na observação participante (agosto de 2021)

O operador monta a *Feira*, colocando no programa *playlist digital* a sequência do que ouviremos: vinheta, músicas e conteúdo dos intervalos. E nos momentos que Edgar narra, ele libera o microfone com um combinado de botões da mesa de corte.

Na conversa com Doni quis saber como funcionava a operação e ele explicou que o computador faz tudo, “basta montar a Feira no programa online e torcer para a internet não cair”. Para ele, a tecnologia ajuda bastante no fazer diário da rádio, entretanto também há o que ele chama de *perrengues* que podem tirar o programa do ar. Se o computador trava é preciso desligar e esperar que religue, o que pode levar mais de cinco minutos. Cinco minutos de silêncio no rádio tem um efeito perturbador, pois os ouvintes mudarão de estação, migrarão para outra emissora, tendo em vista que esperam escutar músicas. Mesmo que Edgar consiga narrar, conversar com o ouvinte enquanto a técnica ajusta o computador, cinco minutos de ao vivo é um tempo longo para ser preenchido. Doni diz que antes, quando não dependia apenas do computador e tinha um mini system, no qual usava CDs o trabalho era maior, mas em casos como esse bastava mudar de música e avisar o locutor para anunciar a troca.

11h55, ligo meu gravador para registrar o programa e os bastidores. Três minutos depois, Doni está ao celular e Alessandra aperta uma campainha no estúdio. O barulho é forte, uma advertência, uma chamada de atenção. Doni não responde, apenas levanta o olhar e retoma a digitação no celular. Alguns segundos depois, toca novamente. Doni parece incomodado, larga o aparelho e entre risos e rispidez diz: “Que é? Já vai começar!”. Não ouve resposta do estúdio.

12h01, microfone dois testado, áudio modulado, Doni libera a vinheta e Edgar anuncia a Feira. Como produto jornalístico, a credibilidade é construída a partir de alguns fatores, assiduidade e informações apuradas são duas delas. De segunda a sexta, o horário é respeitado, nunca antes de meio dia e jamais depois de 12h01. A voz do locutor ficou mais fraca depois dos problemas de saúde, mas o timbre e a locução não tiveram muitas mudanças. Edgar narra o programa apenas dizendo que a Feira será ao vivo e já apresenta a primeira música.

Uma atração regional, uma atração muito cara para nós aqui do programa. A atração é nada menos do que Nazaré Pereira. Nazaré Pereira está lançando um EP, chama-se canções de minha história²⁸. Um Ep dedicado a dona Maria pereira, mãe morena de Nazaré já falecida. Antes de ontem, a mãe morena, estaria completando 101 anos. Com direção do guitarrista Davi Amorim, ouvinte aqui da Feira do Som. Aboio do sertão, com participação de Rosângela Maria.

Chegando no Marajó,
em terras ensolaradas
Arando muitas fazendas
Tarde, noite ou madrugada

Para chegar numa festança
E assistir uma vaquejada
Vaqueiro acordando cedo
Vai preparando moranga
Traz mulher, traz os filhos
E atrás vem o povão

Para ver vaqueiro,
vaqueiro valente
orgulho desse torrão
Esses cabras de coragem
Enfrenta morte de frente

Não tem mais medo de seca
E nem medo serpente
Vai cantando seu aboio
De arrepiar toda gente

²⁸ Música Lançada no dia 21 de agosto de 2021. Música autoral de Nazaré Pereira.

Enquanto Nazaré Pereira contava a história da migração de nordestinos para a Amazônia, chegando ao Marajó do sertão com toda a família. Enquanto isso, os bastidores da Feira estavam frenéticos, Alessandra e Doni tentavam ajustar a temperatura do estúdio e da cabine, pois o ar condicionado tinha parado de funcionar e a fotógrafa do Portal Cultura apareceu para registrar a volta da Feira ao vivo no estúdio, sem poses, apenas registro do cotidiano enquanto a música de Nazaré está no ar. Com a criação do Portal Cultura e do aplicativo para *smartphones* é possível acompanhar a programação da emissora além dos aparelhos de rádio, com a possibilidade de assistindo ao que acontece dentro do estúdio, enquanto o locutor narra.

Entretanto, o locutor não tem acesso os comentários e perguntas feitas pelos ouvintes que participam pelo Portal Cultura. Para mandar abraços e responder as perguntas é necessário contatar a produção por meio do telefone. Enquanto estive lá, foram poucos os telefones, posso contabilizar em uma única mão, tendo em vista a suspensão dos sorteios, já que era tempo de pandemia. Euclides, Telma e Ana Elisa ligaram para mandar abraço ao Edgar e contar que estavam ouvindo o programa ao vivo. Alessandra anotou em um caderninho e passou ao jornalista que anunciou prontamente.

Edgar, tem um roteiro diferente na mão, com as seus comentários sobre cada canção, que muitas vezes são o oposto dos bastidores. São anotações feitas à mão entre vários papéis impressos, imagino que são notas mentais para que ele leia durante o programa e lembre de contar histórias que leu e ouviu. São nesses papéis que Edgar tem escrito uma poção de informações sobre música e sobre os músicos.

A produtora fica quase que tempo integral no estúdio com o locutor, dando suporte e conversando em off sobre as músicas selecionadas. Na canção de Nazaré, Alessandra não estava para comentar com o locutor. Sendo assim, ouvi apenas o que Edgar socializou no ar:

Ai, gente, como é bom escutar Nazaré Pereira de novo, em música nova. Aboio do Sertão contou com participação de Rosângela Maria. O EP se chama “canções da minha história”, percussionista Bruno Mendes, Direção Geral de Lucí Azevedo, Luciana Medeiros foi assistente de produção. Amanhã, a gente coloca “Brasileira *tout simplement*”, com Rita Medeiros.

No fim do “ao vivo”, perguntei se havia uma métrica para o programa. Como ele distribuía a ordem das músicas? O que vinha primeiro? O que vinha por último? Caminhando pelo corredor, para retornar à sala da produção, ele apontou para as primeiras canções do roteiro e disse que as regionais vêm primeiro ou alguma novidade

muito esperada. Alessandra respondeu que os quadros físicos do programa são as últimas músicas: uma dos titios e duas dos Beatles. No miolo do programa, entram as músicas nacionais e internacionais.

Nazaré Pereira, apesar de fazer sucesso tanto em Belém quanto na França, canta músicas regionais. As canções falam sobre o cotidiano de uma Amazônia ribeirinha, com uma temática mundial, na qual canta sentimentos: amor, amizade, maternidade, saudade, tristeza, decepção. E os ritmos são variados, normalmente com sonoridade nortista. Nazaré é uma cantora influência na Cultura, tanto na rádio quanto na TV. Normalmente, suas músicas foram utilizadas em programas televisivos da emissora, seus shows viraram pautas na rádio, TV e portal e suas músicas sempre compõe a grade do que pode tocar na Cultura. Um EP lançado pela cantora e compositora certamente seria tocado de forma generosa na Feira do Som, com uma música inédita tocada todos os dias e divulgada por Edgar.

Na sequência do programa de reestreia, Gaby Amarantos e Liniker. O ritmo da música não lembra o tecnobrega, tampouco o *melody* que marcaram a carreira de Gaby e não tocava na Feira do Som, apesar do sucesso que fazia em outras emissoras locais e nacionais. Era possível escutar Gaby Amarantos em outros programas da Cultura, não na Feira. O ritmo dessa canção é brega romântico, quase uma balada, o que fez com que a música caísse no gosto da produção de Edgar e pudesse ser ouvida na Feira.

Claro que segunda feira, claro que com a volta da Feira do Som ao vivo corremos atrás de novidades e a Cereja Songs nos entupiu destas novidades e isto realmente é bom, tanto que dentre estas novidades está um single de Gaby Amarantos ao lado de Liniker. Esse single da Gaby ganhou até clipe, vocês vão escutar, aqui, na Feira, claro “Amor para recordar²⁹”.

Talvez você não lembra mais de mim
Talvez você não queira mais lembrar
Mas saiba que eu não te esqueci
Prefiro ter amor pra recordar

De tudo aquilo que a gente viveu
De tudo aquilo que você me deu
Eu sei, foi o destino que não quis
E, apesar de tudo, a gente foi feliz

Bem de leve, no meu peito
A nossa canção vai tocar

²⁹ Amor para recordar foi lançada em 19 de agosto de 2021. Compositores: Tony Brasil/Jaime de Sousa Melo Junior/Gabriela Amaral dos Santos.

São amores, não tem jeito
Sim, a gente vai se encontrar

Oh-oh-oh-oh, oh-oh-oh-oh
A nossa canção vai tocar
Oh-oh-oh-oh, oh-oh-oh-oh
Sim, a gente vai se encontrar

Gaby Amarantos e Liniker. Amor para Recordar. A composição e melodia é de Tony Brasil. Gaby Amarantos e Jaloo pegaram esta música e fizeram uma espécie de adaptação, se inspiraram na letra da canção e compuseram Amor para Recordar. Amor para Recordar faz parte do disco Puraquê, com previsão de lançamento, agora, para dois de setembro. Aliás Puraquê recebe esse nome fazendo alusão a um peixe elétrico pré-histórico da Amazônia, cuja a voltagem chega a 860w, enfatizando a eletricidade natural que a cantora considera característica de toda sua força e representatividade como mulher brasileira. Amor para recordar, single de Gaby Amarantos com Liniker na Feira do Som.

Nesta narração de Edgar, aparece a *Cereja Songs*, por curiosidade quis saber mais sobre a gravadora que ocasionalmente escuto na Feira, Alessandra riu e disse que era ela mesmo. Edgar criou esse nome a partir do apelido da produtora, que tem o sobrenome Caleja. Ao invés de identificar a jornalista como garimpeira de conteúdo, ele preferiu criar uma nova personagem, assim como outras gravadoras também foram identificadas ao longo da nossa audição não participante, como é o caso da *Condurú Records*, um ouvinte que enviava materiais da discografia mundial para que Edgar apreciasse e passou a ser um colaborador frequente por longos anos. Desta maneira, ganhou importância e um pseudônimo. Segundo o radialista, o objetivo é dar prestígio a essas pessoas que colaboram com o programa e “fazer uma brincadeira saudável”.

Ele foi um dos ouvintes que chegou até mim interessado em falar sobre a Feira. Amigo de vários personagens que entrevistei, ele sentiu vontade de conversar comigo e por intermédio de outro ouvinte, entrou em contato. E foi ele que me narrou a criação da de uma gravadora ficcional.

Eu escutava o Edgar, não com a frequência que eu gostaria, mas estava sempre atento. Eu estava lá pela relação dele com os Beatles. O interessante foi o seguinte. Como eu comprava muito disco, ele chegou a me dizer. ‘Tu podias me passar umas dicas de música’. E combinamos, o que eu comprava de novo eu transformava em mp3 e repassava. Eu recebia muito disco de fora. Importava, tinha Paul McCartney, eu tinha um blog que me fez manter relações com outros bloqueios que transavam música, curtiam música, e tinha relação com um funcionário de uma gravadora internacional. Um dia, ele me disse que tinha um disco do Michael Jackson que não tinha sido lançado... e o Edgar tocou na feira. Aí resolveram não lançar. Mas o Edgar tocou.

Depois suspenderam. Ia ser lançado inédito. Eu conseguia discos inteirinhos 15 dias antes de sair... era um software que mandava por dentro dos blogs. Olha Edgar... vai sair daqui 15 dias. Ele colocou na Feira. A gravadora tinha suspenso o lançamento... porque os empresários dele não tinham concordado. Aí no programa aparecia como um Oferecimento da Condurú Record. Foi me dando dor de cabeça, foram dando meu telefone na Rádio. Até que teve um dia que gravei argentinos tocando Beatles em ritmo tango. Me ligaram 30, 40 pessoas. Aí liguei pro Edgar 'Edgar tá me dando dor de cabeça. Eu preciso trabalhar. Eu virei o empresário da Condurú que não existe.' A culpa não era dele, eu alimentei essas relações. 'Edgar a gente vai matar a Condurú Record'.

A descoberta sobre a criação de gravadoras fantasmas na Feira fez com que eu me sentisse incomodada a ponto de refletir e pensar sobre isso por algum tempo. A fantasia e os personagens criados não eram questionados pelo público, talvez sequer fosse percebido. O meu espanto criou um bloqueio em mim, tanto que as anotações do meu caderno de campo acerca da gravadora e das respostas são secas e sem muita análise. Entretanto, quanto leio o caderno de campo sinto a mesma sensação que tive no momento da minha descoberta. O meu constrangimento por descobrir fantasias, criação fez com que eu olhasse para um produto jornalístico com desconfiança. Será que a Feira só vendia fantasias? Esse questionamento provocou o meu estranhamento, o que ajudou no afastamento necessário para compreender esse encontro com o outro e sua vivência no mundo.

Era preciso estranhar o familiar, como propõe Velho (1978), mesmo que tomar o estranho como familiar sempre torna o familiar um pouco estranho. E, quanto mais familiar se torna o estranho, ainda mais estranho parecerá o familiar (WAGNER, 2017). Era necessário também estar acompanhada do fato etnográfico, como dizia Evans-Pritchard (1978), certificando-se de certas qualidades necessárias: “abandonar-se sem reservas, possuir certas características intuitivas, afinar-se com o grupo estudado, ter um temperamento específico, possuir uma determinada habilidade literária” (PEIRANO, 2008). A bem da verdade, a personalidade do etnógrafo e suas experiências não estão apartadas do fazer etnográfico, tampouco da sua escrita. E para montar uma cena é preciso usar os cinco sentidos, contextualizações, interpretações, de tal maneira que a antropóloga seja o encontro entre as relações observadas e o texto produzido (PEIRANO, 2008), um trabalho artesanal de tessitura de uma etnografia que ecoa questões fronteiriças entre civilizações, culturas, classes, raças e gêneros (CLIFFORD, 2002).

O estranhamento foi fundamental para que eu pudesse continuar a pesquisa. Como diz Peirano (2012), é preciso admitir este tempo como um processo sofrido, porque além de estranhar o outro, “o estranhamento afeta o próprio Eu”, é “o que acaba se expressando no que Roberto da Matta chamou de *anthropological blues*: uma mistura de sofrimento e paixão” (PEIRANO, 2012, p.07). Eu dediquei esse tempo fazendo leituras para que eu pudesse, então, retomar meu caderno de campo e fazer mais algumas entrevistas.

Edgar Augusto pertence a uma temporalidade passada. Com mais de 70 anos de idade, vivenciou os tempos áureos da rádio no Pará e foi herdeiro da Rádio Clube, a quarta rádio mais antiga do Brasil, bem como locutor esportivo galanteado pelas moças e emissoras da cidade de Belém, como me contou Edyr Augusto, um dos irmãos de Edgar. A família do locutor tem prestígio cultural, comunicacional e comércios espalhados pelo Estado. A Feira, para ele, além de ofício é um espaço que remete a um lar, um ponto de vista (CAVALLI, 1997; DE CERTEAU, 2008), no qual pode reverenciar amigos, oferecer o próprio gosto musical e compartilhar a visão sobre a Belém que adota.

Como descrevi acima as idas à campo são compostas por muitas experiências e observações, o que necessita de tempo para reflexão e amadurecimento das discussões. Foi a percepção de que a Belém retratada na Feira é apenas mais uma dessas fantasias que transformou o meu incômodo em um achado da pesquisa, confirmando a hipótese de que havia uma cidade na memória coletiva dos ouvintes da Feira do Som, com características saudosistas e *belle-epoquianas*. A cidade, assim, assume um lugar estratégico para reflexão antropológica, no qual o ouvinte é um *flâneur* que perambula pelas entranhas ou superficialidades de Belém. A pesquisadora enquanto ouvinte, do programa e dos interlocutores, também passeia pela cidade como uma flâneuse.

A entrada no campo teve suas dificuldades, principalmente por conta das suas características volátil, fluida e mesmo por ser a relação que intercambia rádio e cidade por meio dos ouvintes e suas memórias. Eu perguntei a mim, enquanto me aventurava nas descobertas e idas ao campo, e aos diversos autores, como materializá-lo, como colocar em palavras, como descrevê-lo? A resposta só pode ser o fazer etnográfico, pois não há duas antropologias e sim objetos diferentes, com campos diferentes, maneiras de pesquisar diferentes, com maneiras diferentes de fazer antropologia, como defende o antropólogo francês Michel Agier (2011).

Agier (2011) vai propor uma compreensão da cidade a partir do ponto de vista dos próprios cidadãos, observando e destacando o olhar da cidade pelas pessoas que sentem e fazem a cidade. Seria possível refletir como a cidade é vivenciada e inventada em

situações quotidianas. Para isso, é preciso deixar de lado as representações fixas, institucionais, normativas, tendo em vista que as definições de localidade são processuais e contextuais. Para ele, é preciso partir para uma antropologia urbana inquieta com os processos socioculturais contemporâneos de novos contextos urbanos. Agier (2011) vai realizar uma abordagem situacional, relacional e processual que parte dos lugares e dos cidadãos para compreender as interações nesses contextos relacionais. Assim, é possível etnografar um “fazer cidade”, pois a reflexão que propõe “não trata da cidade, mas da investigação urbana antropológica” (AGIER, 2011, p.59).

É isso que me interessa: um olhar relacional. Com um campo ambíguo, como o que me deparei: um espaço conservador, como o rádio, e fluido com as relações de interação com a cidade a partir das ondas sonoras era preciso adentrar ao campo e descortinar esse objeto de uma forma nem ousada, nem tradicional, mas que pudesse dar conta das memórias dos ouvintes sobre a cidade de Belém. Era preciso, então, levar em consideração que a cidade se encontra em processo e que se inventa a partir das “margens invisíveis”, como defende outro teórico francês Michel de Certeau (2008). Assim, a cidade é um objeto de constante fazer antropológico, o que ficou conhecida como “etnografia das margens” ou “antropologia da cidade” (AGIER, 2015), um movimento constante de construção e desconstrução.

Não coloco em prática, aqui, a metodologia proposta por Agier (2011), mas me inspira a “antropologia da cidade”, bem como a etnografia da duração das brasileiras Cornélia Eckert e Ana Luiza Rocha, que coloca em evidência o caráter temporal, as memórias coletivas e os saberes dos indivíduos e grupos urbanos nas relações com a cidade e nos jogos da memória do outro (ROCHA; ECKERT, 2013). Por isso, o fazer etnográfico a partir da etnografia da duração acessa as formas narrativas que as imagens assumem continuidade no tempo, isto é, pelos “esforços” (BACHELARD, 1988) com os quais habitantes das cidades agenciam os tempos vividos em uma composição narrativa.

(...) no caso da antropologia interpretativista que adotamos nos estudos da etnografia da duração, é compreender e interpretar os jogos da memória coletiva. Não significa admirá-los com os olhos do artista ou fotógrafo, ou cronista ou cineasta, mas questionar o sentido desta obra na convergência com outras, homólogas, a partir da trama de ideias que compõem o dinamismo criador que encerra suas formas e/ou estruturas (ROCHA; ocha & Eckert 2013, p. 64).

Um programa de rádio que está há tantos anos no ar ao vivo já seria um objeto de estudo interessante, entretanto fui além das práticas de produção da mídia radiofônica ou

mesmo a recepção dela. O interesse é na cidade que vai sendo moldada na relação do ouvinte com o programa, uma paisagem sonora que vai sendo construída. A Belém que vai se impondo no programa e vai tomando forma na relação dos ouvintes com a Feira, uma cidade que pretende ser moderna, mas é cabocla e tem laços e conflitos urbanos, pois a modernidade, em Belém, ocorreu de forma irregular, vacilante e distorcida (CASTRO, 2011).

A experiência dos interlocutores enquanto ouvintes da Feira do Som aparecem nessas páginas dando vida a uma cidade que vai sendo narrada a partir dos sentidos, desde à escuta até o gosto. São as formas sensíveis que vão ocupando espaços-temporais e descortinando o sensível, repleto de imagens e memórias, bem como de paisagens sonoras que é constituída pelo gosto e habita a memória social (VALENTE, 2013).

Para ir tomando esse campo e etnografar foi necessário negociar, para que meu objeto fosse, então, descortinando. Foi uma espécie de barganha para que não deixasse de lado o caráter sensível, sinestésico das relações afetivas e da memória. Não quero lidar com a cidade com a simplicidade do mero estar, que seria da ordem na inautenticidade, a cidade vaia aparecer a partir da banalidade, do cotidiano, da sintonia que os interlocutores tem em estar, o pertencimento, a sensação, o vínculo social, uma experiência estética. Desta maneira, o cotidiano³⁰ vai aparecendo, nesta pesquisa, como uma subjetividade dotada de sentido, uma realidade interpretada pelos interlocutores, ou seja, uma realidade ordenada, com uma consciência, com intencionalidade.

Voltando a observação participante na rádio. Há uma linearidade na narrativa do programa. O programa começa com uma ou duas músicas regionais, pois Edgar afirma que mostra “música paraense sempre quando pode” ou inicia o programa com lançamentos “são os lançamentos da rede, que conseguimos e trouxemos rapidola para a Feira”, anuncia. Em seguida a pergunta sobre Belém é lançada e o ouvinte convidado a participar, depois entra numa série de músicas nacionais, depois entram os dois quadros fixos do programa: o Horário Sagrado dos Beatles com duas músicas e informações e curiosidades sobre a banda são destacadas. O último quadro é o horário sagrado dos titios com uma única música e quando dá tempo ele traz curiosidades também. Entre as músicas, Edgar conta histórias. Em um desses momentos, contou aos seus ouvintes “os sobrinhos de vocês vão conhecer agora uma boa música, Rollings Stones 1976”.

³⁰ Escolhemos escrever cotidiano, como vários autores adotam, como Heidegger (2006) e Schutz (1974). E entendemos cotidiano como vida ordinária, banal, vida comum na qual a experiência comunicacional se dá (CASTRO, 2013). É no cotidiano, na experiência com outros, que o ser se comunica.

Referenciando aos tios e aos jovens que devem escutar o programa nas rotações de estação.

O público da Feira parecia estar envelhecendo junto com o locutor. Grande parte dos entrevistados que aparecem nessas páginas a seguir tem acima de 50 anos, com poucas exceções, sendo esse o público alvo pensado pelo jornalista. Entretanto, o programa busca ressignificar seus sentidos, usando signos que estabelecem relações contextuais e culturais com os ouvintes, pois toda mudança material, pensando nos recursos tecnológicos de transformação da realidade dos meios de comunicação e dos indivíduos, é correlata a uma mudança simbólica na sociedade. Portanto, o programa *Feira do Som*, está abrigado numa emissora de rádio tradicional e de caráter educativo e nesses quase cinquenta anos teve poucos momentos de inovação frente às novas modalidades de rádio e de programação.

Capítulo 2. FAMÍLIA, RÁDIO E DISTINÇÃO PELAS ONDAS SONORAS

2.1. Família Proença e a Rádio Clube do Pará

Edgar e seus quatro irmãos escutavam rádio desde muito meninos com a empregadas domésticas que trabalhavam na residência da família Proença. Edgar conta que foi assim que tomou conhecimento, pela primeira vez, que seria herdeiro de uma rádio.

Primeiro que...As empregadas de lá ficavam o dia inteiro com rádio alto dentro de casa e eu escutava dizendo que era a rádio do patrão. Escutando, eu soube que o meu avô era dono da PRC-5 e meu pai trabalhava na PRC-5.

Quando menino, era possível ver da janela de casa – um apartamento na av. Presidente Vargas – o Palácio do Rádio, um dos prédios que abrigou a Rádio Clube, onde acompanhou pai e avô algumas vezes e sentia o prestígio que a família tinha: “Quando eu ia na rádio com o papai era aquela coisa das pessoas na rua. Papai e vovô eram parece dois artistas”. Edgar Proença e Edyr Proença, avô e pai de Edgar Augusto, marcaram a vida cotidiana da cidade de Belém durante 60 anos, entre as décadas de 1920 até 1980, quando a Rádio Clube foi vendida. Ainda, hoje, a família Proença tem importância na história da cidade.

A Rádio Clube do Pará surgiu em 1928, cinco anos depois da primeira transmissão, no Brasil, do rádio AM ocorrida em 1922 (FERRARETTO, 2001). Nas primeiras décadas do Rádio AM (ondas médias) estavam ausentes anúncios e patrocínios, pois a publicidade radiofônica foi autorizada apenas em 1931, no governo Getúlio Vargas (BRAUN; MAGALHÃES, 2021). Muitas rádios nasceram em formatos de clube, nas quais ouvintes pagavam mensalidades para manter a rádio no ar e quem tinha possibilidade de contribuir com o nascimento do rádio era a elite. Sendo assim, o surge como um veículo elitista, os aparelhos eram caros e normalmente importados. A programação também seguia essa linha com leituras de poesias, música clássica e solos de piano (WANDERLEY et al, 2018).

O rádio, inicialmente, não tinha transmissões regulares, tendo em vista a precariedade técnica. Mas, foi se fortalecendo com as rádios clubes que recebiam “doações de comerciantes e profissionais (cientistas, médicos, advogados, etc.) bem-sucedidos da época, quer por meio de recursos financeiros ou pelo empréstimo de vinis”

(WANDERLEY et al, 2018). As transmissões passaram a ficar mais tempo no ar com a melhoria da tecnologia.

A Rádio Clube do Pará surgiu, em Belém, inserida em um novo contexto de modernidade. A elite e a classe média da cidade experienciavam uma nostalgia dos tempos de outrora, no qual a cidade teria vivido seu apogeu, uma nostalgia que atravessar as décadas seguintes e que Castro (2010; 2015) enquadra dentro da categoria de *semiotical blues*: um artifício da temporalidade nostálgica que permite mediar a realidade cotidiana em torno de alegoreses presentes no interior dessa temporalidade.

A memória popular consolidou o mito de que Belém viveu seu período áureo, o fausto e esplendor durante o final do século XIX e início do século XX, a *Belle Époque* regada pelas riquezas da exportação do látex, vivenciada com mais vigor entre os anos de 1870 e 1912. Durante esse período, o acúmulo de riquezas obtidas com a exploração do látex da seringueira, resultou em mudanças e transformações no espaço urbano de Belém, que ficou marcado pela reestruturação socioespacial, e o embelezamento das cidades dentro de moldes europeizados. No discurso da elite belenense as mudanças passavam pela “destruição da imagem da cidade desordenada, feia, promiscua, imunda, insalubre e insegura” (SARGES, 2000, p.20) enquanto surgia uma cidade ordenada, segura, civilizada, ganhando uma similaridade à modernidade de Paris e Londres.

As elites econômicas, políticas e intelectuais introduziram em Belém não apenas características urbanísticas europeias, mas também elementos socioculturais inspirados na Europa. Ser moderno estava relacionado ao estilo de vida, aos comportamentos e aos hábitos europeus, difundidos amplamente pelos grupos elitizados, para os quaisurgia “civilizar” a população do ponto de vista moral, dos valores e dos costumes, na busca de exterminar todos os traços culturais que lembrassem a “barbárie” promovida por índios, negros, mestiços e caboclos, que, por meio de diversos expedientes, se deixavam visualizar no espaço citadino. As transformações em curso sobrepunham variados ritmos sociais, experiências vividas, visões de mundo, temporalidades e elementos socioculturais, cujo encontros e desencontros geravam algumas tensões no tecido urbano.

A belle époque amazônica está na memória dos belenenses como um período faustoso, esplendoroso, em que Belém, a “Paris n’América”, viveu um tempo melhor. Durante esse período, nos locais mais requintados, se falava francês, comiam-se, bebiam-se e vestiam-se produtos vindos diretamente das principais cidades europeias, circulavam pela cidade bondes modernos e confortáveis, usufruía-se energia elétrica, limpeza pública, saúde, educação, podia-se assistir bandas de músicas tocando nos coretos de praças, frequentar o Theatro da Paz e ter o prazer de acompanhar óperas e operetas, passar tranquilamente pelas ruas, praças e largos e observar a população “elegante”, “fina” e “aristocrática” que transitava pela urbe (CORRÊA, 2010, p. 18).

Uma série de mudanças que marcaram a vida cotidiana das entranhas da cidade: da política ao social, passando pela economia e as práticas culturais. A elite tinha uma admiração “incontida pela Europa e pelos europeus, e desejava se parecer com eles. Essa ânsia fez com que introduzissem em Belém não apenas características urbanas das capitais europeias, mas também elementos culturais da Europa” (CORRÊA, 2010, p.11). Para se distinguir da ampla maioria da população, que era considerada inculta, bárbara e selvagem, a elite escolhia falar, portar-se, vestir-se, divertir-se dentro dos parâmetros estabelecidos como de “bom gosto”, moderno e civilizado, afastando-se da cultura negra, indígena e mestiça, aproximando-se da cultura europeia. Para estabelecer traços da distinção cultural, a elite usava a música como um dos elementos importantes, negando a música produzida pelas camadas populares e apegando-se à sonoridade de características europeias, como a música erudita, considerada sublime, superior, de bom gosto. No momento da *Belle Époque* várias companhias líricas vindas da Europa passaram a frequentar a capital paraense, com concertos públicos realizados nas praças centrais, incentivando o estudo, a formação musical e buscando elevar o “bom gosto” musical da população. Entretanto, com o declínio da economia gomífera grande parte da elite e da população que enriqueceu com o ciclo da borracha voltou para seu país ou estado de origem (WEINSTEIN, 1993) ou migrou para o Rio de Janeiro (CASTRO, 2011).

Nas décadas seguintes, até pelo menos meados dos anos de 1960, Belém passou por novas transformações no seu tecido urbano que buscavam deixar de lado a ideia de esplendor associados à visão de uma Paris no trópico úmido. Na década de 1920, intelectuais paraenses estavam envolvidos no debate que tentava definir uma identidade para o país. Se no século XIX as elites buscavam o sentido de construir a identidade regional e nacional a partir da cultura europeia, a partir da década de 1920 a intenção era reconhecer as influências das origens indígenas, mestiças e caboclas na identidade nacional e regional (CORRÊA, 2010).

Aproximadamente em 1921, os jovens modernistas paraenses fundaram em Belém a Associação dos Novos e, a partir de 1923, passaram a editar a Revista Belém Nova, em torno da qual se reuniam estudantes, jornalistas e poetas. A Associação dos Novos e a Revista Nova foram resultado da união de dois grupos de intelectuais que, percorrendo um objetivo, procuravam criar “uma arte genuinamente nacional”. Um desses grupos ficou conhecido como “academia ao ar livre” e costumava se reunir no terraço do Grande Hotel, no Largo da Pólvora.

À noite, no terraço do Grande Hotel, debaixo de copa das mangueiras, reuniam-se os grupos habituais. O círculo ia se alargando. Emendava-se, às vezes, com outras rodas. Vinham o Braguinha, o Proença, o Orlando, Clóvis de Gusmão, o Abguar Bastos, às vezes Nunes Pereira. Discutia-se de tudo. Entravam em comentários os fatos correntes, fofocas, anedotas (BOPP, 1969, p. 221).

O outro grupo mais modesto e boêmio reunia-se pelos botecos do Ver-o-Peso e ficou conhecida como “Academia do peixe-frito” e era formado por um conjunto mais amplo de artistas e intelectuais, que ia do escritor e jornalista Bruno de Menezes, que também frequentava a Academia ao Ar Livre e compunham a Associação dos Novos, ao músico Tó Teixeira, violonista de música popular, negro e morador das baixadas do Umarizal (PEREIRA *et al.*, 2019). Apesar das diferenças sociais dos dois grupos que poderiam separá-los, eles comungavam de ideias e projetos de uma cultura “nacional” e “regional”. Edgar Proença estava no centro dessas discussões e transitava entre vários grupos de intelectuais paraenses, mas integrava originalmente a academia ao ar livre.

A Revista Belém Nova combatia o excesso de regras e formalismo do parnasianismo e buscava se afastar da Europa para definir a identidade brasileira. Na música, na década de 1920, havia compositores populares, mais voltados para o entretenimento urbano, incorporavam elementos regionais nas produções artísticas. No entanto, essa música era criticada pela elite por ser popularesca e uma deturpação da verdadeira arte musical: a música erudita europeia (CORRÊA, 2010).

Influenciados pelos ideais modernistas e pelo contato com manifestações culturais populares ligadas à cultura negra, músicos paraenses com formação erudita, como Waldemar Henrique e Gentil Puget, empenharam-se em produzir obras dentro de um padrão regional para a música negra folclórica (COSTA, 2018). No debate modernista, a Amazônia despontava como o lugar autêntico para pensar o país, pois entendia-se que era uma “reserva de sólidas tradições populares, onde a musicalidade presente na ‘alma do povo’ era mais premente” (CORRÊA, 2010, p. 10).

E nestes grupos de entusiastas do modernismo e seus símbolos, o patriarca Edgar encontrou mais dois amigos para que pudessem dar início ao que viraria Rádio Clube do Pará, como contou Edyr Augusto Proença – um dos netos de Edgar Proença e irmão de Edgar Augusto.

Meu avô [Edgar Proença] circulava muito. Ele tinha uma fome de vida absurda. Quando eles começaram era uma...é curioso porque o rádio era um clube, por isso rádio Clube. Houve várias rádios clube espalhadas, porque a rádio funcionava... avisavam ‘vamos funcionar nesta quarta-feira de quatro às seis da tarde’. E aí havia pessoas que pagavam

mensalidade e ai sentavam em torno de uma mesa, tinha um receptor e colocavam um fone e ficavam ali chiquérrimos, moderníssimos, ficavam ali ouvindo. Esses ouvintes também emprestavam discos para a rádio tocar.³¹

A Rádio Clube do Pará foi fundada, no dia 22 de abril de 1928, por três amigos: Edgar Proença, Eriberto Pio e Roberto Camelier. Após a criação da Rádio Clube de Pernambuco, em 1919, e a implantação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a PRA-2, em 1923 (FERREIRA, 2009), a invenção foi se espalhando pelo país. Roberto Camelier era um aficionado por rádio amador e consumia literatura sobre *broadcasting* da Europa, com conhecimento da tecnologia europeia e norte-americana. Camelier era um radioamador em Belém e desde a década 1920 fazia experiências com outros radioamadores. Foi assim que a ideia de uma rádio clube na cidade brotou, com um grupo eclético composto por Roberto Camelier, Eriberto Pio, Saint-Clair Passarinho, Antônio Mendes Fernandes, Gastão Vieira, Alberto Engelhard, almirante Braz de Aguiar, Rodolfo Dourado, Antônio Martins, Carlos Araújo e outros, equipe a que depois se juntou a Edgar Proença. Assim, construiu-se o projeto de fazer a primeira emissora radiodifusora da Amazônia. O alcance da emissão e a qualidade do som recebido eram precários, havia pouca nitidez sonora e as interrupções constantes produziam silêncios estendidos na programação, o que era uma reclamação dos radiouvintes (OLIVEIRA, 2011).

Em uma coluna de opinião³² para a Revista Bacana, em 2015, Edyr Augusto escreveu o texto “Poderosa: a voz que fala e canta para o mundo” contando um pouco sobre a história da Rádio Clube do Pará. Ele lembra que “Roberto Camelier, pesquisador e admirador das transmissões radiofônicas, mandou buscar um transmissor e junto com Pio e Proença, criaram o que chamaram de Clube do Rádio, ou Rádio Clube”. O grupo de apoiadores era grande, mas quem comandou o projeto foram Roberto Camelier, Eriberto Pio e Edgar Proença. A Rádio Clube atuou até meados dos anos 1950 com um transmissor de pequeno alcance, o que trazia dificuldades para alcançar os bairros mais distantes da cidade (COSTA, 2012).

Nos primeiros anos da Clube, a rádio ainda era amadora, com colaboração de muitos artistas para que houvesse programação duas vezes na semana. As pessoas que se

³¹ Entrevista concedida à pesquisadora no dia 01 de julho de 2021.

³² A coluna é um gênero do jornalismo que se utiliza quando alguém quer expressar uma opinião. A imprensa utiliza em suas páginas colunistas que publicam seus pontos de vistas sobre determinados assuntos de interesse geral. As colunas de opinião são mais comumente vistas nos jornais impressos, entretanto é possível ter colunistas no telejornalismo e radiojornalismo.

apresentavam, cantando, tocando ou declamando poesias, não recebiam salários, eram conhecidas como colaboradoras e ganhavam “status de apresentar-se na primeira e única emissora da cidade” (OLIVEIRA, 2011). Só eram funcionários pagos da rádio quem trabalhava o dia inteiro na parte técnica e administrativa. Mas, era habitual que contabilista ou tesoureiro da emissora fosse escalado para um dia de locução ou speaker, quando tinha algum faltoso (OLIVEIRA, 2011). Lourival Penalber, um locutor importante para rádio paraense, contou como foi a primeira vez que pegou o microfone na PRC-5, no início da década de 1930.

Uma noite, quase sete horas, estava se aproximando a hora do jornal falado para o interior, a ‘Voz do Pará’ que era redigido e apresentado por Luiz Moreno, pseudônimo de um jornalista à época, e ele não apareceu. Estávamos no rádio, o dr. Camelier, o Vandique Amanajás, o contínuo e eu. O Camelier ia jantar com o Vandique no ‘XPTO’, um bar que existia ali na Campos Sales, então ele chegou comigo e disse: ‘O Luiz Moreno não vem’, ‘E aí’, perguntei. ‘Aí é que você entra. Pega o microfone e vai fazer esse jornal’. ‘Mas eu nunca trabalhei em microfone’, ponderei. ‘Não sei. Te vira’, disse ele. Eu tive que fazer das tripas coração, e quando deu a hora, como estava tudo redigido, fui para o microfone. Eles ficaram observando e ouvindo enquanto jantavam e quando voltaram, o Camelier disse: ‘Olha, você sabe que é bem aproveitável? Tem boa voz, boa dicção’. E aí começou. E me deu aquela ‘febre’ de microfone que todo mundo tem quando começa. Eu pedia a Deus que os titulares adoecessem ou faltassem para eu ir para o microfone... (SALLES, 1983, p.11)

Assim como Penalber outros locutores foram sendo descobertos da mesma maneira, por meio de concursos de locução e o improvisado de entrar no estúdio sem aviso prévio, para substituir algum faltoso. Edgar Proença contou, em 1941, como decidiu ser locutor de rádio, depois que falou pela primeira vez em um microfone.

Uma das profissões que exerço com orgulho e dignidade é a de locutor de rádio. Na minha terra natal, que é o Pará, sou conhecido pela minha petórica atividade como homem dos “vinte instrumentos”. Uma atividade “jazz-bandica”, que me recomenda como um lutador que vive nobremente. Sou advogado, despachante aduaneiro e jornalista. Todas essas profissões exerço-as modesta mas conclementemente. Fui até pouco tempo juiz substituto do cível e, presentemente, sou diretor da Divisão de “raio, Teatros, Cinemas e Diversões Públicas do DEIP. Aponto esses pormenores sem cabotinismo às avessas, mas para justificar que ponho tais funções ao lado das de locutor, nos programas de estúdio, porque em nada eu me sinto menor indo ao microfone, muito embora isso tenha contrariado um punhado de más-linguas que, tartuficamente, querem encontrar nessa minha atitude uma posição menos digna e incompatível com os outros cargos. O microfone é para mim um velho amigo. Quero-lhe bem e vaidosamente. Custou-nos, a princípio, compreender-nos. Apavorava-me tê-lo diante de mim. Não confiava na sua lealdade: ele acolhia a voz

da gente para que o ultraje viesse depois. No entanto, nada mais legal do que um microfone que deixa circular livremente o que trafega pelos seus nervos, de bom ou de ruim.

FON-FON não publicou ainda as minhas impressões sobre a primeira vez que falei a um microfone. Dou-lhas, porém, agora e intensamente...Entrei no estúdio. Lembro-me bem de que a minha PRC-5 tinha uns reposteiros luxuosos e imponentes e, lá dentro, uma decoração sóbria de paisagens amazônicas. Pedia-se silêncio e os passos eram abafados por tapetes macios. Olhei o micro: afigura-se-me um pôtro bravio que eu teria de cavalgar, amansar, ou então ser por êle jogado ridiculamente ao chão. Fóra do estúdio, a separar-me apenas uma vidraça, o auditório. Centenas de pessoas curiosas, como se fosse um congresso de juízes a olhar-me, a decidir a minha sorte e a dos...outros. Nunca esqueci essa noite. E deste então tornei-me locutor de rádio (Revista Fon-fon, 1941).

A Clube foi o marco inicial da radiodifusão na Amazônia, a quarta emissora do país e, naquele momento, tinha como prefixo PRAF. Logo depois, mudou de prefixo para PRC-5, como é conhecida até hoje. Os fundadores da emissora tinham laços estreitos com a política local, como era o caso de Dionísio Bentes, que fora governador do Pará. Em 1937, a Rádio recebeu de presente da prefeitura municipal um terreno no bairro do Jurunas, numa localidade não-urbanizada e de difícil acesso, no qual foi erguida a “Aldeia do Rádio”. No complexo estavam instalados os estúdios para produção dos programas, inclusive com auditórios para os programas de calouros, e os transmissores(VIEIRA; GOLÇALVES, 2003). A retirada do vidro dos estúdios-aquários (TINHORÃO, 2014) o público passou a frequentar os auditórios das rádios por todo Brasil. A partir daí, a programação passou a ser diversa, com música clássica e popular. As apresentações musicais ao vivo eram os de preferência do público popular, em função da proximidade entre os artistas e os ouvintes (COSTA, 2014).

Edyr Augusto é jornalista e escritor e gosta de narrar histórias e reviver a memória da família e da Clube. Conversamos longas horas, online por meio do *Google Meet* – por conta de todas as dificuldades impostas pela Covid-19, como narrei anteriormente, sobre a família Proença, a Rádio Clube e também a Feira do Som. A nossa conversa começou com a importância que a PRC-5 teve para a região.

A rádio foi crescendo, começaram a melhorar os equipamentos. Era uma época que... o éter, vamos chamar assim, não estava tão carregado... não tinha muitos sinais de rádio, como estamos hoje. Começaram a ser ouvidos no interior do Pará. Isso representou uma mudança brutal. Chegou um momento que foram forçados a trocar de prefixo, não lembro qual era o antigo prefixo da rádio e ai veio PRC-5. E na época se considerava que aqui no Pará era uma planície, por isso

era uma voz que fala e canta para a planície, mas o Pará não era uma planície, sendo que na região de Carajás tem outra geografia.³³

Os sócios que mantinham as mensalidades regularmente em dia tinham benefícios, como aparece na Folha do Norte de 1931, com informativo de que somente teriam entrada na sede da emissora para assistir ao programa especial ao vivo os sócios que estivessem quites com as suas “excelentíssimas famílias” (A Folha do Norte, 29/05/1931). Edyr Augusto expõe que:

Naquela época, tudo era sustentado por sócios, que pagavam mensalidade para ouvir as transmissões, duas ou três vezes por semana. Sentavam em torno de um receptor artesanal de sulfeto de chumbo, com uma antena de arame fino, o rádio de galena, colocavam fones e ficavam desfrutando da modernidade. Quando alguma peça dava defeito, a rádio ficava parada até o conserto vir dos Estados Unidos.

A partir da política de Estado Novo³⁴, em 1930, o rádio passou a ter o papel de facilitador e interlocutor com setores mais amplos da sociedade. Até esse momento permanecia um veículo de comunicação elitista. Entretanto Getúlio Vargas utilizou o rádio como um instrumento político e viu nele a possibilidade de controle da veiculação da informação (JAMBEIRO, 2004). Nesse contexto, criou o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) que fiscalizava e censurava conteúdos veiculados pelos meios de comunicação de massa.

No finalzinho da década de 1930, iniciou a “Marcha para o Oeste”, programa do governo Getúlio Vargas inspirado na obra de Cassiano Ricardo, que compunha a ala conservadora do modernismo sudestino, o assim chamado grupo “verde e Amarelo, que tinha o nacionalismo como uma das suas principais bandeiras (ALMEIDA, 2022). O projeto varguista que buscava integrar economicamente o país por meio de colonização de regiões consideradas longínquas e desabitadas, como os projetos implementados indiscriminadamente na Amazônia nas décadas seguintes. As cidades de Belém e Manaus tiveram grande incentivo ao rádio, para que pudesse ajudar no desenvolvimento econômico, educacional, cultural e a integração ao Brasil (MURANO, 2018). O governo passou a coibir a transmissão de músicas, anedotas e palavras impróprias, bem como tornar obrigatória a veiculação da “Hora do Brasil, em 1932, um programa estatal com

³³ Entrevista concedida à autora desta tese no dia 01 de julho de 2021, online, na plataforma Google Meet.

³⁴Estado Novo foi um período ditatorial instaurado por Getúlio Vargas, que durou de 1937 a 1945. O período foi caracterizado pela centralização do poder, autoritarismo, anticomunismo e nacionalismo. Durante o Estado Novo há uma relação de intelectuais com o Estado, pois houve uma inserção deste grupo social na organização político-ideológica do regime (VELLOSO, 1997; GARCIA, 1970).

informações sobre as realizações governamentais e esclarecimento à opinião pública sobre os problemas do momento (JAMBEIRO, 2004).

Aqui, nesta tese, o destaque é para um dos sócios apenas, tendo em vista o meu objeto de estudo. Conto um pouco sobre Edgar de Paiva Proença, o idealizador da Rádio Clube, que foi avô de Edgar Augusto Proença, herdeiro da Clube e idealizador da Feira do Som. Como os nomes do avô, filho e netos são parecidos e podem ser confundidos, fiz um quadro genealógico para deixar mais fácil a leitura.

Tabela 1: nomes dos integrantes da família Proença registrados neste capítulo

Nome	Ano nascimento e morte	Parentesco - função
Edgar de Paiva Proença	1892 - 1972	Avô – sócio fundador Rádio Clube
Edyr Paiva Proença	1920 - 1998	Filho – herdeiro Rádio Clube/ narrador de futebol
Edgar Augusto Camarão Proença	1951	Neto – herdeiro – Locutor Feira do Som
Edyr Augusto Camarão Proença	1954	Neto – herdeiro – Escritor
João Augusto Camarão Proença (Janjo)	1955	Neto – herdeiro - empresário

Fonte: Ventura (2023)

Edgar de Paiva Proença nasceu em Belém, em 1892, e viveu sua infância e adolescência na capital paraense durante o período áureo da borracha³⁵. No início da vida adulta envolveu-se em diversos coletivos: grêmio de artes e letras, maçonaria, clube de *football*, coligados da boemia, liga literária e Associação dos Novos. Para compreender o envolvimento de Edgar Proença com a vida cotidiana da cidade de Belém fiz buscas em diversos jornais, a partir do site da Hemeroteca Nacional, desde 1900 até 1950. O nome Edgar Proença aparece em diversas notas sociais por conta dos coletivos que participava, depois pelo trabalho como funcionário público de despachante da alfândega, bem como

³⁵ É denominado período áureo da borracha para as décadas posteriores a 1870, quando o comércio de látex se acelerou exponencialmente e as principais capitais da região, Belém e Manaus, se tornaram palco de um intenso processo de renovação em infraestrutura urbana e espaços públicos de lazer. O chamado *boom* da borracha afetou diretamente a economia urbana de Belém, que se tornou a única cidade da região a desenvolver um setor manufatureiro diversificado, assim como permitiu o florescimento de atividades culturais dos mais diversos tipos, em que pese os espaços construídos graças as excedentes da goma. Sobre o tema, ver: Weinstein (1985; 1993) e Sarges (2004)

pelas relações sociais e políticas que exercia no Pará e outros estados da federação. Várias matérias encontradas falam sobre o ofício de jornalista em diversos jornais, a atuação no Departamento de Imprensa e Propaganda, na direção da Rádio Clube do Pará e na visita de Edgar em diversos estados e a sua boa relação com a imprensa. Edgar Proença era visto como integrante da elite intelectual paraense, no Estado do Pará e em vários outros. A presença dele em cidades, como São Luiz, Recife, São Paulo e Rio de Janeiro era destacada em colunas sociais. Edgar era figura importante para a imprensa nacional, com destaque em suas opiniões como intelectual. O jornalista ganhava jantares nas cidades, era sempre noticiado como um escritor e intelectual conhecido, que merecia ser escutado. Nos jornais abaixo, coletados do Rio de Janeiro, Pará, Maranhão e Pernambuco demonstram como o fundador da Rádio Clube tinha prestígio.

Figura 2: Coluna social em que Edgar Proença é homenageado com jantar



Fonte: Jornal Lux-Jornal, 26 de março de 1936, n.p.

Figura 3: Edgar Proença em coluna Social de jornal

6 — Edgar Proença é um nome conhecido em todo o país. O cronista finíssimo, que milita na imprensa paraense, exerce com muita competência as funções de presidente da PRC-5, Rádio Clube do Pará, onde suas atividades são incontáveis. Os dois novos cartazes lançados por Edgar Proença intitulam-se "Melodias do Coração" e "Consultório das Almas Enfermas".

Figura 4: Edgar Proença e a imprensa maranhense

EDGAR PROENÇA E A IMPRENSA MARANHENSE

O nosso brilhante confrade Edgar Proença, figura destacada do jornalismo brasileiro, no norte do país, teve, recentemente, na cidade de Belém do Pará, um gesto captivante para com a imprensa maranhense.

O culto confrade, antes de se iniciar, no Pará, a irradiação do jogo de foot-bal', realizado domingo, na capital guajarina, fez uma saudação muito expressiva á imprensa de nossa terra, salientando, de modo captivante para nós, O IMPARCIAL, e destacando os nomes de Nascimento Moraes, Antonio Lopes, Astolpho Serra e J. Pires.

O gesto fidalgo de Edgar Proença muito nos desvaneceu, e, com leal amizade lhe retribuimos a gentileza, com o nosso melhor abraço e profunda sympathia intellectual.

teira, dizem que os elementos anti-italianos estão levando a efeito, em Tirana, uma campanha de sabotagem, afim de enfraquecer ainda mais, a resistencia italiana.

Esse elementos são assinalados como membros da espionagem contra o eixo, dizendo-se que elles estão preparando o caminho para as tropas gregas penetrarem em Tirana.

ROMA, 9 (T. O.) — O Alto Comandado Italiano comunica, hoje, que, na frente grega, no sector do nosso 9.º corpo de exercito, nossas tropas rechassaram o inimigo e passaram a um contra-ataque que terminou com exito para os soldados italianos.

ROMA, 9 (H) — Um communicado da frente grega diz que varios ataques dos gregos foram rechassados pelo novo exercito. Os italianos contra-

Fonte: Jornal O Imparcial, 02 de agosto 1932, n.p)

Figura 5: Edgar Proença e a imprensa de Recife

Transitou pelo Recife, hontem, o dr. Edgar Proença, illustre escriptor e jornalista paraense

As suas declarações ao "Diário da Manhã"

Viajando pelo Itapé, transitou, hontem, por esta capital, o dr. Edgar Proença.

O illustre escriptor e jornalista paraense procede do Rio de Janeiro, onde se demorou a passeio cerca de um mez.

Viaja em companhia de sua esposa, sra. Celina Proença, e filha, senhorinha Celia Proença.

Director do "Estado do Pará", e presidente do Radio Club de Belém, o dr. Edgar Proença, em palestra com um nosso representante, teve oportunidade de se referir a varios e interessantes assumptos da actualidade carioca.

NOTAS DE ARTE

A exposição de Percy Lau

Inaugurou-se ante-hontem no Gabinete Portuguez a annunciada exposição de pintura de Percy Lau.

A SUCESSAO

— "Póde lhe parecer estranho, declarou o dr. Edgar Proença, que aquelles que venham do Rio, no momento, não trazem quaesquer assumptos novos e de sensação.

Mas a verdade é que elles não existem. Por exemplo: o principal problema do carioca, que lê jornal e fica da manhã á noite nas bancas dos cafés, é a successão.

E' o prato do dia. Ora, que posso eu dizer de novo sobre elle, quando o serviço telegraphico dos jornaes está em actividade?

Até á minha saída do Rio, circulava, com insistencia, que o candidato do sr. Getulio Vargas é o sr. Carlos Maximiliano.

E os cariocas acrescentam que a viagem do ultimo, á Europa, foi apenas para despistar"...

AS ESPECIALISADAS...

— "Depois da successão, commentou o nosso entrevistado, só existe uma preocupação no Rio de Janeiro: o dissidio entre a C. B. D. e as especializadas.

E quer saber de uma coisa? Parece que este novo "problema" está preocupando muito mais ao carioca"...



Dr. Edgar Proença.

Fonte: Jornal Diário da Manhã, 13 de julho de 1953, n.p.

Figura 6: Foto de Edgar Proença jovem na Revista Fon-Fon



Fonte: Revista Fon-Fon, 1932, p.38.

Figura 7: Edgar Proença em coluna Social de jornal no Rio de Janeiro

Dr. Edgar Proença

Chegou, ontem, á nossa Capital o Dr. **Edgar Proença**, figura de grande destaque nos meios politicos, sociais e desportivos do Estado do Pará.

O Dr. **Edgar Proença** viajou pelo paquete "Itapegé" e velu acompanhado de sua Exma. senhora e filha.

Edgar Proença, uma das belas penas da imprensa paraense, onde milita ha muitos anos e um dos verdadeiros batalhadores do desporto do grande Estado nortista que muito lhe deve.

Aqui no Rio, **Edgar Proença**, conseguiu impor-se pelas suas qualidades pessoais e adquirir uma legião de amigos. Não é exagero dizer-se que, quando se fala dos desportos paraenses o seu nome vem logo á balla.

Estimadissimo em nossa Capital, a sua estadia entre nós será motivo de intenso jubilo no vasto circulo de suas relações.

O Dr. **Edgar Proença** e sua familia hospedaram-se no Espicadido Hotel, na Praia do Flamengo.

Ontem mesmo, á noite, o Dr. **Edgar Proença** nos deu o prazer de sua visita, mantendo conhecido agradável e amistosa palestra.

Fonte: Jornal A noite, 21 de novembro de 1936, np.

O clube que ele passou mais tempo foi a liga de *football club*, inaugurada por ele. Por meio dela, viajou diversos estados brasileiros para administrar campeonatos e representar os times paraenses: Remo e Paysandu. Além disso, Edgar Proença trabalhava como jornalista em vários jornais da cidade, “A província do Pará³⁶”, “O paraense³⁷”, “O Estado do Pará³⁸” e foi redator de revistas como “A semana³⁹”, e redator e diretor da revista “Pará ilustrado⁴⁰”, bem como escreveu para vários jornais de circulação nacional.

A emissora que nasceu para ser a voz do Pará acompanhou os movimentos políticos da época, como o pleito eleitoral de 1930, apoiando a candidatura de Júlio Prestes para a Presidência da República (OLIVEIRA, 2011). O rádio, pelo Brasil, tinha um nacionalismo com tons modernistas que reunia a capacidade de chegar a um público diverso, atingindo a todas as classes sociais e ouvintes analfabetos. Na década de 1930, o Estado tentou firmar uma aproximação com intelectuais, delineando uma política cultural que teria no rádio um dos meios privilegiados de produção, reprodução e difusão cultural. A RC conseguiu manter a sua trajetória equidistante da política regional, mesmo que tenha havido uma aproximação com a política nacional (OLIVEIRA, 2011).

Edgar Proença foi responsável pelo DEIP paraense que era a seção estadual do Departamento de Imprensa e Propaganda, que estava ocupada em desenvolver política cultural e censura governamental, durante o Governo Vargas. A chefia dos departamentos ficou sob controle de intelectuais que estavam ligados à imagem e política cultural do Estado Novo. Esses intelectuais tinham um papel importante de mediação entre a política e a sociedade, buscando raízes nacionais. Para Gomes (1995), o Estado, nesse momento, assumiu o papel de tutelar a cultura e promover o prestígio dos intelectuais para ocupar o lugar de intérpretes, eruditos que supostamente sabia, captar o espírito nacional.

³⁶ Jornal paraense fundado, em 1876, pelo médico e jornalista Joaquim José de Assis. Deixou de circular por dezesseis anos. Voltou na versão impressa e digital em 2018. Hoje, funciona como um portal de notícias e pertence ao Grupo Marajoara, do empresário e radialista Carlos Santos.

³⁷ Primeiro Jornal totalmente impresso e composto na província do Pará. Foi fundado, em 1822, por Felipe Patroni (COELHO, 1993).

³⁸ O jornal “O Estado do Pará” começou a circular em 9 de abril de 1911, fundado por Justo Chermont, um político influente na região. O jornal circulou até 31 de dezembro de 1980 e registrava situações vivenciadas em Belém, no Brasil e no exterior. Entretanto, o maior objetivo era apoiar Lauro Sodré, defendendo o político paraense das páginas do jornal “A Província do Pará” e combater o intendente municipal Antônio Lemos (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985, SOUZA NETO; BENTES, 2012).

³⁹ Revista “A Semana” circulou de 1919 a 1943 e foi um dos principais meios de informação sobre o cotidiano da cidade de Belém naquele período. Foi fundada pelos jornalistas Manuel Lobato e Alcides Santos. Foi a revista de maior duração e circulação de Belém e iniciou na redação do jornal “Folha do Norte” (CASTRO, 2018).

⁴⁰ Pará ilustrado, a revista circulou na década de 1940 em Belém e trazia em suas páginas fotografias da cidade de Belém, mostrando espaços de lazer para o engrandecimento da cidade (TEIXEIRA, 2020).

O rádio, assume assim, a responsabilidade de divulgação e massificação dessas políticas culturais do Estado Novo, tendo em vista a capilaridade do meio de comunicação, podendo atingir vários segmentos sociais e várias localidades. Sendo assim, o rádio passou a ser utilizado como produtor e veiculador de uma identificação entre o “povo” e a “nação” (GOMES, 1995, p. 18-19).

Edgar Proença foi fazendo a sua trajetória profissional e pessoal paralela à Rádio Clube, narrando jogos, escrevendo para jornais, participando das rodas intelectuais e escrevendo crônicas. Ele publicou dois livros “Colcha de Retalhos”, em 1937, e “gravetos” em 1941, que são livros de crônicas para “ler num bonde” como diziam os jornais da época.

Figura 8: Nota sobre o lançamento do livro de Edgar Proença



Fonte: A Folha do Norte, 1941.

Cronista famoso na cidade, ele rememora em seu livro “Gravetos” essas vivências de uma infância tranquila, pacata e com ruas estreitas e vendinhas pequenas. A cidade experienciada na infância aparece cheia de nostalgia em diversas crônicas do jornalista, como a que segue abaixo. Belém de outrora, para ele, era lírica. Entretanto, esse sentimento de Belém era lírica, sair da escola assobiando, cantando... era possível pois Edgar era integrante da classe média, que não conhecia as “arguras” da vida, pois tinha uma família de avô, pai e tios no funcionalismo público. Grande parte da população havia sido afastada do núcleo central da cidade, com a política de higienismo social de Antônio Lemos, o que fez várias famílias deixarem seus cortiços e serem obrigadas a mudar para locais mais afastados da cidade. Na periferia a modernização de Antônio Lemos não

chegava, sendo possível casebres, palhoças e muitas famílias co-habitando, com várias casas feitas no mesmo terreno e uma área comum (SOARES, 2008). A vida da população mais pobre e menos favorecida não melhorou com a Belle Époque. Diferente do que apresenta o saudosismo de Proença.

(...)

Conheço-a desde pequeninho. Desde quando eu, de calcinhas curtas e borzeguins, comecei a ter contato com a rua.

Eu me lembro tanto como se fosse hoje...

Belém não era mais bonita do que agora, mas tinha qualquer cousa suavemente *lúrica*.

Que saudade que eu tenho, como Casimiro de Abreu, de meus oito anos! Que saudade do tempo em que, trepado nos telhados, empinava meu “papagaio”, aproveitando o “geral” de uma tarde em que se agitavam as folhas das palmeiras da Estrada de São José, cheia de faceirice!

Que saudade da *saída da escola, sorrindo, assobiando, vivendo sem conhecer as agruras da vida!* Que saudade do meu pião comprado no “barbadinho” aquela casa modesta, numa rua *estreita cheia de atalhos*, hoje *alinhada, repleta de prédios de cimento armado*, cheia, a noite, das luzes faiscantes dos hotéis e dos bares. *A moderna “Avenida Quinze”!*

Que saudade das noites enluaradas, quietas em que se deslumbrava espiando as estrelas que tremeluziam, que piscavam para os namorados da terra, como quem lhes diz:

- Estou vendo tudo!...

Belém depois cresceu. Perdeu, como os moços ricos que não olham o dia de amanhã, o esplendor de sua riqueza. A borracha caiu. E *a minha cidade ficou pobre, mas decente*. Ficou sem o fausto das suas irmãs, mas não lhe diminuiu o aspeco e o desembaraço sociais. Ficou com as suas mulheres, com os seus jardins, com o seu Museu, com a Basílica, com as suas manhãs de sol que falam pela “boca vermelha e impassível das rosas”.

(...)

Amo-a com ternura e com ciúmes. *Quanto mais a vejo desenvolver-se, granfinar-se, mais eu evoco, com a felicidade que hipermnésia nos proporciona, os tempos que se foram*.

Aquele passo pela Avenida Nazaré o meu pensamento fica preso, grudado a uma casa de azulejos, junto à antiga Farmácia Galeno, hoje Bar Estrela. Foi ali que eu nasci. Meu pae sempre me dizia, aprontando-a: - Nesta casa nasceu um “grande homem”vae ser tudo na vida! (PROENÇA, 1941, *grifo nosso*, p.19-27)

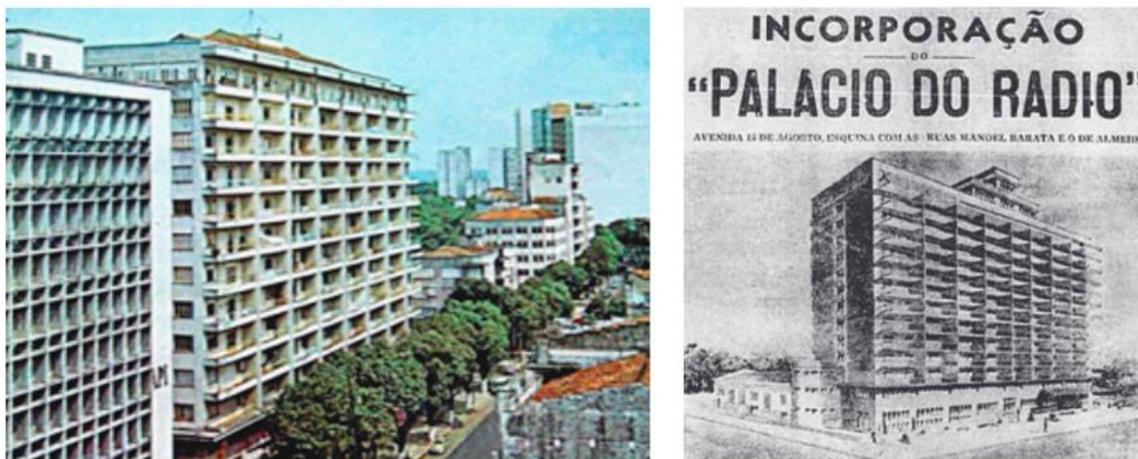
Esse texto, publicado na década de 1940 – quando Edgar Proença tinha grande influência na cidade e em várias cidades do Brasil como intelectual – demonstra que nas décadas seguintes ao fim do ciclo da borracha a opinião pública apostava em uma decadência econômica, apesar da cidade manter-se culta e moderna. No texto, ele relembra da antiga Av. Quinze de Agosto (hoje, Av. Presidente Vargas), que durante a administração do prefeito Antônio Lemos (1887-1912) “era uma vila de casas deterioradas e tortuosas” (VIDAL, 2008), pois estava proibido reformar ou construir edifícios, tendo em vista que logo seria a maior avenida da cidade. Sendo assim, Edgar lembra na sua infância que era uma rua estreita e sem grande importância.

Para impulsionar o desenvolvimento de uma nova área, as construções da Av. 15 de agosto e das ruas adjacentes e próximo ao centro de Belém foram determinantes. A prefeitura concedia terrenos às empresas imobiliárias ou instituições que desejassem investir na construção de edifícios residenciais, escritórios ou hotéis. A cidade precisava ser modernizada.

Nesse momento, a Rádio Clube estava instalada no bairro do Jurunas, entretanto recebeu a doação de um novo terreno público, agora na Av. 15 de Agosto como uma concessão (VENTURA NETO, 2015; COSTA, 2012). “Os donos da emissora transferiram a construção do imóvel para um empresário local que, em troca, cedeu todo o segundo andar (de um prédio de quinze andares) à C-5” (COSTA, 2012). O engenheiro era Judah Levy, um pioneiro na construção de edifícios de mais de dez pavimentos na cidade. Ele foi responsável pela construção do edifício Palácio do Rádio no período de 1952 e 1956 (VIDAL, 2008). Levy buscava multifuncionalidade nos edifícios como uma atração, com lojas e salas para escritório, além dos estúdios da Clube, ele foi responsável pela construção de outros empreendimentos na Av. Quinze de Agosto.

O Palácio do Rádio, segundo Vidal (2008), era uma verdadeira “joia da modernidade (...) um projeto adequado com as mais modernas linhas arquitetônicas”, “possuía elevadores grandes e luxuosos e incineradores de lixo para a higiene e conforto dos vizinhos”. Era uma construção “prismática, de escasso dinamismo formal, e que no ato de sua inauguração, em dezembro de 1956 atraiu as autoridades mais importantes da capital” (VIDAL, 2008, p. 149)

Figura 9: Imagens do Palácio do Rádio



Fonte: VIDAL (2008)

Primeira rádio da Amazônia, a Clube teve uma importância muito grande, dando aos seus fundadores prestígio local, regional e nacional. Quando a rádio surgiu, o

principal meio de comunicação era o telégrafo. A Amazônia tinha feito parte do mercado internacional como grande produtora de goma elástica, movimentando casas comerciais e ativando um fluxo econômico, principalmente na capital paraense, Belém do Pará, o que fez com que os serviços telegráficos fossem instalados desde a segunda metade do século XIX, tendo em vista a movimentação de informações sobre a cotação da borracha no mercado internacional. Belém e Manaus viveram uma *Belle Époque* para a elite local. Ter uma rádio na rua que representava o progresso da cidade era importante para o projeto de modernização.

O Rádio revolucionou a comunicação, vivendo seus tempo áureos na década de 1930 a 1950, com bastante influência nas décadas de 1960 e 1970, quando a televisão se popularizou. O rádio fez parte do dia a dia dos brasileiros, principalmente dos que moravam em regiões mais afastadas dos grandes centros, nas quais muitas vezes era o único canal de informação.

Edgar Proença foi indicado ao Prêmio Roquette Pinto em 1941. O troféu era muito disputado e cobiçado, tendo em vista que era uma premiação para os melhores profissionais do Rádio e da Televisão Brasileira. A indicação trouxe uma visibilidade nacional à Proença, com matérias em vários veículos, como a Revista Fon-Fon, um periódico carioca com circulação nacional e com muito prestígio, a revista circulou de 1907 a 1958. Foram duas páginas de entrevista com Proença, numa revista de grande circulação, o que demonstra o prestígio que o jornalista tinha naquele momento. O ano de publicação é 1941, mas o teor da entrevista vamos discutir no próximo tópico deste capítulo, o qual tem o título inspirado na matéria: “Para quem é o rádio: para as elites ou para as massas?”.

A PRC-5 viveu tempos áureos, sendo conhecida como “A poderosa”. A rádio teve grandes transmissões de eventos esportivos, radionovelas e programas de calouro. Edgar Proença foi o responsável pela primeira transmissão de jogo de futebol da Região Norte e a primeira fora do eixo Rio-São Paulo. Era um clássico paraense: Remo x Paysandu. O Leão Azul, título cunhado por Proença ganhou de goleada, foram cinco gols contra o adversário mais ferrenho, Paysandu. Os jogos eram narrados de forma diferente por Edgar Proença, que nutria o colunismo social mesmo nas narrações futebolísticas.

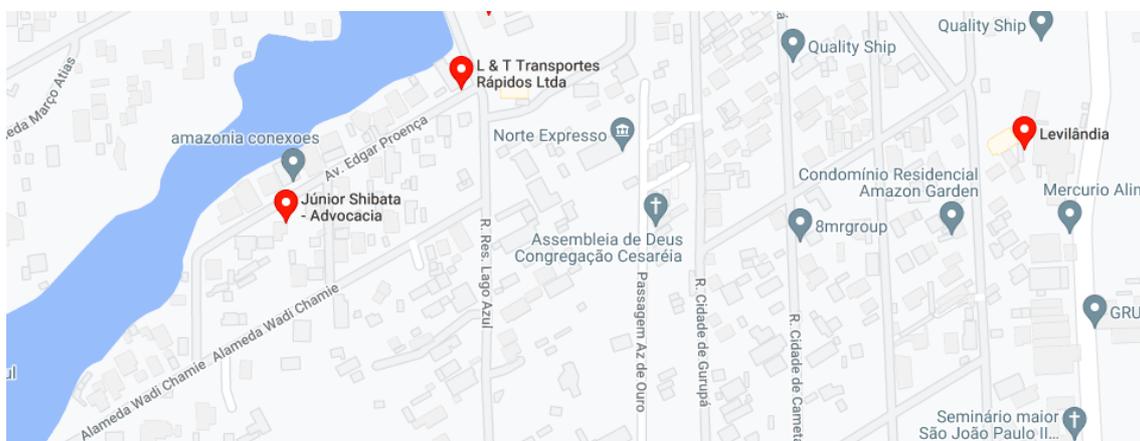
Edgar Proença foi um dos primeiros narradores, em uma época romântica em que os jogos eram realizados no Estádio Evandro Almeida. E tudo tão diferente que Proença deixava o jogo de lado, por instantes, para festejar a entrada na praça esportiva de damas da alta sociedade.

Em conversa comigo, o neto Edyr Augusto Proença lembrou que a forma como Edgar Proença narrava tinha uma outra temporalidade, o tempo da delicadeza.

Meu avô foi também narrador esportivo do Brasil. Era um outro tempo. Você imagina que a narração era domingo à tarde...é... senhoras e senhores presentes chiquérrimos, sabe? E ele estava dizendo “a bola está com fulano, vai passar para cicrano...”. Aí respirava, parava e dizia “meus amigos... acaba de adentrar, aqui, no nosso estádio a senhorita tal (*inserir o nome de alguma integrante da elite ou classe média*) com a beleza de seus quinze, vinte anos e tal... desfilando... e o jogo passando, aqui, e ele falando.

A rádio de Edgar Proença deu aos filhos e netos prestígio diante a cidade. Hoje, alguns empreendimentos arquitetônicos têm seu nome marcado: ruas, edifícios e o Estádio Olímpico do Pará passaram a se chamar Edgar Proença, em homenagem ao locutor, jornalista e cronista. No condomínio Lago Azul – no município vizinho Ananindeua – construído pelo mesmo engenheiro que fez o Palácio do Rádio, Edgar Proença ganhou uma avenida. Assim, como encontramos edifício com o seu nome e de seu filho Edyr Proença em alguns bairros de Belém, como aparece nas figuras abaixo.

Figura 10: Mapa Localização rua Edgar Proença no Lago Azul



Fonte: *Google StreetView*

Figura 11: Mapa localização Prédio Edyr Proença



The image shows a Google Maps snippet for 'Ed. Edyr Proença'. On the left is a Street View image of a street with a tree and a building, with a 'Ver por fora' button. On the right is a map showing the location on 'Tv. Curuzú' near 'Líder Huma' and 'Tv. Rômulo Maiorana'. Below the map, the title 'Ed. Edyr Proença' is displayed, followed by 'Rotas' and 'Salvar' buttons, a 4.3 star rating with 7 Google reviews, and the description 'Complexo de condomínio em Belém, Pará'. The address 'Endereço: Tv. Curuzú, 1492 - Marco, Belém - PA, 66090-140' is listed at the bottom.

Ed. Edyr Proença

Rotas Salvar

4,3 ★★★★★ 7 comentários no Google

Complexo de condomínio em Belém, Pará

Endereço: Tv. Curuzú, 1492 - Marco, Belém - PA, 66090-140

Fonte: *Google Streetview*

Figura 12: Mapa localização Prédio Edgar Proença



The image shows a Google Maps snippet for 'Edgar Proença'. On the left is a Street View image of a building entrance, with 'Ver fotos' and 'Ver por fora' buttons. On the right is a map showing the location on 'Tv. Padre Eutíquio' near 'Escritório Central - Grupo Líder', 'R. São M...', and 'A.D. Maria'. Below the map, the title 'Edgar Proença' is displayed, followed by 'Rotas' and 'Salvar' buttons, a 4.6 star rating with 9 Google reviews, and the description 'Complexo de condomínio em Belém, Pará'. The address 'Endereço: Tv. dos Apinagés, 989 - Batista Campos, Belém - PA, 66033-264' is listed at the bottom.

Edgar Proença

Rotas Salvar

4,6 ★★★★★ 9 comentários no Google

Complexo de condomínio em Belém, Pará

Endereço: Tv. dos Apinagés, 989 - Batista Campos, Belém - PA, 66033-264

Fonte: *Google Street View*

A família que era de classe média ascendeu e passou a se relacionar com diversas elites da cidade: econômica, política e intelectual. Eles ganharam tamanha importância que eram consultados para vários assuntos referentes a Belém. Na década de 1940, os intelectuais participavam ativamente da rádio, trazendo muito das produções dos encontros noturnos dos modernistas, já que Edgar Proença fazia parte de intelectuais que reivindicavam uma estética moderna na literatura, na arte e na comunicação. Aqui, aparecem nomes como Gentil Puget, Waldemar Henrique, Maria Helena Coelho (FIGUEIREDO, 2001; GOMES, 1995; OLIVEIRA, 2011), amigo pessoal da família Proença. O sócio fundador da PRC-5 tinha o hábito de observar os costumes sociais, trazendo especialmente ao programa “crônica esportiva da semana” e às radionovelas que escreveu (OLIVEIRA, 2011). Edyr Proença, filho mais velho de Edgar Proença foi ganhando a confiança do pai e assumindo as responsabilidades da rádio, pois desde a década de 1930 já trabalhava na Clube.

Na década de 1950, Edyr Proença já tinha assumido a administração da rádio enquanto Edgar Proença cuidava da parte social. Foi nesse momento que, pela primeira vez no país, uma Copa do Mundo de futebol foi transmitida aos nortistas pela rádio. Lembrando a importância de Edyr Proença para a PRC-5, o filho Edyr Augusto contou que ele se formou em direito, mas nunca exerceu, porque “a rádio já tinha chamado, ele gostava de cantar... então foi”. Edgar Augusto também relatou sobre o início da carreira do pai, quando ele começou na rádio.

O papai não tinha a importância do meu avô, porque meu avô foi meu avô e o papai foi um grande homem, tão grande quanto meu avô, mas papai era humilde, era cronista e radiava futebol e tinha um grupo musical que se exibia na rádio clube que a cantora era a minha mãe, era o bando da estrela. Eles eram ginásianos e cada ano do ginásio era um estrela e eles usavam uma camisa com estrela aqui (no ombro). Tinha o bando da lua que acompanhava a Carmen Miranda no Rio e a minha mãe se vestia tipo a Carmen Miranda com um turbante na cabeça. O papai era um dos cantores e o meu avô ficava chateado com isso, porque achava que o papai não ia passar de um cantorzinho de rádio e o papai se formou em advogado, não exerceu, fez muita coisa dentro da rádio.

Na visão de Edyr Augusto, o pai começou com postos considerados mais baixos, não foi logo para os estúdios mexer nos microfones para que pudesse um dia administrar tudo, sabendo cada uma das funções importantes para a rádio.

Ele começou de baixo, foi uma coisa que nossos pais fizeram conosco. Se você quer mandar você precisa aprender a fazer tudo e aí ele chegou

a locução, tinha uma voz muito boa e passou a ser narrador esportivo. Meu pai começa a carreira como bohemio, como desportistas em vários esportes e começou a ser um grande narrador. Grande narrador! *[ênfatisa]* Eu cheguei a ir vê-lo. Eu ia para o campo com ele. Sentava com ele e o comentarista, sem poder me expressar, até hoje é difícil para mim assistir uma partida e fazer ‘ahhhhhh’, nada, sabe? e... ele começou a escrever para vários jornais, passou por todos esses jornais, lidou com grandes jornalistas e a família crescendo...Ele foi um maluco, fez um concurso para o Banco da Amazônia (BASA)... trabalhava de manhã no Banco da Amazônia, de tarde ele ia para rádio e de noite para os jornais escrever. Era... complicado *[fala rindo, um riso nervoso, como se lembrasse como era naquele momento]*, tinha que segurar aquele bando de filho. Então, do começo da minha vida até oito anos de idade talvez nove, a gente teve pouca convivência com o nosso pai, porque ele trabalhava demais. A gente tinha a convivência da nossa mãe, que era uma maluca, tinha uma imaginação tremenda. Era como se fossemos o exercito brancaleone, sabe? Tudo ela fazia, musica, teatro...e acho que isso nos abriu a cabeça para a imaginação, o que nos rende até hoje histórias ai, né? E meu pai... quando meu avô ficou velhinho o meu pai foi assumindo as funções dele. O outro sócio... o Roberto Camelier teve que ir embora daqui e meu tio Eriberto faleceu muito cedo, o filho mais velho assumiu, mas como tinha uma voz incrível foi trabalhar na rádio manchete ou na rádio nacional e não voltou. O meu pai que assumiu a rádio. Meu pai detestava a função administrativa e não deixou de ser cronista, escrever para jornal. Ele tinha um mote que era “opinião não se discute”.

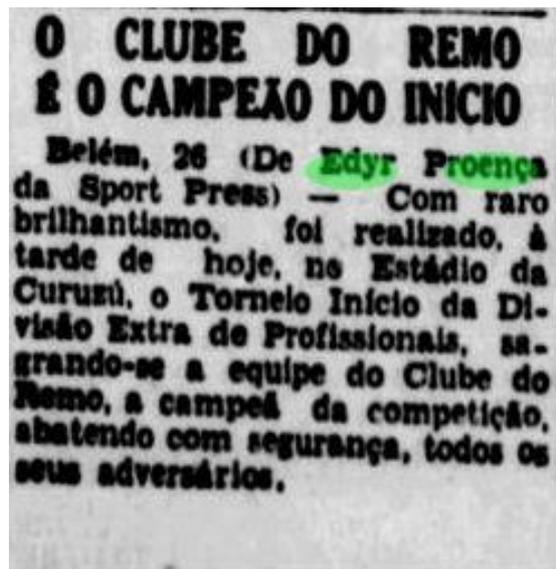
Edyr Proença virou um cronista do esporte influente. Escreveu em vários jornais em Belém ("Folha do Norte", "Flash", "O liberal", "A província do Pará"), no Rio de Janeiro (Sport Press, Sport Ilustrado) e São Luiz (Diário de São Luiz).

Figura 13: Edyr Proença “sportman”



Fonte: Diário de São Luiz,

Figura 14: Edyr Proença correspondente de esporte



Fonte: Sport Ilustrado, 1943, n.p.

Edyr era também compositor, mas as demandas na rádio eram tantas que esqueceu desse dom por um tempo. Edyr Augusto lembra que quando os filhos cresceram, ele voltou a compor.

Já estávamos começando a trabalhar na rádio. Adolecemos e ele começou a adolecer junto conosco. Ele voltou a pegar no violão. Eu fiz uma letra pra ele e ele fez a música. Aí não parou mais! Se tornou um compositor, gravou discos. Com seus 60 e poucos anos lançou o primeiro livro dele por incentivo nosso, depois lançou o segundo.

Edyr teve parceiros como o famoso poeta Ruy Barata⁴¹. Juntos compuseram a canção “A serpente”. Na década de 1970 escreveu o samba “Amor perfeito” com a esposa e o filho Edyr Augusto e foi gravada pelo músico Macca Maneschy na década de 1990. Uma das músicas mais famosas que tem é “Bom dia, Belém” que escreveu com a cunhada poetisa Adalcinda Camarão. O “leque de estrelas” ficou emblemático nas vozes de Fafá de Belém e Lucinha Bastos, duas cantoras muito famosas na cidade. Quem mora na capital paraense já escutou em algum momento, tendo em vista que foi interpretada por

⁴¹ Ruy Guilherme Paranatinga Barata foi um poeta paraense, nascido em Santarém na década de 1920 e faleceu em 1990. Ele foi “um dos maiores nomes da cultura paraense do século XX. Poeta, compositor, advogado, historiador, professor e político” (ANDRADE, 2020, s/p). O poeta buscou uma literatura regional, tentando redimensionar o universo amazônico com poemas e músicas cantadas por artistas paraenses de expressão nacional, como Fafá de Belém.

vários cantores, apareceu em comerciais televisivos em homenagem a Belém e toca até, hoje, na Rádio Cultura FM. Coloco um trecho da música abaixo.

“Bom dia, Belém”
(Adalcinda Camarão/Edyr Proença)

(...)

Belém minha terra, minha casa, meu chão
Meu sol de janeiro a janeiro a suar
Me beija, me abraça que quero matar
A doída saudade que quer me acabar
Sem círio da virgem, sem cheiro cheiroso
Sem a "chuva das duas " que não pode faltar
Cochilo saudades na noite abanando
Teu leque de estrelas, Belém do Pará!

Outras composições retratam o amor de Edyr Proença por Belém: “Pororoca”, “Belém que é de Nazaré”, “Meu canto de amor por Belém”, “Bar do parque”, “Momento Amazônico”. Além disso, compôs o samba enredo “Barca da nostalgia” em parceria com o poeta João Jesus Paes Loureiro e lançou algumas marchinhas de carnaval durante os bailes de carnaval da cidade. No final da década de 1980, lançou o livro “Coisas do futebol”, com curiosidades e causos da carreira de cronista esportivo.

A família Proença teve papel fundamental na implementação e popularização do Rádio no Pará. E os herdeiros, netos de Edgar Proença e filhos de Edyr Proença, ainda saboreiam esse prestígio, como ficará mais claro ao longo deste capítulo.

Edgar Augusto conta que a relação com o avô não era muito estreita, pois o velho Proença viajava com frequência, entretanto como era o primeiro neto recebeu algumas cartas, que ele guarda com carinho.

E eu acostumei a ver meu pai trabalhador e o meu avô um nobre cortejado daqui da cidade, era o rei da cidade, porque era o dono da única emissora da cidade. O meu primeiro aniversário, eu me lembro, foi na casa do meu avô e até o governador Marechal Zacarias de Assunção foi. Tenho fotografia com o governador me carregando no colo, eu pequeno, completando um ano. Quer dizer, uma importância danada, assim, socialmente. Meu avô, nesse tempo, era cortejado por políticos, claro, era dono da única emissora de rádio daqui.

A rádio fazia parte da vida dos Proença. Era o que alimentava a família: física e emocionalmente. Edgar Augusto conta que o rádio era sua fantasia.

Eu comecei a brincar de rádio em casa. Eu ia na rádio e via aquelas mesas de som, aqueles toca discos. E a mamãe, uma vez, ia jogar fora uma cômoda velha. Eu pedi “Mamãe, me dá a cômoda?”. Aí pegava a

cômoda, abria as gavetas e fazia que eram os toca discos, fingia que eram aqueles aparelhos. Começava a brincar, pegava um negócio para ser o microfone e ficava ali fingindo que era o locutor e o papai adorava esse negócio. Eu ficava escutando o papai radiar futebol, quando ele ia narrar eu ia na rádio clube e ficava assistindo os programas. Eu vi novela ser gravada, eu via os noticiaristas trabalharem, eu via tudo como funcionava, eu conhecia tudo, conhecia todo mundo desde o cobrador que ia descontar cheque até o motorista. Nunca joguei bola, nunca brinquei de carrinho, sempre brinquei de rádio, sempre foi a minha vida, eu me criei dentro de rádio.

Não demorou para que Edgar Augusto fosse “cooptado e comprado” pela Rádio, como contou Edyr Augusto. Com 14 anos de idade ele começou a trabalhar na PRC-5, primeiro escutando rádios de outros estados e anotando todas as informações que fossem relevantes. Edyr lembra que o irmão começou por onde todos começavam.

Naquela época era uma sala pequena com três ou quatro pessoas, cada uma com um rádio escutando os rádios que transmitiam os jogos fora daqui para depois informar. O interessante era que ele já vinha com uma cultura esportiva e com a voz dele ele começou a fazer jogos e tal.

Na década 1960, o rádio continuava sendo o principal veículo de comunicação de massa, entretanto uma rádio AM precisava diversificar para competir com a qualidade sonora das rádios FM e também com a televisão, que já estava ganhando muitos investimentos no Brasil. Ainda era pelo rádio que grande parte da população sabia das novidades tecnológicas, das mudanças políticas, tinha informações gerais e entretenimento. O rádio possibilitou novas práticas culturais e de consumo, com bastante influência até a década de 1960, sendo que 61% dos domicílios urbanos tinham um aparelho de rádio e 12% dos domicílios rurais tinham um rádio para escutar, mais que as casas que possuíam energia elétrica, que eram apenas 8%, como vemos nesta tabela com dados do IBGE (CALABRE, 2006).

Tabela 2: Dados IBGE domicílios urbanos e rurais

	Totais domicílios		Domicílios urbanos		Domicílios rurais	
	número	%	número	%	número	%
Totais	13.497.823		6.350126		7.147.697	
Iluminação elétrica	5.201.521	38,54	4.604.057	72,50	597.464	8,36
Rádio	4.776.300	35,38	3.912.238	61,61	864.062	12,09
Geladeira	1.570.924	11,09	1.479.299	15,82	91.625	1,29
Televisão	621.919	4,30	601.552	9,47	20.367	0,28

IBGE - VII Recenseamento Geral - 1960

Fonte: Calabre (2006)

O primeiro a entrar na rádio foi o Edgar Augusto, mas em alguns anos, os irmãos foram um a um assumindo cargos na rádio e logo ganhando seus programas. Edgar Augusto era locutor esportivo, Edyr Augusto fazia “Gente da Pesada”, no qual apresentou novos baianos e Janjo tinham um programa de rock. Edgar viajava por vários municípios do Pará e para outros estados, cobrindo os jogos e narrando os lances. Mas, em um determinado momento, encantou-se com música e quis ter o próprio programa.

Ele virou chefe da programação e começou a ter o próprio programa. Acho que era o ‘tribunal do disco’, chegavam muitas coisas novas e ele queria dizer o que aquilo representava. Depois teve o cantinho dos Beatles. Edgar ficou apaixonado pelos Beatles. Ele começou a ganhar o disco dos Beatles e aí enlouqueceu e enlouqueceu todos nós, conheço tudo.... mais uma influência dele na minha vida.

Tínhamos um primo que morava nos Estados Unidos com a minha tia Adalcinda. E ele veio em 59, 60, e quando ele foi embora nas férias ele deixou uns 30 ou 40 buraco no meio que eram os 50 lugares da Cash box americana e ali havia Elvis Presley, tudo que você pode imaginar... ouvíamos aquilo religiosamente, sabíamos tudo naquela época. Minha avó deu para ele de presente uma eletrola que funcionava a corda com 78 rotações, tínhamos discos fantásticos: Barbeiro de Sevilha. O enriquecimento nosso, em termos musicais, começa a se dar nessa coisa que veio tudo. E música brasileira também, música antiga. Nosso pai mostrava para gente os heróis dele era Francisco Alves, Chico Viola, cantor da época... e tudo isso nos influenciava. E o Edgar ficou louco pelos Beatles. E quando ele estava na rádio veio a ideia dele fazer um programa do Cantinho dos Beatles e tinha até fã clube.

Para Edyr, foi o acesso aos discos e as influências musicais que formaram os gostos deles e ajudaram a orientar a atividade radiofônica de Edgar Augusto, na Feira do Som. Apesar de neste tópico retratarmos o cotidiano de personagens (avô e pai de Edgar Augusto) que não estiveram na Feira, que é objeto desta pesquisa, é importante compreender as temporalidades presentes, pois o programa também guarda características de distinção entre o público que ouve o programa e o que escolhe outras rádios, com programação mais popular, como veremos mais adiante. No fundo, a temporalidade que atravessa a Feira do Som conecta o presente a essa Belém da primeira metade do século XX, da era do Rádio, do cotidiano de prestígio, intelectualidade e clubismo que atravessou a história da PRC-5 e da família Proença.

2.2. Para quem é a rádio: para a elite ou para as massas?

O título deste tópico foi escolhido depois de encontrar uma entrevista do jornalista Edgar Proença para a Revista *Fon-Fon!*, em 1941, no site da Hemeroteca Nacional. A entrevista ganhou destaque, pois Proença foi um dos ganhadores do Prêmio Roquette Pinto⁴², o que fez com que ele ficasse conhecido nacionalmente. A entrevista é sobre o consumo da radiodifusão em um periódico de grande circulação e numa das décadas de ouro do Rádio. Duas páginas com perguntas feitas pelo jornalista da *Fon-Fon!* e “brilhantes respostas”.

⁴² A premiação entregava troféus aos melhores profissionais da televisão e do rádio brasileiro. Foi idealizado pelo locutor e produtor de TV Blota Junior. A premiação homenageada Edgar Roquette-Pinto, considerado o “pai” da radiodifusão do Brasil.

Figura 15: Entrevista Edgar Proença à revista carioca Fon-Fon



Fonte: Revista Fon-Fon, 1941, p.55.

A revista circulou durante a primeira metade do século XX e transformou-se em um documento importante acerca da vida sociocultural, no Brasil, durante o período da abolição e a República. A *Fon-Fon!* era uma revista ilustrada que refletia a visão de mundo da sociedade burguesa e influenciava o comportamento da elite carioca (ZANON, 2009). A revista mostrava as tendências europeias, o que segundo Zanon (2009, p.217) “reitera a tradição do país de transplantes precipitados, por vezes anacrônicos, o que reforça o caráter de busca de nossa modernidade por meio de fantasias, miragens e sonhos e não da realidade social”.

Em entrevista à revista *Fon-Fon!*, Edgar Proença responde “Para quem é o Rádio: para a elite ou para as massas? Por quê?”. A resposta começa com uma pretensão de objetividade, quando ele responde que “O rádio é para todos ao paladares”, mas ao longo

da resposta traz alguns exemplos e se contradiz em algumas respostas ao longo de outras perguntas. Alguns elementos parecem importantes a serem ressaltados para a discussão sobre elite e massas.

O rádio é para todos os paladares. Mas para que o acepipe seja bem digerido, impõe-se que vá ao encontro das preferências do público. Lembro-me de certos radio-ouvintes que ficam mal humorados quando “está no ar” um samba esfuziante: é que eles detestam a **música ligeira** e fácil, ou por **“snobismo” ou porque o seu espírito e a sua cultura só aceitam as melodias clássicas**. Há, porém, os que, ouvindo uma fuga de Bach, se irritam e viram o “dial” para sorrir depois, com enlevo, ouvindo um samba ligeiro... Daí eu acreditar que o Rádio é para a elite e para as massas (REVISTA FON-FON!, 1941, grifos nossos).

Antes de adentrar a discussão sobre o teor da entrevista e o posicionamento de Edgar Proença, um dos jornalistas mais influentes do Pará naquele momento e proprietário da única emissora de rádio de Belém, é preciso pontuar a importância do rádio para a região e o país na década de 1940. A partir daí, os aparelhos receptores de rádio começaram a se espalhar pelo país.

Na década de 1920, o rádio estava ligado à elite, tendo em vista os altos valores dos aparelhos de rádio e a programação acompanhava a preferência do público, naquele momento, com óperas, conferências, músicas clássicas. A elite participava ativamente da programação doando e emprestando discos. Sendo assim, o locutor ao anunciar a música sempre agradecia ao ouvinte que havia doado ou emprestado à emissora, trazendo prestígio ao radiouvinte. Desta forma, as rádio sociedades e clube eram marcadas pelos interesses dos mensalistas, ou seja, da elite. Roquette Pinto, um dos locutores mais famosos da Rádio Brasileira, dizia que a rádio servia para “trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra” e também pelo progresso do país, tendo em vista que, para ele, a rádio era a “escola dos que não têm escola. É o jornal de quem não sabe ler” (FERRARETTO, 2001, p.97).

Na década de 1940 e 1950, o rádio brasileiro recebeu muito investimento tecnológico, os aparelhos de rádio ficaram mais acessíveis e houve um crescimento de público ouvinte de tal “magnitude que fez com que o período entrasse para a história como ‘os anos dourados do rádio brasileiro’ (CALABRE, 2003). Havia inúmeras emissoras funcionando e a programação já era mais eclética, com música popular e uma escuta coletiva, aumentando a popularização do meio de comunicação. As radionovelas eram os programas com maior audiência. Ouvidos do país inteiro ficavam atentos ao desenrolar das tramas capítulo a capítulo. Quando as histórias seriadas começaram a ser

irradiadas no Brasil já eram sucesso em outros países da América Latina (CALABRE, 2003). Os programas de calouros também tinham boa audiência, com apresentação ao vivo nos auditórios das rádios e o público acompanhando as disputas bem de perto.

Vários profissionais do radioteatro produziram novelas e esquetes radiodramatizados, com efeitos sonoros e trilhas musicais. Assim, os textos tinham mais emoções e ajudavam no envolvimento do público com a história, fazendo-o adentrar em um cenário a partir da imaginação provocada pela audição, sem nenhuma construção de imagem. As radionovelas, lançadas em 1941, conquistaram o Brasil e tinham altos índices de audiência e muitos anúncios (ORTIZ, 1991). A Rádio Nacional era responsável por distribuir os episódios por todo país. Entretanto, segundo Edyr Augusto, no Pará foi diferente.

O Brasil inteiro vibrava com as radionovelas, gravadas por excelente elenco da Rádio Nacional. Aqui no Pará, no entanto, pela qualidade dos nossos atores, as radionovelas eram apresentadas ao vivo. Belém parava nos horários de transmissão. Em capítulos finais, uma multidão cercava o Edifício Bern, onde a Clube estava instalada. Acácio Humberto, Octavio Cascaes, Amerina Teixeira, Queta Duarte Silva, Carmem Eunice, Grimoaldo Soares, José Maria Nobre Gonçalves, Vicente Santos, Cléa Gomes, Maria dos Anjos, Aurora Rocha e Mario Amoedo foram alguns dos muitos radioatores que ficaram na história (BACANA, 2015, s/p).

Grande parte da população era analfabeta, mais de 50% segundo o censo do IBGE. O rádio, desta maneira, possibilitou acesso à informação e também ao lazer, com os programas de calouro e as radionovelas. A linguagem era mais simples, mais objetiva, entretanto a visão conservadora da sociedade era reproduzida no *dial*. As novelas, normalmente, tinham protagonistas da elite ou classe média alta, deixando de lado as mazelas sociais do cotidiano da cidade. “A cidade destes personagens era a das mansões, das casas confortáveis, dos bairros urbanizados, com carros e motoristas particulares (CALABRE, 2006, p.189). Entretanto, não era apenas as radionovelas que tinham uma programação conservadora. A produção cultural da periferia estava apartada das ondas sonoras.

Voltemos à entrevista de Edgar Proença à Revista *Fon-Fon!*, depois de relembrar o contexto de popularização da rádio. Na entrevista, fica claro que o jornalista tenta demonstrar imparcialidade, como se estivesse acima das discussões sobre a rádio ser desta ou daquela classe social. Na primeira resposta, como mostramos acima, ele diz lembrar dos ouvintes que “ficam mal-humorados quando ‘está no ar’ um samba esfuziante: é que eles detestam **a música ligeira e fácil, ou por “esnobismo” ou porque o seu espírito e**

a sua cultura só aceitam as melodias clássicas". Ele justifica o motivo de integrantes da elite não gostarem de música ligeira, seja por sentirem-se superiores, com esnobismo, ou porque o espírito e a cultura estão acima das melodias populares e só aceitam melodias clássicas. Na resposta, Edgar Proença entende que há uma cultura superior e por isso dominante. Essa entrevista me fez lembrar do clássico texto de Theodor Adorno "O fetichismo na música e a regressão da audição" escrito no ano de 1938. No texto, Adorno trata das distinções que o capitalismo, visto pela lente da teoria marxista, como um sistema mediado pela troca entre mercadorias, impõe para a cultura e mais propriamente para a música. Segundo Adorno (1996) a expansão do mundo das mercadorias capitalistas leva a um processo de massificação da produção musical que afeta, mesmo que de modos distintos, a música séria (erudita/clássica) mas também a música ligeira (popular/de entretenimento). Como um todo a produção musical no capitalismo, uma vez massificada, ou seja, produzida como mercadoria capitalista e necessariamente mediada para o consumo do outro, representa uma totalidade em contradição dialética, dissolvendo qualquer tipo de delimitação nítida entre as esferas da música séria ou da música ligeira. De fato, para o teórico frankfurtiano, a distinção entre música séria e música ligeira se dá tão somente no processo de fetichização de ambas como mercadorias capitalistas, que mascara o valor de troca da (mercadoria) música, ao mesmo tempo em que cria a aparência de um ganho imediato ao consumidor, seja pela capacidade de adquirir a entrada de um show, ou simplesmente pela compra de um disco.

Assim, reside no próprio fetiche da mercadoria o poder da distinção social entre aqueles grupos capazes adquirir música séria e os outros que se limitariam a adquirir apenas música popular, ou ligeira. De fato, a música séria para Adorno corresponde a um tipo de música muito específica, ainda que massificada. Me interessa do debate principalmente lógica da fetichização da música como uma condição que estrutura a distinção entre o que é erudito e o que é popular. Frações das classes "superiores" vão tender a se alinhar as músicas com menor poder de fetichização, com maior autenticidade e menor reprodutividade, pois tornará o produto musical menos popular, longe das massas.

Por isso, quando a revista Fon-fon! pergunta à Edgar Proença se o rádio tem programas para a elite e pede que ele lembre de algum, logo o locutor demonstra desconforto com o rumo que a programação das rádios foi tomando.

Sim, Poucos, é verdade. Não se diz que “O que é bom dura pouco”? Os programas da Jornal do Brasil são como *horas de meditação e de sonho*. “Universidade do Ar”, da Nacional, é alguma coisa de inteligência, é tudo para educar. Em São Paulo, a Rádio Cultura é como uma oficina mental que *desperta o bom gosto pela música e pela arte*. Na PRC-5 do Pará, na rádio Sociedade da Baía e a Rádio Clube de Pernambuco, existem também escrupulosas programações. *Zelo imenso e moralizador pela difusão cultural do seu povo*. “Noites de ronda” da Maurink, “Romance da Valsa”, da Educadora, “Relicário”, da Tupi, “Perguntas e Respostas”, do brilhante Genolino Amado, “Barbas de molho”, do querido Sebastião Fonseca, são tantas maravilhas sonoras (FON-FON!, 1941, p.53).

Todos os programas que estavam elencados, pelo locutor paraense, como sendo considerados programas para a elite e mereciam destaque foram destacados pois “despertava o bom gosto pela música e pela arte”. O bom, o belo, a qualidade musical vai sendo esteticamente construída a partir da contemplação da obra de arte como um juízo.

Quando consideramos a qualidade metafísica do gosto resulta no senso comum e os juízos estéticos referem-se ao que é belo e sublime na arte ou na natureza. Desta maneira, o juízo do tipo “esta fruta é saborosa” não é estético, por não ser admitido por uma comunidade afetiva ou uma tribo (MAFFESOLI, 1998a). Quando há um juízo estético, reflexivo, como a beleza de uma música há um jogo de entendimento e imaginação, que pode provocar paixões ou repulsas. Sendo assim, o gosto é comum, sendo então uma integração, tendo em vista que somos seres nutridos pelo afeto e essencialmente comunicantes (SODRÉ, 2014). A discussão sobre o gosto e a estética ficarão para o último capítulo desta tese. Aqui, neste momento o interesse é na abordagem sobre a elite cultural que vai compartilhando e, até certo ponto, impondo suas experiências estéticas à população.

Segundo Umberto Eco (1993) o rádio possibilitou uma expansão cultural musical nas classes médias e populares, tendo em vista que milhares de pessoas tinham acesso a repertório musical inacessível anteriormente. Sendo assim, a radiodifusão inflacionou a audição musical habituando o ouvinte a aceitar a música como complemento sonoro de suas atividades caseiras, “com total prejuízo a uma audição atenta e criticamente sensível, levando, enfim, a um hábito da música como coluna sonora da jornada, material de uso, que atua mais sobre os reflexos, sobre o sistema nervoso, do que sobre a imaginação e a inteligência (ECO, 1993, p. 316-317”).

Para compreendermos o gosto musical é necessário considerar o acúmulo de capital simbólico e a possibilidade deste servir como um elemento de diferenciação

cultural. A hierarquização cultural, com níveis de nobreza Cultural como diz Bourdieu (2017), promove a distinção entre os indivíduos e classes, com percepções estéticas diferenciadas. Bourdieu (2017) vai defender que o gosto tem dois pontos essenciais, que seriam o resultado de condições específicas de socialização: a educação e a origem social, que construiriam níveis de nobreza cultural, evidenciando distinção entre indivíduos e classes, o que faz do gosto um resultado de diferenças de origem e oportunidades sociais.

A entrevista de Edgar Proença continua com o entrevistador (a) tentando entender se há como conciliar elite e massas quando se fala em programação radiofônica. E o empresário paraense é categórico, colocando no programador a responsabilidade, quando diz que “Depende simplesmente da orientação de quem toma o encargo de fazer a sua estação “conversar” com os rádio-ouvintes. É questão de selecionar, apresentando aquilo que não provoque tédio entre os que são da elite e as massas. E ninguém certamente reclamará” (FON-FON!, 1941, p.53).

Na segunda página de entrevista, a pergunta é “como encara as orientações das fábricas de disco, em face da nossa verdadeira música popular e da educação artística do povo?” e a resposta segue

Sem seleção não haverá educação artística de um povo. E é por isso que a gente já está perdendo interesse pelas gravações. Ademais, é sabido que nelas predomina o interesse comercial. Depois não se gravam músicas por serem boas, senão músicas de “bons autores”. Por isso existe tanta futilidade por aí.... (FON-FON!, 1941, p.53).

O jornalista aposta que o rádio é responsável pela educação artística da população, por meio da seleção feita pelos profissionais e tocada quando os ouvintes ligam o *dial*. A mídia estaria em congruência ao pensamento da elite no momento em que deseja educar o gosto da população, ou seja, as músicas com maior autenticidade e menor poder de fetichização, como diz Adorno (1996). A mídia faz um agendamento, fazendo uma escolha prévia do que os ouvintes escutarão, conseqüentemente direcionando o público para um interesse. Quando estou falando em agendamento, estou pensando no agenda *setting* e na influência que a mídia tem na formação do gosto, como discutiremos mais profundamente no último capítulo desta tese.

Figura 16: Continuação da Entrevista de Edgar Proença à Revista Fon-fon



PARA QUEM É O RÁDIO?
(Conclusão)

menina de “incomparável” não mais encontrará um vocabulo para saudar, com justiça, uma Bidú Sayão.

P. — *Como encara a orientação das fábricas de discos, em face da nossa verdadeira musica popular e da educação artistica do povo?*

R. — Sem seleção não haverá “educação artistica de um povo”. É por isso que a gente já está perdendo interesse pelas gravações. Ademais é sabido que nelas predomina o interesse comercial. Depois não se gravam musicas por serem boas, senão musicas de “bons” autores. Por isso existe tanta futilidade por aí...

P. — *Haverá um meio de tornar a publicidade radiofônica mais interessante para o ouvinte e mais eficiente para o anunciante?*

R. — Claro que sim. O bom programa é o melhor chamariz para a estação. Corre logo a fama e os ouvintes dão-lhe preferência. Ora, dêsse modo o anunciante verá como é util e eficiente a propaganda pelo Radio. Por isso mesmo, sempre pensei que um bom locutor levanta o moral do peór programa, enquanto o locutor mediocre líquida, desastradamente, o mais lindo programa...

P. — *Julga de interesse duradouro os programas feitos com a colaboração direta do auditório? Qual a diretriz que devem ter esses chamados “programas de auditório”, para o agrado simultaneo dos ouvintes que nêles tomam parte e daquêles que os ouvem de suas casas?*

R. — Há programas de interesse duradouro quando em colaboração com o auditório. Dependente, entretanto, da impressão que os mesmos criarem no espírito público. Primeiramente — e isto é essencial — êsse programa exige um locutor de agilidade mental e de cultura, pronto a encarar as situações junto ao ouvinte, estabelecer diálogos que belisquem a curiosidade publica, mas que não levem nunca ao ridiculo o candidato aos prêmios. O publico é sempre colaborador desses programas, por interesse material ou por entusiasmo pelos “tests” mentais que se lhe apresentam. O que se não deve é afugentá-los com perguntas que o diminuam e o aviltem...

— 56 —

FON - FON

16 - 8 - 1941

Deolinda Ferreira, que os radiofans conhecem e apreciam, ofereceu aos seus admiradores um belo recital de musica fina, no Teatro Casino Copacabana.

Fonte: Revista Fon-Fon, 1941, p.56.

O acesso a rádio, naquele primeiro momento, era um produto da poucos. O que fez com que apenas integrantes da elite fossem ouvintes, bem como os patrocinadores e sócios de rádios clubes que sugiram por todo o Brasil, como vimos anteriormente. A programação não destoava do gosto de seu público. Só na segunda metade da década de 1930 e 1940 é que o rádio começa a ficar um pouco mais popular, com o investimento do governo federal e uma programação um pouco mais eclética, com radionovelas, programas de calouros e músicas ligeiras.

A distinção, pensando junto com o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2017), aparece desde o nascimento das rádio clubes, quando os nomes e sobrenomes dos donos de discos e os mensalistas das rádios são citados e agradecidos. Bourdieu (2017) vai estabelecer que as práticas culturais e as preferências em assuntos como arte, educação, esporte e posições políticas, entre outros, são diretamente proporcionais ao nível de instrução educacional e ao capital acumulado com os diplomas escolares e a herança familiar. Para ele, o gosto não só se discute, como por meio dele é possível classificar e distinguir, aproximando e afastando os grupos sociais que experimentam e consomem os bens culturais. O teórico francês faz correlações entre a herança cultural familiar e o capital cultural abarcado, alertando que as práticas culturais são influenciadas por esses

dois pontos, o que distingue o que será reconhecido como o gosto em cada classe, fazendo com que o gosto seja proporcionalmente associado a classe. Sendo assim, o gosto da alta cultura é mais associado às classes dominantes do que às classes dominadas. Bem da verdade, o gosto e as práticas de consumo serão pressupostos para a distinção, permitindo uma construção de um campo de poder desde o econômico até o simbólico.

Esse poder instituído à uma classe com elevado capital cultural permeia toda a sociedade. O gosto unifica os integrantes das classes e proporciona intolerância a escolha, seleção, preferência dos outros (Bourdieu, 2017). Desta maneira, as classes sociais desprovidas de um elevado capital cultural vão se opondo a classe com menor capital, criando elementos para a distinção. A transmissão dos valores e virtudes fortalece e intensifica a hierarquia da cultura, tendo em vista que o *habitus* encontra-se nas afinidades e encontros de um grupo social, representando as posições ocupadas a partir dos estilos de vida, mostrando que o gosto está associado às condições objetivas de existência (Bourdieu, 2017). Entende-se, aqui, estilo como Regina Facchini (2008), que tem um sentido “espetacular” que seria uma “forma de ‘dar-se a ver’ (ABRAMO, 1994) e comunicar-se, bem como de considerar as múltiplas relações de poder nas quais se inscreve o que é comunicado, abrindo espaço para pensar estilos como operadores de diferenças” (FACCHINI, 2011). O estilo seriam, então, “meios expressivos para negociar espaços e sentidos no campo da luta cultural” (ABRAMO, 1994, p. 37). Desta maneira, o estilo seria uma forma de comunicação com o objetivo de participar dos espaços públicos, espaços esses que podem ser midiaticizados, como é o caso do rádio.

Dito isso, é preciso olhar para a rádio como um meio de comunicação que mantém essa associação entre classe e gosto, por meio dos estilos musicais. É o que vai defender Edgar Proença, na entrevista à Fon-fon!, quando diz que o que é bom dura pouco e cita os programas de várias rádios que seriam destinados à elite. O locutor paraense faz uso de muitos adjetivos para elogiar os programas, como se a experiência de os ouvir fosse um sonho, ou seja, diferente do que se vive na realidade, já que na década de 1940 a rádio era o meio de comunicação mais popular, com muita audiência e que começava a acompanhar seu público. Desta maneira, a linguagem do rádio passou a ser mais direta e com muita veiculação de músicas, bem como radionovelas.

Não é possível dizer que Edgar Proença, sócio fundador da Rádio Clube, era integrante da elite do poder, como propõe Wright Mills (1962), tendo em vista que não é responsável por tomar decisões que guiem o país ou originalmente integrante de uma “casta” proveniente das três ordens institucionais: política, econômica e militar apontadas

pelo autor. Mills (1962) faz uma análise dos Estados Unidos pós Segunda Guerra Mundial, mostrando a constituição da elite americana. Para ele, o Estado, empresas e as forças armadas constituem os meios do poder, seria assim a formação da elite americana. Já a família, a igreja e a escola são instituições com importância, entretanto o poder é restrito se comparado ao poder das três esferas superiores. Segundo Mills (1962) a elite é a classe com o maior prestígio, dinheiro e poder, com uma fonte de riqueza proveniente principalmente de empresas modernas e também de cargos políticos. No momento que há acesso à fortuna o grau de influência vai aumentando gradativamente até que o indivíduo integre a elite política, com cargos intercambiáveis, tendo em vista que um representante do alto escalão do governo pode tornar-se um executivo de prestígio ou chefe militar.

Mills (1962) é um dos autores que fala sobre elite na perspectiva sociológica, muitos outros vão descortinar essa classe a partir de uma visão macroestrutural e de estratificação social. Entretanto, na antropologia a elite aparece como um objeto de pesquisa ainda pouco explorado. Na coletânea *Elites: ethnographic issues* George Marcus (1983) apresenta o argumento de que boa parte dos antropólogos sentiram um certo tipo de resistência ideológica por conta da ambiguidade semântica do termo elite, que pode ser associado a grupos privilegiados, denotando valores excludentes, como riqueza, superioridade e status. Para Marcus (1983), a complexidade semântica é devido o termo ser de referência e não autorreferência para as elites. Sendo assim, não existe um grupo homogêneo, mesmo que aparente para quem olha de fora, entretanto não corresponde a percepção do que os grupos de elite têm de si. Quem pertence à elite identifica horizontalmente diferenças e subgrupos.

As disputas de poder e os conflitos são fontes inesgotáveis dos estudos antropológicos, o que me faz ter interesse por essa perspectiva. Para isso, é preciso ir apurando o olhar para as miudezas, os detalhes e as relações conflituosas na disputa de poder. Para isso, os critérios posicionais (quem ocupa qual posição, quem é casado com quem, a qual clube pertence, etc.) não podem ser os únicos analisados. É necessário observar diretamente, ao longo do tempo, o comportamento do grupo social estudado. Esse é precisamente o domínio adequado da etnografia, uma das principais razões pelas quais acreditamos que a “antropologia tem uma missão crítica a cumprir na resolução desse debate, e que a investigação etnográfica sistemática sobre a natureza das famílias e redes de elite ajudaria bastante a resolver uma questão obsoleta” (HANSEN; PARRISH, 1983, p. 261).

Os estudos das elites permitem uma série de abordagens em diferentes perspectivas, tanto antropológica quanto sociologicamente. É possível fazer estudos com uma preocupação pela linguagem e poder, status e hierarquia, ideologia e consciência, relações de poder, estrutura de poder e mudança social. É o que defende o antropólogo inglês Cris Shore (2010). Para ele, as elites devem ser vistas por uma perspectiva anacrônica, que tem processos dinâmicos ao invés de entidades estáticas ou limitadas. É como o conceito de culturas, assim no plural. Segundo o autor, vários autores como Gledhill, Harvey, Watson, Nugent, Spencer e Tonkin se debruçam em estudar o aumento e a diminuição das elites nacionais contra as correntes da mudança histórica nos países em desenvolvimento, que tem longas tradições de dominação colonial. Entretanto, para ele, as abordagens de economia histórica e política revelam pouco o que está em jogo na política local. É necessário compreender as condições externas e os interesses que promovem e sustentam a elite local. Isso é possível analisando as estratégias que as elites utilizam para se reproduzir entre elas, com conceitos de sucessão e reprodução. Estudar como as elites garantem a sobrevivência requer muita atenção às estruturas de parentesco (SHORE, 2010). Entretanto, não é apenas isso que interessa a Antropologia. Quando se trata de estudos das elites, é possível compreender as técnicas de legitimação da posição.

Para a manutenção do poder e da autoridade sobre o presente, as elites vão utilizar a monumentalização do passado (HERZFELD, 2005) e a memória, que para Ricoeur (2007) tem uma função específica de representar o passado. Os monumentos (desde estátuas até museus) além de comemorar as personalidades da época e rememorar uma temporalidade também constroem histórias que fazem com que as pessoas se identifiquem.

A elite utiliza a memória a seu favor, construindo monumentos e utilizando a História para evidenciar algumas lembranças e memórias. Deixando de lado algumas facetas da História ou acontecimentos como um todo, a fim de que encontrem-se em esquecimento. Os detentores do poder selecionam expressões e acontecimentos de uma determinada memória com a finalidade de legitimar a própria autoridade. Desta maneira, a monumentalização do passado torna-se uma ferramenta poderosa para moldar subjetividades e influenciar como as sociedades recordam (CONNERTON, 1989; RICOEUR, 2007) e como esquecem (FORTY; KUCHLER, 1999; RICOEUR, 2007, VIANA, 2012). Partindo desta ideia, se formos pensar no rádio e nas escolhas feitas para a sua implementação no Brasil e na Amazônia é possível perceber como o meio de comunicação foi sendo moldado para apresentar uma programação ligada aos interesses

da elite, apesar de ter sofrido mudanças ao longo do tempo e ter se tornado uma mídia massiva, com uma programação mais ligada ao popular.

Quando pensamos nos Proença e sua influência em vários subgrupos sociais pensamos em uma família de uma elite cultural paraense. Eles não mantêm relações diretas com a política, com a economia e as forças armadas, mas têm grande prestígio possível pela mídia, que se estabelece como um “Quarto Poder”⁴³. O exercício do “Quarto Poder” se dá no compromisso da imprensa com objetividade no tratamento das notícias, com a representação do cidadão comum frente ao Estado e com o funcionamento eficiente do sistema de divisão de poderes (ALBUQUERQUE, 2000). Os donos das empresas de comunicação passaram a ocupar lugares de destaque na sociedade e, em muitos casos, transformaram-se em uma elite da mídia, com poderes de decisão sobre as decisões do país.

A elite coloca-se como uma classe de valores morais superiores, com acesso às altas rodas de poder que comandam as hierarquias institucionais da sociedade moderna. É isso que nos faz elencar Edgar Proença como integrante de uma elite, tendo em vista que ele ocupou uma posição de selecionador, julgador do bom gosto. O jornalista também fez parte de muitos grupos que o colocaram em prestígio de tal maneira que representou o Pará em encontros em outros estados. A influência do locutor trouxe benefícios econômicos, como a doação de terrenos para a Rádio Clube em dois momentos e bairros diferentes, por exemplo. E uma relação social com políticos, quando Edgar Augusto lembra da comemoração do seu primeiro ano de vida na casa do avô Edgar Proença e a presença do governador do Pará, Marechal Alexandre Zacarias de Assunção, interventor do Estado após a derrubada de Getúlio Vargas. O militar não ficou muito tempo no governo, sendo sucedido pelo adversário, com quem disputava a eleição, Magalhães Barata. A presença do governador no aniversário do neto de Edgar Proença demonstra prestígio e aproximação política.

Edgar Proença e a família não fazem parte de uma elite tradicional da cidade de Belém, com propriedades de terras e imóveis na cidade, tampouco enriqueceram no período da borracha. Eles faziam parte de uma classe média urbana, que vivia no centro da cidade e em grande parte seus antepassados foram funcionários públicos do Estado ou Município. Todos os homens Proença, que antecederam o velho Edgar, tiveram uma

⁴³ Essa expressão é utilizada para demonstrar a influência que os meios de comunicação de massa podem exercer sobre a sociedade (ALBUQUERQUE, 2000).

carreira militar e logo entraram no funcionalismo público, o que proporcionou a eles uma vida economicamente estável, entretanto sem grandes influências. Foi Edgar Proença quem fez um ciclo diferente, participando de inúmeros clubes pela cidade de Belém e trabalhando pela implantação do primeiro rádio do Pará e da Amazônia.

Se formos considerar elites apenas os grupos investidos de poder econômico, político e militar, como Mills (1962), estaríamos excluindo a família Proença dessa categoria. Entretanto, a família pertence à elite se levarmos em consideração as discussões de Bourdieu (2007) e Shore (2010), e elegermos a cultura como um dos principais recursos como legitimação de um grupo social, caracterizado por uma identidade própria, com delimitação de fronteiras simbólicas e uma distinção por meio de um conjunto singular de estilo de vida, gosto, valores, modo de estar no mundo. A dominação simbólica é possível quando um grupo consegue transformar seus próprios modos de vida em padrão para que um outro grupo tenha como comparar.

A dominação simbólica da elite da mídia, como a história da Família Proença demonstra, está intimamente ligada à dimensão do gosto. A indústria fonográfica, no Brasil, vem padronizando o gosto das classes urbanas, com a ajuda de veículo de comunicação de massa, como o Rádio. No entanto antes disso, o Rádio e as emissoras radiofônicas dividiam o mercado em fatias com a finalidade de abarcar as diferentes camadas da sociedade. É uma imposição da escuta, na qual há uma seleção previamente feita e tocada nos programas radiofônicos e televisivos.

A história da Rádio Clube do Pará se inicia com o clubismo em torno de uma seleção de músicas e programas direcionados para os que podiam acessar a frequência da PRC-5. O status de maior rádio da Amazônia a coloca na condição de padronizadora dos gostos de uma cidade que avançava em processos de urbanização e metropolização. A dimensão política dessa relação de poder, entre rádio e público, está expressa nos vínculos que mostramos no início deste capítulo entre a família Proença e as elites políticas do Estado Novo e dos anos seguintes. Os vínculos se materializam, até onde pude investigar, na doação de terrenos para construção das sedes da rádio, na posição de Edgar Proença como representante do Pará em outros Estados para discussões políticas e até mesmo na mediação deste entre coalizões políticas locais.

Ao mesmo tempo não podemos entender a dinâmica de imposição do gosto como um via passiva. A concepção de um paradigma de modelo transmissivo, estudos conduzidos por Paul Lazarsfeld, no qual a concepção simplificada de que emissor e receptor se separam e têm papéis diferentes e bem definidos vigora há mais de 50 anos.

A influência da escola americana foi forte nos estudos comunicacionais em todo o mundo, entretanto a partir da década de 1970-1980 sofreu inúmeras críticas. Na Europa, tem a escola de Frankfurt (teoria crítica), indústria cultural e Estudos Culturais britânicos. A partir da década de 1980 novas perspectivas apareceram como a redescoberta dos estudos sociológicos da Escola de Chicago – cronologicamente ser anterior à *Mass Communication Research* no campo Comunicacional – e o Interacionismo Simbólico, que resultou no paradigma relacional, influenciando principalmente os estudos latino-americanos (FRANÇA; SIMÕES, 2016). Desta maneira, a comunicação é mais do que a simples transmissão de mensagens de um para o outro, ela tem um **paradigma relacional**, no qual não há papéis bem definidos de emissor e receptor. O que existe é um desenho comunicacional mais circular, menos sincronizado. Não há exclusividade de tarefas nos polos. Sendo assim, não existe exatamente um emissor, mas o trabalho de produção e emissão, pois o emissor e o receptor são sujeitos que se afetam e ajustam reciprocamente na interação. Os dois estão em ação, de tal maneira que agem tendo como referencial a ação do outro, de forma dialógica (LIMA; BASTOS, 2012). É este modelo relacional que estou de acordo, pois nesta dinâmica da comunicação pressupõe-se troca, compartilhamento e reciprocidade entre os sujeitos na construção de uma relação de mútua afetação.

A música faz uma ligação entre a mídia e os ouvintes, um espaço preenchido pela narrativa midiática. Esse espaço Swanwick (2003, p.40) chama de intermediário, um lugar aberto que potencializa trocas sensíveis e é vital para cada indivíduo, pois “a música não somente possui um papel na reprodução cultural e afirmação social, mas também potencial para promover o desenvolvimento individual, a renovação cultural, a evolução social, a mudança”. A seleção das músicas que tocam nas rádios é uma construção de narrativa, uma conformidade com as normas sociais, o que valida instituições.

É nesse contexto, portanto, que penso iniciar minhas análises sobre a Feira do Som, objeto central desta tese, como um fenômeno que atesta uma certa da “tradição” de imposição do (bom) gosto para o público ouvinte de Belém, mas que guarda vínculos com a história da PRC-5 e da família Proença. Além disso, entendo que o programa representa também uma evidência de mediações e atravessamentos, que são próprios da relação entre público e programa, dentro de um paradigma relacional, mais circular e menos sincronizado. Vamos nessa, gente?

Capítulo 3. BELÉM DAS FRONTEIRAS

(...)
*Belém, Belém, acordou a feira
que é bem na beira do Guajará.
Belém, Belém, menina morena,
vem ver o peso do meu cantar.
Belém, Belém, és minha bandeira,
és a flor que cheira no Grão-Pará.
(Flor do Grão Pará – Chico Senna)*

*Bembelelém
Viva Belém!
Nortista gostosa
Eu te quero bem.
Me obrigará a novas saudades
(...)
(Manoel Bandeira)*

(...)
*Cada azulejo é o tempo comprimido
De um passado calado nas paredes
O olho de boiuna da saudade
O que há, do que foi, no que será?
(João Jesus Paes Loureiro)*

O sol está à pino na capital paraense, faz muito calor, típico de cidade equatorial. É hora do almoço e apenas quem tem bastante privilégio tira um intervalo do trabalho e retorna para casa para o almoço e faz a típica sesta⁴⁴. Entra no carro, liga o ar condicionado e a rádio já anuncia que logo mais começa a Feira do Som. 11h59, falta um minutinho para a vinheta entrar no ar com a voz do paraensíssimo Walter Bandeira⁴⁵, dizendo “meio diiiiia, está na hora da Feira, da Feira do Som” e a voz do radialista Edgar Augusto romper anunciando o dia da semana “Boa tarde nessa preguiçosa segunda-feira, dia internacional da água gelada, dia da modorra, dia que a ‘Feira do Som’ se esforça para afastar os ‘ais’ e ‘uis’ com muitas novidades, vamos nessa gente!”. Os bordões não saem da cabeça dos ouvintes. Eles repetem com entusiasmo e trago alguns que foram muitas vezes repetidos.

- Meus amigos da Cultura, aqui fala o Edgar Augusto...

⁴⁴ Segundo o dicionário Oxford, sesta é um substantivo feminino, 1. repouso após o almoço. 2. a hora desse descanso.

⁴⁵ Cantor, Ator e Radialista paraense

- *Segunda da modorra, da água gelada!*
- *Quarta já é dia de abrir a primeira!*
- *Quinta, a antessala do final de semana!*
- *Vamos nessa gente!*
- *Beatlemaníacos empedernidos*
- *Vocês que ouviram tanto...*
- *Nos dias de hoje, gente...*
- *E até lá!*

Muitos dos entrevistados disseram usar alguns destes bordões no dia-a-dia. É interessante notar que as frases repetidas no programa há cinquenta anos viraram marca do locutor, do programa e uma conexão com os ouvintes. Isso se entendermos a mídia como um espaço de pertencimento cotidiano, no qual os indivíduos constroem sentidos sobre a vida social, seja criando laços e desfazendo laços a partir das mensagens produzidas. Há o reconhecimento de si e do outro na interação com a mídia, pois se configura como “espaço privilegiado no qual a sociedade fala consigo mesma, a propósito de si mesma” (FRANÇA, 2012, p.12). É a compreensão das experiências da vida cotidiana possível no mundo compartilhado (SCHUTZ, 1974). E é nesse partilhar do cotidiano, sejam os bordões, a companhia diária do Edgar, as músicas e mesmo a cidade vivenciada pela experiência de ouvir a rádio que permitem uma memória coletiva ser tecida no tempo e no espaço.

Os ouvintes da Feira do Som reconhecem-se e muitos pertencem aos mesmos grupos sociais, frequentam os mesmos espaços e têm gostos musicais congruentes. Dos quase setenta ouvintes que entrevistei, dez deles frequentavam o mesmo almoço nos sábados e a minha chegada a esses entrevistados ocorreu de forma aleatória, quase ocasional, como relatei na introdução desta pesquisa. Entretanto, a “memória coletiva é um conjunto de lembranças construídas socialmente” (ABREU, 1998, p. 84), o indivíduo conecta-se ao coletivo, “deste modo, são os pontos de ancoragem, denominados de quadros sociais da Memória, a combinação das lembranças individuais de vários membros de uma sociedade, podendo ser referenciadas a partir de lugares, escritas e narrativas que passam de geração em geração” (SCHMITZ, 2021).

A maior parte dos ouvintes que entrevistei normalmente escuta rádio no carro,

durante o deslocamento para casa. Jules⁴⁶ é ouvinte há pelo menos 20 anos e elegeu a Feira como companhia para percorrer a orla da cidade no trajeto para casa. Ele trabalhava em uma distribuidora de combustível em Miramar e percorria cerca de oito quilômetros para retornar, o que levava em torno de 25 minutos sem trânsito. 12hs, o trânsito fica mais intenso, provavelmente teria um acréscimo de 15 minutos para ouvir a rádio. O mapa abaixo, feito no *Google Maps*, mostra o caminho percorrido.

Figura 17: Mapa da cidade de Belém de Miramar para o bairro de Batista Campos



Fonte: Google Maps

Ouvir a Feira faz parte do cotidiano do engenheiro Jules⁴⁷, 55 anos, tanto que ele já nem lembra quando começou a escutá-la, só sabe que a família inteira deixa o aparelho de rádio sintonizado na Cultura FM quase o dia inteiro, o que fez com que ele, o irmão Nolan, a mãe dona Margot e a empregada doméstica Camille passassem a ser ouvintes atentos e participativos da Feira do Som. O nosso contato foi pelo telefone. Ele não estava confortável em conversar pelo Google Meet e sugeriu que ficássemos apenas nas ligações telefônicas e não pudemos nos ver pessoalmente, pois por conta da pandemia não se sentia confortável com encontros. Desta maneira, a partir do que ele foi me narrando fiz desenhos que representavam a nossa conversa.

⁴⁶ Os nomes dos entrevistados são fictícios. A escolha foi por nomes franceses, por conta da ligação com a Belle Époque, para que não houvesse nenhuma identificação com a lista falada por Edgar Augusto diariamente na Rádio Cultura.

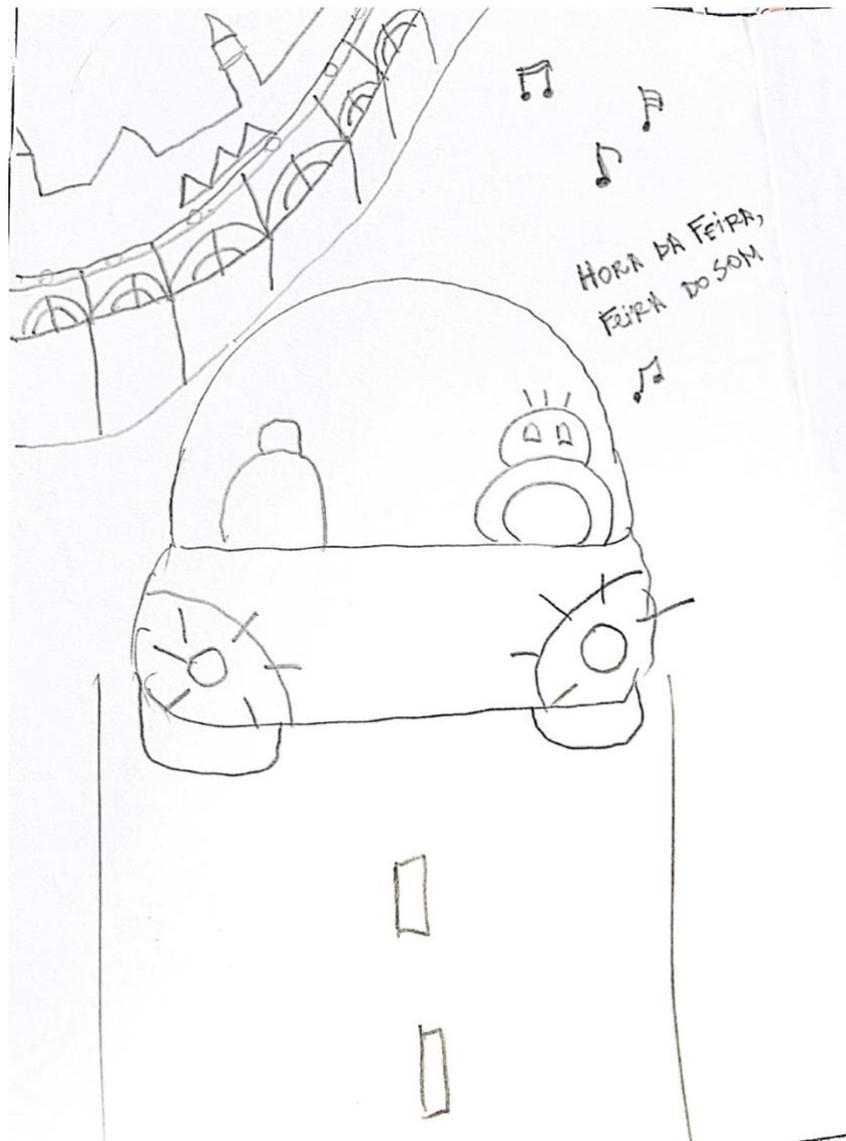
⁴⁷ Entrevista concedida à autora da pesquisa nos dias 17 de março de 2021, 09 de abril de 2022, 31 de maio de 2023.

Figura 18: Desenho do ambiente em que Jules conversou com a pesquisadora



Fonte: Produzido pela pesquisadora

Figura 19: : Desenho da maneira que o ouvinte mais escuta a Feira



Fonte: Produzido pela pesquisadora

Jules conta que:

saía do trabalho vinha ouvindo até aqui em casa. E com a evolução do aparelho celular com o viva voz, eu já respondia algumas perguntas no carro mesmo. Se a pergunta era interessante eu aguardava a resposta mesmo quando já tinha chegado em casa. E as vezes perdia a hora da resposta, ficava só com a pergunta sobre Belém na cabeça. Eu gostava de participar, gostava de ouvir meu nome entre os ganhadores. Eu lembro quando toda a família estava envolvida. A mamãe me ligava dando a resposta. A resposta da pergunta do programa é essa. Ela

ouvia ou sabia. Muitas perguntas se relacionava a Belém antiga. Quando caía sobre telégrafo, bairro onde ela morou muitos anos ou era bem variada era certo que sabia a resposta. Eu ligava para ela e discutíamos as respostas. Assim, ela começou a acompanhar e criou um caderninho com as perguntas para futuras consultas. Ela começou a participar mais do que eu, ficou íntima, a pessoa que atendia o telefone já sabia quem era pela voz e depois virou amiga da família.

Jules buscou uma companhia para enfrentar o trânsito a percorrer. A rádio tem esse papel social de ocupar ausências e permitir uma sociabilidade do indivíduo com os pares, com grupos sociais, com tribos. O rádio é um veículo comunicacional que não pressupõe dedicação exclusiva, enquanto escuta-se a transmissão outras atividades podem ser desempenhadas, como trabalhar, caminhar, dirigir, cozinhar, escrever. Além de preencher o silêncio, o rádio conecta, permite a sociabilidade.

A sociabilidade, para Simmel (2006), refere-se aos eventos sociais que ocorrem com intuito de possibilitar um encontro. A sociabilidade, para ele, é exibida como comportamento social na busca pela resistência às pressões da vida nas cidades. Neste caso, é a busca para superar as angústias que os problemas da metrópole trazem: a solidão, o trânsito, percurso longo e a dificuldade de chegada. A busca pela companhia faz parte da constituição humana, vivemos em sociedade e precisamos das relações sociais para sobreviver, a sociabilidade é essencial para a vida em sociedade (SIMMEL, 2006).

Na saída de casa para o trabalho, Emma⁴⁸, 33 anos, ficou tentando sintonizar, no rádio, o que a agradava e só parou ao encontrar quem preenchesse os pensamentos com informação e músicas. Foi assim que descobriu a Feira do Som e transformou em ritual a escuta no percurso que fazia na saída de casa. De segunda a sexta, Emma percorria cerca de 22km em companhia de Edgar, juntos passavam por diversos bairros de Ananindeua a Belém, até chegar ao bairro da Campina, na rua 28 de setembro.

A Feira do Som eu escutava no percurso para o trabalho, na época eu morava em Ananindeua e trabalhava na rua dos 28, próximo a presidente Vargas, então era um caminho de quase uma hora, aproximadamente 40 minutos. Hoje, eu não consigo escutar mais devido minha atual rotina de trabalho, mas é engraçado que sempre que eu escuto numa situação eventual, o programa me traz uma memória, não só do percurso que era longo e a programação era muito legal, me ajudando a relaxar no trânsito intenso, mas principalmente ela me traz uma memória de crescimento profissional e de conquistas na minha vida. Isso porque eu passei a escutar quando consegui comprar meu primeiro carro. Esse mesmo percurso eu já fazia há alguns meses só que de ônibus, e esse período foi muito difícil, tudo acontecia era muito

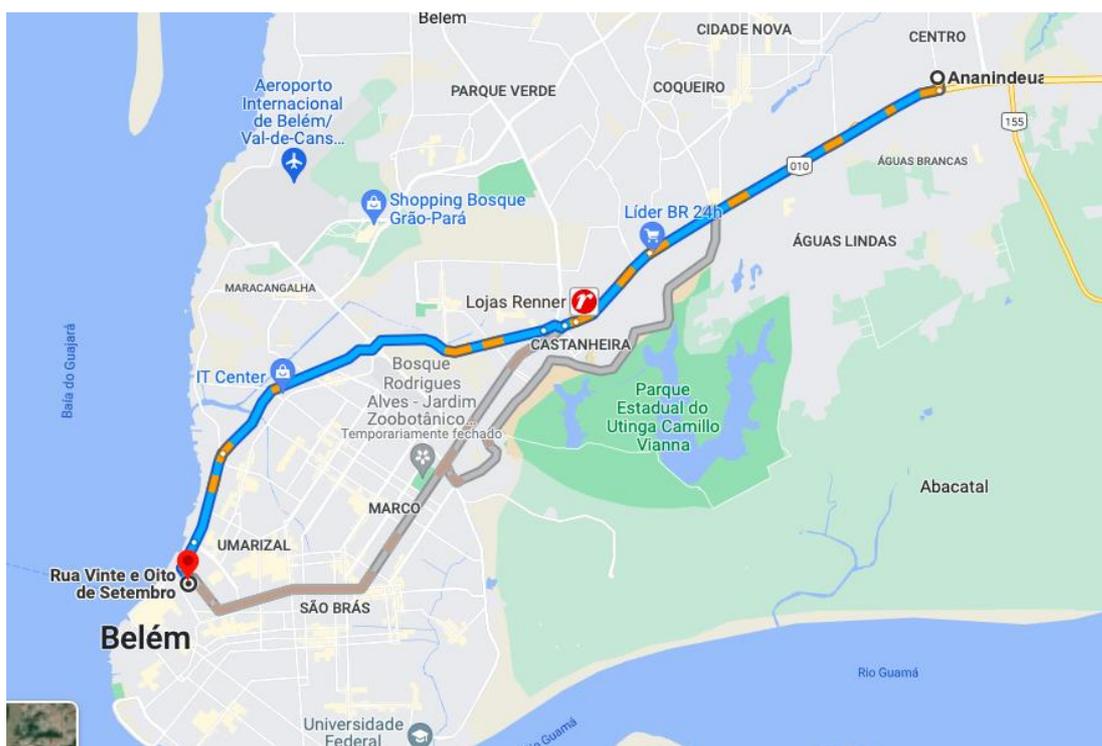
⁴⁸ Entrevista concedida à autora da pesquisa nos dias 20 de maio de 2020, 17 de abril de 2021 e 30 de março de 2022.

ruim depender do transporte público que quebrava e eu tinha que pular roleta de salto e toda arrumada pro trabalho, passar calor quando chovia no ônibus abafado, os perrengues eram muitos. Aí eu felizmente consegui essa conquista pessoal que foi conseguir comprar meu próprio veículo com o meu trabalho e passando pelas rádios procurando músicas eu acabei encontrando o programa, que era sagrado, eu escutava todos os dias. O que mais gostava, era que ele sempre contava uma história sobre a música ou sobre o artista, e era muito legal ouvir a música sobre uma outra perspectiva, sabendo uma história por trás da história que a música conta, isso foi uma das coisas que me ligou ao programa e também pelo estilo musical em si que toca, que gosto muito.

Para ajudar a visualizar o trajeto dispomos de um mapa feito no Google Maps, com saída do destino às 12h40, o horário que Emma saia de casa para conseguir bater o ponto às 14h no trabalho. Sem trânsito, o mesmo caminho poderia ser feito em menos de 30 minutos. Talvez as escolhas das ruas sejam feitas aleatórias quando se inicia um trajeto, entretanto quando o destino é sabido, pressupõe-se que o ordinário faz com que haja preferências, assim como hábitos são tomados e vínculos formam-se.

Escolher ouvir o mesmo programa, optar pela companhia de um locutor durante longos trajetos sem mudar de frequência ou estação radiofônica enquanto encaminha-se para o trabalho diariamente ou quando volta para casa perpassa o compartilhamento do mundo da vida, seja pelo gosto, a credibilidade das informações, o prazer da audição, do sentir junto ao outro sensações promovidas pelas músicas ou pela estética da cidade da Feira.

Figura 20: Mapa de percurso entre Ananindeua e Belém às 12h30



Fonte: Google maps

A estética da cidade é a estética das relações sociais, “percebidas no processo de construção subjetiva do espaço partilhado da cidade, que é perpassada por relações de poder, conflitos e negociações” (SCHMITZ, 2021). Por isso, a cidade se constitui além dos limites imediatos: atuando como alegoria social e o local da sociação (SIMMEL, 2006), o que faz com que a cidade seja uma produção e criação (SIMMEL, 2006), construção social (LEFEBVRE, 1978).

Antes de continuar a narrar e discutir sobre a experiência dos ouvintes na Belém da Feira, é preciso que eu apresente a você que cidade é esta por qual todos os ouvintes, produtores e músicos transitam, inclusive a própria Feira do Som.

Belém é uma metrópole cuja forma nos diz muito sobre sua história de desigualdade e espoliação urbana (KOWARICK, 1980). É costumeiro, ao menos no meio acadêmico, referenciar Belém a partir das suas Léguas Patrimoniais, no caso a Primeira e a Segunda⁴⁹. Contudo para a população em geral essa estranha geografia

⁴⁹ As Léguas Patrimoniais se constituíam em umas das mais costumeiras formas de ordenamento territorial das cidades coloniais portuguesas no Brasil (FONSECA, 2012). Eram doadas diretamente pela Coroa Portuguesa, tanto para concelhos municipais, o equivalente aos nossos municípios de hoje em dia, quanto para particulares, sobretudo colonos fidalgos dispostos a colonizar e explorar parcelas do território brasileiro. Em Belém a Primeira Léguas Patrimonial foi doada e, 1627, pouco mais de uma década após a fundação da cidade, enquanto que a doação Segunda Léguas Patrimonial ocorre no contexto fundiário da validação da Lei de Terras de 1850, sendo doada ao município de Belém apenas em 1899, já no período republicano. Sobre o tema da implantação da Lei de Terras em Belém, consultar: Ventura Neto e Moura

fundiária remete à oposição entre a área central e de melhor infraestrutura da cidade, no caso os bairros da Primeira Légua, que contrastam com os bairros da área periférica da cidade, ou simplesmente área da Augusto Montenegro, que no caso remete aos domínios da Segunda Légua e das antigas propriedades agrícolas que lá se encontravam desde o século XVII (VENTURA NETO; MOURA, 2022).

Contudo não são os aspectos técnicos ou fundiários que, de fato, diferenciam essas duas parcelas de Belém. A distinção se encontra sobretudo na dimensão dos afetos e das trocas simbólicas que as aquelas morfologias urbanas permitem. A Belém da Primeira Légua é a cidade da escala humana: comércio de rua nos principais corredores de circulação, espaços públicos integradas à malha urbana, quarteirões compatíveis com uma caminhada curta, diversidade de usos e de população entre edifícios, densidades urbanas que impulsionam as pessoas para os espaços públicos.

Na Segunda Légua a morfologia estabelecida precisou se adequar ao modal e sobretudo ao parcelamento rural definido para a área no início do século XX, justamente por isso, os encontros são mediados pelos grandes espaços públicos de consumo ou pelas praças que integram as regiões auto segregadas. Na Segunda Légua o cotidiano urbano se divide entre os hábitos da classe média que vive em loteamentos ou condomínios fechados, e os hábitos da extensa classe popular, que consolidou bairros inteiros por meio da ocupação de terras subutilizadas, durante os anos de 1980 e 1990, grande parte delas desocupadas por interesses especulativos (VENTURA NETO, 2015; TRINDADE Jr. 2019).

3.1. Que Belém é essa que toca na Feira?

*Caminhos, passos, pedras de lioz,
em ruas noturnais. Pisar os ninhos
de outros passos, flunar, calcar os pés,
derradeiros botões da solidão.
O tempo a se perder pelas esquinas,
entre arcanos do acaso. Errante eu ando,
com um verso atravessado na garganta
em ruas de-migo-mesmo e de mangueiras
(...)*

*Ai, cidade molhada e nua nas ruas
que essa lésbica chuva lambe e ri”
(João Jesus Paes Loureiro)*

(2020); Abreu *et al* (2017); Ventura Neto (2015); Muniz (1907).

Depois das vacinas contra COVID-19, o meu filho entrou na escola para socializar com outras crianças. E passamos a ligar a rádio no trajeto de volta para casa. Quando Edgar deseja boa tarde já estamos na travessa Quintino Bocaiúva, quase chegando na avenida Nazaré. Meu pequeno tem menos de três anos, mas já reconhece a voz do locutor e as músicas que por lá tocam, escutamos tantas vezes juntos, mas muitas vezes ele pede que mude de música, já que tem preferência por ritmos mais agitados.

O trânsito é intenso da Batista Campos para o Reduto, bairro que moramos e ficamos sempre alguns minutos parados entre um quarteirão e outro. E nesse momento tive a ideia de sintonizar outras rádios para ouvir a programação daquele horário, foi aí que percebi uma mudança de cidade a cada frequência. A cada emissora mudam os estilos musicais, os eventos culturais, os bairros e os discursos sobre a cidade. Cada estação tem um público alvo e constrói uma Belém específica. Nas rádios comerciais, os programas são feitos com os pedidos dos ouvintes, que ligam e interagem com o programa, com informações sobre trânsito e deslocamento pela cidade e também o clima. As músicas mais tocadas não são muito diferentes de outras rádios comerciais pelo Brasil afora. As emissoras evangélicas nesse horário dividem música gospel com evangelização.

Para os ouvintes da Feira, mudar de sintonia é quase impossível. Mathis⁵⁰, 59 anos, que é músico, contou que já tentou fazer essa rotação pelas rádio, entretanto foi convencido a voltar para sonoridade da rádio Cultura. O motivo, segundo ele é que:

diferente de outros programas de rádio, a história de Belém está toda na Feira, suas festas, seus locais, seus cheiros, tudo é Belém. A voz do Edgar já lembra Belém, a pronúncia do português correto cativa você. O programa foi se moldando e está numa fase que é impossível pensar Belém sem uma Feira do Som.

O gosto musical, para Emma, foi o que selecionou o programa. O gosto evoca a capacidade de entendimento sensível do que ocorre ao redor, é a capacidade de responder às vivências e às experiências no processo interativo. Seria então a maneira pela qual o indivíduo coloca-se no mundo, vendo, sentindo e compartilhando uma experiência sensível com o outro, uma intersubjetividade (SCHUTZ, 2012). Voltando a escolha de Emma, foi diante a sensibilidade e as experiências compartilhadas anteriormente que ela selecionou uma companhia para um trajeto solitário.

As outras rádios nesse horário tocavam em geral brega ou sertanejo... coisas que não sou muito fã. As outras rádios era uma programação

⁵⁰ Entrevista concedida à autora da pesquisa nos dias 08 de julho de 2021 e 09 de abril de 2022

“barulhenta”, não necessariamente pelas músicas, mas pelos locutores também e aquelas vinhetas pelo meio da música. E de barulhento já bastava o trânsito.

Voltaremos a falar sobre o gosto e as relações sinestésicas provocadas pelas músicas mais adiante, no quarto capítulo. O importante, neste momento, é pensar a imagem de Belém que vai sendo construída nos ouvintes da Feira. E para compreender isso, eu fiz duas perguntas aos ouvintes *“Qual a Belém da Feira do Som para ti?”* e, em seguida, *“Tu consegues te conectar com essa Belém?”*. As respostas remetem à sensibilidade, ao que é sentido no quotidiano na vivência e experiência do mundo da vida na interação com o programa. São lembranças da sensação de estar em um lugar, uma sintonia que os indivíduos têm em estar nesse lugar e ao mesmo tempo uma sensação de pertencimento, que é uma sensação, ou seja, é ilusória, mas que produz socialização (SIMMEL, 2006).

A pergunta sobre a cidade que a Feira provoca em cada ouvinte mostrou uma Belém paradoxal, na qual contrasta os conflitos vividos no dia a dia e as sensações nostálgicas vivenciadas pela Feira. Em muitos dos relatos que escutei, a cidade experienciada no programa ausenta os problemas sociais e estruturais e exalta uma cultura singular, na qual muitas vozes são silenciadas, inclusive própria cidade emergente.

Nesses anos acompanhando a Feira, dirigindo pela cidade experienciei tanta dicotomia entre o que eu vivia e a Belém que tocava na 93.7 FM que passou a ser uma angústia constante no meu caderno de campo. Angústia para mim, no papel de pesquisadora, mas que é relativizada pelos ouvintes da Feira.

Belém é muito múltipla, ela tem muita coisa assim. A Feira consegue condensar um pouco, principalmente quando se fala de Beatles, né? É interessante como muita gente gosta de Beatles. Ao mesmo tempo tem os lançamentos todos. Não acho que seja tão diferente do que vem sendo feito na cidade, a programação. Então, não acho que seja tão diferente. Acho que realmente é uma Feira, que tu encontras tudo que está sendo produzido e que chega lá. E que eu compreendo que nem tudo chega até lá, porque nem todo mundo ainda consegue perceber a sua obra conectada com a rádio. Ainda não sabe como chegar à rádio Cultura. As músicas que... tanto os artistas que estão indo lançar o seu trabalho quanto os discos que estão chegando de fora lá para ele, ele diz esse disco chegou nas nossas mãos através de...” aí ele cita. Nitidamente, o Edgar passeia pela cidade, ele está na cidade. Eu consigo totalmente ouvindo o programa perceber que é um apresentador que boa parte da cidade ele tem um domínio de conhecimento e eu digo boa parte, porque eu sei que tem uma outra realidade, aqui em Belém, uma realidade muito periférica, que talvez a Feira do Som não abrace tanto, até mesmo porque, acaba que esse nicho, infelizmente a gente chama

só de um nicho, mas é uma música muito grandiosa aqui da Amazônia, digo muito mais do tecnobrega, a música de aparelhagem tem uma outra história, né? Que eu acho que inclusive outros programas da Rádio Cultura dão conta também disso. Mas acredito que a Feira do Som oferece uma conexão com a cidade sim.

A conexão é tanta que Manon⁵¹ se sentir em comunhão a cidade da Feira, principalmente uma cidade musical:

as perguntas que ele faz, as musicas que são lançadas, discos que estão chegando, ele faz referencias, cita. Edgar passeia pela cidade, ele está na cidade. É um apresentador que boa parte da cidade ele tem um domínio de conhecimento. Eu sei que tem uma outra realidade muito periférica que a feira do som não abrace. A Feira oferece essa conexão muito forte com a cidade sim.

Ouvinte a pouco mais de 10 anos, Ruben⁵², 37 anos, assim como Manon, sente-se contemplado pela cidade tocada no programa de Edgar Augusto. Segundo ele, “é sinestésico. Eu penso a cidade, eu penso caminhar por ela. Eu vou sentir os cheiros dela, eu vou querer encontrar as pessoas. Quando eu ouço a Feira, eu tenho a sensação que encontrei meus amigos para papear e ouvir música. É um programa da terra, que te localiza, que você é daqui”. Ruben conta que foi uma namorada que apresentou o programa, mas com o fim do relacionamento, a Feira ficou de recordação. Os dois costumavam ouvir juntos, agora Ruben escuta no caminho de casa para a escola onde ministra aulas e ele chega a percorrer 20 km, um trajeto do centro de Ananindeua até o bairro de Batista Campos, em Belém. Com o trânsito intenso, acaba acompanhando mais da metade da Feira e muitas vezes utiliza o programa como exemplos dentro da sala de aula, compartilha com os alunos músicas e agenda de shows.

A cidade é um lugar de conflitos, onde dialoga-se com realidades paradoxais, evocando memórias que se articulam entre rememoração, lembranças, recordação e afecção. A “presença, na qual consiste na representação do passado, aparenta ser mesmo de uma imagem”. (RICOEUR, 2018, p.25). As rememorações do passado podem ser quase visuais ou auditivas, fazendo com que opere na esteira da imaginação, “voltada ao fantástico, a ficção, o irreal, o impossível, o utópico”, deixando de lado a “memória voltada à realidade anterior, da coisa lembrada e do lembrado como tal” (RICOEUR, 2018, p.26). Ricoeur (2018) faz também a distinção entre a recordação, que seria uma

⁵¹ Entrevista concedida à autora da pesquisa no dia 23 de maio de 2023.

⁵² Entrevista concedida à autora da pesquisa no dia 20 de abril de 2021.

busca ativa, e a afecção que é uma simples lembrança. Para ele, o tempo é a aposta comum à memória-paixão e à recordação-ação.

As sensações experimentadas pelos ouvintes fazem parte de uma memória-paixão. Os sentimentos vivenciados transitam entre o fantástico e aos fatos lembrados. E quando estou pensando em sensação recorro a Merleau-Ponty (1996) que a entende como “a maneira pela qual sou afetado e a experiência de um estado de mim mesmo”, pois se entendemos que o visível é o que se apreende com os olhos, o sensível é o que apreendemos com os sentidos. E são essas sensações, quando acionam a memória, que os ouvintes da Feira foram convidados a visitar.

Mathis é ouvinte da Feira desde os doze anos, quando ligava um radinho amarelo a pilha, para ouvir o som que Edgar selecionava. Foi assim que despertou o interesse pela música e virou um músico profissional e tem uma carreira consolidada de mais de 30 anos. A nossa primeira entrevista foi feita por meio do *Google Meet*, pois o encontro presencial no começo de 2021 ainda era arriscado. Fizemos contato por meio do *whatsapp*, a partir da minha lista de contatos jornalística, e ele aceitou com entusiasmo falar sobre o programa, que foi onde escutou o som que o fez tocar pela primeira vez.

O tom de voz de Mathis é de gratidão quando me relata que a primeira vez que uma de suas músicas tocaram no Rádio foi na Feira do Som. Não pude deixar de pensar em Mauss e no seu entendimento da constituição da vida social ser uma constância de dar e receber. Os vínculos sociais são mantidos a partir dessa dívida e a conexão por meio do agente presenteador é a maneira possível de ver a cidade.

A Belém da Feira do som é aquela que a gente se conecta com a cidade, quando o Edgar cita o fulano de tal lá na Marambaia, aquela coisa, E Por ser um programa na hora do almoço a gente sente o cheiro da cidade, a gente sente o cheiro da chuva, do mormaço e a gente consegue conectar exatamente o que a gente tá escutando, a música que é feita na cidade, no Brasil e no mundo. A cidade vem junto com o programa. O Programa já é a cara da cidade.

A Feira permite que ele se conecte com Belém e mate a saudade quando está fora do estado. Hoje, é possível escutar a programação da Rádio Cultura por meio do Portal Cultura, o que permite acessos de várias partes do mundo. Essa proximidade, quase que íntima, é uma característica do rádio. Desde o seu nascimento, o rádio desenvolve uma relação interativa com o público. Desde os grandes e raros aparelhos que compunham as salas das casas de elite, com famílias, amigos e vizinhos reunidos para ouvir as notícias até os pequenos aparelhos presos ao ouvido num campo de futebol, o rádio sempre esteve

associado ao companheirismo. Desta maneira, a emoção faz parte dessa relação de proximidade entre ouvintes e rádio.

McLuhan (1971:335) relata que, certa vez, uma pessoa foi consultada, por ocasião de uma pesquisa de opinião sobre o rádio, e disse: “Quando ouço rádio, parece que vivo dentro dele. Eu me abandono mais facilmente ao ouvir rádio do que ao ler um livro”. Para Nunes (1993:40), o rádio trabalha no sentido da superação das perdas: “O rádio, como ser da cultura, reproduz em suas pautas mecanismos simbólicos cuja intenção é superar as perdas que desestabilizam o homem. Cruzamento entre os processos da natureza e os da segunda realidade.” (PRATA, 2004).

A sensação de estar dentro do rádio ocorre pela construção sugestiva da imagem na narração dos radialistas. Diferentemente da televisão, que trabalha com a imagem em movimento, que deixa a imaginação um pouco de lado, o rádio idealiza e insinua imagens, tendo como característica a sensorialidade, o que permite que as mensagens tenham nuances individuais, subjetivas, de acordo com a vivência de cada ouvinte.

Jules, que compartilha com a família a audiência da Feira, percebe Belém apartada da periferia. Belém, para ele, não ultrapassa a fronteira dos cartões postais.

A Belém da Feira do Som é a verdadeira Belém, a Belém da cidade Velha, do Ver-o-Peso, dos botecos, da caipirinha, a Belém gostosa, a Belém morena. Essa é a sensação que eu tenho e a gente consegue se conectar com ela e todos os amigos que fazem a Belém de verdade. Os amigos da feira são meus amigos também, a grande parte. Os abraços para os amigos, muitos deles eu conheço e faço parte disso então é muito legal e conecta com Belém. E a sensação é de ouvir tudo isso, de ouvir os sons e os cheiros... novamente o ver o peso, com seus cheiros e cores e toda a belenice que surge, que brota daquela parte da cidade. A Feira do som pra mim é isso.

É importante ressaltar que o Ver-o-Peso da fala de Jules não remete à feira e todos os sons que lá ecoam, como o descarregamento dos peixes e frutas dos barcos vindos das ilhas próximas que ancoram no cais. Tampouco retrata a venda de CDs piratas em ambulantes que colocam em caixas de som as músicas mais tocadas nas rádios comerciais. A fala de Jules deixa de lado o burburinho das erveiras, feirantes e compradores e o trânsito intenso que ressoa buzinas constantemente. O Ver-o-Peso na fala do ouvinte é do Festival Gastronômico “Ver-o-Peso da cozinha paraense”, que traz chefes internacionais e nacionais para conhecer as iguarias amazônicas e elegem os melhores pratos das boieiras⁵³ da Feira e levou a classe média belenense a visitar o espaço.

⁵³ Que faz a boia, já virou um termo formal para as cozinheiras dos boxes do Ver-o-Peso.

Muitos dos ouvintes, ao escutarem a Feira do Som, percebem uma Belém na qual pulsa ‘cultura’. Selecionei a fala de Noam⁵⁴, um interessado em música, principalmente internacional.

Belém da Feira do som pra mim é uma Belém plural, uma Belém cultural, uma Belém tradicional também, porque esse é um programa muito antigo que vem desde a Rádio Clube, então fala um tanto também sobre a cultura do rádio na nossa cidade. Um programa que convida o ouvinte para curtir essa Belém efervescente que é um dos grandes pontos fortes da cidade pra mim. A partir do programa me conecto com a cidade, por que o Edgar faz referência a várias coisas da cidade, ele faz perguntas sobre a cidade, as perguntas do grisalho couro, ele cita pessoas da cidade e fala sobre a cena cultural da cidade constantemente e fora a maneira dele de narrar o programa, a locução dele é muito característica, acho que já se tornou um patrimônio radiofônico da cidade por assim dizer.

A Belém cultural precisa ser problematizada, se a seleção de músicas e eventos anunciados faz com que os ouvintes remetam a uma cidade efervescente no quesito cultural. O que faz eu lembrar das discussões feitas pela antropóloga Manuela Carneiro da Cunha (2009) em *Cultura com aspas*”, no qual existe uma cultura e uma “cultura”.

Os sons, cheiros e sabores que o ouvinte diz sentir ao escutar a Feira do Som deixam de lado as periferias da cidade. Pensar apenas na faceta gostosa de Belém, sem as problemáticas de metrópole, é ausentar-se da presença de ambiguidades, contradições e conflitos vividos no cotidiano da cidade. “Nunca se está diante da cidade, mas sempre dentro dela” (ROLNIK, 2011, p.12), vivenciando as pluralidades de estilos, formas, partilhando encontros e desencontros.

Cada ouvinte construirá uma imagem sobre Belém a partir da interação com o programa. Em contraponto a Mathis e Jules, Emma, percebe uma cidade que vai sendo moldada de forma contraditória, uma é a cidade que ela vivenciava no dia a dia e a outra era a cidade que a Feira representava. Como moradora de Ananindeua, ela entrecortava a nova e antiga Belém para chegar ao destino final que ficava no bairro da Campina, um dos bairros mais antigos da cidade. Quando ela pensa em Belém e tenta construir uma imagem pensa nas contradições que dividem as esquinas.

O povo andando de um lado pro outro, comércio fervilhando, comida pra todos os lados, artesanatos sendo vendidos nas calçadas, pessoas correndo atrás do seu “ganha pão”. Eu me lembro da força do comércio, área do bairro da campina, gente dando duro mesmo eu via muito isso, e era um lugar de muita diferença econômica entre as pessoas, ao

⁵⁴ Entrevista concedida à autora da pesquisa no dia 09 de abril de 2022.

mesmo tempo que tinha pedintes, e gente vendendo o que podia pelas calçadas, pessoas empalestadas que trabalhavam em bancos que tinham por ali ou em outras repartições passavam por essa mesma calçada.

Já a Belém da Feira, opta por deixar de lado as mazelas sociais. E alguns desses ouvintes não deixam de perceber as contradições, mesmo que elejam a cidade que toca por lá.

A Feira toca, na minha percepção, uma Belém menos frenética, por isso inclusive me relaxava ir escutando. Eles demonstram lá uma Belém muito cultural. O apresentador falava muito sobre serviços nesse sentido, que iam ter apresentações de artistas, ou exposições. O programa me remete muito a cultura local. Apesar de tocar músicas nacionais e até internacionais. Mas o programa realmente remete a Belém e a cultura daqui, artistas locais.

A programação da Cultura, tanto rádio quanto TV, simplificam a representação social, como dissemos anteriormente, no primeiro capítulo e retomaremos mais adiante. Os conflitos vão sendo negados e a cultura vai sendo padronizada de tal maneira que esvaziasse as discussões políticas presentes em temáticas como arte, culinária e religião. Quando entrevistei Noam, ouvinte fiel da Feira, pude perceber que o frenesi é pela cena musical que Belém promove e eventos que ocorrem nos bairros centrais, assim como músicas que as classes média e elite cultural se identificam.

Belém da Feira do som pra mim é uma Belém plural, uma Belém Cultural, uma Belém tradicional também, porque esse é um programa muito antigo que vem desde a Rádio Clube, então fala um tanto também sobre a cultura do rádio na nossa cidade. Um programa que convida o ouvinte para curtir essa Belém efervescente que é um dos grandes pontos fortes da cidade pra mim.

A partir do programa me conecto com a cidade, por que o Edgar faz referência a várias coisas da cidade, ele faz perguntas sobre a cidade, as perguntas do grisalho couro, ele cita pessoas da cidade e fala sobre a cena cultural da cidade constantemente e fora a maneira dele de narrar o programa, a locução dele é muito característica, acho que já se tornou um patrimônio radiofônico da cidade por assim dizer.

A sensação que eu tenho, primeiro, que é a hora do almoço. A gente sabe que a feira do Som começa ali naquele horário do almoço. Normalmente eu escuto quando tô no carro, então tô indo fazer alguma missão e já me situo no horário. Eu gosto muito de alguns quadros que tem no programa, como o cantinho dos Beatles ou dos Rolling Stones, gosto dessa atualidade que ele faz também no programa, com novas versões de músicas antigas. E ouvir as músicas que eu gosto no programa do Edgar é legal, é aquela situação de que a gente se pega às vezes de chegar no lugar... eu, por exemplo, como falei sempre escuto quando estou dirigindo, então se tá tocando uma música que eu gosto, eu paro e espero mais um pouquinho e espero ela terminar. E depois

desligo a rádio e o carro e vou fazer o que tenho para fazer, então tenho bem essa relação com o programa.

Não tenho como deixar de pensar no que diz a antropóloga grega Nádía Seremetakis (2019) sobre a estrutura sensorial moderna ser inerentemente irônica, tendo em vista que a esfera sensorial é vivenciada de tal maneira que as transformações profundas que ocorrem nela ou são impostas a ela, tomadas de forma imperceptível ao olhar individual. Por isso, a vida quotidiana na modernidade se torna um local para transformação de longo alcance, como um fluxo contínuo de uma temporalidade não narrada, que ultrapassa a consciência individual e coletiva. Normalmente, o sensorial é deixado sem voz, sem atenção, como um elemento banal do quotidiano, de construção cultural do “público e do dizível”, mas que possibilitam criações de zonas de memória e experiências privadas e inadmissíveis em contraponto, o que vai funcionando como espaços de amnésia e anestesia social.

A Feira é parte da vida de muitos belenenses, participando do cotidiano desses ouvintes e da cidade. Quando eu falo em cotidiano estou refletindo com Simmel (2006) e Maffesoli (1998), que entendem o cotidiano como o mundo da vida, na qual ocorre socialização (SIMMEL, 2005). Para Simmel (2005), os indivíduos influenciam e são influenciados, bem como estão ligados uns aos outros, mesmo que não haja uma interação direta. E o lugar de encontro é a cidade, na qual há motivações para a interação a partir de sensações, como paixões, desejos, angústias, gostos e formam uma unidade (SIMMEL, 2005) ou uma tribo⁵⁵ (MAFFESOLI, 1998a). Por exemplo, o público que faz a Feira é composto, em sua maioria, por homens entre 40 e 59 anos, com nível de escolaridade superior, empregados em empresas privadas ou empregadores e pertencem a classes A e B, segundo dados da RConduru Pesquisa, disponibilizada a esta pesquisadora por meio do proprietário da empresa. Os ouvintes da Feira compartilham a experiência de escuta no mesmo tempo, sintonizando a 93.7 mhz no começo da tarde, entre o almoço e a chuva. É o tempo das tarefas sociais, que permite que o indivíduo esteja aberto à experiência da vida coletiva, do partilhar com o outro em um mesmo espaço-temporal sensações e vivências.

O rádio acompanha os ouvintes em suas intimidades. O radialista e os ouvintes compartilham um “sentir comum” (PAIVA, 1997), um estar junto (MAFFESOLI,

⁵⁵ As tribos urbanas para Maffesoli são classificadas como grupos sociais com interesses em comum, hábitos, ideias semelhantes, mesmo gosto musical.

1998b), criando uma sensação de pertencimento ao mesmo mundo “o rádio permite ao ouvinte o reconhecimento da ligação homem-mundo que dá ao sujeito a dimensão da sua existência.” (PAIVA, 1997, p. 553). A comunicação com a cidade é dialógica, pois posso ter as minhas próprias preferências ao caminhar por Belém, escolhendo meu próprio itinerário pelo “fluxo emotivo que se libera quando atravesso essas ruas e não outras” (CANEVACCI, 1993, p.22). Os espectadores experimentam a cidade a partir da própria bagagem experimental e na própria maneira de interagir. A mesma coisa ocorre quando sintonizamos uma rádio e somos conduzidos por suas ondas sonoras.

O ouvinte de rádio caminha pela cidade, como um *flâneur* (BENJAMIN, 2010), mas de forma diferente do homem moderno do século XX que percorria sem rumo as ruas de Paris e distinto de personagens românticos de obras literárias do século passado, que nos conduziam pela cidade e partilhavam suas caminhadas a esmo. “*The flâneur dwells in the streets with “cool but curious eyes” (Rignall 1989: 112); he is the constant observer of the ever-changing spectacle that emerges around him*” (SCHIPPER, 2017)⁵⁶.

É importante não olhar para o flâneur apenas como um observador, ou seja, não é apenas um espectador passivo que espera ocioso a paisagem montar diante de si como um quebra cabeça. Ele é um coprodutor da vida cidadina, pois além de observar pode participar e mudar essa paisagem urbana, tendo em vista que para Benjamin (2010) a cidade é um espaço que muda constantemente de aparência e funcionalidade dependendo de seus habitantes e visitantes, como um rizoma, proposto por Deleuze e Guatarri (2007) em *Mil platôs*, que conecta pontos e permite ligações com outros contextos sociais.

As cidades e os contextos mudaram, o que fez alguns acreditarem que o flâneur partiria, que ficaria na lembrança do século XX. Todavia, nem mesmo o trânsito caótico, as pandemias e o caos urbano mataram o flâneur, ao contrário, foi esse contexto que permitiu que sofresse mutação, metamorfose (MAIA, 1997). O lugar do flâneur deixa de ser apenas as ruas, um espaço físico e expande para as mídias, rádio, televisão, internet, etc.. O interesse passa a viver experiências, muitas vezes pautadas pelo consumo, sem prestar tanta atenção aos sujeitos e mais aos objetos. Debruça sua atenção aos sujeitos quando são mercadorias. Para Benjamin (2010), ele é criado e (re)produz os olhares da cidade, com a incorporação de “uma identidade coletiva que impele o homem da cidade para um comportamento automatizado” (MAIA, 1997), pois a globalização sufoca as

⁵⁶ “O flâneur habita as ruas com “olhos frios mas curiosos” (Rignall 1989: 112); ele é o observador constante do espetáculo em constante mudança que emerge ao seu redor” (SCHIPPER, 2017), tradução minha.

liberdades sociais e unifica comportamentos, incluindo o gosto. Os desejos parecem ser apenas seus e ao mesmo tempo pertencem a toda massa.

Sendo assim, o ouvinte caminha pelas ondas sonoras sem compromisso, sem destino fixo, mas não uma caminhada inocente, pois a cidade do andarilho tem história e relações sociais, carregando tensões, crises, políticas, lugares que gosta e desgosta (ROCHA; ECKERT, 2005). A cidade pode ser ouvida a partir da rádio e a partir dela o ouvinte cria memórias, constrói relações e identificações com o lugar. Para visitar a cidade o *flâneur* não precisa sair de casa, tampouco caminhar pelas ruas, basta olhar pela janela, sintonizar a rádio, assistir a um telejornal ou acessar o *Google Street View*. E para fugir do massivo e do anonimato, a busca por uma identificação e encontros confiáveis faz com que a sociabilidade se torne seletiva. Dificilmente haverá busca por novos programas de rádio, televisão ou uma infiltração em novos grupos se o ouvinte encontrou o que entretém e interessa. Entretanto, a partir desse movimento grupos pertencentes a classes mais altas multiplicam e privatizam as ruas, determinam as regras e os limites, inclusive do gosto, deixando os espaços de convivência padronizados.

Os ouvintes da Feira do Som constroem uma espécie de parada obrigatória, na qual podem caminhar pela cidade construída pelo programa, uma Belém carregada de saudosismo. Isso porque cada ouvinte tece uma história com o programa, tendo em vista que há 50 anos os sujeitos andam por um lugar construído pelo locutor Edgar Augusto por meio da narrativa, pelas histórias que conta, pelas perguntas faz e também pelos eventos que anuncia, bem como pelo som que seleciona. Essa cidade revela-se múltipla (ROCHA; ECKERT, 2005), pois acolhe os passos e passa a existir na relação com o sujeito, mesclando gosto, histórias e vivências imagéticas e sonoras, que constrói memórias individuais e coletivas. É isso que chama a atenção de Pierre, historiador de formação, tem um encanto por Belém, assim como Edgar.

A minha relação com a Feira do Som é sempre a afetiva. O que eu mais gostava eram as enquetes sobre ruas, praças e prédios que a cidade tem e os nomes que eles tinham. Nesse momento eu estava me deslocando de um trabalho para outro e era o momento de ouvir narrativas desses lugares e descobrir novos cantores e cantoras.

As perguntas que Pierre se refere são feitas em um quadro do programa, criado em 1984, quando a Feira migrou das rádios comerciais (Rádio Clube e Cidade Morena) para a Rádio Cultura. Os questionamentos são sempre sobre a Belle Époque ou uma Belém lusitana e de outrora, com perguntas sobre personalidades, nomes de ruas, datas

comemorativas, locais específicos que existiram na cidade em um determinado momento e deram lugar a novos espaços. Durante uma das conversas que tivemos Edgar Augusto contou sobre o “perguntador-mor e juramentado do programa Grisalho Couto”, que passou a ser um personagem querido e conhecido pelos ouvintes.

Foi uma ideia só minha. No princípio, no começo dos anos 1980, já na rádio cultura. A rádio Cultura não pode informar errado, é uma emissora educativa. As gravadoras começaram a oferecer prêmios. Eu comecei a imaginar... as pessoas tinham que responder perguntas para ganhar, não podem ganhar assim do nada. Eu vou perguntar algumas coisas sobre Belém. A televisão trazia informações sobre Rio e São Paulo, muito pouco sobre Belém. Comecei, então, a pesquisar, estava cheio de adeptos, contribuintes colaborando. Até que apareceu um rapaz de cabelos grisalhos que trabalhava na biblioteca da Funtelpa. Ele trouxe a pergunta um dia, dois dias e não parou mais. Ele datilografava e me aparecia todos os dias com aqueles cabelos brancos e as perguntas. Chamavam ele de Couto, passei então a chama-lo de Grisalho Couto, mas o nome correto parece que é Sérgio de Campos. Teve um dia que eu não fiz a pergunta dele e a bibliotecária me chamou atenção, ele ficou magoado... acreditava que todas as perguntas seriam dele. Então combinei que citaria o nome dele todos os dias mesmo que as perguntas não fossem mais dele. Eu criei o personagem. Foram 15 anos me entregando todos os dias as perguntas, até que se aposentou e foi morar em Mosqueiro. Ele faleceu ano passado, aos 74 anos, de covid. Agora, os colaboradores fiéis são Michel Pinho e o Aldrin Figueiredo. Eles enviam as perguntas. A Alessandra Caleja [produtora do programa] também faz perguntas e já me diz a melhor para o dia. Ela sugere, faz o filtro e também faz de acordo com a época, no carnaval faço uma semana de perguntas sobre o carnaval de Belém e no Círio também. As vezes ela vem com umas perguntas difíceis e as pessoas não podem pesquisar, estão no trânsito, preciso que as perguntas sejam mais corriqueiras, sobre Belém... para que as pessoas lembrem e possam responder. Quero muitas pessoas participando.

A Feira tem apenas uma jornalista na produção, Alessandra Caleja. Para ela, Belém da Feira é a Belém do Grisalho Couto, uma cidade que a maioria da população precisa conhecer ou puxa na memória para lembrar. É a história das ruas da Cidade, que traz nomes de Personalidades marcantes para a Estado ou País, Bairros, Prédios Históricos, Datas importantes, a própria Fundação e ocupação histórica e outros assuntos que as pessoas precisam conhecer melhor para poder cuidar mais do que é nosso.

No comecinho da minha narrativa sobre a Feira do Som e a minha entrada no campo, contei sobre uma interlocutora que Alê – apelido pelo qual ela é conhecida na Rádio Cultura – a produtora do programa, me relatou anotar diariamente as perguntas em uma agenda. O contato foi guardado, mas demorou a ser utilizado. Em 2020, precisei encontrar estratégias para começar as minhas entrevistas, já que o contato presencial não

era possível, como relatei na apresentação da tese. Sendo assim, o primeiro contato com os meus entrevistados foi por telefone, conversas que renderam algumas horas, boas informações e o começo de uma aproximação.

Abri a minha agenda de contatos no e-mail, digitei o telefone de dona Margot no celular e pensei rapidamente enquanto chamava “espero que ainda seja este número”. Alguém atendeu do outro lado, eu me identifiquei, expliquei o que estava fazendo e pedi para falar com a dona Margot. O silêncio veio. Foram alguns segundos esperando uma resposta. A voz masculina parecia meio embargada, mas com muita calma e educação disse que ela estava acamada e traqueostomizada⁵⁷ e a fala estava prejudicada, apesar da cognição estar em perfeito estado. Confesso que nesse momento, o meu mundo caiu. Era o primeiro contato com ouvintes que eu fazia e sentia como se meu campo fugisse de mim mais uma vez. Ele disse que era um dos filhos dela e se apresentou como Nolan.

Estávamos quase desligando o telefone, quando um *insight* passou pela minha cabeça imediatamente e perguntei se ele acompanhava as escutas do programa junto a mãe. O meu humor logo mudou, quando ouvi a voz de Nolan ensolarar: “*é claro, toda nossa família acompanha a Feira*”. Indaguei, então, se aceitava conversar comigo sobre o programa em um outro momento, que faríamos a entrevista pelo telefone ou via *google meet* para preservar nossa saúde. Nolan elegeu o telefone como intermediador e agendamos para uma semana mais tarde. Nesse meio tempo, fui reler o perfil que Daniela Pinheiro escreveu para Revista Piauí sobre a presidenta Dilma Rousseff sem nenhuma entrevista com a presidenta, apenas entrevistas com pessoas ligadas à ex-chefe do executivo brasileiro. Imaginei que seria importante para conseguir trazer dona Margot para essas páginas sem ouvi-la. A família inteira chega pelas narrativas de Nolan. Jules, que também aparece nessas páginas, é irmão de Nolan e descobrimos isso durante as entrevistas, apesar de ser uma coincidência. As conversas com Jules também ajudaram a entender a relação de dona Margot com a Feira.

Já era a hora agendada para a entrevista com Nolan, 58 anos, comerciante. Preparei o aplicativo para gravar ligação, testei o fone de ouvido, entrei no quarto silencioso e liguei para o telefone de Nolan no horário agendado. Tivemos problemas com a ligação, mas o *whatsapp* nos auxiliou. Logo, conseguimos contato e começamos a conversa. Primeiro eu quis saber se ele lembrava quando começou a escutar a Feira. Ele

⁵⁷ Traqueostomia é um procedimento cirúrgico invasivo de garganta, utilizado em pacientes intubados e acoplados em respiradores mecânicos.

não parecia ter certeza da quantidade de anos, mas decidiu-se por “*mais de uma década, em torno de 13, 15 anos. Quando eu ia para a casa da minha mãe e sempre estava sintonizada na Cultura*”. A escolha pela rádio é costume de família.

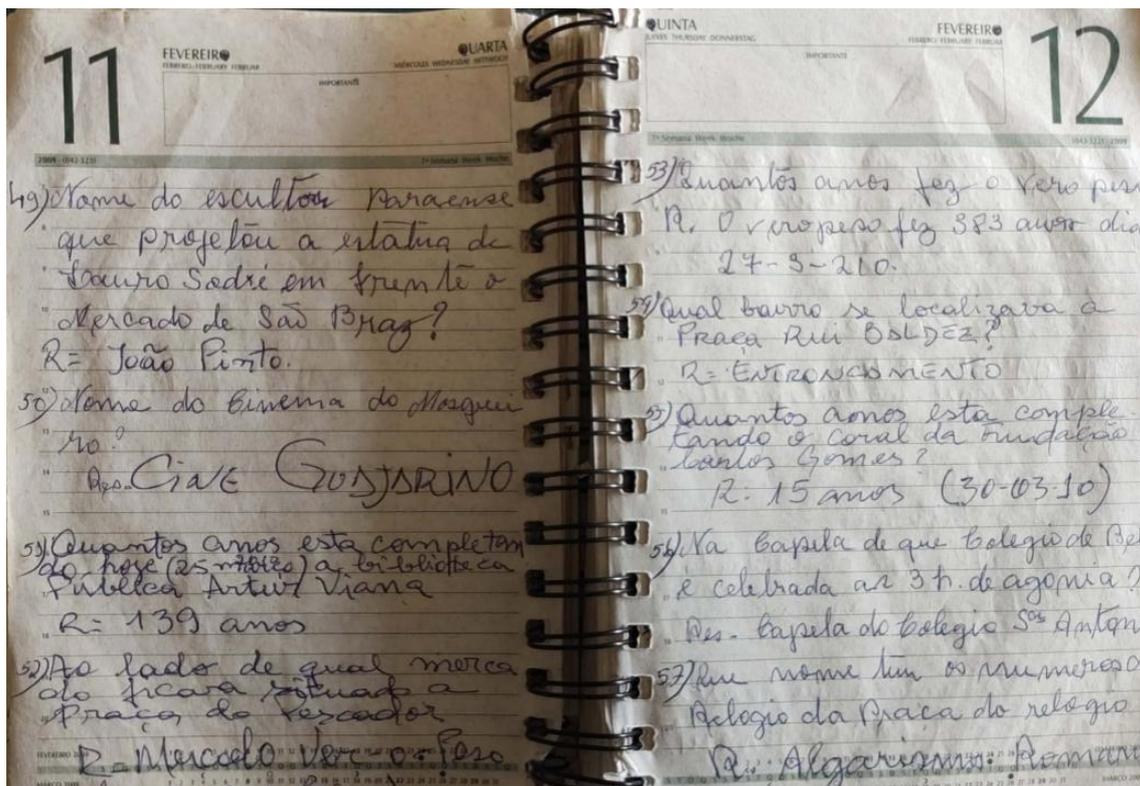
É uma rádio que a gente sintoniza por causa da programação, que é de preferência nossa. Eu levo essa influência para onde eu vou, não gosto de escutar outra rádio, não gosto de propaganda, nem de fala-fala. Eu gosto da programação musical, é o nosso feito familiar. A minha mãe gosta muito. Depois do falecimento do meu pai ela procurou esquecê-lo e se acostumou a ficar de meio dia às duas da tarde, ficava ouvindo o programa. No começo era por causa das músicas, depois era mais como um passatempo para responder as perguntas do Edgar Augusto. Depois que ele dava a resposta ela perdia o interesse em ficar no programa. Era o aval para desligar o rádio, mas normalmente a gente ficava até o final porque gostávamos do quadro no tempo dos titulos.

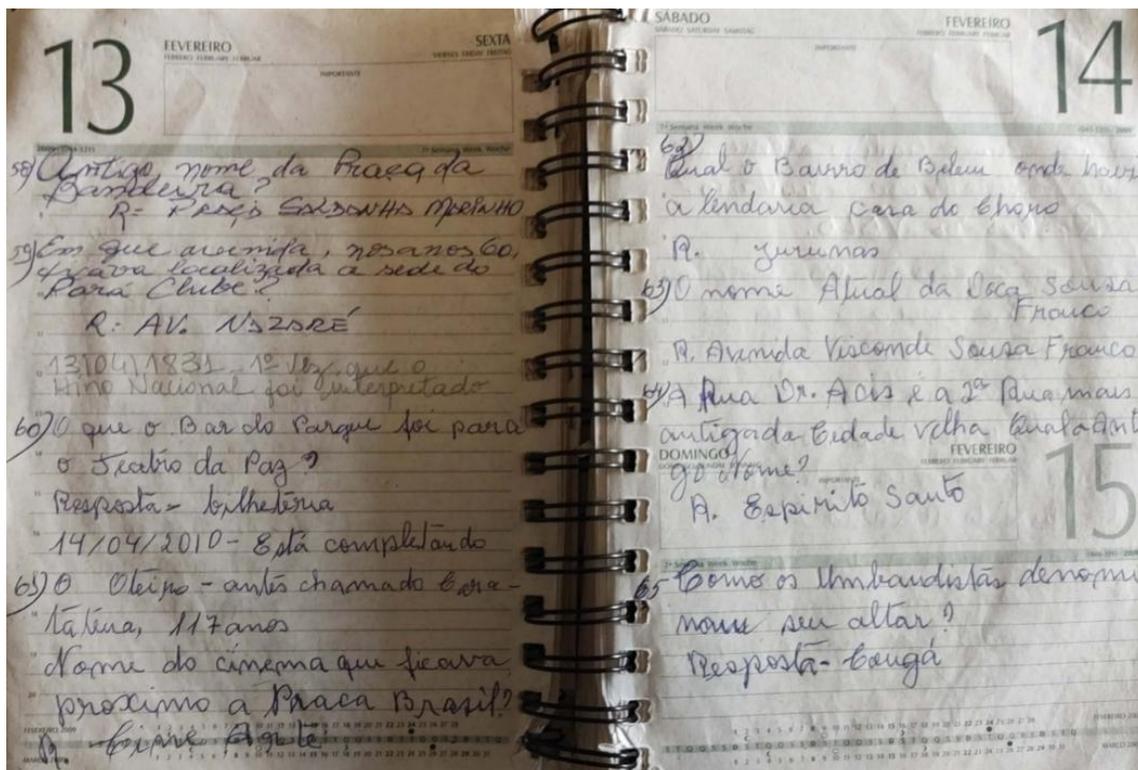
O luto de dona Margot foi superado ouvindo rádio, descobrindo a cidade uma outra Belém a partir de Feira do Som. Quando o marido faleceu ela perdeu o interesse pela vida, ficou tão triste que foi desgostando dos afazeres quotidianos, que já pareciam não ter sentido. Foram 55 anos casada, compartilhando a vida e os negócios. Os dois moraram por longos anos no bairro do telégrafo, no qual tiveram uma sorveteria, açougue e batalharam a vida para custear os filhos. A fatalidade levou o marido, o sorriso e o ânimo. Os filhos depararam-se com um luto e o medo de que a mãe entregasse a vida à saudade e buscaram novidades para distraí-la. Foram os filhos que apresentaram a Feira, mas não lembram bem de como deu-se o encanto, só sabem contar que ela abraçou o programa e começou a participar com tenacidade. Foi nesse momento que alugaram os pontos no telégrafo e foram morar em Batista Campos, em frente à praça, um dos espaços mais desejados da cidade, depois da Doca de Souza Franco. Era preciso conhecer esse novo espaço que habitava e criar novas memórias.

Edgar Augusto, o radialista, foi ganhando espaço na rotina de dona Margot e as perguntas sobre Belém geraram anotações diárias em agendas dedicadas à Feira. O filho de dona Margot perguntou se eu tinha interesse em ver as agendas, agarrei a oportunidade e busquei na portaria do prédio deles. Foi uma descoberta que me encheu de emoção. Recebi duas agendas, com as perguntas escritas a mão, com muita dedicação, cerca de dez anos acompanhando as indagações de Grisalho Couto, o perguntador juramentado da Feira do Som, com respostas e comentários. O filho contou que “*eram mais cadernos, só encontramos esses que entreguei, eu e Camille procuramos bastante*”. Camille era a empregada doméstica da família que auxiliava dona Margot na rotina do dia.

Quando folheei as agenda senti-me grata e abri um sorriso enorme com aquele achado. Duas agendas com muitas anotações. A primeira delas, tinha a contabilidade da casa, valor do gás, da luz, coisas do dia – a – dia. E foi no meio dessas vivências que dona Margot encontrou espaço para a Feira. As anotações aparecem geralmente com a letra da dona Margot escritas com canetas preta ou azul. Normalmente é tudo muito legível. Em alguns momentos a grafia difere e Nolan me explicou ser de Camille.

Figura 21: agenda de ouvinte com perguntas feitas no programa





Fonte: Ventura, 2023

Alessandra, produtora do programa, contou que Camille ligou muitas vezes em nome da patroa, respondendo às perguntas. Perguntei se ela era reverenciada na Feira com abraços, mas a resposta foi negativa. Durante quase 15 anos, Camille escutou o programa, interagiu e sequer teve o nome divulgado. Camille conta uma história diferente, como vamos ver no capítulo quatro.

No primeiro momento, tentei, muitas vezes, contato com a Camille por intermédio de Nolan e por meio de um número de celular que foi cedido, enviei inúmeras mensagens no *whatsapp*, entretanto ela não respondeu. As mensagens são visualizadas, mas nunca respondidas. O meu interesse era em entender o significado do programa para ela, se as músicas que tocavam lá era o que gostava de escutar e se ela tinha alguma identificação com o programa. Nesse momento, vislumbrei inúmeros motivos para ela não querer participar e talvez nenhum seja o real. Edgar disse que tentou convencê-la a conversar comigo, entretanto a timidez não a permitiu. Mas, enquanto eu escrevia o último capítulo, consegui contato com a Camille e é durante o tópico sobre a lista de abraços que ela aparece.

As agendas ficaram comigo por três meses, Nolan não se incomodou. Quase que diariamente eu as lia e ficava lembrando de tantas vezes que escutei o programa e tentando

imaginar como era para dona Margot. Demorei a entender como usar aquele material que eu sabia riquíssimo, mas ainda indecifrável para mim. E um dia, mexendo nas agendas, decidi que era o momento de entregá-las. Como de costume, enviei mensagem a Nolan perguntando como estavam as coisas por lá e desejando que estivessem tranquilas. Avisei que deixaria as agendas na portaria do prédio. Ele respondeu de forma mais breve que as vezes anteriores “*tudo indo como Deus permite*”. Na mesma hora, imaginei que a pandemia estivesse tirando a saúde física e mental por lá, mas logo ele disse “*nota triste é que nossa mãezinha nos deixou*”. A tristeza me invadiu imediatamente, como se eu e dona Margot tivéssemos nos conhecido tão profundamente. Ela não sabia nada sobre mim, mas a imaginei muitas vezes ouvindo a Feira e anotando as perguntas e respostas do dia. Pensei nela caminhando pela casa e tentando com afincos acertar para ganhar os prêmios, assim como pensei nela vivenciando o luto e tentando encontrar um afago para a ausência do marido, quando a Feira do Som entrou na vida daquela senhora.

Ela escutava a Feira do Som todos os dias, se apegou nesse horário. Ela passou a almoçar um pouco antes para quando tivesse o início do programa poder anotar a perguntar e responder. Ela queria responder certo, se empenhava para isso. Ela abraçou das 12h às 14h. Era o que preenchia aquele tempo para ela. Após o final do programa ela ia deitar um pouco. Entrou numa rotina. Nós alimentamos para superar a perda, para continuar seguindo conosco. O papai tinha partido, mas ela tinha quatro filhos e seis netos. Ele foi uma parte muito importante, claro, mas ainda tinha muita coisa para viver. A Feira do som foi mais que um passatempo. De manhã ela cozinhava, de tarde ouvia o Edgar e de noite ela fazia crochê. Então, foi muito importante para ela. A gente passou a escutar junto e contribuía com isso: eu, ela e Camille. Nós ajudávamos dando respostas, ajudando a responder as perguntas. Sempre estávamos atentos. A feira foi importante para ela se apegar à vida e vencer a perda, conviver com a perda. Depois de dois anos, ela já falava sobre meu pai e os momentos que viveu sem cair na tristeza. A Feira do som foi uma forma de terapia.

Dona Margot foi tecendo novas relações em um novo espaço, a Feira do Som. Foi com a convivência diária que passou a ter afeto pelo programa e a vivenciar Belém de uma forma diferente de quando morava no bairro do telégrafo. As participações dela geraram premiações, CDs, livros, ingressos para eventos, o que fez Dona Margot passar a construir novas narrativas pela cidade. Ela viu-se em uma nova experiência construindo novas memórias por lugares que havia estado com o amado marido e tentando lembrar de como era a cidade quando ele estava por aqui. “Isso é dado pela função fantástica da memória, que aciona um esforço de lembrar e reencontrar os lugares que não existem

mais, situando-os nas paisagens de outrora de acordo com um mapeamento mental que não se coaduna com o mapa atual” (SILVEIRA; SOARES, 2008).

Ela tinha a praça Batista Campos como paisagem da própria janela, já não saía muito, por conta da idade avançada e a vivência na cidade era pelas ondas sonoras da Feira. Os passeios eram pontuais, pela manhã descia para a Praça para tomar água de coco nas barracões e respirar um pouco. Os outros passeios eram ideia do filho Jules, que tirava folga do trabalho e inventava uma programação diferente com a mãe. Foi assim que ela conheceu Edgar Augusto, locutor da Feira, e outros ouvintes do programa. Nos sábados, Celso – dono de um empreendimento de informática em Belém, faz um almoço no qual apenas parte dos privilegiados da cidade participam. Edgar Augusto é convidado especial e Jules, nosso entrevistado, sempre está presente também, o que fez dona Margot frequentar algumas vezes o almoço. Muitos dos integrantes desse almoço compõem a lista de abraços da Feira.

Alguns dos ouvintes se reconhecem pelos nomes a partir dos abraços que são enviados pelo locutor diariamente e outros fazem parte do mesmo ciclo de amizades, frequentam os mesmos lugares de Belém ou moram nos bairros centrais de Belém, que compõem as zonas 1 e 3 (Nazaré, Batista Campos, Reduto, Umarizal, Marco, Telegrafo, Val-de-cães), segundo dados cruzados entre o relatório anual da Feira do Som e uma pesquisa entre as rádios de Belém feita, em 2019, pela RConduru Pesquisa.

Essa construção de sentidos, memórias e vivências coletivas, marcam as experiências pessoais de muitos ouvintes, constroem memórias partilhadas e relações de afeto. Para o filósofo francês Paul Ricoeur (2016), não apenas a memória coletiva está associada a uma experiência social, devemos nos questionar se nossas memórias individuais, privadas, não seriam também elaboradas no coletivo, visto que são configuradas, em boa parte, dentro de produtos erigidos pela estrutura social. Outro francês Maurice Halbwachs (1990), responsável pelos estudos acerca de memória nas ciências sociais, pontua que as lembranças são sempre coletivas. Isso porque somos construídos por essas memórias formadas pelos nossos grupos de convivência, o que permite que os fatos e noções, por nós, lembrados sejam normalmente de domínio comum. E por isso, a memória estabelece uma relação importante com o afeto, tendo em vista que a tendência é lembrarmos mais facilmente daquilo que nos provoca emoção, boa ou ruim.

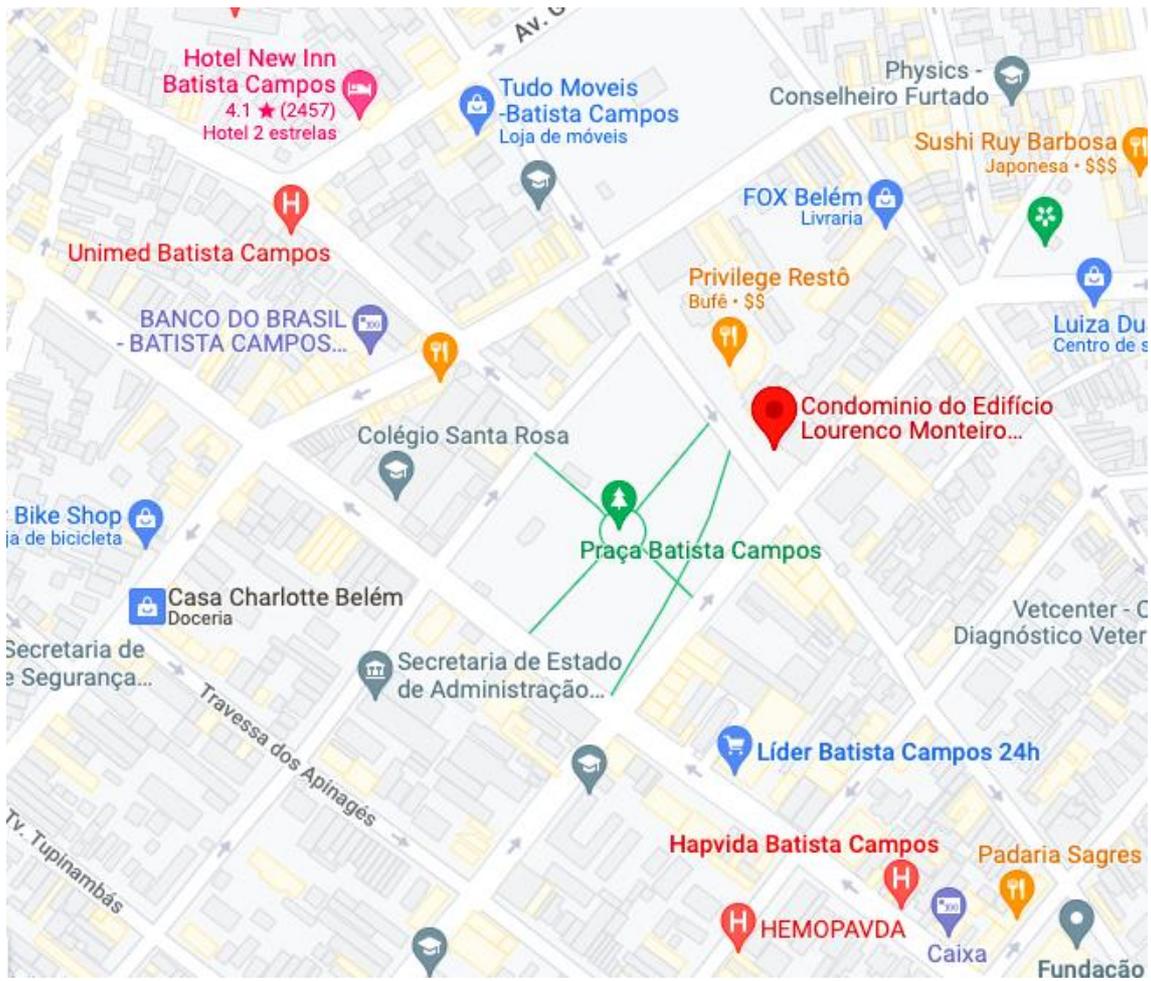
Em novembro de 2021, grande parte da população belenense já estava com duas doses da vacina de COVID-19. Assim, eu me senti mais segura para começar a fazer as

entrevistas presenciais e a recepção, ouvindo o programa com alguns dos espectadores da Feira, seguindo todos os protocolos de segurança, além do afastamento, o uso de máscara N95 e álcool em gel. Nolan aceitou me receber em casa para escutar juntos. A crise sanitária mudou o jeito dele se relacionar com a cidade. Anteriormente, ele tinha um bar no telégrafo, no mesmo lugar que morou na infância e com a pandemia decidiu fechar e alugar o local. E com a morte da mãe, o apartamento ficou com pouco movimento. Camille foi demitida, as enfermeiras que cuidavam de dona Margot deixaram de frequentar a casa. Agora, apenas Nolan e o irmão mais novo dividindo o espaço.

Agendamos de escutar um único dia. Nolan era um dos poucos ouvintes que tinha o costume de escutar o programa em casa ou no bar e não em movimento, no trânsito da cidade. Era dia 09 de novembro, cheguei em frente à Praça Batista Campos às 11h30, com meu caderno de campo e um rádio móvel que comprei para me acompanhar na recepção. O Ed. Lourenço Monteiro Lopes está localizado no bairro de Batista Campos, um dos mais nobres da cidade, onde mora uma parte da classe média e elite belenense. O prédio fica bem em frente à praça Batista Campos⁵⁸.

⁵⁸ A Praça Batista Campos homenageia um dos principais personagens da Cabanagem: Cônego batista Campos, morto em 1834. Em 1904 já era considerada uma das praças mais bonitas de Belém. Em 1983, ela foi tombada pelo município e em 2005 ganhou o título de praça mais bonita do Brasil (IBGE, s/d). Informações disponíveis em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=42534#:~:text=A%20Praça%20Batista%20Campos%20foi,praça%20mais%20bonita%20do%20Brasil>.

Figura 22: : mapa do bairro de Batista Campos



Fonte: Google Street View

Figura 23: : Imagem da praça Batista Campos, em frente ao prédio do ouvinte



Fonte: Google Street View

6º andar, entrei no elevador, apertei o botão e subi. Eu me sentia apreensiva para o começo da recepção. Ao mesmo tempo, era uma etapa importante para a pesquisa. Nolan já me esperava no portão de entrada da cozinha. Como o programa era na hora do almoço achei que era importante levar alguma sobremesa, comprei um bolo no caminho e entreguei assim que entrei, ele tirou da sacola e deixou-o em cima de uma mesinha de apoio do ambiente. A casa estava muito arrumada, todas as coisas no seu devido lugar. Nolan me recebeu sem máscara, disse que eu poderia tirar a minha se tivesse vontade, no entanto a minha decisão foi por manter a máscara, ainda estávamos com muitos casos de COVID-19 circulando, apesar de já vacinados.

Sentamos na sala, eu no sofá e ele numa cadeira de balanço da mãe, na qual costumava escutar a Feira do Som. Ele já estava com o celular sintonizado na Rádio Cultura. Apesar de ter um aparelho de rádio em casa, a preferência é pelo celular, por conta da mobilidade permitida. Pode andar por todos os cantos e o Edgar Augusto acompanha, fica sem perder nenhum pedacinho da Feira.

A nossa conversa, antes do começo do programa, foi sobre dona Margot e a maneira como ela escutava o programa. Ele contou que ela costumava ouvir o programa com a agenda na mesa ao lado da cadeira de balanço. O apartamento tem uma decoração antiga, com muitos santos e quadros com temática católica espalhados pela casa, com

louças e decoração antigas. Não sei qual estilo arquitetônico, mas lembrou bastante filmes com casas do século XIX. De onde eu sentei, era possível ver a praça, na janela logo ao meu lado que estava aberta e entrava um ventinho gostoso, anunciando que logo choveria.

A minha frente havia um corredor e ao final dele um quarto com a porta aberta e um rádio antigo. Nolan contou que mesmo doente, acamada, com comunicação difícil, dona Margot não deixou de escutar o programa. Todos os dias eles ligavam o rádio, já sintonizado na Feira, para acompanhar a seleção de Edgar Augusto, o radialista. A fala se foi, mas ela continuava compreendendo tudo e com as piscadelas dos olhos contava como se sentia e conseguia responder perguntas objetivas. Uma piscada para sim e duas para não. E assim, a autonomia era respeitada. Logo que finalizava o programa, duas piscadelas solicitavam que o rádio fosse desligado e ela descansava um pouco.

As relações afetivas e sensoriais são constituições da nossa experiência em sociedade (LE BRETON, 2009). Apesar de serem, muitas vezes, impostas por padrões sociais, as emoções estão sempre interligadas as experiências do indivíduo no mundo, tendo em vista que os sentimentos são a maneira de traduzir as situações. E é essa percepção e entendimento do mundo sensível que diferencia os seres humanos das máquinas ou animais. Os seres humanos são capazes de sentir e lembrar dos sentimentos, sensações, acontecimentos e fatos (LE BRETON, 2009; HALBWCHS, 1990).

O afeto permite que a memória seja acionada. Música, tempo e lugar podem ser conectados. Uma música quando escutada pode lembrar vivências em espaços da cidade que ocorreram em um determinado momento. Ao degustar a música no programa não significa que o ouvinte está assinando sua identidade social ou mesmo conformando-se a um determinado papel, tendo em vista que degustar é uma performance, há atitude, engajamento, transformação e afeto, que faz sentir (HENNION, 2011).

Não deixei de pensar em dona Margot em nenhum momento desde que folheeí suas agendas pela primeira vez. Ali, naquele apartamento, escutando rádio com o filho mais velho daquela senhora sentia como se pudesse entende-la ou desvendar a Belém por ela imaginada. As lembranças de Nolan, filho de dona Margot, diziam muito sobre a mãe dele e suas vivências pela capital paraense.

Quando o programa começou, Nolan parecia muito interessado em escutar o programa que estava sem escutar desde a morte da mãe. O celular tocava alto, tanto que no começo da gravação, feita por mim e autorização dele, nossas vozes são praticamente silenciadas pela locução de Edgar Augusto e as músicas tocadas. Enquanto ele me contava sobre os hábitos de escuta de dona Margot tocava “Antônio Adolfo, revendo Felicidade

de Tom Jobim, vocais do Zé Renato, nosso amigo do Boca Livre”. Enquanto estava falando, como trilha ouvíamos “Tristeza não tem fim, felicidade sim, tristeza não tem fim, felicidade sim”.

E ao longo da conversa, a voz da Feira foi baixando, pois o filho de Margot estava mais interessado em me contar sobre si mesmo e sua família. O momento que a conversa pausou foi quando Edgar falou “os abraços vão para...” e Nolan queria saber quem eram os agraciados naquele dia. Mas, a conversa retomou de onde ele parou aqueles segundos. Era importante para ele que eu soubesse que tinha uma filha, também chamada Margot, e que morava na França.

Quase toda a nossa conversa foi pautada nas duas vezes que ele esteve em Bordeaux, uma cidade francesa, local onde a filha mora. Eu tive vontade de interrompê-lo inúmeras vezes, mas contentei-me em escutá-lo para compreender para que conexões ele me levaria. Lembrei de Canevacci (1993, p.22) que diz que “as memórias biográficas elaboram mapas urbanos invisíveis”, pois as lembranças que emergem da cidade constituem-se do relacionamento que estabelecemos com ela, o que faz “com que a cidade se anime com as nossas recordações” (CANEVACCI, 1993, p.22).

Empolgado em contar sobre a primeira vez que esteve na cidade francesa, ele contou sobre as primeiras impressões e como era inacreditável, ele “o amazônida” vivendo situações que, segundo ele, teria dificuldade de vivenciar em Belém. Numa das visitas que fez a um “*chateau*” de uma família francesa típica de Bordeaux, conheceu a produção de vinhos, visitou o vinhedo e viu entre os carros estacionados por lá uma “Maserati”, um carro italiano que custa em média um milhão de reais, podendo chegar até três milhões. Ele pôs-se a fazer fotos com o carro e logo reprovado pela ex-companheira, que era brasileira, mas vivia há anos na região francesa. A resposta foi de indignação. Ele que tinha vendido um corsa para estar ali e visitar a filha, estava caminhando agradavelmente pelas vinícolas e pode ver Maseratis, Ferraris, carros de luxo conversíveis. “Esse carro eu nunca vou ver em Belém, até parece que tem uma Maserati por aqui agora, mas isso era 2010”, ele falou. A vida em Bordeaux nada se parece com a de metrópole, como Belém, entretanto a pequena cidade francesa com características rurais parece ganhar destaque na nossa conversa. Bordeaux era mais interessante a Nolan que Belém.

O comparativo é inevitável e ele aparece nas falas do ouvinte. Em Bordeaux há um complexo de restaurantes e parque que, segundo Nolan, assemelha-se a Estação das

Docas, um ponto turístico de Belém muito criticado quando foi construído, pois foi considerado um enclave na região.

Figura 24: : Complexo de restaurantes na cidade de Bordeaux - França



Fonte: Google imagens

Figura 25: : Estação das Docas – Complexo de Restaurantes em Belém - Brasil



Fonte: Google Imagens

A grande crítica a Belém apareceu quando Nolan demonstrou desaproveitar a maneira como o patrimônio histórico é tratado por aqui e enaltecer a forma como os

franceses lidam com a própria História e seus monumentos, transformando em museus e reformando casas. Sendo assim, morar em frente à Praça Batista Campos, uma das praças que segue a moda francesa, que se parece com uma praça jardim. Não imagino ser coincidência, mais uma escolha de estilo de vida, conseqüentemente da forma que consome a cidade.

Sempre que tocava uma música que era mais do agrado de Nolan, ele pausava a história e fazia comentários, mostrando-me o motivo pelo qual se interessava pela Rádio Cultura *“isso que é boa música, você está ouvindo?. Eu adoro jazz, tenho um aplicativo no celular só com jazz para ouvir o dia inteiro, isso me afasta da rádio. Mas, quando eu quero saber de novidades na região vou lá escutar a Feira, por isso não abandono o Edgar”*. Eu assenti com a cabeça e ele ficou curtindo um jazz, segundo ele clássico, que tocava naquele dia. Quando acabou a música, senti-me na obrigação de entender o sentimento que ele tinha ali. E as lembranças foram muitas, ele disse lembrar com saudade da filha em Bordeaux, caminhando pelos vinhedos e bebendo vinho em dos castelos da cidade.

Imediatamente perguntei se o Jazz não fazia com que ele lembrasse de Belém e com um olhar jocosos e um sorriso no lábio, ele me respondeu que não. Belém estava muito mais para dona Onete, que a mãe dele adorava. Dona Onete é uma cantora que foi descoberta já idosa, no festival Terruá Pará, promovido pela Rede Cultura de Comunicação, cantando sobre o tremor do jambu, uma erva muito utilizada em pratos típicos da culinária paraense.

Foram mais de duas horas de conversa, quando saí do prédio, chovia lá fora, como se o passado tivesse vindo me visitar. Antes das mudanças climáticas consistentes, aqui em Belém, costumava-se agendar os encontros antes ou depois das chuvas, que ocorria sempre as duas horas da tarde, tanto que virou temática de camisetas vendidas aos turistas. Eu saí atrasada, a chuva caiu forte antes que eu pudesse chegar em casa. Mas, me lembrou de uma outra Belém, a das surpresas.

Essa não foi a única vez que ouvi o programa com os ouvintes. Agendei com o Tom, um fotógrafo famoso pela reverência a Belém na arte que faz. Imagens normalmente em preto e branco, retratando realisticamente vários pontos da cidade e eventos importantes: o peixeiro do Ver-o-Peso negociando o pescado de madrugada, as crianças pagando promessas das mães e avós vestidas de anjos no Círio de Nazaré e os vendedores ambulantes, em bicicletas vendendo lanches aos trabalhadores. São muitas

facetadas de Belém. Conheço o Tom há alguns anos, então o contato foi mais próximo, ele é amigo da família do meu esposo, o que facilitou o nosso encontro.

Cheguei no apartamento de Tom ainda meio estabada, porque peguei um trânsito que não esperava e o programa estava quase começando. Ele mora num prédio de uma construtora famosa, com apartamentos de alto padrão, no finalzinho da Gentil. Ao entrar, deparei-me com paredes repletas de obras de artes de fotógrafos e artistas plásticos paraenses e uma estante com incontáveis CDs. Novamente sentei no sofá e meu entrevistado em uma cadeira de balanço. O programa não demorou muito a começar. Dessa vez, usamos o rádio que eu levei na bolsa, pois Tom escutava a Feira apenas no carro e com a pandemia acabou deixando de lado o hábito, pois começou a trabalhar em casa e poucas vezes saiu na rua, pois era do grupo de risco como fumante.

O programa, mais uma vez, ficou ao fundo sendo uma trilha sonora da nossa conversa, assim como foi na casa do filho de dona Margot. Começamos a conversar sobre a pandemia e as mudanças que a cidade sofreu, o esvaziamento das ruas no momento do lockdown, no qual era obrigatória a estada em casa para conter o avanço da doença. Falamos de como isso afetou a relação com Belém, “*só existe cidade se existem pessoas*” disse Tom. Não somos apenas espectadores dessa cidade, somos também atores, atuamos nela, “dialogamos com seus muros, com a calçada de mosaicos ondulados, com uma seringueira que sobreviveu com majestade monumental no meio de uma rua, com uma perspectiva especial, um ângulo oblíquo, um romance que acabamos de ler” (CANEVACCI, 1993, p. 22).

A pandemia nos isolou das práticas da cidade e nos tirou do convívio com o outro. A visita a rádio, por onde, Tom fazia inúmeros contatos e conexões também foi perdida. Naquele dia, ele parecia empolgado com a minha chegada e a oportunidade de ouvir o programa em minha companhia. Quando Edgar começou a falar da preguiçosa segunda-feira, ele abriu um sorriso, acendeu um cigarro e ficou degustando o português do radialista. Ele logo comentou:

É bom poder ouvir o português bem colocado e a extrema qualidade musical. Você tem um programa que não ficava truncado, é prazeroso ouvir as canções e prazeroso ouvir a interferência do Edgar e a forma como trata o programa. Ele não fala bobagens.

E foi então que começamos a prestar atenção juntos no programa. Logo, ele começou a relembrar da vida de dez anos atrás, quando ele saía correndo do trabalho e almoçava correndo. Tinha um pessoal que ele encontrava, um grupo de amigos ente cinco

e seis pessoas, no shopping Boulevard, que fica no Reduto, em frente a Doca de Souza Franco, um dos metro quadrados mais caros da cidade.

O Edgar era meu relógio. Eu sabia a hora de ir quando começava a Feira. Quando chegava no trabalho e ainda tava rolando a feira e ainda tava tocando uma música que eu curti ou eu queria saber a resposta da pergunta do dia... ficava dentro do carro escutando, estacionava e não descia, só para escutar. É um programa que faz eu lembrar a minha infância com meu pai, ele toca músicas que o meu pai gostava. Não tem outro lugar que eu escute, só na Cultura. Nelson Gonçalves, Cauby Peixoto...

Depois, os comentários vieram aleatórios. Tom estava animado, parecia reencontrar um velho amigo e falava frases soltas, com pausas entre elas.

- Segunda da modorra...

Ele faz silêncio e atira um sorriso no canto da boca e exclama: *Que Barato!*

Tom mais uma vez faz silêncio e a mão coça a barba pensativo: *Tão bom ouvir!*

O fotógrafo passa a mão na bermuda, como se enxugasse o suor e, agora, parece ansioso, analisa um pouco e me faz uma pergunta retórica, imbuído de certeza.

- A voz dele tá diferente! O timbre mudou?!

A voz de Edgar Augusto depois dos problemas de saúde, realmente mudou. Estava mais fraca, com menos potência, falhando às vezes e Edgar Augusto mesmo reconhecia isso. A esperança do jornalista era que com a prática a voz retornasse, mas quando escutei o programa com Tom já havia passado mais de três meses e o ouvinte percebeu quase que imediatamente e comentou como um apreciador, como quem conhece vozes e mais especificamente aquela que embalava nossa tarde. É a intimidade de quem escutou a narração da Feira tantas vezes.

Tom me convidou para sentar à mesa e trouxe uma lasanha quentinha que tinha preparado especialmente para que pudéssemos comer, almoçar ouvindo a Feira era um privilégio disse ele. Como de costume o programa trouxe artistas da terra no primeiro bloco de músicas. Edgar colocou Sebastião Tapajós e Paulo André Barata, dois músicos que fazem parte de uma construção da identidade amazônica, como veremos no próximo tópico. E Tom, então, disse que *“isso que é música boa!”* enquanto engolia um pedaço

fumegante da lasanha. Eu quis saber o que era música boa e ele que adora frases de efeito, logo disse: “*menina, música é matemática, não é questão de gosto, existe música boa e música ruim*”, mas isso a gente discute no finalzinho dessa tese, quando chegar o quarto capítulo. Lá vamos discutir o gosto, uma “categoria” descoberta nas entrevistas com os ouvintes da Feira.

3.2. Identidade Amazônica e fronteiriça

Há diversas rádios públicas espalhadas pelo país. No Pará, a Rádio Cultura FM é uma das maiores emissoras da região. Foi criada, em 1977, durante a ditadura militar, para ser um dos principais símbolos da política pública de comunicação do Governo do Estado, reificando em sua programação diária aquilo que se supunha a representação da identidade cultural amazônica (CASTRO, 2012). Sua implantação foi um diferencial, pois passou a produzir formatos jornalísticos e musicais que escaparam aos ditames das emissoras comerciais, privilegiando a divulgação e circulação das manifestações artísticas e culturais do estado e da região amazônica (CULTURA, 2019)⁵⁹.

Este tópico mostra como a integração econômica e social da Amazônia refletiu na instituição de comunicação pública da segunda metade do século XX em diante, reificando um viés de classe associado aos gostos culturais o que seria uma identidade amazônica. A emissora faz parte do fenômeno que Castro (2012) denomina fronteirização da cultura amazônica, um movimento cultural que tem início, em Belém principalmente, no final dos anos de 1960 e assume a missão de salvaguardar e reconhecer o que faria parte da cultura e da identidade amazônica.

Mesmo que atualmente o Estado do Pará se encontre plenamente integrado à economia e sociedade brasileira a emissora cultura e o programa Feira do Som seguem reforçando uma diferença cultural que incorpora padrões de distinção de classe que colaboram para um padrão de construção da memória social da cidade de Belém.

Entender a essência do capitalismo para Marx é entender a formação de mais-valor enquanto processo contínuo de acumulação do capital, e onde o ponto de partida seria “a assim chamada acumulação primitiva”. Para Marx, em um momento de sociedade pré-capitalista, dinheiro e mercadoria são tão pouco capital quanto os meios de produção e subsistência, eles precisam ser transformados em capital e isso só ocorre quando há a

⁵⁹ Disponível em: <www.portalcultura.com.br/node/470>, acesso em 22 jul 2019.

separação entre produtor e meio de produção, entre capital e trabalho. Essa separação (ou toda a sua gênese histórica), segundo Marx, depende da acumulação primitiva.

À luz da história europeia, Marx argumenta que a acumulação primitiva só se torna possível a partir da dissolução das estruturas econômicas da sociedade feudal, que libera os elementos necessários para a estrutura econômica capitalista. A dissolução a que o autor se refere consiste no movimento histórico que transforma os produtores em trabalhadores assalariados, ou “em vendedores de si mesmo depois de lhe terem sido roubados todos os seus meios de produção, assim como todas as garantias de sua existência que as velas instituições feudais ofereciam” (MARX, 2015, p.787).

A história da acumulação primitiva conta com alguns processos determinantes: i) o despojamento de grandes massas humanas de seus meios de subsistência e seu lançamento no mercado de trabalho como proletários livres, que permite a conquista do campo para a agricultura capitalista, o solo ao capital e a mão de obra livre para a indústria urbana; ii) os métodos coercivos do Estado, a favor da burguesia emergente, para “regular” o trabalhador livre e comprimi-lo dentro dos limites favoráveis à produção de mais-valor; iii) o enriquecimento de uma classe de arrendatários capitalistas, que se consolida no seio da sociedade feudal, mas valoriza seu capital à custa de trabalhadores assalariados e de seu *landlord*; iv) um ganho de produtividade nas terras expropriadas dos trabalhadores, resultando numa agricultura capitalista que, ao mesmo tempo, inviabiliza o retorno desse trabalhador à condição anterior e torna a sua subsistência alimentar dependente de um salário e de um novo senhor.

A gênese do capitalista industrial é um processo a parte, mas ao mesmo tempo mantém um movimento dialético com a acumulação primitiva. Marx (2015) aponta que a sociedade feudal havia legado duas formas distintas de capital: o capital usurário e o capital comercial, no qual a dissolução das estruturas feudais camponesas permite que o capital comercial se converta paulatinamente em capital industrial. O sistema colonial, por sua vez, amplia as possibilidades de acumulação primitiva sob a supremacia do capital comercial, o que cria as bases necessárias para a sua conversão em capital industrial, e proclama a produção de mais-valor como finalidade última e única da humanidade.

O salto do capital usurário para capital industrial ocorre por meio do sistema de crédito público no qual o Estado torna-se um ente alienado e ‘imprime sua marca sobre a era capitalista’ (MARX, 2015, p. 824). A dívida pública legitima-se como riqueza nacional mas coloca os bancos e o capital usurário como credor perpétuo da nação, o receptáculo imprescindível dos tesouros metálicos do país e centro de gravitação de todo

o crédito comercial. A gênese do capital industrial é a própria evolução do conflito entre capital e trabalho, enquanto que a acumulação primitiva permite a dissolução do conceito de propriedade privada fundamentado no trabalho e se torna elemento que ativa esse conflito.

Contudo, Marx (2015) atribui a evolução ao capital industrial e ao capitalismo como um processo de contradição interna do próprio modo de produção preexistente, e não a uma ação específica, individual ou coletiva, do homem. Trata-se da evolução do progresso do homem no seu confronto com a natureza, marcado fundamentalmente por uma elementar mudança na compreensão de propriedade privada, no qual abandona-se a noção de uma propriedade constituída por meio do trabalho próprio, fundada na fusão do indivíduo trabalhador isolado, independente, com suas condições de trabalho, para uma noção de propriedade capitalista que repousa na exploração do trabalho alheio, mas formalmente livre.

A tendência histórica que Marx aponta para a acumulação capitalista é a de uma futura expropriação do capitalista por outros capitalistas por meio de leis imanentes da própria produção capitalista, e pela centralização dos capitais que cada capitalista liquida muitos outros. Assim, o monopólio do capital constituiria um entrave para o modo de produção que floresceu com ele e sob ele, na medida em que o modo de apropriação capitalista se torna a primeira negação da propriedade privada individual, e conforme a produção capitalista produz ‘ela não restabelece a propriedade privada, mas a propriedade individual sobre a base daquilo que foi conquistado na era capitalista, sobre a base da cooperação e da posse da terra e dos meios de produção produzidos pelo próprio trabalho’ (MARX, 2015, p. 832).

A ocupação econômica da Amazônia, a partir do projeto desenvolvimentista organizado pelo governo militar de 1964, pode ser lida como um longo encadeamento de ações planejadas de desenvolvimento econômico em um viés conservador, que envolveram práticas contínuas de despossessão e acumulação primitiva, como forma de viabilizar a acumulação e reprodução ampliada do capital nacional e internacional (OLIVEIRA, 2009).

A integração com o espaço econômico nacional seria concretizada com a execução de uma nova malha rodoviária que conectava Belém às principais cidades do País, o que dá início à incorporação de grande parte do território às dinâmicas de acumulação primitiva do capitalismo nacional (TAVARES, 1999). A Belém Brasília, inaugurada, em 1960, iniciaria o processo de desbravamento da floresta amazônica para

promover a integração regional, trazendo em seu arrasto projetos de colonização dirigida para novas cidades, como Paragominas no sudeste do Pará, entretanto também de ocupação irregular de terras devolutas do Estado, incentivando as primeiras grandes frentes de desmatamento.

Ao longo da década de 1970, durante o chamado “milagre” econômico brasileiro, a Amazônia tornou-se foco de diversos Planos de Desenvolvimento regional, capitaneados especialmente pela Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), uma agência de desenvolvimento criada pelo governo militar para elaborar projetos econômicos de ocupação ordenada do território regional (LIRA, 2005). A SUDAM trazia como pauta principal a desoneração fiscal e o incentivo financeiro para a consolidação das atividades ligadas à agropecuária de corte e às atividades de industrialização por substituição de importações (CANO, 2002).

A mesorregião do Sudeste paraense virou o espaço sub-regional mais afetado pelos projetos de desenvolvimento. Municípios e cidades no alcance dos projetos de desenvolvimento e das rodovias Belém-Brasília e Transamazônica (inaugurada em leito de barro no ano de 1973, mas nunca totalmente finalizada) converteram-se em espaços de fronteira para acumulação do capital nacional (IANNI, 1992), promovendo a despossessão de estruturas camponesas tradicionais que passam a servir como mão de obra superexplorada às novas atividades capitalistas associadas à agropecuária e à exploração madeireira (MARTINS, 1997). O efeito desse período sobre as cidades da região são dos mais diversos, inclusive reorganizando hierarquias urbanas e centralidades (CORRÊA, 1987), com destaque para a metropolização das principais capitais da região.

Belém, como outras cidades da Amazônia, na década de 1980, vivenciava uma experiência de rápida integração ao espaço nacional brasileiro (CASTRO, 2011), iniciada no governo militar na década anterior, com políticas de integração ao mercado nacional, utilizando o lema “integrar para não entregar”. Um modelo de desenvolvimento que se propagandeava como uma nova colonização da região, ofertando terras aos mais pobres de outras regiões e que favorecia os interesses da classe dominante nacional (SCHMINK; WOOD, 2012). Constituiu-se, em poucas palavras, num ato de desbravação amazônica para garantir ganhos aos investidores nacionais e internacionais (LOUREIRO, 2014). As terras eram vendidas pelo valor de natureza vazia, terra nua, mesmo que, aqui, estivesse em pé a maior floresta nativa do mundo. As classes rurais da região estiveram submetidas aos instrumentos institucionais, ao desemprego político e violenta repressão policial, o que evitou uma reação organizada e excessiva (LOUREIRO, 2014). Casos episódicos de

reação paramilitar ocorreram no Sul e Sudeste do Estado do Pará, como foi o caso da guerrilha do Araguaia, no qual os guerrilheiros foram sumariamente eliminados pela estrutura policial do governo militar. Entretanto, não representam a reação direta ao modelo econômico e social que se impunha forçosamente à região e as suas classes sociais.

O que ficou conhecido como a política dos “grandes projetos” para a Amazônia inaugura uma nova era de colonização da região e consolida o fenômeno da transumância amazônica, citado por Furtado (2014) ao analisar o deslocamento maciço de mão de obra nordestina para trabalhar nos seringais no fim do século XIX. A transumância amazônica a partir dos grandes projetos seria irreversível e teria vários aspectos, cultural, imagético, simbólico etc.

A integração violenta, “com seus capitais, transumâncias, devastações e ‘grandes projetos’” (CASTRO, 2011, p.09) provoca confusão nos sentimentos de quem pertencia à Amazônia, ou se julgava pertencente (CASTRO, 2011). Era uma invasão subjetiva, que leva um sentimento de perda de fronterização do próprio mundo, ao mesmo tempo em que assiste o “avanço do outro sobre o pretense si-mesmo coletivo” (CASTRO, 2011, p.09). Uma das respostas ao processo de transformação veio a partir de artistas, intelectuais e produtores culturais, que deram início a um “processo coletivo, intersubjetivo, de discutir a identidade e as fontes culturais da sua sociedade amazônica” (CASTRO, 2011, p.10). Esse foi um processo espontâneo, que não teve lideranças absolutas, dogmas ou prescrições, porque foi um “fazer-junto, sentir-junto”, uma vontade comum, que tinha como objetivo central a identidade amazônica – cultura amazônica. Enquanto este processo ocorria, não houve uma produção de síntese absoluta, tampouco foi teorizado ou explicado, apenas aconteceu, foi natural, intuitivo.

O avanço da fronteira amazônica afetou além do urbano, provocando mudanças no cotidiano e nas relações sociais de quem vivia por ali. Era uma invasão que afetava a forma como os indivíduos compreendiam a região e se percebiam pertencentes a ela. A sociedade queria proteger a cultura amazônica, por meio de estoques de conhecimento e historicidades (CASTRO, 2011). Esse é um processo comum ao curso social, no entanto é alegórico quando há uma pressão pela proteção, pela salvação. Era o caso da manutenção do vitalismo da moderna tradição amazônica, ou seja, a manutenção da intersubjetividade amazônica dentro da fronteira.

Era uma temática que permeava as manifestações artísticas, “como forma de resistência aos avanços da fronteira” (CASTRO, 2011, p. 9). Sendo assim, os mitos foram

sendo constituídos por uma visualidade popular de vivenciais tradicionais, como o ribeirinho, o caboclo, a floresta, a relação com o rio, etc., sendo repertório criativo para produções musicais, teatrais, fotográficas. Durante as décadas 1970 e 1980, o campo artístico de Belém debateu a visualidade amazônica, uma linguagem visual a cerca da realidade cultural da Amazônia (COSTA, 2019; PINHEIRO, 1985), transformando-se num projeto estético-teórico.

Quando a Feira do Som foi criada, era uma época propícia, na qual uma geração cultural queria viver Belém e repensar o Estado. A capital paraense vivia uma geração muito forte que pretendia regionalizar o conteúdo cultural (CASTRO, 2011). Dessa maneira, o programa se transformou em um lugar de pertencimento que facilitou o movimento regionalista, valorizando as fontes culturais amazônicas. O programa levava, ao estúdio, músicos que cantavam nas noites belenenses e precisavam de um espaço para divulgar o trabalho e fazer gravações. Por isso, Edgar continua lançando novos artistas paraenses, que foi o motivo pelo qual decidiu fazer a Feira.

Sempre fui boêmio, gostava de circular pela noite, pelos bares, pelas boites. Eu era de menor, mas o nome do meu pai abria janelas. Conhecia os artistas, lamentava que os artistas não tivessem divulgação, sonhei em fazer um programa que desse conta da agenda dos artistas da terra e também trouxesse lançamentos de outros lugares do mundo. Eu queria proteger os lançamentos para que as pessoas os conhecessem. Colocando em evidência. Primeiro com cantores de bares, depois as pessoas que já estavam em São Paulo, Vital [Lima], Nilson [Chaves], Ruy Barata, Fafá [De Belém]. A gente vai ficando mais velho coisas novas vão acontecendo. Eu vi o boom da música paraense acontecer.

Era uma relação entre o regional e o universal, na tentativa de discutir em um meio de comunicação de massa a identidade amazônica. Em uma entrevista ao blog do jornalista Gerson Nogueira, Edyr Augusto, irmão de Edgar Augusto e o criador do nome Feira do Som, contou sobre o começo do programa. “Foi ali nos anos 1970. Havia várias sugestões. A minha foi acatada. Era uma época fantástica. A Cultura reagia maravilhosamente à ditadura e censura. Cinema, Artes Plásticas, Literatura, Teatro e Música viviam momentos incríveis”, contou Edgar Augusto⁶⁰. As músicas com temáticas regionais começaram a ser tocadas na Feira, normalmente canções que falavam de uma Amazônia idílica.

Houve também uma valorização da história paraense, com temáticas como *Belle*

⁶⁰ Entrevista concedida à autora da pesquisa no dia em 2017.

Époque, a adesão do Pará à independência do Brasil e a Cabanagem vista de forma oficial. A geração cultural que queria reviver Belém, na década de 1980, passou pela Feira do Som para dar entrevistas no programa e lançar seus discos. Era uma forma de fazer amazonidade, para Castro (2011), vem da intuição, representa o “vitalismo social”, tendo em vista que “não se trata de uma resposta de dominados às circunstâncias sociais dominantes, simplesmente, mas de uma reorganização das perspectivas sociais de forma a reinventar, mais do que recompor, as redes de expectativa do indivíduo” (CASTRO, 2011, p. 86). Por isso, para Castro a moderna tradição amazônica não seria um resgate da tradição e sim uma bricolagem coletiva, uma intersubjetividade que vem do reencantamento, ou seja, a construção de mitos para se proteger do avanço da “fronteira” econômica, que provocava a homogeneização das relações culturais e o possível fim das especificidades regionais.

A Feira do Som evoca um passado “acontecido” e um passado “inventado”, acontecido quando as músicas sugerem rememorações de lugares, experiências e pessoas, com cargas afetivas com destaque para relações amorosas, familiares e de amizade, bem como a partilha com essas pessoas. Os quadros fixos do programa evocam um passado acontecido, quando tocam “*músicas antigas, dos tiozões, músicas das décadas de 1960, 1970*”, como contou Edgar na nossa primeira entrevista em 2017. O quadro é acompanhado de uma vinheta chamada “horário sagrado dos titios”, com um background de fundo. Logo depois segue o quadro no “Cantinho dos Beatles”, com duas músicas do quarteto de Liverpool, que podem ser da carreira solo de um dos integrantes ou interpretações de outros artistas de canções consagradas. Esse quadro surgiu a pedido dos ouvintes, quando o programa passou à Rádio Cultura FM. Nesse momento, o locutor se aproxima dos que gostam da música dos Beatles, sendo que muitos dos fãs mais assíduos têm seu nome citado pelo Edgar ao final do quadro, como a Amélie, uma das nossas entrevistadas que aparece lá no começo da tese. Os ouvintes, durante esse espaço temporal do programa, conectam-se com memórias as quais os acordes das músicas dos Beatles embalam ou músicas que das décadas de 1960 e 1970.

O terceiro quadro é interatividade com o ouvinte, mas que se conecta com uma temporalidade passada, com uma película que prende no mundo, na relação com a História ao mesmo tempo que ascende uma concepção sinóptica do tempo, uma concepção que entende o tempo dividido em épocas. Depois da primeira música, um questionamento sobre a cidade de Belém é lançado pelo apresentador, oferecendo prêmio a ser sorteado entre as pessoas que acertarem a resposta. As perguntas mexem com a

memória do ouvinte. Observamos que esses lugares lembrados ou demarcados pelo locutor são ressignificados entre passado e presente, na medida em que “o pensamento simbólico atribui a fatos da natureza a condição de causa de fenômenos, unifica a pluralidade, no devir de um todo intimamente relacionado com realidade e imaginação” (LOUREIRO, 2007, p. 15). Esse quadro das perguntas de forma pragmática procura evidenciar e intensificar as experiências acontecidas na cidade de Belém durante o ciclo da Borracha por meio de uma revisitação histórica.

Ouvinte da Feira desde que chegou a Belém, ainda na adolescência, Catherine⁶¹, 35 anos, conta que o programa permite a ela sensações sobre a cidade, que são contraditórios. Mesmo que ela perceba que a Belém construída na Feira remete ao passado e a uma fantasia, ainda sim ela sente uma certa familiaridade, um aconchego e boas lembranças ao narrar os sentimentos sentidos ao ouvir o programa.

Belém da Feira do som, pra mim, é uma Belém um pouco saudosa, bucólica, eu diria até que é uma Belém que não exista mais. Não sei se existiu um dia, mas é um sentimento que eu não sei descrever bem, tem alguma coisa que dá um sentimento de nostalgia, é, sinto um pouco de nostalgia quando eu escuto.

O programa fala sobre os lançamentos do que tá aparecendo, dos novos artistas, dos artistas que estão lançando novos álbuns. Isso é contextualizado, fala com vai lançar, quando vai ser, conta a história da música que vai tocando e eu me sinto parte do que tá acontecendo. Fora que eu vou conhecendo os artistas que vão surgindo e conhecendo novos trabalhos dos artistas que eu já acompanho. Isso me faz ficar ligada a cena cultural da minha cidade, né? Então, eu acredito que cria um ponto de conexão sim, sabe? Não só com os artistas, mas as perguntas que o Edgar vai fazendo sobre a cidade e eu acabo descobrindo fatos históricos, nomes de ruas e coisas aleatórias sobre a cidade que a gente acaba não tendo muito onde pesquisar ou na correria do dia a dia não via muito atrás e o programa traz a informação.

Eu me sinto feliz, é um momento relaxante para mim. Eu costumava muito escutar a Feira do Som quando eu dirigia e aí causava um efeito interessante, eu atravessava muitos bairros até o trabalho, vendo as pessoas, o trânsito e o programa rolando ali no carro e era interessante, por que eu tava dirigindo em Belém, passando pelas ruas de Belém e escutando aquele programa e a sensação que tu tinha era de pertencimento, de fazer parte de algo. Eu nem nasci em Belém, mas eu vivo há muitos anos em Belém, vivo mais tempo aqui que vivi na minha cidade natal, Capanema. Belém é parte de mim, é parte do que eu sou agora, é uma cidade muito importante para mim. Eu tenho muitas queixas em relação a Belém, mas tenho muito carinho pela cidade. E o programa tem muito disso, eu acho. Óbvio que ele faz uma seleção, as músicas que ele seleciona tem um nicho e tal, mas mesmo assim, como eu me identifico com esse nicho, eu sinto uma identificação muito

⁶¹ Entrevista concedida à autora da pesquisa no dia 23 de março de 2022.

grande com o programa e com a cidade. Eu não sou muito de escutar rádio, eu devo até frisar isso, mas esse é um programa que eu acompanho, porque me sentia atualizada, gosto dos bordões, e as vezes quando ele falava os bordões eu falava junto com ele. Então, me dá uma sensação de... sabe quando você espera uma coisa e essa coisa acontece, e te dá uma sensação de tranquilidade... de familiaridade, essa a expressão que eu tava procurando, é familiar o programa para mim. É uma sensação de aconchego auditivo. Os meus ouvidos se aconchegam escutando a voz do programa, que é a voz do Edgar. É uma sensação de aconchego.

É no cotidiano que as interações afetivas entre o público e o programa são construídos, determinando uma nova sociabilidade que une as pessoas em grupos ou tribos, conforme a concepção de Maffesoli (1998a) de tribalização. O autor elege a emoção coletiva como catalizadora das relações sociais, pois favorece o contato com o outro, a interação, descrito por ele como “estar junto”. É essa vida cotidiana que determina o ser, pois o indivíduo não vive isolado, está ligado a uma comunidade, seja pela cultura, pela comunicação, pelo lazer, pela moda ou pelo sentimento partilhado (ROSSETTO, 2009).

As ruas, os bairros e a cidade são espaços construídos e consumidos pela sociedade, os meios de comunicação também fazem parte, tendo em vista que a “mídia, antes de ser comunicação, é espaço” (SANTOS, 2002, p.74). Espaço, este, que por meio da sociabilidade descobre-se um espaço público da contemporaneidade, no qual ocorrem encontros e identificações. A mídia é a nova praça pública, espaço por onde os sujeitos circulam para manter relações com o outro.

No caso da Feira, um produto da mídia radiofônica, os assuntos discutidos em suas edições podem atrair o olhar do público sobre a cidade, revelando o cotidiano de seus espaços (bairros, ruas), compartilhando emoções, sentimentos e afetos, ou seja, estabelecendo relações (conflituosas ou harmônicas), trocas e vivências. Dessa forma, o público ajuda a construir o cotidiano da própria cidade e pode passar a enxergá-la por uma perspectiva que talvez não visse antes das experiências coletivas que se dão nessa ambiência midiática, vivenciando uma forma de ‘estar junto’.

O dia a dia é marcado pelas dinâmicas coletivas e pessoais, o que faz com que o acontecimento seja próprio do cotidiano. Desta maneira, o cotidiano é lugar de inovação de memória e de laços, é o que nos aproxima e prende intimamente. É o que amamos profundamente, pois é carregado de memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres (CERTEAU, 2008).

E a memória que temos da cidade vai se construindo nas relações do dia-a-dia e a mídia também está presente nesses lugares de lembranças.

Capítulo 4. A FEIRA DO SOM E O GOSTO

4.1. O gosto como categoria no campo: o bom e mau gosto

Quando escrevi o projeto do doutorado nunca imaginei que trabalharia com uma categoria tão subjetiva como o *gosto*. Nos dois primeiros anos do doutorado li e estudei sobre memória social com o objetivo de olhar a cidade de Belém por essa perspectiva a partir da Feira do Som. Saí para o campo pensando em memória. Entretanto, tudo mudou. Claro, fui com os ouvidos abertos e tomei-me surpreendida com uma categoria que foi surgindo a cada encontro que eu tinha com os ouvintes, mesmo quando esses encontros eram virtuais. O jornalismo treinou a minha escuta para não ter rigidez e as disciplinas de Antropologia, durante o doutorado, só confirmaram a necessidade de prestar atenção às minúcias, aos detalhes dos ditos e até do silêncio.

Quando se trabalha em Ciências Sociais é preciso atentar sempre que vai ao encontro do outro para que você não carregue as suas certezas e tente encaixá-las forçadamente, olvidando a realidade alheia. As minhas angústias eram muitas quando percebi que uma nova categoria estava sendo apresentada, mas foi preciso lembrar que o meu objeto de estudo não era estático, tampouco meu. O objeto era vivo, impalpável, fluido, como a vivacidade das relações sociais em uma cidade como Belém, uma metrópole na Amazônia em todas as suas idiossincrasias e dinâmicas sociais que a fazem única. Tomei coragem para dar ouvidos ao *gosto* e aceitei as mudanças no percurso, contudo sem esquecer que esta nova categoria também carrega em si outras, retratando a distinção, a memória e a intersubjetividade.

O que me fez perceber isso foi uma das primeiras perguntas feitas aos entrevistados, “Por que você escuta a Feira do Som?” e as respostas sempre tinham o próprio gosto como réplica. Ouvi de muitos que a sintonia na Cultura FM ao meio-dia era “porque toca boa música”, “porque tem música de qualidade”, “porque sei que o que vou escutar é bom” e tantas outras respostas que me levavam a acreditar que tinha uma dimensão do *gosto*, a forma como o indivíduo evoca a capacidade de entendimento sensível do mundo (CASTRO, 2018). O *gosto* funciona como um vetor de reciprocidade, tendo em vista que seria uma afinidade eletiva, uma razão subjetiva e emocional que vai se construindo com o tempo a partir das vivências experienciadas.

O objetivo não é qualificar o *gosto*, pois o compreendemos como construção contínua a partir de interações de vivências culturais. Entretanto, não é possível deixar de

perceber que todos os entrevistados dessa pesquisa, em algum momento, buscaram utilizar o próprio *gosto* como uma distinção, o que consolida uma memória social da cidade de Belém para um grupo específico: os que escutam a Feira do Som e curtem a seleção feita por Edgar Augusto. Isso faz com que se sintam especiais, seja por aparecerem como fãs/colaboradores do programa, seja por compartilharem do gosto do programa/jornalista, que é conhecido como um especialista e garimpeiro musical.

No capítulo anterior, trouxe a afirmação de Tom que dizia que “música é matemática, não é questão de gosto, existe música boa e música ruim”. É realidade que a estrutura musical utiliza combinações numéricas para sua composição, com acordes consonantes e dissonantes, com maior e menor complexidade e é isso que faz Tom afirmar que existem boas e más combinações melódicas. Que a música tem um envolvimento matemático não é discussão. Entretanto, será que matematicamente haveria uma música melhor que a outra? Seria a mais complexa? Quem determina que a uma matriz geométrica tem maior relevância que a soma?

Essa não seria uma estética do gosto? Seria apenas um paradigma sensorial sem racionalidade? Pensando junto com Bourdieu (2017), o *gosto* faria parte de um sistema de organização cultural, responsável por escolas e comportamentos, que tem embutidos as estruturas sociais e biológicas (BOURDIEU; CHARTIER, 2011), o que faz com que os *gostos* sejam socialmente e culturalmente constituídos, aceitos e propagados (BOURDIEU; SAINT-MARTIN, 1976), funcionando como uma matriz de percepções e apreciações que permite com que as ações sejam tomadas, por meio do *habitus* que permeia as estruturas. É a estrutura estruturada que permite que uma pessoa seja entendida, classificada e inserida na coletividade a partir de atributos dimensionados. E é por meio desse sistema de disposições, ou seja, pelo *habitus* que as pessoas se identificam, aproximam-se e compartilham. Para Bourdieu (2017), essas estruturas são carregadas desde o nascimento, podem ser aprendidas ao longo da vida e perdurar agindo em conformidade com códigos sociais apreendidos na família. Já as estruturas estruturantes são os desdobramentos e as consequências, quando as regras são incorporadas e o indivíduo não as percebe tampouco questiona, seguindo-as de tal modo que está intrínseca e tomadas pelas experiências do passado e conexões estabelecidas.

Por isso, para Bourdieu (2017) o *gosto*, ligado ao *habitus*, é construído ao longo da vida, nos acontecimentos e escolhas condicionantes, estando, assim, ligado à classe social, com valores estéticos próprios e que funciona como a categorização de pessoas, o que se tornaria precioso à distinção social quanto ao gosto musical (BOURDIEU, 2017;

BOURDIEU, 1989). Sendo assim, para o sociólogo francês, o “bom” e o “mau” gosto está relacionado com a questão social e econômica, tendo em vista que as classes reivindicam a qualidade a partir das próprias preferências.

O *gosto* de uma categoria de objetos ou práticas classificadoras está no princípio do estilo de vida, que seria um conjunto de preferências distintivas que exprimem subespaços simbólicos, mobília, vestimenta, linguagem e a visão de mundo. A oposição entre as classes se exprimem desde as bebidas consumidas até a preferência de estilo de música, por exemplo. Sendo assim, para Bourdieu (2017), compreender o gosto musical é necessário considerar o acúmulo de capital simbólico e a possibilidade de servir como um elemento de diferenciação cultural. Tom⁶² demonstra isso quando diz se sentir encabulado de não querer um certo tipo de música que toca na Feira do Som.

Eu acho que a feira é muito abrangente. **Toca o que eu gosto e não gosto.** Às vezes toca coisas que eu não gosto e não escuto na minha casa em hipótese alguma. Às vezes, pela fala do Edgar eu **me sentia meio encabulado de não querer ouvir.** Ele puxava em mim “olha isso é preconceito”, que é quando você diz que não gosta antes de ouvir. O Edgar colocou na Feira é porque tem uma qualidade musical, ele faz uma curadoria. Por exemplo... (pensou longamente) essa coisa da guitarrada, eu ouvia e mudava de estação. Até que o Edgar tocou. Os mestres guitarreros a primeira vez que ouvi foi no programa dele. Ele chama pela qualidade do músico e fui prestando atenção. O cara faz isso e faz aquilo e o cara é bom.

O ouvinte sente-se envergonhado por não se interessar pela música que tem o privilégio de ter sido escolhida para ser apresentada na Feira do Som, o que demonstra um poder que o programa exerce no consumidor. Ora, se o locutor, tão conhecedor de música, faz uma seleção musical que não estou de acordo o ouvinte questiona o próprio gosto.

O *gosto* tem dois pontos essenciais para Bourdieu (2017), resultado de condições específicas de socialização: a educação e a origem social, que construiriam níveis de nobreza cultural, evidenciando distinção entre indivíduos e classes, o que faz do gosto um resultado de diferenças de origem e oportunidades sociais. Esses pontos constroem níveis de nobreza cultural, criando uma hierarquização cultural, com distinção entre indivíduos e classes, o que estabelece percepções diferenciadas.

Então quando Edgar Augusto traz para o programa a Guitarrada⁶³, um gênero musical popular e regional, provoca incômodo no ouvinte, por conta das percepções

⁶² Entrevista concedida à autora da pesquisa em 2021

⁶³ Guitarrada é um gênero musical que surgiu, historicamente nos anos 1970, no baixo rio Tocantins. São

estéticas de classe. Mas, o poder da hierarquia cultural e o status de locutor-curador, que seleciona e dita o que tem qualidade sobressai e o ouvinte passa a questionar o seu próprio gosto e interesse musical. Como disse um dos ouvintes que é músico, a Feira é um “recorte do dia-a-dia, que dá uma abertura para uma variedade musical, com a curadoria de Edgar Augusto”.

Como diz Garcia Canclini (2015), em uma sociedade moderna e democrática, nas quais não há títulos de nobreza, o consumo torna-se essencial para comunicar as diferenças. Sendo assim, o acesso a música que o programa oferece pode alcançar um valor inestimável e nos faz pensar no gosto musical como um acúmulo de capital simbólico pertencente a uma estrutura de nobreza cultural.

Tom é integrante da classe média alta de Belém, morador de um bairro central, com influência nas decisões culturais da cidade em diversos momentos da política municipal e estadual e tinha familiares na política local. Ele diz que aprendeu a escutar música com o pai, que ensinava o nome dos compositores e não só dos intérpretes.

A casa dos meus pais era muito musical. Não tinha um momento sem música e ela acompanhava os sentimentos. Tinha música da tristeza, da alegria, da euforia. O meu pai tinha muitas fitas com 90 minutos de música e variadas canções. E ele tinha uma história, quando eu era moleque de 10, 11 anos ele perguntava: “gostou da música? Aprende quem tá cantando! Você tem que dizer quem você gosta e saber de quem é o mérito, não é só o intérprete, é quem compôs”.

A experiência sensorial entre o ouvinte e a mídia faz com que aquele esteja imerso numa sensibilidade comunicacional individual e coletiva, que transforma a interação em um fenômeno ainda mais subjetivo (SODRÉ, 2006), pois só ocorre comunicação quando “a mensagem consegue afetar o invisível, o interior da pessoa, a sua alma” (RIBEIRO, 2013, p. 6) e o afetar significa comover, mexer com sentimentos e sentidos ou provocar uma mudança. E Tom sentiu-se obrigado a dar oportunidade à Guitarrada, por conta da seleção feita por Edgar Augusto. O ouvinte não passou a consumir gênero musical. No entanto quando toca na Feira ele não muda mais de estação.

O rádio uma tem uma relação particular com o público: a intimidade (JOST, 2007). E com o ‘ao vivo’, o rádio provoca uma troca de momentos, nos quais o ouvinte acompanha a transmissão “menos pelo que deseja saber, e mais pelo que almeja sentir:

composições instrumentais caracterizadas por três ritmos principais fundidos: “a cúmbia, o merengue e o carimbó, com notas de choro, maxixe e influência do rock da Jovem Guarda” (CASTRO, 2012, p. 433).

sentir junto, sentir o sentir do outro e, principalmente, sentir-se junto ao outro no momento em que todos sentem o mesmo tão somente pela experiência” (FECHINE, 2006, p.2) de ouvir. Assim, os ouvintes compartilham da mesma temporalidade e um estilo de vida, com gostos semelhantes, o que faz com que se sintam pertencentes a um mesmo grupo social.

A música apresenta-se como um abrigo interessante frente às diversidades, tendo em vista que mobiliza a memória afetiva do ouvinte e a sociabilidade. Desta maneira, o espaço onde se ouve passa a ser uma confraria, um traço distintivo e identificador que une e intercambia informações, reminiscências, sensações e sentimentos, mesmo que a vivência seja individual, a experiência é em companhia ao outro. Essa confraria é “imaginada”, no sentido proposto por Anderson (2008). Para ele, o estilo em que são imaginadas e a possibilidade de comunhão, de compartilhamento faz com que as comunidades sejam distinguidas.

Essa experiência em conjunto é o que chama a atenção de um músico local, Leon⁶⁴ é ouvinte do programa há mais de 20 anos. Segundo ele o programa permite uma conexão com sensações, uma intersubjetividade do gosto, que envolve múltiplas experiências sensoriais. Por ser próximo a hora do almoço há uma relação direta com o paladar, com o que é prazeroso, que envolve sinestesia e a sensação de compartilhar o momento com outras pessoas, sem se sentir sozinho.

A Feira do Som tem uma conexão direta com a proximidade da hora do almoço, né? Então, é um momento que a gente procura um lugar para sentar para fazer uma refeição e ao mesmo tempo a gente pode ouvir a rádio conversar com a gente. A rádio tem aquela facilidade de que podes fazer outras atividades enquanto escutas, pode tá limpando a casa, lavando a louça, conversando com outras pessoas na cozinha e o rádio tá lá jogando informação, pode tá numa sala de espera de alguém. E esse tipo de programa conversa sobre música e isso me agrada, dá uma sensação de não querer parar para ouvir.

As sensorialidades aparecem mesmo no contexto em que há relações de poder. As sensações vivenciadas no cotidiano, na experiência do dia-a-dia. Cantora há mais de 20 anos, Francine⁶⁵, foi uma das poucas mulheres que conversei sobre a Feira do Som e ela deixou registrada as sensações ao ouvir o programa. Quando eu perguntei a ela qual a sensação ao ouvir a Feira do Som, ela pareceu reviver os sentimentos e sentia as sensações

⁶⁴ Entrevista concedida à autora da pesquisa no dia 30 de março de 2023.

⁶⁵ Entrevistas concedidas à autora da pesquisa nos dias 09 e 11 de abril de 2021 e 22 de maio de 2023.

enquanto me respondia. Digo isso, porque vi muitos sorrisos e a voz ria enquanto ela falava.

É uma sensação de estar apoiada. Quando ele fala ‘Feira do’ som parece que eu sinto aquela sensação boa de estar no Ver-o-Peso. O meu avô, com quem eu morei 40 anos da minha vida, era pescador, então, a gente tinha uma relação grande com o Ver-o-Peso. A história da minha vida é a história do Jurunas, são pessoas vindas do interior por barco e que não conseguiam pernoitar na cidade velha e que foram se instalando no bairro do Jurunas e assim se fez o bairro do Jurunas, essa é a história da minha família. Então, a gente tem essa relação muito grande com o Ver-o-Peso, com feira. E quando eu escuto a Feira eu sinto essa sensação, sabe, de sentir o cheiro da manga, de sentir o cheiro fresco das frutas, de tá ali perto do rio, perto da maré cheia, de ver os barcos coloridos e me dá essa sensação. Eu consigo visualizar o programa, as falas, os ouvintes. Eu visualizo isso quando escuto a Feira do Som.

Apesar da sonoridade existente na cidade de Belém, o programa é baseado num critério de escolha individualizado, baseado no gosto do produtor e de suas escolhas, que excluem ritmos latentes e que marcam a vida social das periferias belemenses há muitas décadas, como aqueles reproduzidos nos antigos Sonoros, nas aparelhagens e que hoje assumem o ritmo de “tecnobregas”. Ou seja, apesar do programa ser vendido como Feira, com diversidade musical, o som do “subúrbio” ainda está ausente. A feira que os ouvintes lembram, tanto Francine como Jules, no capítulo anterior, é o principal cartão postal da capital paraense, é o que vende a cidade para turistas e escoar a produção para o mundo. Por que os ouvintes não associaram a Feira do Som a outras feiras? Porque o Ver-o-Peso é uma feira central na vida de Belém e é uma feira-mercado visitada/utilizada pela elite e classe média alta, seja para comprar filhote ou tambaqui no mercado do peixe, seja para comprar tucupi e frutas ou mesmo almoçar nas boieiras. O Ver-o-Peso é frequentado por diversas camadas sociais, entretanto comporta bem as camadas superiores.

Manon, 39 anos, é produtora cultural, e durante a nossa conversa, ela contou que percebe o programa realmente como uma feira, na qual é possível “encontrar tudo o que está sendo produzido aqui, que chega até lá e compreendo que nem tudo chega até lá, porque nem todo mundo ainda consegue perceber sua obra conectada com a rádio. Ainda não sabe como chegar na rádio cultura”. Uma feira é um espaço no qual há vendas de diversos produtos e não apenas um seguimento. Entretanto, mesmo que Edgar Augusto caminhe pela cidade, ele vai selecionando dela o que tem interesse em mostrar para o público. Como diz Manon,

Edgar passeia pela cidade, ele tá na cidade. Eu consigo perceber que é um apresentador que boa parte da cidade ele tem domínio de conhecimento. Eu digo boa parte, porque eu sei que tem uma outra

realidade aqui em Belém, uma realidade periférica, que talvez a Feira do Som talvez não abrace tanto até mesmo porque acaba que esse nicho, infelizmente falo nicho, porque essa música muito grandiosa daqui da Amazônia (tecnobrega, músicas de aparelhagem) tem uma outra história, que acho que outros programas da rádio cultura dão conta disso, mas ainda sim acho que a Feira do Som oferece essa conexão com a cidade para que você possa mergulhar em Belém artisticamente e historicamente.

E a programação da Feira do Som faz parte dos gostos de uma elite cultural, mesmo que o discurso proponha a ideia de uma mestiçagem musical, com incorporação de sons populares e eruditos, mas esse popular não é periférico. O ouvinte é capturado pela Feira a partir do próprio gosto musical, entretanto não tem domínio sobre o que toca por lá, quem seleciona e dita é o produtor e locutor, como disse nos capítulos anteriores. A seleção escutada pelos ouvintes não é uma lista de preferências do próprio ouvinte, mas, sim, uma lista que reverbera o gosto de Edgar Augusto e toda sua herança cultural.

Myla⁶⁶, 40 anos, jornalista, é moradora do bairro do Jurunas⁶⁷ há 20 anos desde que chegou em Belém, vinda de Igarapé-Miri, um município do Nordeste Paraense, conhecido por ser o maior produtor e exportador de açaí, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE). O município lançou nacionalmente músicos como Pinduca⁶⁸, considerado Rei do Carimbó, dona Onete⁶⁹, rainha do carimbo chamegado, Tonny Brasil⁷⁰, um dos criadores do Tecnobrega. Myla veio estudar para o vestibular e acessar à universidade. No começo, ela tinha dificuldade de se conectar com a cidade,

⁶⁶ Entrevista concedida à autora da pesquisa no dia 23 de abril de 2023.

⁶⁷ Um dos bairros mais populosos de Belém. É um bairro de migrantes ribeirinhos que foram se firmando ao longo do Rio Guamá. É um bairro que fica entre o bairro mais populoso da cidade, o Guamá e Batista Campos, um bairro de classe média alta e elite. Foi no início dos oitocentos, com o aterramento do Igarapé do Piry (um braço do rio Guamá) que houve a expansão da cidade para os bairros: Batista Campos, Jurunas, Condor, Cremação e Guamá, ligando ao centro de Belém. O Jurunas é visto como um bairro que ao mesmo tempo que se modernizou, entretanto continua sendo uma extensão da vida no interior, tendo em vista que tem uma vida tranquila, com hábitos adaptados ao espaço urbano segundo Carmen Rodrigues (2008) no artigo “Bairro do Jurunas, à beira do rio Guamá”.

⁶⁸ Aurino Quirino Gonçalves é músico (cantor e compositor) mais conhecido como Pinduca, o Rei do Carimbó. Ele transformou alguns carimbos pau e corda do interior do Estado do Pará em ritmos a serem consumidos pela indústria radiofônica. O álbum “No embalo do Pinduca” foi indicado ao Grammy Latino de 2017 como “Melhor álbum de Raízes brasileiras.

⁶⁹ Ionete da Silveira Gama ficou conhecida como Dona Onete. Morou em Belém e Igarapé-Miri, onde foi Secretária de Cultura e Professora de História e Estudos Paraenses. No ano de 2012, aos 73 anos, gravou o primeiro CD, Feitiço Caboclo, produzido pelo músico Marco André. Foi esse CD que fez com que ela fizesse shows internacionais. Ela ficou conhecida como a Diva do Carimbó Chamegado.

⁷⁰ Antônio Luis ficou conhecido como Tonny Brasil, o pai do Tecnobrega. O Artista começou a mesclar tecnologia com o ritmo do brega, já conhecido. Ele compôs cerca de duas mil músicas, sendo que 700 delas foram gravadas por artistas paraenses com projeção nacional como a Banda Calypso, Wanderley Andrade e Gaby Amarantos.

mas foi por conta do programa e da herança cultural trazida de Miri que ela começou a se sentir parte de Belém.

O programa era o programa que mais tocava músicas que eu mais gosto do que eu menos gosto. Eu tenho que te confessar, a minha playlist é uma loucura. Eu saio, assim tranquilo, de Pavarotti para Zeca Pagodinho, passando por Shakira, voltando para Barbara Strass com a maior facilidade. **A Feira do Som conseguia me manter alinhada com o que eu gostava de ouvir** enquanto o programa estava passando. Ele **tocou muita música que eu gostava e música que eu viria a gostar**, músicas que eu nunca, mesmo com a minha curiosidade enorme, músicas de outros países, da América Latina, da América do Sul não conseguiria conhecer. Tem uma música específica que me marca muito a Feira do Som. Eu sempre gostei muito de música italiana desde pequena. E quando eu fui para Belém, umas das primeiras músicas que eu ouvi morando Belém – porque eu ouvia o programa sempre o programa antes de ir para o colégio e horário que passava era um horário que antes de eu ir para a escola e eu ficava ouvindo a Feira do Som – era uma música italiana chamada “Casa di Lucca”. Então, assim, eu tenho até uma música que remete ao programa Feira do Som e eu tenho certeza que nunca teria parado para conhecer essa música e ela nunca teria entrado na minha *playlist* se não fosse a Feira do Som, assim como tantas outras informações sobre música e músicos que eu só soube, só fui **educada**, só fui informada através da Feira do Som. Quero deixar claro que não eram todas as músicas, o cantinho dos Beatles nunca fez diferença para mim.

Destaquei na fala de Myla alguns trechos que considero importante chamar a atenção. Quando a jornalista fala que só soube, que só foi informada e educada por ouvir a Feira do Som quando se trata de músicas fica claro que o programa está funcionando como um instrumento pedagógico para moldar o gosto dos ouvintes. E esse marcador é tão forte que ela destaque que a Feira tocava músicas que ela gostava e que viria a gostar. Conjugado no futuro do pretérito: viria, o que expressa surpresa. E pelo tom de voz e o sorriso no rosto de Myla remete a uma surpresa boa, que a deixa satisfeita.

A mídia influencia no gosto do público. O rádio faz parte da intimidade dos lares, numa condição de recepção doméstica, faz parte do cotidiano e está em todos os lugares. Primeiro ganhou a sala de estar e finalmente adentrou outros espaços: da cozinha ao quarto e lugares públicos, como consultórios, escritórios e repartições públicas antes de ser substituído pela televisão. O rádio passou a acompanhar os torcedores nos estádios de futebol e o condutor no trânsito. Ouve-se rádio sozinho e em grupo, em família. É uma atividade que pode ser realizada junto com outras (FRANÇA, 2006), inclusive conversando a partir de aparados tecnológicos e redes sociais sobre os produtos midiáticos que se escuta. Com uma intimidade conduzida por meio de uma linguagem natural, com tom de conversação e encontros feitos diariamente, as pessoas conectam-se,

interagem e compartilham da visão de mundo apresentada, tendo em vista que ouvem rádio muito mais pelo que desejam sentir do que pelo que desejam saber, parafraseando Fechine (2006).

Entrevistei Edgar Augusto algumas vezes. Além dos dias que acompanhei o programa na Rádio, nos falamos algumas vezes pessoalmente em lugares diferentes, na rádio, na casa dele e no café da Sol Informática e também conversamos por telefone em duas outras oportunidades. No último encontro que tivemos, com intervalo de cinco anos desde o primeiro, em 2023, Edgar me convidou para um café na Sol. É um espaço em que o jornalista se sente confortável, pois é um ambiente de encontros semanais com os seus amigos e onde ocorria um almoço, nos sábados, da “Confraria do Panamá”, a qual ele faz parte. Essa confraria aparece de forma frequente na Feira do Som, como mostrarei no próximo tópico.

Era uma quarta-feira de manhã do mês de fevereiro. Eu sai de casa e fui andando até o Café, que fica no mesmo bairro em que moro. Andei quatro quadras e fui pensando nas conversas que já havia tido com o locutor. Chegando no prédio, subi o elevador, entrei no café e perguntei por ele. A atendente disse que ele devia estar para chegar, pois normalmente chegava por ali àquela hora. Eu escolhi uma mesa, pedi um café com leite e uma água, sentei e fiquei algum tempo esperando. O local estava com poucos clientes e tinha uma vista para a Doca⁷¹, bem em frente ao prédio em que Edgar mora com a família. Eu fiquei lá, aguardando e tentando prestar atenção para reconhecer o meu entrevistado caminhando na rua. Entretanto, essa escala da cidade não permite que se identifique um conhecido que caminha na Doca de Souza Franco. A verdade é que acabei me distraindo com o trânsito e só vi quando Edgar chegou ao Café⁷². Ele sentou em frente a mim e começamos a nossa conversa sobre a ação de finitude da Feira. A última vez que tínhamos nos falado, ele tinha apenas decidido e queria colocar em prática, lá em 2021. E durante esse momento, ele explicou-se dizendo que a Feira tinha cumprido seu papel e já havia passado cinquenta anos e se questionou como seria um jovem escutando o programa.

⁷¹ A Doca de Souza Franco é uma das áreas mais nobres da cidade de Belém, hoje, mas até a década de 1980 era um canal aterrado do braço da Baía do Guajará, o Igarapé das Almas ou Igarapé das Armas. Ela funciona como fronteira entre os bairros do Reduto, o primeiro bairro operário e indústrias de Belém e o bairro do Umarizal, que era um bairro popular, povoado por ex-escravizados, entretanto foi sendo elitizado nas últimas décadas. A urbanização crescente a partir dos anos 1970 fizeram a Doca se verticalizar e tornar-se o metro quadrado mais caro da capital paraense (VENTURA, 2015).

⁷² Entrevista concedida à autora da pesquisa no dia 08 de fevereiro de 2023.

Nesse minuto, uma pessoa jovem entrasse no carro e escutasse a feira do som, ela ia acabar até se interessando um bocadinho. Pelo conteúdo meu, ela ia falar “legal esse velho falando ai isso”. Ela ia chegar falando “bacana, legal que um cara que fala lá”. Mas, não era algo que atraísse como nos tempos que eu comecei, nos meus tempos de glória, áureo.

Eu perguntei se o gosto dos jovens havia mudado na opinião dele e a resposta foi afirmativa. O gosto, segundo Edgar

Mudou muito, muito. Primeiro a televisão veio com muita força, o modismo da TV, o que que a TV veiculava. Depois veio as redes. Hoje em dia, por exemplo...antigamente, eu me lembro aqui, um artista queria gravar um disco, ele tinha que ter um patrocínio para gravar. Para conseguir um patrocínio ele tinha que viajar para o Rio, São Paulo, no máximo Pernambuco que tinha uma gravadora lá. Para gravar era um nível de exigência muito grande. Além do camarada ter dinheiro, tocar, tinha que saber fazer as coisas. Hoje em dia, primeiro que não tem mais estúdio de gravação, as pessoas estão comprando equipamento e gravando em casa, você escuta cada cantor desafinado, que atravessa o ritmo, instrumentistas que tocam mal e aquilo é jogado nas redes e tudo, toca até em rádio, vende e eu não entendo. Eu fico às vezes encabulado. Na Feira do Som eu não rodava. Eu ficava encabulado com aquilo e dizia não vou fazer. Eu fazia uma seleção, o nível de exigência das pessoas caiu, caiu. Antigamente, era o artista para valer que fazia sucesso, outros não faziam porque não satisfaziam esse nível de exigência. Eu próprio tenho um nível de exigência comigo para fazer a feira do som. Eu vim de uma escola que era preciso saber. Eu só fiz bem a feira porque eu lia muito, eu escutava muito as pessoas falarem, eu ouvia o que as pessoas tinham a dizer. Eu irradiava futebol e tinha que criar cenas, hoje, tranquilo pela televisão. Quando eu irradiava futebol eu tinha que criar na cabeça de uma pessoa todo um cenário e eu procurava me aperfeiçoar nisso. Tinha um treinamento que eu fazia em casa de articulação, de voz, de tudo, eu sempre caprichei muito comigo.

A televisão teve seu momento áureo desde a década de 1970 e até, hoje, mesmo depois do aparecimento das plataformas de *streaming*⁷³ as novelas e programas jornalísticos continuam tendo grande influência na opinião pública. Segundo Bauer (2002) a televisão e o rádio exercem influência na formação da identidade cultural e na capacidade comunicativa. Para Edgar Augusto, assim como para o avô na entrevista à *Fon-fon!*, em 1941, o rádio tem uma função pedagógica da formação do gosto, no qual a emissora dita o que deve ser escutado e por isso, na Feira do Som, ele traz informações

⁷³ *Streaming* é uma palavra de origem inglesa que quer dizer “transmissão” e passou a ser utilizada para intitular os serviços de transmissão online por plataformas como computador, celulares com acesso à internet, tablets, que serve para acessar conteúdos midiáticos: som, texto e vídeo.

detalhadas sobre a música que seleciona para o seu ouvinte. Quando ele decide não colocar no programa um estilo ou cantor, essa decisão influencia o público. Assim como os ouvintes também influenciaram Edgar muitas vezes, como a decisão de mandar os abraços e de implementar o quadro cantinho dos Beatles na Feira.

É inevitável retomar a entrevista que Edgar Proença, avô de Edgar Augusto, deu à revista Fon-Fon!, em 1941, quando ele defende que as rádios são aliadas na construção de um bom gosto e que sem seleção feita pelos locutores “não haverá educação artística de um povo”. Tanto na fala de Myla, mais acima, como na de Edgar percebe-se que o gosto vai sendo moldado de forma hegemônica. Na entrevista do avô de Edgar, ele já chamava a atenção para o interesse comercial das canções e da possibilidade do locutor conseguir mesclar o rádio entre a elite e as massas, por meio da seleção musical.

Se considerarmos a qualidade metafísica do gosto resulta no senso comum e os juízos estéticos referem-se ao que é belo e sublime na arte ou na natureza. Desta maneira, o juízo do tipo “esta fruta é saborosa” não é estético, por não ser admitido por uma comunidade afetiva ou uma tribo (MAFFESOLI, 1998a). Entretanto, quando há um juízo estético, reflexivo, como a beleza de uma música há um jogo de entendimento e imaginação, que pode provocar paixões ou repulsas. Sendo assim, o gosto é comum, sendo então uma integração, tendo em vista que somos seres nutridos pelo afeto e essencialmente comunicantes (SODRÉ, 2014).

É por meio do gosto que os ouvintes vão sendo capturados pela Feira de tal maneira que se conectam em grupos, com compartilhamento de sensações, vivências e relações conflituosas ou harmônicas. O público participa do cotidiano do programa e pode passar a enxergar a cidade por uma perspectiva que talvez não pudesse antes. Essas experiências coletivas, possibilitadas pela mídia, trazem ao indivíduo uma forma de estar no mundo, na qual faz parte de uma tribo (Maffesoli, 1998a). É por meio da intersubjetividade que transita o compartilhamento de sensações, sentimentos e vivências. Para Maffesoli, a estética é um sentimento comum (CASTRO, 2011), por isso, para este autor francês, o sujeito se une em tribos, que tem uma sensibilidade vivida em comum (MAFFESOLI, 1998^a; MAFFESOLI, 1998b).

Bem da verdade, cabe ao senso comum assegurar o caráter transcendental do gosto, já que seu julgamento seria meramente contemplativo, considerando a natureza do objeto somente se favorece o sentimento de prazer ou desprazer. Sendo assim, num julgamento estético não há possibilidade de se afirmar nada sobre o que é a coisa ou de que forma deveria ser. Antes disso, sou atraído, seduzido, repellido, dissuadido (KANT,

1995). O julgamento estético envolveria, então, uma resposta não coagida pelo ser, seria uma espécie de reconhecimento. Só interessa ao sujeito como o objeto o faz se sentir, como afeta (KANT, 1995).

Muitos ouvintes disseram que se sentiram afetados pelo programa. Myla contou que até acha engraçado, mas pensando sobre a Feira do Som percebeu que o programa a possibilitou sentir pertencimento mesmo que estivesse distante da Belém representada na Feira, tendo em vista que era moradora do bairro do Jurunas.

A minha sensação é que eu não era tão estranha quanto eu parecia ao chegar em Belém. Eu sempre falo isso para pessoas mais próximas. Apesar do que as pessoas imaginam do que é estudar no interior, do que é estar no interior...eu sempre tive muito mais acesso, isso ficou mais claro quando eu fui para Belém – quando eu morava em Igarapé-Mirim eu não tinha essa noção. Depois que eu fui para Belém, eu percebi o quanto eu tive e tenho acesso a questões culturais, especialmente ligada à música e mesmo de formação de pensamento crítico quanto isso foi muito mais forte nas escolas públicas que eu estudei em Igarapé Mirim do que em Belém. Quando eu fui para Belém eu fui para o famoso estudar para passar no vestibular, aí eu percebi todo o aprendizado que era muito rico no interior que era resumido como um bonequinho de fábrica preparado para passar no vestibular. A Feira do Som veio também para me mostrar que eu não era tão estranha, quanto eu me sentia estranha na escola. Porque todas aquelas informações de mostrar a música ligada à cultura, à literatura. O programa me reconectava com a minha cidade natal. Então, a minha relação com o programa é muito afetiva, é muita gratidão. É a mesma coisa que eu sinto por Belém. Eu sempre brinco que não consigo amar Belém, porque esse espaço já está preenchido, mas eu tenho muita gratidão. E essa gratidão se confunde com a Feira do Som, porque o programa ajudou a me adaptar e perceber que existia uma Belém que não era só apresentada no primeiro impacto, mas que era possível olhar para ela de uma forma muito bonita, perceber ela muito rica culturalmente, com muita música como eu tinha no interior, de uma Belém que tinha muitos eventos culturais e informação no sentido de aprendizagem. Tem muita coisa que eu aprendi com o programa.

A afetividade é o conjunto de fenômenos que envolve emoção e o sentimento despertados a partir da relação do público com o programa. O ouvinte quer estar no mundo, quer se sentir parte integrante da sociedade e da tribo⁷⁴ que escolheu participar.

⁷⁴ O sociólogo francês Michel Maffesoli, em 1985, começou a utilizar o termo "tribo urbana" de forma metafórica. O termo tenta dar conta de "formas supostamente novas de associação entre os indivíduos na 'sociedade pós-moderna': o autor fala em 'neotribalismo'" (FREHSE, 2004, p. 171). A bem da verdade, seriam "essencialmente "micro-grupos" que, forjados em meio à massificação das relações sociais baseadas no individualismo e marcados pela "unissexualização" da aparência física, dos usos do corpo e do vestuário, acabariam, mediante sua sociabilidade, por contestar o próprio individualismo vigente no mundo contemporâneo" (FREHSE, 2004, p. 171).

As pessoas querem ser ouvidas, querem participar e contar o próprio cotidiano para si e para quem interage, convivem. E sentir que compartilham do mesmo gosto que outras pessoas traz a sensação de estar-com-outros, que segundo Simmel (2006), é a múltipla forma de construir laços sociais entre os indivíduos. E o que conecta os ouvintes é, como disseram todos eles, a qualidade musical, a credibilidade na seleção feita pelo locutor, ou seja, no gosto de Edgar Augusto.

Ethan⁷⁵ tem 62 anos e é empresário. Ele é um admirador e colaborador da Feira do Som e expressa a felicidade em escutar o programa por saber que consumirá boa música e não será surpreendido negativamente. Durante a nossa conversa tive interesse em entender o que ele compreendia como boa música e depois de titubear um pouco ele tentou explicar.

A boa música para mim é difícil de explicar. Eu não sei dizer ao certo, mas vou tentar. Por exemplo, na Europa, a formação musical tá disponível para qualquer faixa etária, para qualquer condição econômica... Lá, todo dia, tem concerto gratuito. Todo dia! Aquilo forma musicalmente o ouvido das pessoas. Lá sabem dizer o que é música... Aqui, mesmo que tivesse um concerto da Diana Krall... muito pouca gente vai... nossa cultura não é moldada pela ida ao metrado... mas pelo que a rádio quer tocar... Tem uma história que a som livre foram produzidos com a lógica musical que matemáticos estudaram... pra saber o que as pessoas mais consomem e não pelo que é bom. Música é inspiração. Por exemplo, Cartola era pedreiro e não tinha cultura nenhuma e olha o que ele nos deixou. Era um gentleman, um gênio!

Tu escutas música e sabe o que é bom. Batidão não tem música nenhuma. Música boa pra mim é a que tem música melódica, frase melódica... ta no jazz, MPB, bossa nova. A maioria das rádios vão tocar bregão, eu não consigo ouvir. Não vamos ouvir tango numa rádio... isso é que é música boa. O meu ouvido foi treinando. Tocava muito Frank Sinatra, jazz, o meu ouvido ficou condicionado. Escutava músicas samba canção... Antonio maria, Lupicinho Rodrigues... isso tocou na minha casa. Todo sábado tinha pessoas que iam tocam lá: pai da Andrea Pinheiro (Everaldo), Nego Nelson, etc. Permaneci com a tradição...

A tradição presente na fala de Ethan é a herança cultural de Bourdieu (2007), que são as crenças, saberes que um grupo social transmite ao longo das gerações, seja por meio da vivência e também da escola. A qualidade musical para ele estará menos ligada ao fetichismo, como compreende Adorno (1996), são as músicas com menor reprodutibilidade técnica (BENJAMIN, 2013), com uma aura do belo e que está

⁷⁵ Entrevista concedida à autora da pesquisa no dia 15 de abril de 2021.

relacionada a um grupo com gosto refinado, intelectualizado. Para Ethan, o programa que merece ser escutado é a Feira do Som, tendo em vista que não reproduz o que a massa quer escutar. Essa também é a opinião de Nolan⁷⁶, um dos ouvintes que escutei o programa junto, na casa dele.

Não é desfazer o gênero musical, mas o carimbó, a música raiz do Pará, se você massificar... mas não quero ouvir só isso. Não é porque eu sou paraense que eu quero escutar carimbó. Teve uma época que você tocava dez músicas e sete eram carimbó. Não sei se era essa proporção, mas dava no saco. Eu procurava a minha alternativa. E a Feira mostrava o que tinha de novo e também ficava claro a diferença para as outras rádios. MPB, MPP, isso que me prendia. A qualidade musical. Ele não se privava de colocar, mesmo que fugisse do gosto usual... no meu caso importava que era sempre do meu agrado. É um diferencial, mas as vezes tem um lançamento que tem quem goste. Tem uns bregas aí que são ótimas, que são dançantes, que tem uma sonoridade melhor. Aquela música que não é descartável, que ouviu um tempo e se você tocar de novo... vai sentir a mesma coisa. Diferente do “ai delicia, se eu te pego”... deve tá bem, ganhando dinheiro, com a carreira boa, vivendo, fazendo sucesso mundial... sertanejo, brega, mas só sei que é horrível, mas foi isso aí que atravessou fronteiras mundiais. Na época, quando estourou aqui, eu fui visitar minha filha em Boudeaux e quando eu subi no ônibus e tinham uns jovens estudantes e o toque do celular era essa música... quando cheguei em casa e contei para a minha filha... eu detesto, não gosto de ouvir... cada um tem um gosto, não posso interferir, mas se tiver no meu alcance... ah, aí eu troco...

Nolan cresceu em uma família de classe média. Os pais eram comerciantes, tinham alguns terrenos no bairro do Telégrafo e optaram em colocar os filhos em uma das escolas mais tradicionais de Belém, o colégio Marista, lugar que a elite elege como o destino escolar dos filhos. Os pais tinham um gosto musical diferente, entretanto com o grupo de amigos da escola e das saídas noturnas ele foi reelaborando o gosto musical, segundo ele.

Enquanto escutávamos o programa, Nolan contou que, hoje, preferia escutar as plataformas de streaming por ter o poder de selecionar suas preferências. Lá, ele acessa músicas do mundo inteiro, coloca um fone de ouvido e vive a regra do “meus ouvidos, minhas regras”. O único momento em que ele acessa o rádio é para ouvir Edgar Augusto e a sua Feira, justamente por ter a credibilidade que seria sempre do seu agrado as seleções feitas no programa, mesmo que fugisse do gosto tradicional.

⁷⁶ Escutei o programa na casa de Nolan no dia 09 de novembro de 2021.

A opinião de outro ouvinte, colaborador da Feira desde o começo do programa, não é diferente. Elliott⁷⁷, 65 anos, é empresário e fala do programa radiofônico como um velho conhecido. Tentei algumas vezes que pudéssemos escutar o programa juntos, entretanto os encontros foram todos remarcados até que não pudemos mais nos encontrar para ouvir a Feira juntos, por conta do encerramento do programa em 2023. Mas, conversamos algumas vezes por telefone, que foi a forma como Elliott sentiu mais conforto, segundo ele, por conta dos afazeres oficiosos que eram muitos. Cheguei a ele por indicação da produção do programa, que achava que poderia ser um entrevistado interessante, pois era um dos primeiros ouvintes do programa, que ainda permanecia ativo, participando. Em uma das nossas conversas, ele me disse que era necessário apresentar a Feira do Som para outros ouvintes, em outros lugares do mundo e tinha certeza que muitos apreciariam, principalmente por conta do gosto musical, que não faz parte só dos belenenses.

é um programa longo, com boa música. É bem eclético. Tem coisas que ele toca que não gosto. Te confesso. Mas é um programa agradável. Ele toca Belém. Belém tem músicos bons. Tem uma música nossa que não sou muito chegado. Esse negócio de cantar nossa terra... não sou muito chegado. Para mim, o jazz é que é música boa. E para escutar Jazz na rádio só no Edgar mesmo.

Quando Elliott demonstra insatisfação com a música regional, que mostra as coisas da terra e tem uma sonoridade cabocla e diz ter preferência pelo Jazz, música que toca em diversas rádios pelo mundo, ele tem interesse em mostrar a diferença entre ele a classe popular da região amazônica. O Jazz surgido no sul dos EUA foi protagonista da década de 1920 e influenciou músicos por todo o mundo, a grande característica é o improviso, com liberdade rítmica e reinterpretação de músicas já conhecidas. Entretanto, quando a guitarrada mistura estilo, improvisa ou quando o brega reinterpreta clássicos pop tornam-se um seguimento menor dentro da música.

Quando pensamos na cidade de Belém fisicamente e na música que toca na periferia e está ausente em grande parte da programação da Rádio Pública do Estado, principalmente do programa que permaneceu por quase 30 anos no mesmo horário na Rádio Cultura, o horário mais nobre da rádio, a hora do almoço. O público da Feira do Som, como já mostrei anteriormente, é um público A e B e majoritariamente masculino e que escuta no rádio do carro, o que demonstra um recorte de classe e gênero. Esses

⁷⁷ Entrevista concedida à autora da pesquisa no dia 06 de março e 09 de abril de 2022.

recortes proporcionam uma forma de consumir a cidade diferente se o público fosse composto por minorias.

Belém é múltipla, Edgar Augusto concorda com essa afirmação, entretanto escolheu eleger a sua própria cidade para veicular no espaço público da Rádio Cultura FM. A Feira foi ao longo dos anos moldando o seu público e proporcionando um contato com uma Belém particular, a qual tem o gosto como catalizador para as relações sociais.

Eu era dono de um vício de criança muito chato. Como eu andava pouco em Belém eu imaginava que Belém começava ali no Ver-o-Peso e terminava no mercado de São Braz. Quando tinha jogo no campo da Tuna, tinha um locutor que ficou que famoso aqui em Belém, Grimoaldo Soares que falava um português castiço, ele dizia “o jogo será no longínquo estádio do Souza”, era um tempo que se dizia:

- Onde tu moras?

- No bairro do Souza

- É-gu-a! No Souza?

Quer dizer, porra, é muito longe. Hoje, você chega em cinco minutos. Quer dizer, entendeu? Então, eu comecei a fazer para uma Belém pequena, depois eu senti a evolução dos bairros de Belém, pessoas que vinham comigo e falavam dos bairros, então comecei a sair e conhecer localidades distantes e ficava muito feliz quando sabia que a feira chegava até lá. Eu conheci, com a chegada da ponte, bares do Mosqueiro, Icoaraci e Outeiro que me escutavam. Eu não sabia que me escutavam. Mas, eu sempre quis que a Feira do Som artisticamente, culturalmente fosse um ninho do que se fazia aqui na cidade, por isso eu queria conhecer os locais aqui da cidade. Hoje, estou um tanto desatualizado, porque antigamente eu saía muito. Eu sempre coloquei Belém como uma coisa, assim, bem saliente nesse trabalho e eu acompanhei o crescimento de Belém e eu lamento porque declaradamente, hoje, eu não acompanho mais. Eu cansei, eu fiquei mais limitado e a cidade, também, cresceu para pior em certos sentidos. Por exemplo, eu adorava barzinho, porque barzinho tinha música, eu conheci muitos cantores que brilharam depois e começaram em barzinhos. Hoje, você chega num barzinho tem um monte de telão passando luta e, alguns, lá no cantinho espremido tem uma caixinha de música com um cara sozinho no violão, cantando para quem? Ninguém ouve, além das pessoas olharem para cima para ver luta, as pessoas pegam e ficam umas com as outras no celular. Isso me desanimou muito. Eu era amigo dos músicos, eu levei isso tudo para a feira.

Os bairros que mais escutam a Feira do Som são os que a desigualdade social aparece de forma menos intensa. Icoaraci, Mosqueiro e Outeiro, que estão distantes mais de 20 quilômetros do centro da cidade, são distritos que foram esquecidos pelo poder público em diversas gestões. Os três tem praias impróprias para o banho, com redes de esgoto sendo jogados a céu aberto, com pouca infraestrutura. O programa é sintonizado lá, mas não é a preferência dos moradores desses distritos, com exceção de Icoaraci, que

O bairro com maior participação na Feira, nesse período, foi Batista Campos, seguido do Reduto. Já a menor participação é do distrito de Icoaraci, que não é dividido em bairros. A experiência de pensar imageticamente essa relação do produto midiático com a cidade, bem como do ouvinte com as ondas sonoras fez com que eu pudesse refletir sobre esse fazer etnográfico e pudesse, então, desenhar como construção etnográfica, como propõe Kuschnir (2014).

Essa é uma Belém muito específica, como diz Myla.

Não posso dizer isso de forma técnica e com dados, mas sempre me pareceu que a Feira do Som atende uma classe social muito específica. Não é uma Belém de todos. Eu sempre percebi que a música que toca ao meu redor, não estou fazendo juízo de valor é só uma questão de constatação. A música que toca ao meu redor no Jurunas é sempre muito diferente da música que toca na Feira do Som. Isso me remetia, clara, a uma outra cidade, que na minha realidade específica também conversa de uma maneira muito próxima. Mostrava pra mim duas Beléns por onde eu transitava, uma Belém que onde eu moro e uma Belém onde eu estudava, que a minha escola era na Batista Campos. Dizer que a feira do som toca Belém, é claro que ela toca. Mas tem uma Belém específica que ela toca. Não é todo mundo, por exemplo, que gosta dos Beatles. Não é todo mundo que vê os Beatles como uma banda inglesa que devia ter um destaque na rádio. Não estou julgando isso, mas assim tem gente que nem sequer conhece ou se conhece não gosta, não faz questão, só para dar um exemplo.

Não é só Myla que percebe essa especificidade da Belém retratada no programa. Tanto que Edgar confessa que muitos ouvintes e colegas da rádio chegam a chamar a Feira de intelectual.

Algumas pessoas acham que a feira é intelectual. É intelectual por que dou informações? Por que falo correto? É uma rádio pública, educativa tem que informar correto, com o português correto para que ouçam e repitam. As pessoas escutam e gostam de ser citadas. Hoje, quem escuta a Rádio Cultura também escuta a Diário FM⁷⁸ e a Unama⁷⁹. É espantoso, tem muita audiência no Marco, no Umarizal, no Jurunas e em Batista Campos. A rádio Cultura não é uma emissora que tenha um som potente em todos os aparelhos de rádio. Tem emissoras com potência maior que podem ser escutadas até em Castanhal⁸⁰. Isso vai

⁷⁸ A Diário FM, estreou em 2009, é uma das emissoras de rádio controladas pela RBA (Rede Brasil Amazônia) pertencente ao ex-governador do Pará e senador Jader Barbalho (MDB) (BRAGANÇA, 2015).

⁷⁹ Rádio Universitária Unama FM, com a frequência 105,5Mhz, tem a concessão vinculada à Fundação Instituto para o Desenvolvimento da Amazônia (Fidesa) e entrou no ar a primeira vez em 2005 com a participação de professores de jornalismo, publicidade e estudantes universitários da Universidade da Amazônia (UNAMA) (MARQUES et al, 2021).

⁸⁰ Castanhal é um município do estado do Pará e integra a Região Metropolitana de Belém desde 2012 (). Distante 68 quilômetros da capital, Belém (DIÁRIO DA JUSTIÇA, 2012).

um pouco contra mim, mas eu tenho um público bastante expressivo. Alguns me ouvem até na Ilha das Onças⁸¹ e em Paracuri⁸², Icoaraci⁸³.

Essas marcas aparecem claramente no mapa de Belém quando visualizamos quem são os ouvintes da Feira do som. É preciso deixar claro que o gosto é uma distinção e reflete no consumo de um programa de rádio, bem como na cidade que vai sendo tecida na memória social e nas vivências do dia a dia de seus cidadãos e transeuntes. A cidade que vai sendo abordada no programa da Rádio Cultura FM acaba priorizando os bairros centrais e deixando de lado os periféricos, principalmente quando as perguntas sobre Belém são feitas. A cidade é recortada e uma grande parcela dela fica apartada.

4.2. Os abraços de Edgar e os amigos da Feira: o gosto como distinção

Eu acompanho a Feira do Som desde muito menina e sempre ouvi o meu pai entrar em contato com o programa para responder as perguntas sobre a Belém que lá eram feitas. Foram inúmeras as vezes que fomos até a Cultura para pegar os prêmios que ele recebia. Não tínhamos contato com a produção, nem com o Edgar Augusto, só com a recepcionista que tinha uma lista de nomes e seus respectivos prêmios. Normalmente, era a minha mãe quem buscava. O prédio da Cultura, nos anos 1990/2000, ficava próximo ao curso de inglês que eu fazia e era possível ir caminhando. Então, minha mãe nos deixava na aula, eu e minha irmã, íamos andando três ou quatro quarteirões até a Cultura FM para buscar a premiação do Mestre do Cão, o pseudônimo do meu pai como amigo da Feira. Como contei, os abraços não cessaram mesmo com o silêncio do meu pai, mesmo depois de duas décadas do canil fechado e sem qualquer telefonema do meu pai para a Feira.

Nas conversas com a produtora, ela disponibilizou a lista de ouvintes da Feira, um documento de *Word* com dezesseis páginas de nomes de abraços que o Edgar Augusto mandava diariamente na Feira. O nome do arquivo é “ouvintes Feira do Som ATUALIZADA”, com um destaque para a mais recente das listas. Quando a recebi, corri para buscar meu pai e o encontrei entre tantos outros. O pseudônimo do meu pai estava

⁸¹ Ilha das Onças pertence ao município de Barcarena, Pará. A ilha está localizada na Baía do Guajará e tem uma área de 75 mil hectares e é uma das maiores ilhas que formam o arquipélago em torno da cidade de Belém.

⁸² Paracuri é um dos bairros mais representativos do distrito de Icoaraci, pertencente a cidade de Belém. É um bairro conhecido pela produção artesanal de vasos indígenas de estilo marajoara e tapajônico.

⁸³ É um dos distritos de Belém, distante 20 km do centro da cidade e possui cerca de 500 mil habitantes, segundo o IBGE.

listado junto ao nome de pessoas de bairros parecidos, situados na Nova Belém⁸⁴, bairros como Tapanã, Tenoné, Bengui, Mangueirão, além de bairros da região metropolitana como Coqueiro, em Ananindeua e Benevides.

Essa não foi a única coisa que eu notei logo que passei a vista na lista. Percebi que grande parte das pessoas que estavam ligadas a ofícios mais populares não tinham seus sobrenomes nos abraços, assim como os remetentes dos bairros mais afastados e populares tampouco. O meu pai aparecia como o “Mestre do Cão” do Tapanã, bairro que em que o canil estava localizado. Bem da verdade, as pessoas pertencentes à classe média, média alta ou elite tinham seus nomes seguidos de sobrenomes para receber “aquele abraço”.

As profissões mais populares como motorista e sapateiro tinham seus nomes sem os sobrenomes normalmente, vinculados à profissão ou ao local onde trabalham, como é o caso do “Louro Sapateiro – Clipper Guamá”, do “Edilson e Leon – Bilheteria do Goeldi”, “Pires na Jovem Pan”, mesmo o funcionário da Fundação a qual as emissoras Cultura estão vinculadas e a Feira do Som pertence não tem seu sobrenome dito “Motorista Ribamar – Funtelpa”. Também há inúmeros nomes com os bairros e novamente são bairros ligados a periferia de Belém ou região metropolitana, como “Noeli do Maguari”, “Verinha – Sacramento”, “Madalena – Julia Seffer”, “André e Claudiane – Curuçambá”, “cobrador Gleidson – Linha Pedreira Condor”, “Chicão – Feirante telégrafo”. Essa generalidade só permite que a própria pessoa sinta o prestígio, sem um reconhecimento maior. Afinal, quantas Veras existem no bairro da Sacramento, que hoje tem mais de 44 mil habitantes? Entretanto, quando esses profissionais fazem parte da classe médica, mais ligada a classe média alta, os sobrenomes e as especialidades são reveladas, deixando os bairros de fora. É o caso do Cirurgião Plástico Paulo Maurício, do anestesista Dr. Jorge Melin, do Endocrinologista Francisco Pedrosa. Isso, faz com que os ouvintes da Feira reconheçam aquelas médicos como integrantes da sua tribo, de um grupo seletivo de amigos da Feira e funciona como uma propaganda de suas especialidades, tendo em vista que os ouvintes do programa lembrarão de Paulo como cirurgião plástico, mas o Paulo Maurício. Assim, os sobrenomes distinguem.

Muitos dos abraços são para amigos que Edgar foi conquistando ao longo da trajetória como jornalista e que acompanham o programa mais de perto. Alguns deixaram

⁸⁴ Nova Belém é o título inventado pelos agentes do mercado imobiliário metropolitano para designar a mais recente frente de expansão imobiliária do município, iniciada em 2011 com a produção habitacional de empreendimentos voltados para a classe média (VENTURA NETO, 2015).

de escutar, mas continuam recebendo notícias de que seus nomes foram citados na Feira, que é o caso do meu pai.

Figura 27: trecho da lista de abraços do Edgar

FRANCISCO NAZARE
CLEITON PALMEIRAS
PESSOAL DO PRECATÓRIO DO TRT
OS IRMÃOS VERA E DOUGLAS BAKER
ODILEUSA ALFAIA
TURMA DA JUCEPA
PIRES NA JOVEM PAN
PESSOAL DO BAR PARAPAVÊ
WALTER NO TENONÉ
PAULO MAURÍCIO – CIRURGIÃO PLÁSTICO
DR. OSCAR TEIXEIRA E ESPOSA
MESTRE DO CÃO – TAPANÃ
NO TCM BRITO JR
ALTEVIR CASTRO
SR WILSON, ESPOSA E FILHOS EM TUCURÍ
RUTH – COQUEIRO
VIGILANTE CLEMENTE
FABI MOREIRA – BENEVIDES

Fonte: Produção do Programa Feira do Som

Tom, 61 anos, ouvinte do programa há anos, saía diariamente para o trabalho e sintonizava a Rádio Cultura FM. Em 2020, por conta da pandemia diminuiu as saídas de casa e conseqüentemente passou um longo tempo sem ouvir a Feira do Som. Ele voltou a escutar quando fiz o convite para que conversássemos e eu pudesse ouvir o programa junto com ele. Depois da nossa primeira conversa por telefone, ele confessou:

Eu senti vontade de escutar. Acho que vou voltar a escutar. A Feira do Som é um farol para a rádio paraense. Esse programa se fosse transmitido nacionalmente seria um sucesso. Tenho certeza que tem outras capitais no Brasil que sentem falta de um programa como esse, mesmo sem saber que existe. As coisas parecem que são substituíveis, mas a verdade é que não há substituição para sentimentos, para a cultura...

Os sentimentos vão sendo tecidos ao longo do contato que o ouvinte vai tendo com o programa. O público da Feira do Som é participativo, o que favorece processos afetivos de interação, que são construídos na intimidade do cotidiano, na aproximação diária. É uma socialidade permitida pela temporalidade, que se estabelece na estética do cotidiano, possibilitando experimentar sentimentos, sensações, emoções (MAFFESOLI, 2007; MAFFESOLI, 1995). Ou seja, a comunicação ocorre na relação com os outros, na vivência com o outro, na intersubjetividade. É preciso que haja encontro, seja face a face ou mediado. Esse cotidiano, aqui retratado, é o que permite

uma constituição de laços, de socialidade, no espaço temporal distendido, com um presente sendo atravessado pelo passado e pelo futuro (RICOEUR, 2016; BRETAS 2006).

A relação que Tom⁸⁵ criou com Edgar foi mediada pelo rádio. Nunca foram amigos, mas o ouvinte passou a respeitá-lo e a receber visitas diárias do locutor por meio do programa, quando sintonizava na Feira. Durante a nossa conversa, perguntei a Tom qual a sensação de ser o destinatário dos abraços enviados por Edgar.

É muito bom receber o abraço do Edgar. Provoca em mim uma sensação boa. Cada vez mais as pessoas estão ficando só, então, receber a coisa do abraço é de um respeito... e nesse momento que estamos com menos empatia e menos respeito saber que o Edgar mandou abraço para ti é de uma felicidade tamanha. O cara gosta de ti, às vezes nem é isso, mas o que passa é isso. Não era amigo do Edgar, mas passei a ter respeito.

Ele começou a me mandar abraço quando eu comentei com ele sobre o programa, que eu escutava e gostava do que ouvia. Tomei um susto, eu tava no carro e ele falou de mim. Não é vaidade, mas é aquela coisa de se sentir acarinhado, respeitado e em mim é assim que bate. Nas outras mídias isso é mais difícil e também tem uma coisa, tem sinceridade. Nas outras rádios as pessoas pagam para mandar abraços. No Edgar os abraços são recorrentes, os nomes são recorrentes, você sabe quem é porque ele manda abraços sempre. Não é patrocinador!

A lista de abraços tem nomes de políticos, músicos, artistas plásticos, servidores públicos, muitos jornalistas e trabalhadores comerciais de Belém e grande região. Para fazer parte dos abraços do programa era preciso interagir com frequência, ligando e elogiando a Feira, respondendo os questionamentos de Grisalho Couto, colaborando com o programa levando informações ao locutor, participando dos grupos sociais de Edgar ou sendo algum artista, principalmente músicos.

Francine diz que todas as vezes que Edgar citou seu nome ou falou de seu trabalho ela se sentiu muito acolhida. Ele coloca o coração dele para falar, isso me coloca muito próxima a ele. Eu sinto que o meu trabalho é querido.

Eu fico feliz porque eu sinto o abraço dele. O Edgar sempre fala com muita propriedade da lista que ele separa e seleciona. É um espaço de aprendizado de visita ou revisita de artistas locais, de artistas que não estão na mídia. É um espaço que se sente representado. De confraternização, eu tenho a sensação que estou rodeada de vários artistas paraenses.

⁸⁵ O programa foi escutado junto ao Tom no dia 08 de novembro de 2021

Theodore⁸⁶ é dono de uma banca de revistas e livros na feira da Marambaia desde 1994. Ele ocupa aquele espaço há anos, mais ou menos o mesmo tempo que escuta a Feira. O aparelho de rádio o acompanha diariamente em seu ofício e ligado, sempre, na 93.7Mhz, a Rádio Cultura FM. Edgar Augusto sempre mandava abraços ao ouvinte e os clientes da banca de revistas normalmente chegam lá comentando que Theodore foi citado no programa, o que o deixa honrado e feliz de ser lembrado como um “amante da boa música”.

No começo da Feira do Som, os abraços não existiam. Depois, Edgar conta que os abraços chegavam onde ele não podia imaginar.

Aconteceram muitos fenômenos. Fui ao Palácio do Rádio, uma vez, estava estacionando e... tinha uma caminhão de lixo na rua me trancando. Eu então buzinei, ao invés de saírem, desceram do caminhão e disseram “Seu Edgar somos ouvinte da feira, pode mandar abraço para o chofer Paulão e o lixeiro?”. Eu mandei. Uma vez, tava na rádio e um deputado pediu para falar comigo pelo telefone “Porra você não é meu amigo, manda abraços até para o chofer do caminhão do lixo e não manda para mim”. Eu passei então a mandar os abraços. As pessoas passaram a pedir, ligavam e interagiam para ouvir os nomes.

Durante a pandemia de Covid-19, depois que Edgar Augusto passou por uma longa internação e uma cirurgia e já tinha voltado para casa, eu quis conversar com ele por telefone. Nos falamos por algum tempo e conversamos sobre a Feira e ele contou tantas coisas e entre elas como começou a dedicar abraços aos ouvintes e amigos enquanto fazia a Feira do Som já na Rádio Cultura FM.

A gente é muito besta. Muito jovem comecei a fazer o rádio. Metido a fazer radio, metido com uma turma jovem, queria ser diferente... e mandar abraços achava cafona. As pessoas mandavam recado pelo rádio para os bairros, para fulano e cicrano. Eu dizia que não ia fazer os abraços e comecei a fazer o programa sem mandar... quem quiser que me escute. E foi quando ela [A Feira do Som] foi para a Rádio Cultura, na década de 1980, e ficou muito popular... chegava em alguns lugares e as pessoas reconheciam pela voz... pessoas que eram do interior e de bairros mais humildes e pediam que eu mandasse abraços, eu comecei, então, a mandar abraços.

Os abraços começaram e não pararam. O documento digital que tive acesso tem uma porção de nomes, com páginas e páginas de nomes de ouvintes participantes da Feira, que Edgar agradece e faz questão de abraçar diariamente. Os ouvintes sentem-se felizes em ouvir seus nomes, sentem-se prestigiados e é uma maneira de criar uma distinção: os

⁸⁶ Entrevista concedida à autora da pesquisa nos dias 12 de agosto de 2020, 20 de maio de 2021, 22 de maio de 2023.

amigos da Feira, os beatlemaníacos, os que ouvem a seleção musical de Edgar Augusto e gostam de saber dos lançamentos musicais tanto os regionais, nacionais e internacionais. Mas, há uma outra dimensão, a de ser o locutor/idealizador do programa. A bem da verdade é que a medição de audiência custa muito dinheiro e a Rádio Cultura FM não tem acesso a essa medição em nenhum dos seus produtos midiáticos. Como saber se um programa com cinquenta anos continua sendo escutado? A lista de abraços e de amigos da Feira intensifica e confirma a participação do público. Se há abraços para essas pessoas na Feira é porque elas escutam, porque participam, então, o programa continua tendo importância. Entretanto, há nomes ali de pessoas que não escutam rádio há um bom tempo e até mesmo de pessoas que já faleceram. Os abraços são elementos de distinção para o próprio Edgar Augusto, o distingue de outros programas que não tem ouvintes assíduos mesmo que para isso ele tenha eleito quem são os amigos da Feira.

“A lista de abraços do Edgar sempre foi esperada. A gente mandava para ele “ eu tô te ouvindo”, conta o artista plástico Alexis. Aí no carro você vai escutando e de repente escuta teu nome, é uma sensação boa, lógico, claro, ser lembrado por um amigo é sempre muito bom”. Alexis, 66 anos, é ouvinte da Feira desde que o programa estava na Clube. Ele escuta enquanto almoça ou se desloca pela cidade. Para ele, o interessante é ficar por dentro dos lançamentos feitos por Edgar Augusto e os termos usados para falar do lançamento, o que permitia que soubesse sobre Belém por meio do programa, os lançamentos, os shows, as novidades da cidade e sempre falando sobre Beatles, onde você podia escutar. Ele não lembra exatamente como começou a fazer parte da lista do Edgar, mas sentia-se prestigiado quando ouvia seu nome.

Produtora do programa por quase quinze anos, Alessandra contou que reconhecia a voz de muitos dos ouvintes quando atendia o telefone. É que a grande maioria ligava quase todos os dias, uns para mandar abraços para o Edgar e a produção e outros para agradecer os abraços que ele enviava. Os sentimentos, segundo Alessandra vão aparecendo enquanto o programa se desenrola no ar e quando está em off.

O Programa se renova a cada dia. Então a gente acaba entrando na vida desses ouvintes e eles fazendo parte da nossa, sendo assim é um conjunto de sentimentos, como alegria quando começa, saudade quando acaba, companhia/amizade quando está no ar. Cada um tem um sentimento próprio por este Programa.

O Programa tem ouvintes que vão dos 8 aos 80 anos, a gente conhece muitos deles, mas com a maioria a relação é somente ao telefone mesmo durante o programa. A quantidade de abraços varia de acordo com a

pergunta. Já cheguei a receber 60 ligações em um dia e em outro, algo em torno de cinco pessoas.

Juliette, 69 anos, é professora e escuta a Feira há mais de 30 anos, nem sabe ao certo precisar. Ela compartilha do sentimento de Alexis e de Alessandra. Para Juliette, a sensação de ouvir o nome ser dito no rádio é de emoção. Ela é uma das beatlemaníacas empedernidas e revelou que deixava o rádio ligado desde pouco antes do programa começar, contudo era no finalzinho da Feira que ela se concentrava para ouvir o “Cantinho dos Beatles”, o quadro dedicado ao quarteto inglês que estourou na década de 1960.

O “Cantinho dos Beatles” surgiu ainda na Rádio Clube do Pará, quando Edgar Augusto fazia o programa “Sábado tarde jovem” com os irmãos Edyr Augusto e Janjo. Quando a Feira migrou para a Rádio Cultura FM, na década de 1980, Edgar Augusto conta que a pedido do público trouxe para dentro do programa um espaço para quem aprecia a música dos Beatles. Edgar é apaixonado pelos meninos de Liverpool, conhecedor dedicado da banda e também da carreira solo de cada um, como destacaram vários ouvintes entrevistados.

Maxime, 58 anos, hoje, é engenheiro civil e escuta o programa com frequência durante o trabalho, mas começou a ouvir a família Proença ainda na Rádio Clube do Pará quando era adolescente e começou a se interessar em acompanhar Edgar Augusto por conta das informações sobre os Beatles que ele fazia nos programas radiofônicos em que estava. O ouvinte migrou de rádio junto com o locutor.

Quando eu tinha 13 anos e comecei a ouvir Rádio Clube, tinha um programa que começava às 11h e era apresentado pelo Edgar Augusto e Edyr Augusto, depois passou para a rádio Morena, passei a escutar nessa rádio Cidade Morena. Outra coisa, o Edyr sempre fazia os comentários referentes aos discos de Rock e Jazz e música paraense também. Eram lançamento dos discos do pessoal daqui, do rock brasileiro, Rita Lee, Caetano, Gil, Edyr sempre falava sobre essa galera e passava para o Edgar que falava dos Beatles. Edgar tinha uma sessão que falava sobre os Beatles e eu comecei a ouvir para saber mais coisas com o Edgar, porque ele contava curiosidades da banda e jogava uma música, às vezes até rara. Na época a gente não conseguia nem as normais, quanto mais as raras e para ele não ficar dizendo que nós conseguimos ele botava “FEIRA DO SOM” no meio da música. Não era exclusividade da gente, era exclusividade dele, como se fosse só dele. Eu colocava no meio da música. Eu tinha um gravador e gravava esses lançamentos. Na época, os Beatles eram todos vivos, então, eles tinham discos solo e o Edgar fazia lançamento de cada um separado dos Beatles. Então, começou assim eu escutar a Feira do Som. Eu adorava, era aquela época que a gente não tinha internet, então a gente curti o

que pintava na televisão e na rádio e esse programa tinha tudo a ver comigo e era uma pessoa que tinha tendência de gostar também.

Edgar Augusto é fã dos Beatles e ele não esconde isso de ninguém. Quando cheguei na Rádio Cultura FM para fazer a observação participante tinham inúmeros itens que remetia aos Beatles, desde quadro na parede com foto deles, bolsa do jornalista com estampa da capa clássica do 12º álbum da banda, “Abbey Road”, feita pelo fotógrafo escocês Iain Macmillian, em 1969, em Londres, bem como o estilo de Edgar: calça jeans, um colete preto, uma boina e cabelos compridos. Um estilo de vida que vai sendo veiculado ao vivo e por isso, numa das nossas conversas, ele disse:

Ouvia a Feira quem queria aquilo, eu não estava atrás de moda, do moderno, de nada. Eu queria ser o cara que estava dando informações sobre música às pessoas que estavam atrás de informações sobre música, às pessoas que iam até as lojas de discos comprar discos, que elas ficassem na expectativa de que ia chegar na semana que vem o disco do Roberto Carlos, do Caetano Veloso. Então, eu fui fazendo isso e criando o meu próprio linguajar, porque eu aproveitava o jeito que eu era, de abordar as coisas e levava isso para o ar. O que eu ia ouvindo e repetindo com os meus amigos eu repetia pela feira do som, que eu sempre quis que fosse um prolongamento meu. É o Edgar que está fazendo ali a Feira do som. “Ah, esse camarada sabe muita coisa” diziam, porque eu leio, porque eu procuro e as pessoas que gostam de mim também me procuram e me abastecem de coisas.

Para Juliette, a ouvinte citada anteriormente, é uma satisfação ser reconhecida por Edgar como “beatlemaníaca empedernida”, pois segundo ela “todos nós já sabemos que ele é beatlemaníaco, mas ele reconhecer e divulgar que eu sou beatlemaníaca é emocionante”. O meu contato com Juliette foi feito a partir do filho dela, conhecido meu há anos. Mas, ela foi mencionada em algumas entrevistas de outros ouvintes como uma pessoa interessante a ser escutada, porque era uma das maiores beatlemaníacas da cidade e ouvinte assídua da Feira do Som. E na lista de Edgar ela está lá.

Juliette também foi indicação de um jornalista que aparece na lista de beatlemaníacos “empedernidos” sem nem ser fã dos Beatles. O jornalista não vai ser identificado a pedido dele. Também sou jornalista e o conhecia do mercado da comunicação sem nunca ter trocado nenhuma palavra. Entretanto entrei em contato para conversar e ouvir um pouco sobre fazer parte de uma lista distinta de abraços. O convite para conversar foi feito e ele me respondeu dizendo que ficaria feliz em ajudar, porém não era a melhor fonte para o assunto. Eu questionei se ele não constava na lista de abraços e ele retrucou “sempre mandou, porque ele e minha família são muito amigos.

Era uma gentileza, e eu nunca tive coragem de falar pra ele que nem sou fã dos Beatles. Seria uma grosseria com o radialista que sempre foi muito amável. Então aceitava os abraços com carinho hehe”. Mas, na minha leitura, mais que evitar uma grosseria é um efeito da distinção, tendo em vista que se a lista fosse o prejudicar, o pedido para retirar o nome certamente viria. Entre jornalistas que cobrem a sessão de cultura, como é o caso desse entrevistado, fazer parte de uma lista de beatlemaníacos permite a ele ultrapassar barreiras pela cidade e ter acesso a informações. O nome do jornalista tem uma sonoridade diferente. Desta forma, quem faz música e ouve o programa acaba marcando-o, o que facilita o acesso aos trabalhos e entrevistas com músicos e artistas.

Ele não podia ajudar, pois não ouvia a Feira, contudo disse que se eu precisasse me ajudaria com fontes e indicou a Juliette como uma beatlemaníaca que deveria ser entrevistada, além de aparecer na lista de Edgar. Com mais essa indicação, entrevistei Juliette, claro. Para o jornalista o questionei se alguém da família gostava da banda para ter o nome listado dia sim e dia não na Rádio Cultura e ele contou que era a mãe que gostava muito. Ela também aparece na lista dos abraços, mas não entrei em contato.

A informação serve de cimento social, como diz Maffesoli (2003). Entretanto é a partir da interação social que existe o compartilhamento da vida quotidiana, da vida banal, o que permite que haja a formação de sentimentos e sensações, boas e ruins. Não que a informação não seja essencial, é claro que é, mas o essencial está no reconhecimento social, tendo em vista que para o ouvinte se sentir integrante de uma tribo (MAFFESOLI, 1998a) e tenha reconhecimento social é preciso que ele vibre junto, ou seja, precisa de uma colaboração, cooperação.

A cooperação “sustenta os grupos sociais nos infortúnios e reviravoltas do tempo” (SENNETT, 2012, p. 16), permitindo que haja uma compreensão de si mesmo. A cooperação permite que haja uma compreensão de si mesmo e tem como fundamento escutar o outro com atenção e dialogar. Sendo assim, é por meio da conversa que nasce uma curiosidade sobre o outro, pois é como “podemos vivenciar certo tipo de prazer sociável: estar com os outros, dando-lhes atenção e aprendendo sobre eles, sem nos obrigar a ser como eles” (SENNETT, 2012, p. 36).

O rádio não permite um diálogo, entretanto ele cria uma sensação de conversa, na qual o locutor parece estar falando com uma única pessoa, criando um ambiente propício para a colaboração, a cooperação. Os ouvintes passam a se sentir parte integrante do programa, sentem-se amigos do locutor, mesmo que nunca tenham se visto nenhuma vez

pessoalmente. Isso deve-se ao encontro possível nesse lugar chamado mídia e que se dá no dia a dia, na banalidade do cotidiano (CERTEAU, 2008).

Desta maneira, o gosto em comum e o encontro midiático no cotidiano possibilitam interação, o que faz com que haja uma vinculação, uma proximidade. É nessa relação do dia a dia que se revela a intimidade do cotidiano, terreno fértil para fortalecer o sensível, a partir de interações afetivas entre o público e o programa. Isso provoca uma fidelidade do público e um reconhecimento social. Quem escuta a Feira do Som e todos os nomes que estão sendo abraçados pelo locutor são reconhecidos como os “amigos da Feira”, como nomina Edgar Augusto, e quem aparece na lista do “Cantinho dos Beatles” além de serem reconhecidos como amigos da Feira são também beatlemaníacos, ou seja, fazem parte de dois grupos seletos.

Quando ele fala no programa dele, durante o Cantinho dos Beatles, ele sempre coloca a lista dos, ele fala empedernidos, ou seja, aquele fã dos Beatles. Ele fez uma relação das pessoas que ele conhece e que são fã dos Beatles. Então eu estou lá junto com o meu filho, que quando era pequenininho e começou a gostar dos Beatles, e hoje é músico, toca piano. Hoje, já gosta de muita coisa. O Edgar fala na Feira do som a lista dos fãs e estamos lá. Ele coloca sempre as raridade dos Beatles e quando termina as músicas ele fala “ofereço essa música para os empedernidos fã dos Beatles, não sei o que..” e eu tô lá e meu filho também. Eu acho legal, pô, a gente ouvia nosso nome numa rádio e num programa que fala daquilo que a gente adora, que é ser fã dos Beatles.

A Feira do Som foi idealizada Edgar Augusto e é produzida por ele e pela Alessandra, mas faz parte do cotidiano do público que escuta. É nessa co-presença do outro que o indivíduo constrói o desejo de encontro, de participar, de estar junto. Para isso, é preciso que haja uma relação de confiança entre os participantes da interação, no caso entre o público e o programa. É nesse desejo de compartilhar, de ajudar a construir um diálogo que nasce o afeto e que há a renovação da interação entre as partes. Os ouvintes sentem-se parte integrante do programa mesmo que ele seja “mais de informações que para participar, com lançamentos”, como conta Maxime.

Muitos amigos de Edgar foram compondo a lista de abraços, mas grande parte dos abraços são para ouvintes que ligam diariamente para pedir músicas, elogiar o programa e para participar do quadro de perguntas sobre Belém e participar de sorteios. Dona Margot, a senhora dona das agendas citada no capítulo anterior, também fazia parte dos ouvintes que começaram a participar do programa e, então, passou a receber abraços corriqueiros e sentia falta quando demorava a ter seu nome citado.

Ela era ouvinte assídua e anotava todas as perguntas feitas no programa nas agendas com a ajuda de Camille, a empregada doméstica da casa, tanto que na agenda tem letras diferentes, uma mais corrida e outra mais arredondadas. Tentei contato com a Camille muitas vezes. Ela saiu da casa da dona Margot logo depois da morte dela. Liguei inúmeras vezes para Camille, mandei mensagens no celular, mas fui ignorada todas as vezes. Mas, enquanto escrevia esse capítulo resolvi tentar novamente e liguei para o celular de Camille e surpreendentemente ela me atendeu depois da terceira chamada. Eu me identifiquei, expliquei o que estava fazendo e ela riu, eu achei que ela não iria querer falar, ela disse que eu poderia ligar em outro momento, mas podia fazer três perguntinhas naquela ligação. Eu aproveitei. A ligação não estava muito fácil, com um delay grande, quando eu fazia a pergunta demorava a resposta. Aproveitei para saber de Camille e não de dona Margot.

Ela me contou que mora em Ananindeua, município vizinho. Era moradora do Conjunto Paar⁸⁷ e nunca tinha escutado o programa, que foi com a dona Margot que ela passou a escutar, mas essa prática não foi estendida para a família dela, mesmo que o seu nome tenha passado a compor a lista de abraços. Camille sentava-se com dona Margot para escutar o programa de segunda a sexta-feira, o que para ela era uma forma de “distração”, muito provavelmente era o momento em que parava o serviço doméstico e podia sentar para descansar e ouvir uma música. O mais interessante do programa para a empregada era que “aprendia muitas coisas, sobre datas comemorativas, eram muitas histórias e dona Margot sabia algumas coisas e ela me contava várias histórias”. Assim, ela ficou conhecendo um pouco mais sobre Belém, tanto que quando as perguntas se repetiam, Camille alertava a patroa e buscava “no caderninho para saber a resposta e ligar”. Foram tantas ligações “que eu passei a me dar com a moça que atendia, Alessandra o nome dela e eu dizia manda abraço para a dona Margot, ela está escutando”. Foi assim que Camille passou a fazer parte também da lista de abraços. Perguntei como ela se sentia quando ouvia o nome no rádio e ela respondeu sem titubear: “Eu me sentia importante. Dona Margot dizia “olha, hoje, ele mandou abraço para ti. Ela gostava muito dele, Ela gostava muito do programa dele”. Por conta das ligações com respostas corretas para as

⁸⁷ Nos anos de 1970 e 1980 deu-se o processo de urbanização do município de Ananindeua, vizinho de Belém, por meio de conjuntos habitacionais, como a Cidade Nova. O Estado tinha a promessa de entregar infraestrutura para que famílias pudessem viver ali. Entretanto, antes de serem construídas as primeiras casas a área uma grande parte foi invadida e se expandiu de forma desordenada. Na década de 1990, a Justiça decidiu pela não retirada da população e determinou que o Estado estruturasse e organizasse o Conjunto do Paar, o que fez com que deixasse de ser considerado uma invasão e passasse a ser um bairro de Ananindeua.

perguntas feitas no programa elas, empregada e patroa, concorreram a inúmeros prêmios. “Eu ganhei porta-retratos, caneta, camisa, dona Margot ganhou Vaso, e quando eu ganhava ingresso dava para Nolan, filho da dona Margot”, contou.

A verdade é que Camille, 48 anos, gostava de algumas músicas que tocavam na Feira do Som, porque ela tem um estilo musical eclético, gosta de Forró a MPB. Mas prefere mesmo música dançante, tanto que colocava dona Onete para dona Margot poder se “mexer, chacoalhar”. Perguntei se ela se sentia representada no programa e ela disse que sim, porque tem coisas regionais, fala sobre Belém. Ela pediu para desligar o telefone logo depois disso, porque tinha afazeres.

Camille nunca deixou de escutar o programa com a patroa, mas depois que deixou de frequentar a casa da Batista Campos por conta da morte de Dona Margot, ela nunca mais sintonizou o rádio na Feira do Som, mesmo que tenha sido um hábito por anos e ela não falou de forma saudosista. O hábito de ouvir o programa não era dela, era da patroa, era a patroa que se conectava com aquela Belém, com as músicas e as perguntas lá feitas. Camille estava a serviço e, aquele, momento era como uma distração do trabalho que realizava.

O gosto permite visualizar uma contraposição entre classe dominante e classe dominada. Assim, retomo a Bourdieu (1976) que acredita que a sociedade de classes está separadas por categorias socioculturais e estilos de vida diferentes. Sendo assim, as definições dominantes do “bom gosto” e do consumo legítimo teriam uma consagração do “talento”, do “dom, que supostamente é natural daqueles que são mais escolarizados e são provenientes dos meios mais cultivados. A especificidade dos gostos próprios às diferentes classes e frações de classe está longe de ser uma ideia ultrapassada, especialmente em sociedades como a nossa.

Nos primeiros anos da Feira, o processo de interação não tinha espaço no programa, como aparece neste tópico, pois segundo Edgar Augusto em uma de nossas conversas, o programa foi pensado como um jornal musical, no qual ele deveria noticiar tudo o que estava sendo produzido de interessante no mercado fonográfico da época. Na entrevista, retoma o nascimento do programa no contexto da ditadura militar, para demarcar que o acesso à informação e às produções musicais eram controlados e o acesso às notícias e novidades do mundo artístico também eram limitados. Ou seja, o programa conciliava música com informações e as novidades do mundo fonográfico.

Mas Edgar ressalta, que nesse período, já construía sua bagagem de jornalista musical. Ao selecionar as músicas, era necessário criar uma relação de sentido de sua

divulgação, programa e público. Nessa perspectiva, o papel do jornalista musical se assemelha ao de um *gatekeeper*, conforme designação de Nunes (2011), que filtra as produções da indústria musical ao fazer a seleção dos artistas e estilos musicais sobre o qual vai escrever ou falar. Assim ele se torna uma figura de referência na área e pode apresentar novos artistas, reverenciar antigos, influenciar gostos e ditar tendências para seus ouvintes.

Torres Silva (2014) afirma que um jornalista musical muitas vezes pode se converter em um perito, possibilitando o surgimento de um discurso híbrido, que transita entre o jornalismo e a crítica musical, mesclando um pouco de gosto pessoal ao texto jornalístico. Isso também possibilita a qualificação das músicas e artistas, recurso que Edgar utiliza com frequência na *Feira do Som*.

Além da qualificação do "bom gosto", o programa é marcado pelo uso dos bordões, que atravessam décadas, e com os quais muitos ouvintes já estão familiarizados, muitos deles relacionados ao dia da semana, como: "Fala o Edgar Augusto na preguiçosa e modorrenta segunda-feira. Dia em que todos lutam para espantar os 'ais' e 'uis' do fim de semana"; "Fala o Edgar Augusto na calorosa quarta-feira, dia de abrir a primeira"; "Fala o Edgar Augusto, na quinta-feira, a antessala do final de semana". Outros jargões fazem referência a quadros no programa, como "Beatlemaníacos empedernidos", que faz referência ao *Cantinho dos Beatles*, assim como o "do tempo dos titios", que o radialista usa ao se referir a músicas antigas.

Ouvinte desde muito criança, Oliver, 39 anos, ouviu suas músicas ganharem espaço na Feira do Som quando virou cantor e compositor. Para ele, "a Feira me lembra Belém com certeza. Aqueles bordões do Edgar "última, ultimíssima, *the last*" eu levo isso para mim, eu falo e muitos outros. É muito bacana, é a cara de Belém, faz parte da cultura paraense. A Feira sempre me tocou, sempre me deu espaço para entrevista, ele sempre comentou muito bem das músicas, graças a Deus" relata. Oliver falou sobre o programa sempre com um sorriso no rosto e parecia recordar de cada minuto que ouviu Edgar Augusto narrar durante as voltas da escola.

Edgar Augusto, ao utilizar em sua narrativa esse hibridismo de gênero, que mescla o Edgar jornalista com o Edgar fã dos Beatles, profundo conhecedor de música, que faz referência a tempos presente e passado a partir do seu próprio filtro de gosto, trabalha "um jogo de linguagem situado entre a narrativa da história (realista) e a literária (imaginativa)" (MOTTA, 2013, p.200), esse jogo permite que ele faça desvios textuais da narrativa mais direta do jornalismo e se aproxime do ouvinte, por meio de uma

linguagem que, na linha da acepção de Motta (2013, p.203), produz “efeitos estéticos de sentido” e, intencionalmente ou não, evoca no ouvinte sentidos poéticos e simbólicos.

Por fim, se por um lado, o “bom gosto” musical que os ouvintes e amigos da Feira entendem ser portadores é reafirmado por algum nível de interação, por vezes, diária com o programa, por outro lado, a interação com o programa cobrava quase como um novo nível de distinção, aquele associado ao saber historiográfico sobre a cidade de Belém, particularmente da história de uma cidade *bellepoquiana*, numa leitura contaminada por uma nostalgia simplificada na frase da “Belém do já teve”. É sobre essa forma de se gostar de Belém por meio da sintonia com a Feira do Som na Rádio Cultura FM, que decidi estrutura o último tópico desta tese.

4.3. Como se gosta de Belém nas ondas sonoras da Feira do Som

De onde vem esta memória, revelando mundos
revirando tudo, como se fosse um tufão?
A varrer, cuspidando entulhos
num erguer e demolir de muros
Nas esquinas e despovoadas ruas de meu coração?

De onde vem essa memória
às vezes festa, às vezes fúria
num abrir e fechar de portas
louca procura de respostas, mistura de murmúrios
fonte de delícias e torturas?

Onde anda agora essa memória?
No mundo da lua, brincando de soltar subterfúgios
a ficar na rua, se fazendo de surda e me deixando assim
um dia, um ser perdido em lutas e outro
um pobre menino a flutuar sonhos absurdos

Onde anda essa memória?
a que horas chegará, como sempre, obscura
com suas preciosas falhas
que recolho agradecido
para traçar o rumo de minhas canções?

Velhas estórias, memórias futuras?
Sei de onde vem, já sei por onde andou
saiu para de trocar de roupa, não pode andar nua
Amo o oceano que retém no fundo
os mistérios de sua natureza

(Memória – Poema de Paulinho da Viola, 1976)

A cidade de Belém aparece na Feira do Som nas músicas, nos eventos anunciados, nos bairros que são citados e, também, nas perguntas feitas diariamente no programa. Para escrever esse tópico, o material utilizado foi a agenda de Dona Margot, quem eu gostaria muito de ter entrevistado para construir essa tese, mas infelizmente não foi possível. Para que eu pudesse compreender um pouco melhor, gentilmente os filhos cederam as agendas as quais ela utilizava para anotar perguntas enviado por Grisalho Couto, com a ajuda de Camille, a empregada doméstica da casa.

Dona Margot e a família pertencem a uma fatia da classe média de Belém, que ascendeu e ganhou conforto depois dos anos trabalhando no comércio. Ela e o marido eram proprietários de uma sorveteria que ficava no bairro do telegrafo. A matriarca da família foi juntando dinheiro e comprou as casas vizinhas com o tempo. A da esquina, virou o bar que os filhos se divertiam, escutando música e vendendo bebidas e as casas ao lado foram alugadas para pontos de outros comércios. Assim, a família se mudou para o apartamento em frente à praça Batista Campos, o apartamento o qual eu visitei e ouvi a Feira do Som com Nolan, o filho mais velho de dona Margot.

As agendas foram emprestadas a mim, ainda no início da pandemia, como contei no capítulo três da tese e fiquei com elas por meses. A euforia de tê-las em mãos foi grande, mesmo que no começo não soubesse ao certo como utilizá-las tendo em vista que havia ali apenas uma lista de perguntas feitas pelo “perguntador mór e juramentado do programa”, além de algumas anotações de contas do dia-a-dia daquela senhora. Tentei conversar com a família mais uma vez para que pudesse trazer mais de dona Margot e suas vivências, mais meus pedidos foram postergados e no final não houve tempo hábil. Então, passei a estudar e folhear as agendas para entender de que maneira e, especialmente, qual Belém que aparece nas perguntas.

Fui, então, percebendo que a memória coletiva de Belém construída pelos ouvintes da Feira vai sendo tecida enquanto uma determinada cidade vai sendo rememorada nas perguntas e respostas do programa. Dia a dia, Belém era revisitada pelos ouvintes, mesmo que fosse uma visita de lembranças. Enquanto analisava as agendas, folheava as páginas e lia as entrevistas fui me conectando com o programa a partir de uma memória sonora. Era possível, mentalmente, ouvir Edgar Augusto narrando e fazendo cada um daqueles questionamentos na Feira do Som. E, ao mesmo tempo, eu tentava me localizar na cidade, como se pudesse andar mentalmente pelas ruas, praças e esquinas de Belém para conseguir decifrar as respostas.

É a partir desse lugar de sociabilidade e da afetividade que é construída uma memória social de Belém, memória que a *Feira do Som* ajuda a compor, principalmente quando os espectadores participam do espaço do programa reservado às perguntas sobre uma Belém antiga. Além de rememorar a vivência de quem esteve nessa cidade de outrora, aguça a curiosidade de quem vive as mudanças e transições da Belém contemporânea.

Essa configuração de memórias está relacionada às ações sintetizadas na narrativa. Ao pensar na ação recorremos às mímese ricoeurianas (RICOEUR, 1994), percebendo a primeira como a componente cultural da ação, ligada aos elementos simbólicos que aprendemos socialmente enquanto vivemos. É por ela que chegamos à conclusão se uma ação é digna de nota ou não. Para um comunicador, como Edgar Augusto, essa percepção é imprescindível, pois é necessário perceber os caracteres estruturais, simbólicos e temporais de uma ação, para que ela faça sentido dentro da configuração do programa, assim ele pode selecionar o que é novo, o que se destaca, o que desperta interesse de seu público.

A dimensão simbólica da ação está inserida no contexto cultural, faz sentido quando articulada com as normas, os símbolos, os códigos culturais partilhados entre os ouvintes e o apresentador. Ela é observada nos quadros que possuem um componente emocional mais forte, que cria vínculo entre as pessoas, pois trabalha com elementos de identificação do público-ouvinte ou que tem interesse pela questão musical.

Depois, existe a dimensão temporal, que diz respeito a uma temporalidade presenteísta, que Ricoeur (1994) denomina de triplo presente. Para o autor, estamos imersos em uma temporalidade do ‘tempo agora’, que significa estar sempre com os pés fincados no presente, mesmo que repartido em três: o presente-passado, presente-presente e presente-futuro. Isso ocorre porque, a todo momento, nos baseamos em ações passadas, somos guiados por elas, por nossas experiências anteriores, porém vivemos no presente, dando respostas imediatas, agindo de acordo com esse aprendizado passado e, ao mesmo tempo, gerando expectativas para o futuro por meio das ações que produzimos. Em suma, estamos sempre baseados no antes, para agir no agora em busca de produzir um resultado futuro.

Todos esses caracteres, estruturais, simbólicos e temporais servem de seleção da ‘ação que é digna de nota’ em detrimento da que pode ser dispensada, que não gera efeito no ouvinte. Essa escolha e o ato de colocar essas ações em ordem são chamadas por Ricoeur (1994) de síntese do heterogêneo, ela é a síntese que coloca no mesmo contexto,

época e cenário, agentes e ações diferentes, ela faz tudo fazer sentido para quem ouve ou efetua a leitura da narrativa.

As perguntas, no programa, são conduzidas para rememorar uma capital que viveu um suposto tempo “grandioso” que ficou para trás. As perguntas excluem, por exemplo, a memória de bairros periféricos. É esse quadro de perguntas sobre a capital paraense que faz os espectadores interagirem com o programa para concorrer a prêmios sempre que respondem de forma correta aos questionamentos. O rádio transmite a sensação de quotidianidade e tem a capacidade de produzir vínculos com seu público, como diz Kroth (2010), permitindo uma tessitura de laços afetivos (BAITELLO, 2013) e de uma sociabilidade (SIMMEL, 2006). Isso porque é a oralidade e a conversação do rádio que permitem uma intimidade com o público (JOST, 2007). Ou então, “a palavra mediada ganha referenciais simbólicos e se insere no sistema das representações entre aquilo que é veiculado e o que é escutado, contexto que envolve o conhecimento de mundo, repertório lexical e semântico, além da experiência estética do ouvinte” (GOMES, 2006, p.186).

O rádio tem público rotativo, um público que muda de frequência em busca de estilos musicais que agradem (CALABRE, 2009). Mas, a Feira do Som tem um fenômeno vinculativo, no qual os indivíduos sentem-se parte integrante, o que transforma o programa em um encontro, um espaço-temporal mediatizado no qual as pessoas reúnem-se. Sendo assim, grande parte dos ouvintes seguem ouvindo o programa independente da programação, sem buscar outra rádio, sendo considerados ouvintes cativos, fãs.

Por mais pessoal que a memória seja, ela é construída socialmente (HALBWACHS, 1990) e dividida (PORTELLI, 1997). Para viver em sociedade, o indivíduo cria laços sociais e afetivos, busca memórias em comum, afinidades, ou seja, constroem uma identidade pessoal com interferência coletiva. Isso porque, segundo Halbwachs (1990), são os grupos sociais que determinam o que deve ser e como deve ser lembrado. É por meio da sociabilidade que a memória é construída, já que as recordações são uma união de vivência presente e experiência passada.

Sendo assim, a memória é mais que uma representação do passado. Ela é fragmento da temporalidade desse passado, implicando numa dialética entre passado, presente e futuro. Por isso, há uma possibilidade da relação com esse espaço-temporal ser marcada por sentimentos e magias. Essas sensações podem ser atravessadas positivamente ou negativamente, dependendo da afetação que o indivíduo sofre. Levando em consideração que a memória é a capacidade de atribuir lembranças a lugares, a

imagens, a objetos, a sons ou odores, cria-se uma relação em que o espaço se metamorfoseia no tempo. As lembranças podem gerar sentimentos como saudade, medo, amor, horror, entre outros, mas criam sociabilidades entre espaço físico e imaginário.

A memória tem, assim, a dupla dimensão do público e do privado (Ricoeur, 1994), estando atrelada a noção da experiência interior e da percepção de que a memória pode ser influenciada pelo imaginário, isso porque ela é uma construção social e um fenômeno coletivo (Halbwachs, 1990). A principal função da memória, como imagem partilhada do passado, é promover um laço entre os membros de um grupo com o seu passado coletivo, cristalizando valores e a ilusão de imutabilidade. Para Halbwachs (1990), a memória coletiva faz parte da identidade de um grupo, assegurando a sua continuidade no espaço-tempo.

Nesse sentido, convém destacar que tudo que recordamos como indivíduo é condicionado, pois pertencemos a um grupo. Por isso a memória individual está inserida e estruturada na memória coletiva, na qual há experiência vivida, afeto e história. Desta maneira, os lugares tornam-se vestígios de fragmentos de um tempo passado e imagens presentes nas lembranças. Essa memória não é intacta, tendo em vista a condição de vestígio dos detalhes vividos, mas possibilita a transformação dos fragmentos desse tempo em relatos que tornam as arquiteturas de certa maneira inteligíveis, como lugares do passado (Silva, 2002).

As lembranças fortificam-se nas narrativas coletivas, que são transmitidas de grupos em grupos e muitas vezes de gerações em gerações, ajudando a construir uma memória coletiva reforçada por meio de celebrações públicas de acontecimentos que marcaram a história coletiva. O caráter seletivo da lembrança permite que haja uma instrumentalização da memória em busca de um universalismo da rememoração de acontecimentos passados com significados do tempo presente, inclusive valores morais.

Assim, a memória é o único recurso de referência ao passado que temos, mesmo sendo uma construção do presente. Dessa maneira, a temporalidade, vista como a relação do homem com o espaço-tempo, é negociada e, de certa maneira, manipulada, já que as imagens das lembranças individuais/de grupos sociais são transformadas em coletivas por meio de elementos estruturadores da memória: ver, cheirar e ouvir. Essa memória sensível conecta a memória individual e a social.

Essa construção de sentidos, memórias e vivências coletivas, marcam as experiências pessoais de muitos ouvintes, constroem memórias partilhadas e relações de afeto. Segundo Ricoeur (2000), não apenas a memória coletiva está associada a uma

experiência social. Devemos nos questionar se nossas memórias individuais, privadas, não seriam também elaboradas no coletivo, visto que são configuradas, em boa parte, dentro de produtos erigidos pela estrutura social, como a linguagem.

uma recordação diz-se na língua materna, a língua de todos, as nossas recordações mais antigas, as da nossa infância, representam-nos associados à vida dos outros, em família, na escola e na cidade; é muitas vezes juntos que evocamos um passado partilhado (RICOEUR, 2000, s/n)⁸⁸

A linguagem como reflexão ontológica, o compartilhamento de experiências e vivências e o diálogo de consciências estão presentes no processo de encontro com um texto, seja ele lido ou ouvido, e se tornam muito mais complexas quando esse processo, normalmente solitário, se torna coletivo e dinâmico. Podemos trazer essa experiência para o processo de interação com programa de rádio, em que há um diálogo de consciências, uma interpretação similar ao que Martino (2010) atribui ao processo de leitura, como uma atividade transformadora dos indivíduos, que modifica ambas as consciências, a que fala e a que escuta, enquanto também produz interpretação, em um processo ativo, provocado, nesse caso, pelo programa, a partir das frases e bordões do Edgar, das perguntas e respostas, da construção da narrativa musical.

Contar e ouvir histórias quotidianamente, para Vasconcelos e Silveira (2019), constitui uma forma elaborada de interação performático-criativa que indica maneiras de jogar o social em determinado contexto “e, a partir daí, dinamizar um acervo vivo de narrativas que circulam entre as gerações, unindo contadores e ouvintes através de laços afetivos, de caráter sensível, em torno de expressões locais de sociabilidade (VASCONCELOS; SILVEIRA, 2019, p.538-539). Nesse processo de produção e troca de sentidos, nem o locutor, nem o ouvinte saem os mesmos depois de se depararem um com o outro, visto que essa troca coloca em diálogo várias singularidades e universos distintos, que ora se permeiam, ora se chocam, ora conflitam, ora convergem, em um discurso mútuo, construído na interação coletiva, inserida no contexto quotidiano da cidade de Belém.

Quando a produção da Feira do Som decide colocar um quadro de perguntas que prioriza uma Belém de outrora, há a intenção de educar o ouvinte a partir de uma paisagem urbana (SILVEIRA, 2004), que remete ao ser, “o ser da paisagem é epifania,

⁸⁸ Texto apresentado em Praga, em Outubro de 2000, ao Congresso da Federação Internacional da Acção dos Cristãos para a Abolição da Tortura.

pelo conagraçamento humano no e com o meio”, uma paisagem que é polissêmica e sempre cultural (SILVEIRA, 2004), abrangendo a dimensão sensível e emocional. Contudo, são memórias de outrora, de uma parte da história de Belém em que a desigualdade social era muito mais acentuada e a riqueza gerada pelo extrativismo florestal era coletada de formas agressivas de exploração, na floresta e na cidade. A importância desse momento, sem sua contextualização política, histórica e socioeconômica põe-se como uma problemática a meu ver, pois perpetua uma memória sem criticidade, apenas há uma reinterpretação do passado, como nos diz Le Goff (1996). Mesmo assim, é em especial a Belém “bellepoquiana”, a Belém do “já teve”, que vai sendo priorizada nas narrativas construídas de forma hegemônica nas perguntas lançadas diariamente no programa, perpetuando uma visão e uma memória elitista da cidade.

Francine, 43 anos, é cantora e ouvinte da Feira e diz que as perguntas do programa a motivam conhecer um pouco mais sobre a cidade. A sensação que ela tem é da mistura de um antigo e novo, passado e presente, tendo em vista a quantidade de lançamentos musicais que Edgar Augusto apresenta e as perguntas históricas sobre Belém.

Ele sempre faz perguntas e as perguntas são referentes a nossa cidade, a Belém e a gente não conhece como deveria conhecer. Então, para mim, é um espaço da aprendizagem, de saber da história, de saber o que aconteceu, como aconteceu e com as perguntas eu consigo saber. Para mim, essa Belém da Feira do Som é algo que vai do muito antigo, do lembrar e vai até o muito novo, o que está cheirando a manga, olha aqui tudo novinho. Eu me sinto ligada a uma rede de artistas, intelectuais, de alunos, servidores públicos, a pessoa que tem um pezinho dentro da cultura, ainda que seja apenas amante da arte, admirador da arte, mas eu me sinto conectada. Toda vez que eu escuto a feira eu tenho essa sensação de ter uma rede de apoio, que eu faço parte de um lugar, que eu represento, eu me sinto identificada com os meus pares, é isso que acontece.

Essa rede de ouvintes foi sendo tecida na Rádio Cultura FM, uma rádio pública, sob controle Estatal⁸⁹. Quem escuta a Feira acaba se sentindo pertencente àquela cidade contada por Edgar, seja nas músicas selecionadas, seja nas perguntas feitas sobre Belém.

⁸⁹ O rádio público brasileiro tem um modelo ainda em construção apesar de uma história de mais de oitenta anos, muito por conta da constituição dessa mídia estar entrelaçada com o sistema estatal. São três sistemas, estabelecidos pela Constituição Federal brasileira, para radiodifusão: comercial, estatal e público. “Além das emissoras comunitárias, o segmento não comercial da radiofonia do país é formado por estações educativas, culturais e universitárias, as quais, em sua grande maioria, são estatais, ou seja, têm vinculação aos poderes executivo, principalmente, legislativo e judiciário” (ZUCULOTO, 2015, p.65). Esse grupo das rádios educativas, culturais e universitárias tem, atualmente, cerca de mil estações por todo país (ZUCULOTO, 2015).

O narrador escolhe as palavras para contar histórias, assim como decide a perspectiva e o ângulo pelo qual direciona o seu ouvinte. Nas agendas de dona Margot é possível perceber como as perguntas remetem a uma lembrança de outrora, do que já foi um dia. A conexão é com uma cidade do passado, não com a cidade pulsante e viva dos dias de hoje.

A cidade da Feira, segundo a produtora Alessandra “é a Belém de Grisalho, uma cidade que a maioria da população precisa puxar na memória para lembrar. É a história das ruas, com nomes de personalidades marcantes para o Pará ou para o país, bairros, prédios históricos, datas importantes”, como já havia dito lá no terceiro capítulo, mas retomo aqui. Alessandra, nos últimos dez anos de programa, passou a ser a responsável, junto com dois historiadores, pelas perguntas feitas durante o programa. Depois da aposentadoria de Grisalho Couto, foi ela quem assumiu as pesquisas e seleção das questões para os ouvintes. Ela entrou no programa para atender aos telefonemas dos ouvintes, quinze anos atrás, mas logo estava ajudando Edgar com a programação e, então, se envolveu com “as perguntas do ‘Grisalho Couto’, variando e me aprofundando mais nos assuntos”, como contou em conversa comigo.

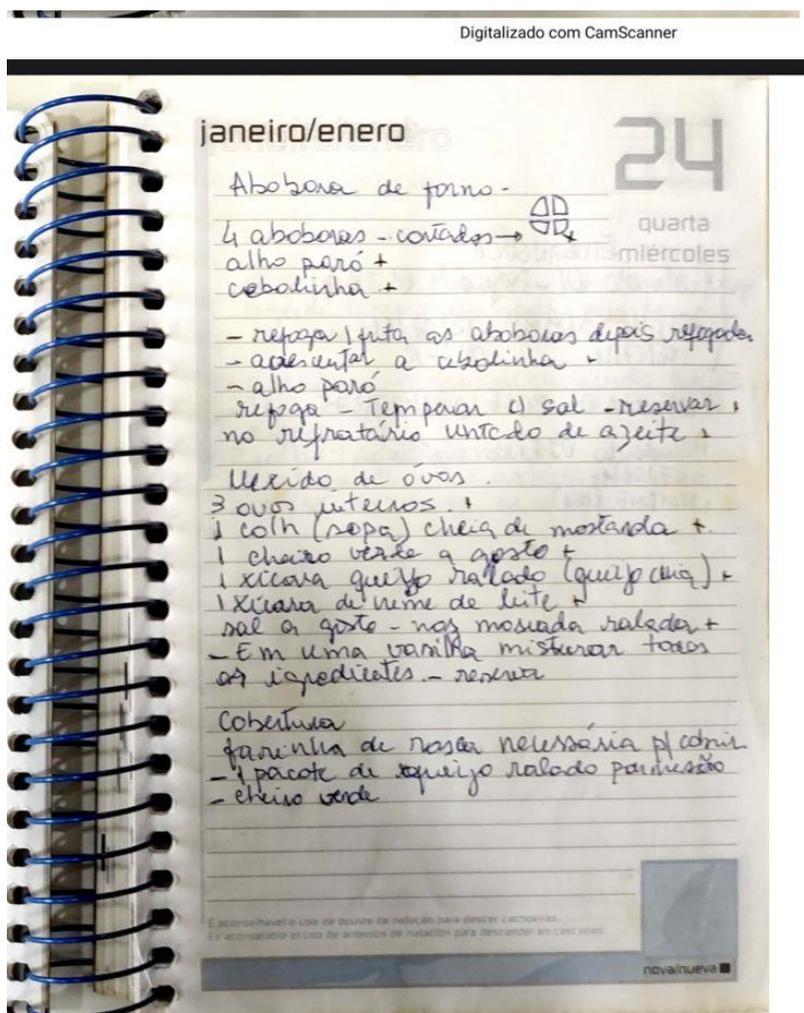
As agendas de dona Margot guardam registros das perguntas de Grisalho Couto, são dez anos de anotações das perguntas feitas e refeitas na Feira do Som entre 2008 e 2018. Na agenda, ela registrava as interrogações e suas respostas e também marcava as perguntas que já tinham sido feitas em algum momento, bem como as datas em que foram realizadas. Depois de conversar com Camille sei que, muitas vezes, foi a memória dela que percebeu a repetição das perguntas, ela lembrava e dizia: “Ah, dona Margot, essa já saiu”, corria para as anotações e constatava a resposta. São muitas as perguntas anotadas, o que me deixaria páginas e páginas passeando por Belém. Desta maneira, decidi utilizar a primeira semana de anotação de Dona Margot, em 2008, e a primeira semana do último ano de anotação que ela fez, 2018 e explorar essas perguntas em um encontro pessoal com a cidade.

Na escrita não consigo ter certeza da letra de cada uma, no entanto há registro de palavras escritas com a grafia antiga, como “hontem”, que imagino ser de Dona Margot, nascida na década de 1920, quando as palavras “anno, director, hontem, accôrdo, aparelho” ainda tinham uma grafia diferente da que conhecemos hoje. Foi com o acordo ortográfico da Língua Portuguesa, implantado em 1941 (aprovado em 1931 e homologado em 1938) que a letra “h” foi suprimida da palavra que passava a ser escrita “ontem” (MAYRINK, 2008). Sendo assim, Camille, nascida na década de 1970, não

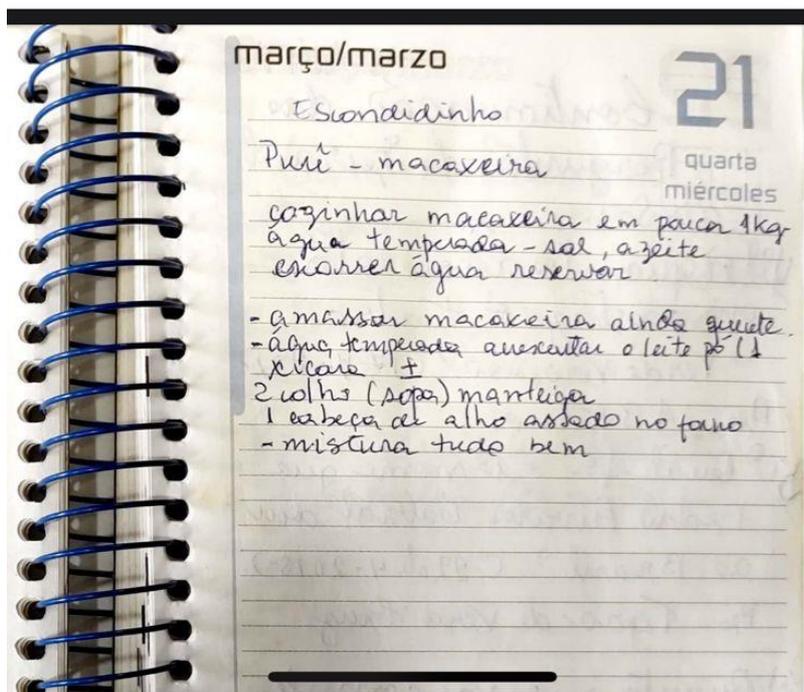
usaria a grafia antiga, tendo em vista que em outros momentos, com uma letra distinta há vários “ontem” grafados na agenda. Desta maneira, grande parte das perguntas registradas, ali, foram feitas pelo punho da empregada doméstica.

Imersa no luto por seu esposo, dona Margot quase desistiu de estar presente, tanto que os filhos sentiram medo que ela se deixasse ir, como me contaram Jules e Nolan. Foi numa busca desenfreada de encontrar um novo hábito, uma nova rotina que ela começou a escutar Edgar Augusto, como contei no capítulo anterior. Folheando a agenda, encontrei anotações diversas sobre as contas da casa, receitas culinárias, desde mexidos de ovos à abóboras de forno, e uma citação do livro “Alquimista” de Paulo Coelho, que dizia “A lenda pessoal é aquilo que você sempre desejou fazer. Todas as pessoas, no começo da juventude, sabem qual é sua lenda pessoal. Nesta altura da vida, tudo é claro, tudo é possível, e não temos medo de sonhar e de desejar tudo aquilo que gostaríamos de fazer”. A anotação foi feita no dia 02 de abril de 2001.

Figura 27: Receitas na agenda da Dona Margot



Digitalizado com CamScanner



Fonte: própria autora

Era virada do milênio, entretanto dona Margot parecia estar com a cabeça na juventude, quando conheceu o finado marido e ela sentia saudades da companhia e também dos sonhos que fizeram juntos nos quase 60 anos de casados. Dona Margot suprimiu da agenda a continuação do texto de Paulo Coelho que dizia que com o passar do tempo, a maturidade vai fazendo com que se perceba qual a missão individual na terra e só anotou aquele trecho. Depois de duas páginas em branco, ela começou então a anotar as primeiras perguntas ouvidas na Feira e transformou isso em hábito. No começo, ela parecia utilizar a agenda para anotações próprias, como um caderno de anotações, ou até um diário, mas enquanto foi anotando as perguntas da Feira, as notas do dia-a-dia da casa foram desaparecendo.

A entrada nos questionamentos de Grisolho Couto começa com a pergunta “Como se chama a rua que passa em frente ao Cinema Olympia?”. Ela me fez lembrar várias vezes que estive naquele espaço, imagino que dona Margot tenha sentido algo parecido. Como não pude entrevistá-la, posso apenas apresentar a minha versão. O Cine Olympia é o cinema mais antigo do Brasil em funcionamento. Ele foi fundado no início do século XX, em 1912, durante o período áureo da Borracha e do cinema mudo. Naquele momento, a sala cinematográfica “era considerada uma das melhores, mais luxuosas e modernas de seu tempo” (FUMBEL, 2010).

A minha primeira lembrança daquela sala é na companhia da minha mãe e irmã. Éramos crianças e fomos assistir Titanic, o ano era 1998. Eu lembro de ficar impactada com o tamanho da sala e do conforto que era assistir filme em poltronas confortáveis e uma tela gigante. O cinema está localizado no bairro de Batista Campos, na rua Arcipreste Manoel Teodoro, esquina com a rua Silva Santos. A pergunta feita na Feira provoca uma possibilidade de erro, tendo em vista que a rua em frente ao Cinema é a Arcipreste Manoel Teodoro, uma bifurcação da Av. Presidente Vargas. Entretanto, a resposta no caderninho de dona Margot é “Av. Presidente Vargas”.

Tentei contato com os filhos de dona Margot, mas eles não souberam me dizer se em algum momento ela chegou a assistir filmes naquele espaço. Jules, disse só lembrar que a primeira vez que foi ao cinema “foi no Olympia, talvez com meus irmãos, mas não lembro se a mamãe foi conosco. Também não lembro dela assistindo algum filme lá!”. Feito pela elite para a elite, o cine Olympia está nos arredores de outros prédios construídos no início dos anos de declínio da economia gomífera, nos arredores do antigo Largo da Pólvora e atual Praça da República.

Quando o cinema estava completando 110 anos, em 2022, na coluna semana “Cine News” escrita pelo pesquisador e presidente da Associação dos Críticos de Cinema do Pará (ACCPA) Marco Antônio Moreira falou sobre o Olympia ser um local de História, Cultura e Memórias.

Inaugurado em 1912 durante um período próspero para a economia do nosso estado, o cine Olympia foi uma iniciativa de Carlos Teixeira e Antonio Martins, proprietários do Grande Hotel. A ideia era criar um circuito cultural que incluía o hotel, o Teatro da Paz e o Olympia. Com referências arquitetônicas baseadas nas salas de cinema da Europa, o cinema Olympia surgiu como uma sala destinada às classes sociais mais privilegiadas de Belém e foi inaugurado oferecendo qualidade técnica e conforto diferenciado, incomparável com as outras salas existentes naquele período. Desse modo, tornou-se um ponto de referência cultural e social imediato para a cidade. Posteriormente, tornou-se uma sala de exibição de filmes para todos os públicos (LIBERAL, 2022).

Figura 28: Cinema Olympia: à Esquerda imagem do cinema em 1912, à direita imagem de 2020.



Fonte: <https://www.mapinguanerd.com.br/cinema-de-belem-inaugurado-em-1912-resiste-ao-tempo-e-continua-exibindo-filmes/>

Em 2006, a Prefeitura de Belém passou a gerir o Cinema Olympia, além de fazer uma revitalização nas instalações do prédio. Assim, além de exibir títulos do cinema nacional e internacional, o Olympia passou a receber simpósios, seminários e rodas de conversa. Até hoje, há exibição de filmes, mostras culturais e encontros de cinéfilos no local. Além de aparecer na pergunta de Grisalho Couto, o cine Olympia aparece também na agenda cultural da Feira, por conta de vários eventos culturais que ocorrem por lá.

Enquanto eu leio as perguntas na agenda, eu me pego passeando pela cidade, como uma *flâneuse*. É como se algum narrador me sussurrasse os locais e eu fosse transitando pelos espaços, mesmo que por meio das lembranças e memórias que tenho desses locais e da própria cidade.

O primeiro programa que Dona Margot acompanhou foi numa sexta-feira, a antessala do final de semana, como Edgar Augusto costuma dizer. E na segunda-feira, ela seguiu acompanhando o programa. Digo isso, porque aparece a data consecutiva, com a pergunta sobre um clássico paraense, mais precisamente ligado aos belenenses, os times centenários de futebol: Remo e Paysandu. A questão era “contando com o de ontem quantos clássicos de futebol já jogaram Remo e Paysandu?” escreveu a moradora da Batista Campos.

Essa foi uma pergunta que me fez percorrer a cidade saindo do Cinema Olympia, na Batista Campos e entrando o bairro de Nazaré⁹⁰, mais especificamente na av. Nazaré, onde ficam as sedes sociais dos clubes Remo e Paysandu. Nesses locais ocorrem festas sociais, encontros e funciona a sede administrativa dos clubes. A sede social do Remo, adquirida em 1938, foi projetada por Camilo Porto de Oliveira, um arquiteto modernista famoso na região. Já a sede social do Paysandu Sport Club foi fundada, em 1943, e está localizada também na av. Nazaré, a poucos metros do seu principal rival. Caminhando mais um pouco, chegamos ao bairro do Marco⁹¹ e alcançamos aos estádios Curuzu e Evandro Mesquita (Baenão), que pertencem ao Papão da Curuzu e ao Leão Azul, respectivamente. Mas, é preciso caminhar mais para chegar a um ponto bem mais afastado da cidade, ao Estádio Olímpico do Pará Edgar Proença, conhecido como Mangueirão. É lá que ocorrem normalmente os clássicos do futebol.

A família de dona Margot gostava das disputas clássicas de futebol. As mulheres, ela e a filha Dominique, eram remistas e o pai e os filhos Nolan e Jules torciam para o Paysandu. Elas não entendiam bem de futebol, mas era divertido torcer para times diferentes. Não sei se essa foi uma pergunta que dona Margot soube responder, entretanto aparece registrada na agenda, como tantas outras.

⁹⁰ Bairro de Belém que se consolidou em meados do século XIX a partir da “Estrada de Nazareth”, que conectava o bairro da Campina à antiga igreja de Nossa Senhora de Nazaré, erguida no local onde supostamente o caboclo Plácido encontrou a imagem peregrina utilizada na procissão do Círio de Nazaré.

⁹¹ Bairro fundado com a expansão da malha urbana de Belém acompanhando a Estrada de Ferro de Bragança, cuja construção inicia na segunda metade dos novecentos. O nome Marco refere-se ao monumento erguido para indicar os limites da Primeira Léguas Patrimonial de Belém, porção de terras doada para o município pelo Estado Português no momento de fundação da cidade no século XVII.

A terceira pergunta é sobre um integrante da elite paraense, o arquiteto e engenheiro Francisco Bolonha⁹². Ganharia o prêmio da Feira do Som quem respondesse corretamente “O que está localizado, hoje, no prédio da Av. Nazaré com Av. Assis de Vasconcelos, onde nasceu o engenheiro Francisco Bolonha?”. Li a pergunta sem me atentar para a resposta e sai caminhando imaginariamente pela Av. Assis de Vasconcelos, saindo da Praça da República, e entrei na av. Nazaré. Respondi mentalmente que ficava a Casa da Linguagem. Esse prédio foi “construído em 1870 para ser a residência da família de Francisco Bolonha, já faz parte da paisagem de Belém, como parte do conjunto das antigas edificações ainda existentes nos arredores da Praça da República”. A Casa da Linguagem promove inúmeros eventos de som, imagem e texto, os quais normalmente são anunciados pelo Edgar Augusto na Feira do Som.

Figura 29: Casa da Linguagem, antiga casa da família de Francisco Bolonha



Fonte: Agência Pará

⁹² Francisco Bolonha era um representante da elite paraense, foi um homem muito atuante no início do século XX. Foi arquiteto, estudou na Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro e atuou em diversas obras públicas pelo Brasil. Em Belém, durante a intendência de Antônio Lemos, exerceu a função de diretor do Departamento de Obras Públicas, Terras e Aviação do Estado (FUMBEL, s/d).

Figura 30: Casa da Linguagem, antigo casarão da família Bolonha.



Fonte: própria autora

Dona Margot e outros ouvintes também devem fazer esse percurso imaginário enquanto ouvem o locutor fazer a pergunta, considerando que para localizar-se na cidade

é preciso conhecê-la, ter mapas mentais⁹³ e muitas vezes afetivos. À vista disso, o lugar do flâneur e da flaneuse passa a ser também o espaço das mídias, mais precisamente do Rádio, aqui, nesta tese. As experiências vividas coletivamente impõem a um estilos de vida e comportamentos mais automatizado (MAIA, 1997), como o gosto. Este parece apenas seu e ao mesmo tempo pertence a uma tribo (MAFFESOLI, 1998a), sub-grupos, se pensarmos na Sociedade complexa, como Gilberto Velho (1989), no qual há trânsito entre grupos sociais, tendo em vista que ninguém pertence a único grupo.

As perguntas continuam na agenda “Como se chamava a Praça Barão do Guajará no Bairro da Campina?”. Campina é um bairro que conheço muito pouco, então, para conseguir me localizar fisicamente precisei de um mapa físico. Com ajuda do mapa, logo me localizei: a cinco minutos, à pé, desta Praça você chega ao Ver-o-Peso, o mercado central de Belém. Esta praça chamava-se “Largo da Misericórdia” por conta do antigo Hospital da Misericórdia (CRUZ, 1970). Hoje, é uma área predominantemente residencial.

“A praça da República e a Praça da Sereia fazem parte de um parque. Qual o nome dele?”. Essa foi a última pergunta, completando uma semana da minha coleta, fechando duas páginas da agenda de dona Margot do primeiro ano de suas anotações. A resposta deixo logo, aqui, “Parque João Coelho”. A Praça da República teve várias denominações, primeiro ficou conhecida como Largo da Campina, depois virou Largo da Pólvora, por conta de um armazém que guardava pólvoras e, durante o Império, era a Praça Pedro II. Desde o final do século XIX é denominada de Praça da República, devido à nova forma de governo. É lá que encontramos o Theatro da Paz, Teatro Waldemar Henrique e o Instituto de Arte da Universidade Federal do Pará, bem como o monumento à República (IBGE, s/d).

⁹³ “Mapas mentais são imagens espaciais que as pessoas têm de lugares conhecidos, direta ou indiretamente. As representações espaciais mentais podem ser do espaço vivido no cotidiano, como por exemplo, os lugares construídos do presente ou do passado; de localidades espaciais distantes, ou ainda, formadas a partir de acontecimentos sociais, culturais, históricos e econômicos, divulgados nos meios de comunicação” (ARCHELA et al, 2004, p. 127).

Figura 31: Parque João Coelho



Fonte: Site IBGE

Essa é uma principais áreas públicas da cidade, frequentada como espaço de lazer e festa, ela teve papel importante na organização urbana de Belém, por conta da sua localização. Está próximo ao centro histórico, entre os bairros da Campina, Reduto e Nazaré e possui espaços culturais centralizando eventos artísticos e políticos ao longo dos anos. No entorno, encontramos espaços comerciais e muitos prédios residenciais, bem como um corredor de mangueiras sobre a Av. Presidente Vargas.

A Av. Presidente Vargas é uma avenida com empreendimentos em estilo modernista e arranha-céus financiados por empresários locais (VIDAL, 2008). É lá que está localizado o Palácio do Rádio, onde funcionava a Rádio Clube do Pará, e o apartamento em que Edgar Augusto morou com a família, pais e irmãos. Esse perímetro é recorrente entre as perguntas feitas na Feira do Som. Encontrei muitas e deixo de exemplo dez perguntas retiradas da agenda de dona Margot:

1. Nome do hotel, na Belém antiga, que ficava na Praça da República nas proximidades do Grande Hotel e do Cinema Olympia?
2. Em que ano foi criada a Orquestra Sinfônica do Theatro da Paz?
3. Nome do Prédio abandonado que fica na Presidente Vargas entre Ó de Almeida e Aristides Lobo, em frente aos Correios?
4. Em que avenida de Belém ficava a sede da Tuna Luso Brasileira?
5. Em que avenida de Belém ficava o Palace Teatro?

6. Nome do suntuoso hotel que ficava na Presidente Vargas, onde hoje é a loja da C&A?
7. Como era o nome da farmácia de manipulação que ficava na Presidente Vargas em frente a Praça da República?
8. Antigamente, onde hoje é a Praça da República havia um Largo, como era o nome dele?
9. Quem foi que deu o nome Theatro da Paz?
10. Na virada do século XIX para o XX, o que funcionava no prédio ocupado pelo cinema Olympia, o mais antigo do Brasil?

Já nos primeiros dias de 2018, dona Margot e Camille escutavam o programa. Sei que Camille estava lá, porque ela rabiscou o próprio nome nas páginas, enquanto ouvia a Feira do Som. O ano começou com uma questão sobre “o nome do hotel que havia no largo da memória, aquele da av. Nazaré com a Quintino Bocaiúva, que hoje é uma agência bancária?”. Esse é o caminho que faço todos os dias para chegar a minha casa, quando pego meu filho na escola e vamos juntos escutando a Feira. Saio do bairro de Batista Campos, passo por Nazaré e entro no Reduto, onde é meu destino final. Passo ali todos os dias e não sabia que antigamente era um hotel. Por conta de uma rasura não consigo descobrir o nome do hotel, apenas sei que é “Madame, Ga...”, fiz essa busca em artigos, no Google, também perguntei para pessoas mais antigas e ninguém soube me dizer.

Na primeira terça-feira de 2018, Edgar perguntou “Qual o nome da antiga mercearia na esquina da Manoel Barata com Quintino Bocaiúva, onde há um escritório Imobiliário”. Esse trecho fica no Reduto, uma esquina depois da minha casa, próximo a Phebo, a antiga fábrica de sabonetes. A resposta é “Casa Serra”, uma mercearia à moda lusitana do bairro do Reduto.

Figura 32: Casa Serra, mercearia no Reduto



Fonte: Blog Belém Antiga⁹⁴

As perguntas do terceiro e quarto dia, respectivamente, foram: “qual era o antigo nome da rua 9 de janeiro?” e “Em que estádio, aqui em Belém, foi realizado o primeiro jogo Remo e Paysandu?”. Remo, Paysandu Sport Clube e Tuna Luso os três times da capital paraense entram em várias perguntas do programa. Edgar Augusto começou a carreira, como o avô e o pai, no futebol e sempre que pode traz questões aos aficionados pelo esporte. As perguntas sobre as ruas da cidade também aparecem de forma recorrente, as quais cito dez delas:

1. Como se chamava antigamente a av. Presidente Vargas?
2. Em que rua do Umarizal ficava o casarão que morou o maestro Carlos Gomes?
3. Qual foi o primeiro nome da rua 13 de maio no comércio de Belém?
4. A rua Riachuelo, no centro de Belém, teve um nome curioso. Qual era?
5. Em que rua de Belém ficava a primeira sede da Academia Paraense de Letras?
6. Qual a origem do nome da rua Lomas Valentina?
7. Qual a origem do nome da Tv. Humaitá, no Marco?
8. Como se chamava a Barão do Triunfo, nome da famosa travessa de Belém?
9. Nome da pequena rua que fica entre avenida Portugal e 16 de novembro.
10. Qual era o antigo nome da travessa Rui Barbosa no Reduto?

⁹⁴ <http://belemantiga.blogspot.com/2014/10/antes-e-depois-as-muitas-historias-da.html>

As ruas que aparecem nas perguntas são de bairros centrais. O Jurunas, por exemplo, quando aparece é com uma pergunta generalista: “Nome do populoso bairro de Belém cujo as ruas têm nomes indígenas?”, assim como Outeiro, quando ele quis saber o nome da ponte. Entretanto, as curiosidades dos bairros, as lembranças da “Belém do já teve” ficam restritas ao centro e aos bairros iniciais da cidade, bem como aos locais por onde o locutor e idealizador da Feira do Som frequentava, passeava, via Belém. A última pergunta do início de 2018 foi “Nome do antigo Hotel que ficava na Presidente Vargas com General Gurjão?”, voltou a falar sobre um perímetro confortável e de lembranças importantes para Edgar Augusto.

A Belém que aparece na Feira do Som pertence a memória social coletiva de um grupo de cidadãos, de um recorte da sociedade que Edgar Augusto faz parte. As lembranças desse lugar só são possíveis por meio das interações que os interlocutores têm com Belém e com o próprio programa. E essas lembranças vão se dando também por uma memória sonora, possibilitada por um programa que permaneceu no ar por 50 anos e por uma rádio pública que ressalta uma cidade em sua programação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando chove, em Belém, se caminha lento. O trânsito “fica mais agarrado que goma de tacacá”, como disse um dos meus interlocutores durante uma conversa informal. Chovia lá fora e eu teria que me molhar para sair dali. Eu pensei sobre o trânsito durante todo o meu processo de escrita, mesmo que isso não tenha sido tão abordado pelos meus interlocutores. Talvez, essa fosse uma questão apenas minha. Quiçá seja a minha relação com o programa que foi toda permeada pela andança em Belém enquanto estava em trânsito, seja dirigindo ou sendo transportada.

Um dia qualquer de abril de 2022, eu entrei no carro e o programa estava no ar. Passava pouco de meio dia e eu tinha um compromisso na Universidade. Para chegar lá, atravesso inúmeros bairros de Belém. Saio do centro e vou adentrando a periferia. O que percorreria em 20 minutos, pode demorar cerca de duas horas por conta dos alagamentos que tomam conta da cidade.

Figura 33: Foto de Belém em dia de chuva, no dia 11 de abril de 2023 na Praça do Operário



Fonte: própria autora

Não era eu quem dirigia, mas comecei a me irritar com a falta de visibilidade por conta da forte chuva que caia lá fora, o engarrafamento e a quantidade de buracos que meu esposo caía, quase quebrando o carro, pois os ônibus passavam jogando lama e água para cima do nosso veículo. Lá fora, eu via poucas pessoas: vendedores ambulantes tentando ganhar dinheiro com sombrinhas no cruzamento, enquanto o semáforo estava fechado e motociclistas entregadores de aplicativos na contramão das ruas, apressados, às vezes, uma ou outra pessoa atravessava correndo com um guarda-chuva. Quando ficava verde o semáforo, parecia despertar a ira dos motoristas atrás de mim, que apertavam incansavelmente as buzinas, como se pudessem fazer a fila de carros desaparecer. Estava enfadonho e enlouquecedor o trânsito.

Figura 34: Foto de Belém em dia de chuva, enquanto escutava o Programa



Fonte: própria autora

O Rádio ligado, a Feira do Som tocava uma das faixas novas do CD do canadense Michael Bubl , no qual ele reinventa clássicos românticos, com uma pegada de jazz cantado. Naquele momento, eu vivia o caos, já estava parada no mesmo quarteirão havia mais de 20 minutos e a minha cabeça começou a latejar. O Jazz não parecia uma boa trilha sonora para o caos. Então, desci o dial, desliguei o rádio. As ruas estavam alagadas, o aplicativo de trânsito tentava uma nova rota menos congestionada, entretanto não era possível. A Feira do Som ignorava aquela realidade da cidade. Mas, para mim, era impossível deixar de lado o que vivenciava, em Belém, enquanto meu rádio sintonizava a 93.7Mhz ao meio dia.

Grande parte dos meus ouvintes escuta a *Feira* enquanto perambula por Belém. Ainda sim, não causa incômodo o conflito entre a audi o e a visão, nem nos sentidos, nem na estética, talvez porque a cidade que estão vivenciando no dia-a-dia seja a Belém tocada por Edgar Augusto, a Belém reverenciada nas músicas e na narrativa hegemônica que vai sendo tecida no programa. É a Belém dos bairros centrais, turística e que seleciona sua trilha sonora, apartando os g neros musicais que seriam periféricos. Há uma

permanência ou linearidade na narrativa da Feira do Som, com poucas transformações do narrador Edgar Augusto, cuja participação é explícita no texto, com comentários, opiniões, digressões, de modo que não é possível demarcar precisamente onde termina o narrador e começa a narrativa.

O programa é alicerçado num critério de seleção subjetivo, baseado no gosto do produtor e de suas escolhas, que excluem ritmos que marcam a vida social da periferia belenense, como bregas, tecnobregas e aparelhagem, mesmo que o programa seja “vendido” como *Feira*. A programação faz parte de uma elite cultural e é produzido para um público específico, mesmo que no discurso se proponha a ideia de uma mestiçagem musical, com incorporação de sons populares e eruditos, mas o popular presente do programa não é periférico, tampouco massivo.

Ao longo desses anos, a principal transformação do programa foi a relação interativa com o público, pois o locutor passou a falar *com* e não apenas *sobre* alguém que ouve e dialoga com as produções da *Feira*. A figura do locutor, segundo Edgar Augusto, é importante para a construção do vínculo com o público, tendo em vista que uma intimidade foi sendo construída ao longo desses anos. Diariamente, o público escuta a mesma voz e se identifica, inclusive repete junto ao Edgar as frases já conhecidas, criando, assim, conforme escreve Bianco (2018, p.112), “uma experiência social subjetiva de acolhimento, proximidade, intimidade e conexão com seu entorno de forma peculiar”.

O programa diário atravessa cinco décadas unindo gerações, tanto pela temporalidade, quanto pelo compartilhamento da vivência quotidiana de Belém. O público que acompanha o programa é cativo, apesar de uma forte característica do público da mídia rádio ser rotativa, que não segue uma programação, tampouco um programa, mas busca músicas, busca informação. Entretanto, entendemos durante a pesquisa, que a Feira do Som tem um fenômeno vinculativo, fazendo com que os ouvintes sintam-se afetados pelo programa de tal maneira que sentem-se parte integrante, como se o programa fosse um encontro, um espaço-temporal midiaticizado que reúne pessoas. Desta maneira, nesse lugar de encontro que a Feira torna-se permite que a memória vá sendo compartilhada, tendo em vista que a memória individual está estruturada na coletiva, pois pertencemos a grupos, com experiências vividas, afeto e história, assim como há um compartilhamento de temporalidade e estilo de vida, com gostos semelhantes. É isso que permite que os ouvintes sintam-se pertencentes ao mesmo grupo. O espaço que “visitam”

passa a ser uma confraria “imaginada”, como interpela Anderson (2008), um clube, um traço distintivo que permite experiências na companhia do outro.

É o gosto que aglutina os ouvintes em torno da Feira e que faz com que se conectem em grupos, com os quais compartilham sensações, vivências e relações conflituosas ou harmônicas. É nessa relação que o público passa a perceber a cidade de Belém, com os privilégios dos bairros centrais. Desta maneira, o gosto evidencia uma contraposição entre classes.

A Feira do Som completou cinquenta anos no ar. E como prometido na primeira entrevista que Edgar Augusto me concedeu – depois que eu entrei no doutorado – ele parou, deixou de fazer o programa diariamente na Rádio Cultura FM, aposentou-se. Dezembro de 2022 foi o último mês da Feira ao vivo e “quando eu anunciei isso à direção da Funtelpa, recebi um ano de homenagens, pude me despedir do programa”. No último ano, Edgar Augusto passou a fazer especiais: recebia convidados no estúdio da Cultura e entrava no ar com música ao vivo pela Rádio e TV Cultura. Entretanto, ao invés de findar o programa migrou mais uma vez, quarta vez ao todo. Nos primeiros anúncios que saíram na mídia, inclusive nas emissoras Cultura, o programa não findaria, a Feira do Som continuaria, apenas seria substituído o locutor, entretanto “continuaria sendo de Edgar Augusto”. Dessa maneira, no último ano, Edgar passou a ter mais um integrante no estúdio, Arthur Castro, que seria o possível substituto. Mas, quando Edgar saiu do ar, a Feira foi junto. No horário, ficou o programa “Balaio” produzido e apresentado por Arthur Castro: “A proposta é a de seguir com o espírito da Feira do Som, ofertando um cardápio sonoro variado para o ouvinte dessa rádio pública do Estado, e sendo a plataforma de lançamentos dos artistas da música paraense e também, claro, da MPB” (MESQUITA, 2022).

Agora, o programa saiu da rádio pública e foi parar no *Instagram*⁹⁵, uma rede social online. É lá, que Edgar Augusto, com ajuda do filho continua com a Feira do Som, entretanto com informações pontuais sobre música e a própria Feira do Som, como uma metalinguagem. Agora, eles estudam uma forma de trazer o programa para uma rede já não tão nova, mas que foi ignorada pelo locutor/apresentador por anos.

Nesta pesquisa, percebi que nesse processo de interação e troca de sentidos, nem locutor, nem ouvinte saem os mesmos, pois essa troca faz com que haja uma afetação

⁹⁵ Rede social online gratuita utilizada para compartilhamento de fotos e vídeos.

mútua, de tal maneira, que há uma construção de discurso mútuo que vai sendo estabelecido na interação coletiva, no contexto cotidiano de Belém.

A hipótese que norteou esta pesquisa foi de que há uma construção de memorial social afetiva da cidade a partir da relação que o público tem com a mídia e que isto seria facilitado pelo pertencimento a uma emissora pública, de tal maneira que o maior tempo que o programa ficou no ar e com maior duração ao vivo foi na Rádio Cultura FM, mesmo que tenha passado por duas rádios comerciais anteriormente: Rádio Clube do Pará e Cidade Morena. A construção da memória social de Belém a partir da relação dos ouvintes com a Feira perpassa o gosto, a partir da experiência sensível e de estar no mundo.

No primeiro capítulo estive estranhando o objeto de tal maneira que é preciso fazer reflexões de estar lá e estar de estar aqui (GEERTZ, 1998) que foi sendo evidenciadas ao longo da etnografia. Mesmo que seja um capítulo introdutório de reconhecimento do campo é importante pois nele que começo a apresentar a minha observação participante, bem como adentrar ao processo de produção da *Feira* e o modo de fazer um programa de rádio. Belém aparece, aqui, mesmo que ainda escondida. No capítulo seguinte, conto como a família Proença começa a ganhar destaque na região, com as relações do patriarca Edgar Proença em vários clubes da cidade e a criação de uma das primeiras rádios da região Amazônica, a Rádio Clube do Pará. Neste capítulo, aparecem também as discussões sobre distinção (BOURDIEU, 2017).

Já no terceiro capítulo os ouvintes ganham maior destaque, assim como a cidade de Belém. As páginas vão contando como os laços afetivos entre público e cidade foram sendo tecidos a partir da relação com o programa. Para isso, foi necessário discutir a nostalgia com o *semiotic blues* e a moderna tradição amazônica (CASTRO, 2011), como resposta ao saudosismo de um espaço temporal da cidade. O quarto e último capítulo da tese trata sobre o gosto e como ele vai moldando e ajudando a compor a memória social da cidade de Belém.

As relações sociais e as cidades não são estáticas, tampouco fixas. Por isso, enquanto eu escrevia, ficava pensando se a língua portuguesa daria conta dessa dimensão do acontecimento, do fazer a cidade, do partilhar o gosto e construir uma paisagem. E fui encontrando artifícios linguísticos para que pudesse permitir que Belém não pareça imóvel. A cidade não é inerte, mas tem uma temporalidade quando vivenciada por um grupo. No caso desta tese, um grupo de ouvintes que escutam a Feira do Som, um

programa que permaneceu cinquenta anos na rádio paraense e, agora, está experimentando e tentando se inovar nas redes sociais.

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas Juvenis**: punks e darks no espetáculo urbano. Página aberta: São Paulo, 1994.

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. In: **Revista da Faculdade de Letras – Geografia I**, Vol. XIV. Porto, 1998.

ADORNO, Theodor. O Fetichismo na Música e a Regressão da Audição. In: **Os Pensadores** – Theodor W. Adorno. Textos Escolhidos. Tradução de Luiz João Baraúna, revista por João Marcos Coelho. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

ALBUQUERQUE, Afonso de. Um outro quarto poder: imprensa e compromisso político no Brasil. In: **Contracampo**, Niterói, n. 4, p. 23-57, 2000.

APPADURAI, Arjun. **O medo ao pequeno número** – Ensaio sobre a geografia da raiva. São Paulo: Iluminuras, 2009.

AGUIAR, Lisiane Machado. **Processualidades da cartografia nos usos teórico-metodológicos de pesquisas em comunicação social**. 2011. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011.

ALMEIDA, Thays Fregolent de. Diálogos entre o modernismo conservador e a política de ocupação territorial da Marcha para o Oeste: o neobandeirantismo paulista (1928–1940). **Revista Galo**. Paramirin/RN, n.06. 2022.

AMORIM, Paulo Henrique. **O quarto poder**: uma outra história. Ed. Hedra, Rio de Janeiro, 2015.

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução Denise Bottman. São Paulo, Companhia das letras, 2008.

ANDRADE, Kamila. **Rui Barata, um dos maiores nomes da cultura do Pará**, completa centenário nesta quinta. G1 Pará, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2020/06/25/ruy-barata-um-dos-maiores-nomes-da-cultura-do-para-completa-centenario-nesta-quinta.ghtml> acesso em 08.jun.2023.

ARCHELA, Rosely Sampaio; GRATÃO, Lucia Helena B.; TROSTDORF, Maria A.S. O Lugar dos mapas mentais na representação do lugar. IN: **Geografia**. Londrina, V.13. n.01. jan-jun, 2004.

BAITELLO, Norval Jr. As núpcias entre o nada e a máquina. **As notas sobre a era da imagem em lugar do corpo**. CISC, 2013. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/pt/biblioteca/viewcategory/7-baitellojunior-norval.html>> Acesso em: 30.jun.2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BAUER, Carlos. Sobre televisão: reflexões históricas. In: **Remark Revista brasileira de marketin**. Vol.1, 2002.

BENJAMIN, Walter. Paris do Segundo Império. In: BENJAMIN, W.. **Obras escolhidas III**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

_____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura** – SP: Brasiliense – Obras escolhidas (vol. 1), 1995.

_____. **A Obra de arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica** (Org. e Prefácio – Márcio Seligmann-Silva), Tradução: Gabriel Valladão Silva, 1ª Edição, Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

_____. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG/São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.

BIANCO, Nélia Del. Rádio e memória do cotidiano. **Revista Brasileira de História da Mídia**. VOL. 7 | Nº 1 | jan./jun. 2018.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais paraoras: catálogo**. Belém: Secretaria de Estado de Cultura e Desportos e Turismo, 1985.

BOPP, Raul. **Putirum: poesias e coisas do folclore**. Rio de Janeiro: Leitura, 1968.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo, Quieroz Editor e Edusp, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Editora, 1989.

_____. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo/Porto Alegre, EDUSP/Zouk, 2007.

_____. **Homo academicus**. 2 ed. Editora da UFSC, 2017.

_____. **Gosto de classe e estilo de vida**. USP, 1997. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1807511/mod_resource/content/1/Bourdieu_.pdf acesso em: 18.nov. 2022.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BOURDIEU, Pierre; SAINT-MARTIN, Monique de. Goûts de classe et styles de vie. Tradução de Paula Montero. **Actes de la recherche en sciences sociales**, n. 5, out. 1976, p. 18-43.

BRAGA, José Luiz. Dispositivos interacionais. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 20., 2011, Porto Alegre. **Anais...** Brasília: Compós, 2011a. p. 1-15.

BRAGANÇA, Pedro Loureiro de. Uma análise do jornalismo alternativo ao contra-hegemônico para compreender as características da Agência Pública de Reportagem e jornalismo investigativo. IN: **Anais...** XIV Congresso de Ciência da Comunicação na Região Norte – Manaus, AM, 2015.

BRAUN, Alice Jungblut; MAGALHÃES, Geovana Klaus. Getúlio Vargas: a imagem do mito político. **Epígrafe**, v.10, 218-246, 2021.

BRETAS, Beatriz. Ativismos da rede: possibilidades para a crítica de mídia na internet. In: BRETAS, Beatriz (Org.). **Narrativas telemáticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 129-142.

CAIAFA, Janice. Fisionomia urbanística da cidade do Rio de Janeiro. 2000. Dissertação (**Mestrado em Comunicação**) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CALABRE, Lia. Rádio e imaginação: no tempo da radionovela. In: **Anais...** INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte, MG, 2003.

_____. **O rádio na sintonia do tempo: radionovelas e cotidiano 1940-1946**. Casa Rui Barbosa, 2006.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283-350:

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

CANO, Wilson. **Ensaio sobre a formação econômica regional do Brasil**. Editora Unicamp, 2002.

CARDOSO, Ruth. **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

CARVALHO, Carlos Alberto de. **A tríplice mimese de Paul Ricouer como fundamento para o processo de mediação jornalística**. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Estudos de Jornalismo”, do XIX Encontro da Compós, na PUCRio, Rio de Janeiro, RJ, em junho de 2010.

CASTRO, Fábio Fonseca de. **Entre o mito e a fronteira: estudo sobre a figuração da Amazônia na produção artística contemporânea de Belém**. Belém: Labor Editorial, 2011.

_____. Comunicação, identidade e TV pública no Pará. In: **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 149-167, jul./dez. 2012a.

_____. A identidade encenada: a produção artística de Belém como laboratório e teatro da amazônica. In: **Contemporânea**. Ed. 20, v. 10, n.2, 2012b.

_____. **A Cidade Sebastiana:** Era da borracha, memória e melancolia numa capital da periferia da modernidade. Belém, edições do autor, 2010.

_____. As guitarradas paraenses: um olhar sobre música, musicalidade e experiência cultural. In: **Contemporânea comunicação e cultura**. Vol.10, n.02, mai-agos, 2012.

_____. Fenomenologia da Comunicação em sua quotidianidade. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v. 36, n.2, p.21-39, jul-dez, 2013.

CASTRO, F. F. Semiotical blues: artifícios da temporalidade nostálgica. **Revista ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v. 18, n.3, p. 1-13, 2015.

CASTRO, Marina Ramos Neves de. Sociabilidades e sensibilidades no cotidiano da Feira do Guamá: uma etnografia das formas sociais do gosto. **Tese (Doutorado)** – Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA), Universidade Federal do Pará (UFPA), 2018.

CASTRO, Raimundo Nonato de. Uma revista ilustrada: A Semana e o olhar sobre a Amazônia (1917-1923). **Brocar**, v.42, p. 209-236, 2018.

CAVALLI, Alessandro. “The delayed entry into adulthood: is it good or bad for society?”. Em J.M. Pais & L. Chrisolm (orgs.), **Jovens em Mudança**, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1997.

CHANLAT, Jean-François (Org.). **O indivíduo nas organizações:** dimensões esquecidas. v. 1. São Paulo: Atlas, 2007.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar.** Petrópolis: Vozes, 1996.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica:** antropologia e literatura no século XX. Editora UFRJ: Rio de Janeiro, 2002.

COELHO, Geraldo Mártires. **Anarquistas, Demagogos & Dissidentes:** a imprensa liberal no Pará de 1822. Belém, Cejup: 1993.

CONNERTON, Paul. **How societies remember.** Cambridge University Press, 1989.

COSTA, Alda Cristina; MEDEIROS, Rosana. Rádio Cultura FM: 30 anos de comunicação pública na Amazônia paraense. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)**, v. 4, n. 1, jan./ jun. 2015.

COSTA, Antônio Maurício Dias da. **Cidade dos sonoros e dos cantores: estudo sobre a Era do Rádio a partir da capital paraense.** Belém: Imprensa Oficial do Estado, 2015. 147p.

_____. “A cor local”: rádio e artistas da música popular em Belém nas décadas de 1940 e 1950. IN: **ArtCultura**, Uberlândia, v. 14, n. 25, p. 151-172, jul.-dez, 2012.

_____. O popular da canção: carreira musical, regionalismo e cultura afro-religiosa na trajetória artística de Ari Lobo (1955-1980). **Revista Diálogos**, v.18, n.3, p. 1251-1284.

_____. **Festa na cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará**. Belém: EDUEPA, 2009.

_____. PIANOS, VIOLÕES E BATUQUES: caminhos da invenção artística e folclórica da música negra na Amazônia paraense (1923-1940). **História (São Paulo)**, v.37, 2018

COSTA, Gil Vieira. Arte em Belém, do Abstracionismo à Visualidade Amazônica (1957-1985): transições movediças e tensões globais. **Tese (doutorado)**. 2019.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A periodização da rede urbana da Amazônia**. **Revista Brasileira de Geografia** 49.3 (1987): 39-68.

CRUZ, Ernerto H. **Ruas de Belém: significado histórico de suas denominações**. Editora Conselho Estadual de Cultura, Belém, 1970.

CUNHA, Maria Manuela Ligeti Carneiro da. **Cultura com aspas: e outros ensaios**. . São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. 5. ed. São Paulo: Ed. 34, 2007.

DIÁRIO DA JUSTIÇA. Tribunal de Justiça do Estado do Pará: TJ/PA - DIÁRIO DA JUSTIÇA - **Edição no 5026/2012** - Segunda-Feira, 14 de Maio de 2012.

DUFRENNE, Mikel. **Estética e Filosofia**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DUTRA, Manuel Sena. **A natureza da mídia: Os discursos da TV sobre a Amazônia, a biodiversidade, os povos da floresta**. São Paulo, SP: Annablume, 2009.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

EVANS-PRITCHARD, Edward. **Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande**. Tradução de Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

FACCHINI, Regina. “Não faz mal pensar que não se está só”: estilo, produção cultural e feminismo entre as minas do *rock* em São Paulo. IN **Cadernos Pagu**. V. 36, jan-jun, 2011.

_____. Entre umas e outras: mulheres (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo. **Tese (doutorado)** - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2008.

FECHINE, Yvana. Uma proposta de abordagem do sensível na TV. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 15., 2006, Bauru. **Anais...** Brasília: Compós, 2006. p. 1-14.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Sagra Luzzatto, Porto Alegre, 2001.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929. **Tese** (Doutorado em História Social), Campinas – SP, Universidade de Campinas, 2001. P. 220.

FORTY, Adrian; KÜCHLER, Susanne. **The art of forgetting**. Berg, Orford, 1999.

FRANCO, Maria. S. **Homens livres na ordem escravocrata**. São Paulo: Unesp, 1997.

FRANÇA, Vera. O acontecimento e a mídia. In: **Galáxia**, núm. V. 24. São Paulo, 2012.

FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula. **Curso básico de Teorias da Comunicação**. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FREHSE, Fraya. **Ô da rua: o transeunte e o advento da modernidade em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2011.

_____. As realidades que as “tribos urbanas” criam. PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva (orgs.). **Tribos Urbanas: produção artística e identidades**. São Paulo, Annablume, 2004.

FUMBEL, Prefeitura Municipal de Belém. Cine Olympia. Belém, 2018. <https://fumbel.belem.pa.gov.br/espacos-culturais/cine-olympia/> acesso em: 3.mai. 2023.

_____. Palacete Bolonha. Disponível em: <<https://fumbel.belem.pa.gov.br/espacos-culturais/palacete-bolonha/>> acesso em: 11. Jun. 2023.

FUNTELPA. **Fundação de Telecomunicações do Pará: 30 anos construindo a história da comunicação pública no Pará**. Belém: Funtelpa, 2007.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 34. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GARCIA, Nelson Jahr. **Estado Novo: Ideologia e propaganda política**. São Paulo, Loyola, 1982.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GEERTZ, C. O dilema do antropólogo entre "estar lá" e "estar aqui". IN: **Cadernos De Campo**. São Paulo, 1998.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Editora Vozes; 20ª edição, 2014.

GOMES, Adriano Lopes. O rádio e a experiência estética na constituição do ouvinte. Disponível < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/gomes-adriano-radio-experiencia-estetica.pdf>> Acesso em: 05 julho de 2019.

GOMES, Angela de Castro. **História e historiadores**: a política cultural do Estado Novo. 1a Ed. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas – FGV Siciliano, 1995. Covilhã, Portugal: BOCC – Biblioteca Online de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior, 2006. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/gomes-adriano-radio-experiencia-estetica.pdf> acesso em: 09.dez.2022.

GRAMSCI, A. Cadernos do cárcere. **Antonio Gramsci**: introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Ed. e trad. de Carlos N. Coutinho. Coed. de Luiz S. Henriques e Marco A. Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**: parte 1. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

_____. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HANSEN, Edward; PARRISH, Timothy. **Elites**: Ethnographic Issues. University of New Mexico Press, Albuquerque, 1983.

HENNION, A.. Pragmática do Gosto. Tradução de Frederico Barros. **Desigualdades & Diversidade**–Revista de Ciências Sociais da PUC -Rio, nº 8, jan./jul., p. 253-277, 2011.

HERZFELD, Michael. **Intimidade cultural poética social no Estado-Nação**. Lisboa, 2005.

IANNI, Octávio. **A idéia de Brasil moderno**. Editora Brasiliense, 1992.

JAMBEIRO, O. **Tempos de Vargas**: o rádio e o controle da informação. Salvador: Ed. UFBA, 2004.

JOST, François. **Compreender a televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. 2. ed. Tradução de Valério Rohden e Antônio Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana**. Editora Paz e Terra, 1980.

KROTH, Maicon E. Contratos de leitura: narrativas do cotidiano como estratégia de captura da recepção no rádio. In: Luiz Artur Ferraretto (Org.). **E o rádio?: novos horizontes midiáticos**. Porto Alegre, Edipucrs, 2010, pp. 142-156.

KUSCHNIR, Karina. Ensinando antropólogos a desenhar: uma experiência didática e de pesquisa. IN: **Cadernos de arte e antropologia**. Vol. 3, N.2, 2014.

LE BRETON, David. **As Paixões Ordinárias**: Antropologia das Emoções. Petrópolis, Vozes, 2009.

LEFEBVRE, Henry. **De l'Etat**. Paris: Union Générale, 1978.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

_____. **Critique de la vie quotidienne**. v. 1. Paris: L'Arche, 1958.

LEIRNER, Piero. Meia-Volta, **Volver**: um estudo antropológico sobre a hierarquia militar. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

LIMA, Fábila Pereira; BASTOS, Fernanda de Oliveira Silva. Reflexões sobre o objeto da comunicação no contexto organizacional. In: OLIVEIRA, L; LIMA, F. **Propostas conceituais para a comunicação no contexto organizacional**. São Caetano do Sul, Sp: Difusão Editorial; Rio de Janeiro, Editora Senac Rio, 2012.

LIRA, Sérgio Roberto Bacury. **Morte e Ressurreição da SUDAM**. Belém: UFPA, 2005.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A conversão semiótica**: na arte e na cultura. Belém: EDUFPA, 2007 (Edição trilingue).

_____. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: Cejup, 1995.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. **Amazônia**: Estado, homem, natureza. 3. ed. Belém: Cultural. Brasil, 2014.

MAIA, Andrea. O novo flâneur das Cidades do século XX: Cuturas híbridas do espaço urbano belo-horizontino. In: **Varia História**, Belo Horizonte, n. 18, Set, 1997.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

_____. **O conhecimento do cotidiano**: para uma sociologia da compreensão. Lisboa, 1998a.

_____. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. A comunicação em fim (teoria pós-moderna da comunicação). **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 20, p. 13-20, abr. 2003.

_____. **O conhecimento comum**. Porto Alegre, Sulina, 2007.

MARCONDES FILHO, Ciro. A nova forma de pesquisa da comunicação: a engenharia das emoções, o autômato espiritual e um campo de conhecimento que se constitui. In:

FRANÇA, Vera; ALDÉ, Alessandra; RAMOS, Murilo César. (Org.). **Teorias da Comunicação no Brasil: reflexões contemporâneas**. Salvador: Edufba, 2014. p. 63-77.

MARCUS, George. **Elites: Ethnographic Issues**: University of New Mexico Press, Albuquerque, 1983.

MARQUES, Rodolfo; OLIVEIRA, Ivana; FRANÇA NETO, Mário Camarão. Rádio Unama FM: uma experiência de produção de conteúdo em uma universidade particular da Amazônia. **Radiofonias - Revista de estudos de Rádio e Mídia Sonora**. Mariana - MG, v. 12, n. 02. P.177-199, mai/ago, 2021.

MARTÍN-BARBERO, Jesús Martín. **Ofício de cartógrafo: travessias latino americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Fundo de Cultura; Econômica. 2002.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação e Identidade: quem você pensa que é?** – São Paulo: Paulus, 2010. – (Coleção Comunicação).

MARX, Karl. **O Capital-Livro 1: Crítica da economia política**. Livro 1: O processo de produção do capital. Boitempo Editorial, 2015.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira-a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997.

MATTOS, Sergio. **Um perfil da TV Brasileira (40 anos de história: 1950-1990)**. Salvador: Associação Brasileira de Agências de Propaganda, 2010.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, Cosac Naif, 2003.

MAYRINK, José Maria. **Reformas ortográficas durante século 20 simplificaram a língua**. ESTADÃO, São Paulo, 2008. <https://www.estadao.com.br/emails/reformas-ortograficas-durante-seculo-20-simplificaram-a-lingua/> acesso: 07.mai.2023.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MESQUITA, Dedé. **Destaque: Grupo “O Liberal” define novo diretor de conteúdo e mais novidades da imprensa em Belém**. <https://dedemesquita.com.br/?p=5657> 22. Dez.2022. Acesso: 11.jun.2023.

MILLS, Charles Wright. **A elite do poder**. Trad. Walternsir Dutra. Zahar Edidores, Rio de Janeiro, 1962.

MORAES, Dênis. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. IN: **Revista Debates**, Porto Alegre, v.4, n.1, p. 54-77, jan.-jun. 2010.

MORAES, Lucyane de. A representação alegórica da modernidade em Walter Benjamin. **Cadernos Walter Benjamin**. N.22 2019.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade

de Brasília, 2013.

MULLER, Daniel. NOTAS SOBRE A PANDEMIA: Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social. Blog do labemus – laboratório de estudos de teoria e mudança social, 2020. Disponível em: < <https://blogdolabemus.com/2020/05/23/notas-sobre-a-pandemia-como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-por-daniel-miller/> >. Acesso em: 03, março e 2022.

NUNES, P. Os Jornalistas de Música e a Indústria Musical: entre o gatekeeping e o “cheerleading”. **Trajectos**, Lisboa, v. 18, p. 53-69, 2011.

OLIVEIRA, Verônica; MARTINS, Maria de Fátima; VASCONCELOS, Ana Cecília. Entrevistas “em profundidade” na pesquisa qualitativa em administração: pistas teóricas e metodológicas. In: **Anais...SIMPÓSIO DE ADMINISTRAÇÃO DA PRODUÇÃO LOGÍSTICA E OPERAÇÕES INTERNACIONAIS**. 15., 2012, São Paulo. Anais... São Paulo: FGV, 2012. p. 1-12.

OLIVEIRA, Érito Vânio Bastos de. A VOZ DA AMAZÔNIA NOS ANOS 30: Rádio, intelectuais e política. In: **Anais... ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História – Fortaleza**, 2009.

_____. Modernidade e integração na Amazônia: "intelligentsia" e "broadcasting" no entre guerras, 1923 -1937. **Dissertação (mestrado)**. Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**: cultura brasileira e indústria cultura. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: Cejup,1995

_____. **A conversão semiótica**: na arte e na cultura.- Edição Trilíngue. – Belém: EDUFPA, 2007

PAIVA, Vanessa. A mensagem radiofônica: o acontecimento (re)significado. In: PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O Jornal**. Brasília: Paralelo 15, 1997.

PEREIRA, Carla Soares; SILVA, Katia de Souza da; AMIN, Vanda do Socorro Furtado; NUNES, Paulo Jorge Martins. Belém e a Academia do Peixe Frito: fisiognomias em Bruno de Menezes e Dalcídio Jurandir. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 14, n. 3, p. 1025-1043, set.-dez. 2019.

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. In: **PontoUrbe**, 2008.

_____. O que é fazer etnografia para os antropólogos. In: **PontoUrbe**, 2012.

PEREIRA, Ana Cristina Carvalho. Cartografia do sensível: corpos urbanos. **Anais...Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas**. Uberlândia, Minas Gerais: 2014.

PIMENTEL, Danieli dos Santos; FARES, Josebel Akel. Cartografias poéticas e outros imaginários em literatura oral. In: ENCONTRO OUVINDO COISAS, 2., 2011, Santa Maria. Anais... Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2011. p. 1-9.

PINHEIRO, O. A Visualidade Amazônica. In: HERKENHOFF, P. (Org.). **As Artes Visuais na Amazônia**: reflexões sobre uma Visualidade Regional. Belém: Funarte/SEMEC, p. 89-100, 1985.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**. V. 15. São Paulo, 1997.

PROENÇA, Edyr Augusto. Feira do Som. Coluna Cesta, Caderno TDB, Jornal O Diário do Pará, 2017. Disponível em <https://blogdogersonogueira.com/2017/03/18/feira-do-som/> Acesso em: 05.mai. 2021.

PRATA, Nair. Na hora das estrelas: as ondas do rádio invadem a solidão dos ouvintes. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Vol. I No 1 - 1o Semestre de 2004.

RIBEIRO, Emiliania Pomariso. Micronarrativas Afetivas: o Tocar pelo Invisível para uma Comunicação Visível. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36., 2013, Manaus. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2013. p. 1-15.

RICOEUR, Paul. Identidade frágil: respeito pelo outro e identidade cultural. In: **Les droits la personne en question**. Europa: FIACAT, 2000.

_____. **Tempo e narrativa (Tomo I)**. Campinas: Papyrus, 1994.

_____. **Tempo e narrativa (Tomo I)**. v. 4. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2016.

_____. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2018

ROCHA, Ana luiza; ECKERT, Cornélia. Etnografia da duração nas cidades em suas consolidações temporais. IN: **Revista de Ciências Sociais**, n.34, Abril 2011.

_____. Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração. **RUA**, Campinas, SP, v. 16, n. 1, p. 121–145, 2010. DOI: 10.20396/rua.v16i1.8638850. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638850> Acesso em: 20 jan. 2022.

_____. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2005.

ROCQUE, Carlos. **História de A província do Pará**. Belém: Mitograph, 1976.

RODRIGUES, Carla Gonçalves; SCHNORR, Samuel Molina. Cartografias do ser do sensível: Um modo investigativo da pesquisa educacional sobre a formação de professores. In: **Calidoscópio** Vol. 11, n. 1, p. 70-75, jan/abr, 2013.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental. Transformações contemporâneas do desejo.** Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

ROSSETO, Elisabeth. **Sujeitos com deficiência no ensino superior: vozes e significados.** Rio Grande do Sul, 2009.

SALLES, Vicente. **A província do Pará,** Belém, 20.nov, 1983.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica à geografia a uma geografia crítica.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas construindo a Belle Époque (1870-1912).** 3a edição. Belém: Editora Paka-Tatu, 2010.

_____. **Belém: riquezas produzindo a belle-époque, 1870-1912.** Coleção Açai ; Author, Maria de Nazaré Sarges ; Publisher, Editora Paka-Tatu, 2000.

SCHIPPER, Imanuel. From flâneur to co-producer: The performativespectator. In: **Media/Rep,** 2017.

SCHMITZ, Maira Eveline. Produção do espaço e memória coletiva de Santa Rosa/RS. In: BORGES, Daniele et al. **Memória coletiva: entre lugares, conflitos e virtualidade.** Porto Alegre, Casalettras, PPGMP, 2021.

SCHMINK, Marianne; WOOD, Charles H. **Conflitos sociais e a formação da Amazônia.** Belém: Ed.UFPA, 2012.

SCHUTZ, Alfred. **El problema de la realidad social.** In: Las estructuras del mundo de la vida. Amorrortu editores. Bs. Aires, 1974.

_____. **Sobre fenomenologia e relações sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SENNETT, Richard. **Juntos: os rituais, os prazeres e a política de Cooperação.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.

SEREMETAKIS, Nadia. **The Senses Still: perception and memory as material culture in modernity.** Nova Yorque, Rotledge, 2019.

SHORE, Chris. La antropologia y el estudio de la política pública: reflexiones sobre la "formulación" de las políticas. Antipoda. **Revista de Antropologia y Arqueologia,** Bogotá, n. 10, Jan. 2010, p. 21-49.

SILVEIRA, Flávio Leonel; SOARES, Pedro. Narrativas sobre Belém (PA): paisagens urbanas, memórias e visagens no distrito de Icoaraci. **Humanitas,** V. 24, n.1/2, 2008, p.61 a 96.

SILVEIRA, Flávio Leonel. As paisagens fantásticas e o barroquismo das imagens. Estudo da memória coletiva de contadores de causos da região missioneira de Rio Grande do Sul. **Tese (doutorado).** Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, 2004.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. O dinheiro na cultura moderna. In: SOUZA, Jessé, OELZE, Berthold (Orgs.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora da UNB, 2005.

SOARES, Karol Gillet. As formas de morar na Belém da Belle-Époque (1870-1910). **Dissertação (Mestrado)** - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. Belém, 2008.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

SOUZA, José Pedro. **Planejamento da comunicação: na perspectiva das relações públicas**. 2003.

SOUZA, Rosana de Fátima Padilha de. Reduto de São José: história e memória de um bairro operário (1920-1940). 2009. **Dissertação (Mestrado)** - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2009. Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia.

SOUZA NETO, Miguel Alvez; BENTES, Priscila Ferreira. Jornalismo, História: Belém nos relatos do jornal “O Estado do Pará” de agosto de 1912. IN: **Anais...** Culturas, Linguagens e interfaces contemporâneas, Belém, 2012. Disponível em: <<https://fauufpa.org/wp-content/uploads/2014/07/jornalismo-histc3b3ria.pdf>> Acesso em 08.jun.2023.

SWANWICK, Keith. **Ensinando Música Musicalmente**. Trad. Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo. Moderna, 2003.

TAVARES, Maria da Conceição. **Império, território e dinheiro**. Estados e moedas no desenvolvimento das nações. Petrópolis: Vozes, 1999.

TINHORÃO, José Ramos. **Música popular: do gramofone ao rádio e TV**. Editora 34, 2014.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2.ed. São Paulo, Atlas, 2011. p. 98-109.

TRINDADE JR.. “Confinamento, dispersão e difusão: processos e configurações espaciais de uma metrópole em formação”. In: TRINDADE JUNIOR, S.-C. C.; SANTOS, T. V. (orgs.). **O urbano e metropolitano em Belém: (re)configurações socioespaciais e estratégias de planejamento e gestão**. Rio de Janeiro, Consequência, 2019.

TORRES SILVA, Marisa. **Jornalismo Musical: estratégias enunciativas e retóricas. Contributos para uma análise discursiva.** Revista Comunicação Midiática. V.9, n.1, p. 12-35, jan./abr. 2014.

VALLADARES, Lícia. **Os dez mandamentos da observação participante.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 22, n. 63, p. 153-155, fev. 2007.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo.** Centro de Pesquisa e documentação de História Contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro, 1987.

VASCONCELOS, Carla Melo; SILVEIRA, Flávio Leonel. Paisagens sensíveis, poética do imaginário e memórias compartilhadas pelos antigos moradores da ilha de Cotijuba, Belém, Pará. **Amazônica, Revista Antropologia.** Belém, 2019.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. VELHO, Gilberto. **A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social.** Rio de Janeiro: ZAHAR, 1989.

VENTURA NETO, R., MOURA, B. As linhas (in)visíveis da Fazenda Val-de-Cães. In: Lima, J.J. (org.) **Mundaças espaciais no modo de morar na Nova Belém.** Belém: IOEPA, 2022

VENTURA NETO, R. S. (2015). **Belém e o imobiliário: uma cidade entre contratos e contradições.** Belém, Ioepa.

VENTURA, Jússia Carvalho da Silva. Cartografia Sensível: televisão, interação e afetividade entre o público e o programa Sem Censura Pará. 2017. **Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)** – Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

VIANA, Cristina Amaro. Tempo e sujeito em Paul Ricoeur: uma introdução a partir da leitura ricoeuriana do Livro XI das confissões de Santo Agostinho. **Contemplação,** Marília, n. 4, p. 1-19, 2012.

VIEIRA, Ruth; GONÇALVES, Fátima. **Ligo o Rádio pra Sonhar: história do rádio no Pará.** Belém: Prefeitura Municipal, 2003.

VIDAL, Celma Chaves Pont. Modernização, inventividade e mimetismo na arquitetura residencial em Belém entre as décadas de 1930 e 1960. **Revista Risco,** Revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo. N. 8, p. 141- 161, 2008.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura.** Trad. Marcela Coelho de Sousa. Ubu, 1ªEd, 2017.

WEINSTEIN, Bárbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920.** São Paulo, Hucitec/Edusp, 1993.

_____. Pará "versus" Amazonas. **Estudos Econômicos (São Paulo)**, v. 15, n. 2, p. 221-239, 1985.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Editora: Companhia das Letras, 1984.

ZANON, Maria Cecília. **A sociedade carioca da Belle Époque nas páginas do nas páginas do Fon-Fon!**. Patrimônio e Memória, v.4, n.2, 2009.

Apêndice A – Roteiro do Programa Feira do Som

Feira do Som- Edgar Augusto

Quinta feira, 7 de janeiro 2021.

Técnica- Prefixo.

Edgar- Meus amigos da Cultura, fala o Edgar Augusto na gloriosa quinta feira, a antessala do final de semana, o dia em que a gente já toma a primeira... Dia de lançamentos e mil novidades na Feira do Som. Vamos nessa gente ?

Técnica- EFEITO

EDGAR- Primeira quinta feira do ano. Gente. A vacina está próxima, mas ainda não chegou. Portanto, álcool nas mãos e máscara no rosto. A pandemia está aumentando. Por favor, se cuidem. E escutem a Feira do Som.

Técnica- EFEITO

Edgar- Alessandra Caleja produz a Feira, Agostinho Soares faz a montagem, Henrique Menezes direção técnica e Eder Augusto Proença a captação de áudio. Começa a Feira do Som.

- 1- Kalamazoo – Manoel Cordeiro
- 2- Silencio- Nilson Chaves e Felipe Cerquize
- 3- Palladium- Ney Conceição e Dadadá Castro youtube
- 4- Saudade Rainha- Yuri Guedelha Youtube
- 5- Para amor não há distancia- Armando Hesketh Youtube ou Regina Ono
- 6- Toda vida quer paz- Beto Guedes
- 7- Doo doo doo doo- Rolling Stones
- 8- Cio da terra- Dônica
- 9- Hey Jude- Caetano Veloso
- 10- Pico- Chico César
- 11- Negro amor- Gal Costa e Jorge Dexler
- 12- Viver a vida- Flávio Venturini
- 13- Saudade da saudade- Aláide Costa e José Miguel Wisnick
- 14- Coração sonhador- Sandra Duailibe e Nilson Chaves
- 15- Nervos de aço- Paulinho da Viola ao vivo
- 16- Meu mundo caiu- Claudette Soares
- 17- O inverno é você- Elba Ramalho e Padre Fábio Melo
- 18- Woman and wines- Sir Paul McCartney BEATLES
- 19- Any time at all- The Beatles BEATLES
- 20- Hey Boy- Mutantes NO TEMPO DO TITIOS

Apêndice B – Lista de abraços da Feira do Som em 2 de agosto de 2020

OUVINTES FEIRA DO SOM

CEREJA

PAULO JOSÉ-JURUNAS
ANTÔNIO CARLOS-OUTEIRO
ANDRESSA VILHENA-PEDREIRA
HÉLIO ARRUDA
ST. MARINHO CAVEIRA
ALMIR TRINDADE NETO
ELAINE-PARAGOMINAS
OLIVIA MELO
RAIMUNDO SAAVEDRA
JOÃO CARLOS-IGARAPÉ MIRI
MOTORISTA SIDCLEI (SATÉLITE-UFPA)
MANUEL DE JESUS BARBOSA
PLÁCIDO RAMOS
MANUEL CARNEIRO E ELIAS VEIGA CARNEIRO
SONIA ABE
RONALDO GODINHO-BRASÍLIA
MARIA JOSÉ ALMEIDA QUEIROZ
IRÁ QUEIROZ
PROCURADORIA GERAL DO ESTADO-SETOR PCTA
ÁLVARO MATOS
ANTÔNIO DE SOUZA
DELEGADO HAMILTON CÉSAR
PAULINO SILVA
ED MARCIO (CANTOR)
HAROLDO, CAROL, MARCIO E CAMILO-BANPARÁ CÂMARA DOS
DEPUTADOS
ADRIANA CAVALCANTE
DJ ALEX 5
ADILSON NATUREZA
JOSÉ HAROLDO OLIVEIRA
RAIMUNDO MELO (CEPLAC)
JOÃO GUINARÃES
ANDRESSA SENA-PEDREIRA
EUCLIDES DE ARAÚJO LIMA (BUJARÚ)
ROBERTO MALCHER CORRÊA (CREMAÇÃO)
JEAN MICHEL
GILBERTO E ENILSON LIMA
CLÁUDIO PREREIA-MARAMBAIA
VERA E ANGÉLICA MILER-SENADOR LEMOS
GISELE LACERDA E ALEXANDRE JACQUES-SANTA ISABEL
MATIAS MENEZES-GTR
PEDRINHO CALLADO
PEDRO PAULO TAÍS PIMENTA
PEREIRA DO AMARAL COSTA
JOSÉ RONALDO GENTIL (TERRA FIRME)
MOTORA AUGUSTO UBER

LEO SARAIVA (INSS SÃO BRAZ)
GERALDINHO (GRUPO MAIANÁ)
ELIAS PINTO
SÉRGIO DOMINGUES E LIGIA RIBEIRO
LUCIO FLAVIO PINTO
DAVI BITENCOURT
EMANUEL NETO
RICARDO BECKMAN
LUIS RELVAS
ROFLAN (LANTERNEIRO DA OFICINA NA CURUZU COM VISCONDE)
BROQUINHA DA VOVÓ
MARINOR BRITO
ALCIDES ALEXANDRE
ARTHUR CASTRO
ARTHUR ESPINDOLA
ELOY MARGALHO – SATÉLITE
JORANE CASTRO
CINTIA MONTEIRO
ANA JULIA CAREPA
REGINALDO RAMOS (RBA)
REINALDO MORENO
ANGEL E AMARANTA SODRE
ISABELA PESSOA – SEMEC
REGINALDO SANTOS (ROADNALDO)
RIBAMAR E DOMINGUES NA SEGEP
PROTOCOLO TJE
MARCOS SOUZA – SESMA
AFONSO ARAÚJO
DAMI AMORIM
MOTORISTA CASEMIRO
FABIO ELLERES
TIDÃO DIAS – FOLHA DE ÓBIDOS
JORGE MAMEDE – ARTISTA PLÁSTICO
JOSEANE DIAS
RODRIGO MELO – CASTANHEIRA
EZEQUIEL SILVA – RÁDIO ALTAIR DE ÓBIDOS
PROFESSOR MANOEL DANTAS – PEDREIRA
VANDO DUARTE – INHANGAPÍ
ANDRÉ MIRANDA
LUIS FERNANDO FERNANDES
JORGE LUCIO – MARAMBAIA
ARTHUR, LÍGIA E HELENA
ALEXANDRE SANTOS
ANTÔNIA, DAVI, E ALAN DAVI BOTINHO – ICOARACI
ALBERTO SIMÕES – ANANINDEUA
MARIA RAIMUNDA – OBIDOS
JEFFERSON LIMA
JOSE CARLOS FREITAS – TAXISTA
MADALENA SANTANA – ANANINDEUA
AMARO KAUTAU

DONA MARIA LUCIA – CONJUNTO MENDARA
PRISCILA WANZELER - MARAMBAIA
LUCAS E HUMBERTO FURTADO
ELISABETE LUSTROSA
DONA ANTONIA
FAMILIA BASTOS BECKMAN
JORGE MARDOCK – MOSQUEIRO
KAUE DA MARAMBAIA
MOTORISTA RONALDO
COBRADOR GLEISON LINHA PEDREIRA UNAMA
CHICÃO – FEIRANTE TELÉGRAFO
FERNANDO LUIZ PESSOA
DELEGADO HAMILTON CESAR
ANISIA OLIVEIRA
WILSON MARTINS
VALENTINA NUNES
BARBEARIA DO MARIO CRUZ NO TELÉGRAFO
LOURO SAPATEIRO – CLIPPER GUAMÁ
NAIN NETO – MARITUBA
ADSON TENÓRIO – MOTORISTA
MARCIO MEIRA
NILDO LIMA – DIARIO DO PARA
MOTORISTA RIBAMAR – FUNTELPA
ELOI MARGALHO E JOSIEL DELGADO – DELFIM MODULADOS
ANTONIO ANTUNES
EDILEUSA MOURA
ANGELOS AUGUSTUS
CAROL, ALEX E TIAGO – BANPARA CAMARA DOS VEREADORES
LIVIA COSTA, VITOR E LIA COSTA E EDUARDO (DUDA)
DIRCEU LOPES – REPRESENTANTE DE MATERIAIS DE PESCA
EDILSON E LEON – BILHETERIA DO GOELDI
RIBAMAR JOSE – MOTORISTA TRIBUNAL DE CONTAS
SAPATEIRO CARLOS – DOMINGOS MARREIROS AO LADO DO BAR DO
VADINHO
NOELI DO MAGUARI
BOROCA – ARTISTA E ARTESÃO – TELEGRAFO
JOTA CARLOS
ARTUR E EMANUELE – ALMIRANTE BARROSO
EMANOEL FRANCO
VAVA BANDEIRA
SABIA DO MOSQUEIRO
ROSANGELA SASTRE
ABRAAO MELO
ROSA KAWAGE MOREIRA
DENIZINHO SETE CORDAS
RAIMUNDO JUNIO – BRASILIA
PROFESSOR ENILSON UFPA
DOUTOR DANIEL REBISSO
FATIMA RAYOL
MOTORISTA JESUS SANTOS (CASA DE MUSICA DO SESC)

WALTER DO LAMBRETA - MOSQUEIRO
GUTO BRAGA
ASSOCIAÇÃO DOS CARRINHOS DO AURÁ
VERINHA-SACRAMENTA
ARTUR MELO
BRUNO CANTUÁRIA
TAÍS LITTLE PEPER
MARCOS CAMPELO
BRANCA DE NEVE
EUCLIDES RAIMUNDO
ALÍRIO E ROSEANE-BUJARÚ
EUCLIDES E ROSANE-BUJARÚ
VIVIAN SANTA BRÍGIDA
MÁRCIO PONTES
GIOVANE M
EDUARDO-PRESIDENTE DO CORDÃO DO CARANGUEJO DA BARRACHARIA
JORGE GOMES-SEMOB
CLASSE HOSPITALAR DO BETINA FERRO
HEVERTON E BRENDA-UMARIZAL
FRANCISCO SILVA COSTA
MARIA FERNANDA-40HS
ZILA BRAGA GUIMARÃES
RAO GODINHO
MADALENA SANTANA
AUGUSTO, JOAQUIM E ALBERTO SIMÕES
GARROTE E MADALENA-JULIA SEFER
DENIS FILHO
JOÃO GUIMARÃES-JUSTIÇA FEDERAL
BANCA DO HÉLIO-MARAMBAIA
BANCA DO SEU FRANCISCO-MARAMBAIA
MICHEL RIBERA
MARGARIDA-DAS PAULINAS
JOABE-CIDADE NOVA 4
SÉRGIO SALES
ROBERTO MOTA
DAVI MOTA REIS
MARCELA MOURA
WLADMIR CUNHA
PROFESSOR CARLOS ALBERTO-MARITUBA
MR. TONI
AKEL AKEL
JOÃO TEODORO-ICOARACI
TOMAZ LIMA-LOTERIA CABANAGEM, BATISTA CAMPOS
REGINA ALVES
DANIEL LIMA
PAULO PORTO
MAURO MELO
CLÁUDIA ÍNDIA-TERRA FIRME
FRANCISCO NOGUEIRA-CORRETOR DE IMÓVEIS
MAURÍCIO E ANDRÉ MOREIRA-CONSTRUTORA LEAL MOREIRA

SUELI-NACIONAL IMOBILIÁRIA
JOSÉ FEIO-CERIMONIALISTA
NAIR BULAMARQUI
LILIAN NASCIMENTO
ANGÉLICA MILER, VERA, LUIS E CLARA-SENADOR LEMOS
DR. BRUNO VIEIRA
KEMPS MARÍLIA, ALBERTO E CAROLINA
DR. FORTUNATO ALIAS E RAQUELITA
EDGAR SOUZA
PAULO HENRIQUE
SILVESTER STALONE CAMPELO
CLARA PANZERA
CÉSAR ASSADI
VERA LUZ
LEONARDO POLARO
ANGÉLICA MILER
PROFESSORA MARIA EDILMA REGIS
SUELI ALMEIDA
RONALDO HUNM
ALEX GONÇALVES
CARLOS SÁ
BARBEARIA DO QUIBA-GARPAR VIANA
EDSON GABRIEL E MAICON-VILA DOS CABANOS
ARMANDO FONSECA-ÓBIDOS
LÊ SANTOS E XAMBICA-TOCANTINS
JOICE RIBEIRO
EDNEA SMITH
PEDRO NETO-BIBLIOTECA ARTUR VIANA
CANDIDO CABRAL
JOÃO RODRIGUES
AMÉRICO CARDOSO
MAURO MELO
ANTÔNIO MONTEIRO - BATISTA CAMPOS
PEDRO GUERREIRO – MARAMBAIA
NEIDE BATISTA
LUIZ DOS ANJOS
JOANA BRAGA – JURUNAS
REGINA MARQUES
ROSELI DE JESUS
MAURO MARQUES
SANDRA FERREIRA
JORGE CARVALHO
JORGE LEONARDO
LAÉRCIO DA SILVA
JOSÉ RIBAMAR NO CIG (CENTRO INTEGRADO DE GOVERNO)
ANA AGUIAR
EDVALDO DA ENCADERNAÇÃO
TEREZINHA E TATIANA
ELEN E LÍLIA VANESSA
ROSANA BASSALO

MARGARIDA, LUMA E MALU
MARIA CELESTE REBELO
JOÃO COSTA – JURUNAS
RAIMUNDO FILHO – PORTEL
FAMÍLIA SEVERO PINA – MARCO
HÉLIDA DE FÁTIMA E LÍDIA – CIDADE VELHA
LÍDIO OLIVEIRA
WALTER BEZERRA
JOSÉ ARCÂNGELO
CARLOS ALBERTO MORAES
SANDRO E LIA - ANANINDEUA
ED CARLOS - CIG (CENTRO INTEGRADO DE GOVERNO)
BOB MENEZES
BRUNA LIMA
EUGÊNIO REIS
JOSÉ OTÁVIO
JOSÉ TOSCANO
ANDRÉ E CLAUDIANE (CURUÇAMBA)
PAULO RENATO (PR)
CAMILA
MAX REIS
JOÃO VITOR FIGUEREDO
CECÍLIA
ELIZEU ALMEIDA (CASTANHAL)
LUIS OTÁVIO SOUZA FERREIRA
JOSÉ MARIA MARTA
KÁTIA CARVALHO
BARBEARIA DO GUIBA NA GASPAR VIANA
LÍGIA MONTEIRO
ACAUÃ PIANTÃ
EDUARDO CALIF NO COTIJUBA
FAMÍLIA BENITEZ
ALBERTO LEÃO
NAGIB CHARONE – O PRÍNCIPE FENÍCIO
ARMANDO E ANA
PAULO PEREIRA
ORLANDO PEREIRA – MORGAM FREMAN
BARBEARIA DO MARANHÃO – LARGO DA SANTA LUZIA
TEREZA CRISTINA
THAIS E PAULO VITOR
CONFRARIA DA SAUNA – TUNA LUSO
JOSÉ UCHOA
PAULA SAMPAIO
TIA SELMA – NA BARÃO DO MAMORÉ
VASCO CAVALCANTE
SERGIO DO CARMO
JACINTO KAWAGHE
RICARDO DIAS
SANDRA FERREIRA

HELENA MARDOCK E JORGE MARDOCK (CENTRO DE ARQUEOLOGIA
EMILIO GOELDI)
NUNO LACERDA
SOCORRO SILVA, SOCORRO MARTINS, ANA LENICE CARVALHO
DELEGADO SALES – POLÍCIA FEDERAL
MÁRIO GUZZO
EQUIPE DO TRT – 14 VARA
MAURO QUEIROZ
CELÍ BORGES
FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA BOSQUE
PESSOAL DO NEV SHOP BAR
ARI GONÇALVES E FAMÍLIA
PAULO BRASIL
CARMEM DOROTÉIA
DELEGADO NILTON ATAÍDE
ALDA CRISTINA/ ROSE GOMES/ ANA LAURA – JORNALISTAS
EDIMAR ALMEIDA DE SOUZA
HERNAN BERBARY
ANDERSON CHAVES
FUNCIONÁRIO DA EMATER
ANTÔNIO SILVA – SANTA IZABEL DO PARÁ
JOÃO CARLOS SIQUEIRA
EDSON OLIVEIRA
LUIZ GONÇALVES – ED ALBEN ALMIR
JOÃO ANTÔNIO, CLEBER E RICARDO – ANANINDEUA
VÂNIA CONTENTE
OSCARINA BORGES – CAMPINA
SILVIO CEZAR – VOZ DE NAZARÉ
RAIMUNDO VIDRACEIRO, LUIZ SÉRGIO, VÂNIA MORAES
SR OSVALDO – PORTARIA DO RES. ALMIRANTE BARROSO
DRA. FÁTIMA MELO – VETERINÁRIA
EDSON OLIVEIRA
CARLOS ALBERTO ATAÍDE
ALEXANDRE SIQUEIRA
GERALDINHO E COSTELA
MANUEL ALTEVIR (TAXISTA)
ARMANDO SILVA (CASA DO PROFESSOR)
DR PEDRO BARBOSA
UIRVANOR QUIROZ
ISABELA GRANDE
FÁBIO JEAN (ANABB)
CAROLINA SARMANHO
MAESTRO GURU
ROBENARE MARQUES
NILO VIANA – CANUDOS
JJOSÉ CARLOS GONDIM
EDUARDO DREIER
DAGOBERTO SINIMBÚ
JR BILÃO QSE
FÁBIO TORRES E ROSEANE

DISTRIBUIDORA CHARLES – PEDREIRA
JOSÉ MARIA VILHENA
ARI PEREIRA
CARLOS ALBERTO PASSOS (PROCURADORIA DA REPÚBLICA)
JORGE EIRÓ
NÁ FIGUEREDO E GLORIS
PEDRO NETO (BIBLIOTECA ARTUR VIANA)
EDUARDO E ROSEVANE PINTO NA SEDE DO CLUBE DO REMO
FÁBIO E FAMÍLIA PEREIRA DO GRUPO CATUMBÍ NO CHORO
HELENA SARIA
ALESSANDRA SOUZA – TERRA FIRME
PAULO GUARANÁ, LUCIVAL DO HORTO DE PLANTAS MEDICINAIS
OTACÍLIO NO HOTEL FAZENDA PARAÍSO – MOSQUEIRO
OUVINTES DA VILA DOS CABANOS
AFONSO QUARESMA E AFONSO FERREIRA
MARCO ANTÔNIO SERRÃO (FOTÓGRAFO)
JOY COLARES
ANETE COSTA
PAULO SÁ
CATARINA NASSAR E PAULO MAIA
HAMILTON PINHEIRO JR
MARCELO MIRANDA E ESPOSA JANILCE
NAZARÉ TOCANTIS
VALÉRIA MARINHO
SR. TEÓFILO E DONA MARIA EM SALVATERRA
VERA LUZ – ENFERMEIRA
PROFESSOR AMARO – SENAC
IGOR MARQUES
BILÃO
GRUPO DE DANÇA DA 3 IDADE “NATIVAS” - MOSQUEIRO
CAETANO COSTA
SIDNEI RAYOL – BARCARENA
KARLA E ESPOSO TEKÓ MARTINS
FLÁVIO PORTELA
NICINHA E SUELENE
TURMA DA COOPERATIVA DO HANGAR – COOPERTOUR
ICARAI DANTAS
CINTIA VIANA – GUAMÁ
MARCELO COSTA
JÁSTER, O TERRÍVEL
ALDEMIR FEIO
CLELIO LUZ LOBATO
CARDOSINHO E JACOB
RUMA
PROFESSOR AVELAR
LÍGIA BRANDÃO
RANUPHO E DULCE NO VITAL DRINKS
ADALBERTO MELO
ARQUELINO ALMEIDA (UFPA)
EMERSON E TIAGO – NAZARÉ

GRACIANE SEPEDA
ANA TEREZA BRASIL
MÁRIO DORA, IRACEMA E JACIRENE – MAURITÍ
DONA DORACI – JURUNAS
PAULO VITOR
PAULO PINTOR (ICOARACI)
VERA SODRÉ
EDILA VENTURA – ICOARACI
MARIA ROSA SILVA – TRIBUNAL DE ÉTICA DA OAB
GLÁFIRA
RAIMUNDO BORGES
FRANCISCO NAZARÉ
CLEITON PALMEIRAS
PESSOAL DO PRECATÓRIO DO TRT
OS IRMÃOS VERA E DOUGLAS BAKER
ODILEUSA ALFAIA
TURMA DA JUCEPA
PIRES NA JOVEM PAN
PESSOAL DO BAR PARAPAVÊ
WALTER NO TENONÉ
PAULO MAURÍCIO – CIRURGIÃO PLÁSTICO
DR. OSCAR TEIXEIRA E ESPOSA
MESTRE DO CÃO – TAPANÃ
NO TCM BRITO JR
ALTEVIR CASTRO
SR WILSON, ESPOSA E FILHOS EM TUCURÍ
RUTH – COQUEIRO
VIGILANTE CLEMENTE
FABI MOREIRA – BENEVIDES
ENG RONALDO, ESPOSA E RONALDINHO – PEDREIRA
HERMÓGENES GONÇALVES LIMA
ALFREDO BORGES – ARTES
ELIENE FREITAS
DI MAUÉS
MARCELO MAUÉS
GILBERTO MONTEIRO E ISABEL – VITÓRIA, ESPÍRITO SANTO
SEDE NÁUTICA DA TUNA
MARIA EDUARDA
CIZY E CLÉCIO – ESTAÇÃO DAS DOCAS
ALESSANDRA CALEJA – A CEREJA
PEDRO LOUREIRO
ANTÔNIA CELINE DA SILVA
ARMANDO HESKETH
CRISTINA HAYNE (TININHA)
FRANCISCO ANDRADE – CONJ ORLANDO BITAR, AUG MONTENEGRO
HUMBERTO PAU BRASIL
LUIS CLÁUDIO – MURINIM
GEISA BARRA
ABDIAS PINHEIRO
ISMAELINO PINTO

HELOISA HUM
VERA BATISTA
ÂNGELA CARLOS
ALDA CRISTINA
NILSON CHAVES
PAES LOUREIRO
JOÃO CARLOS E EMÍLIA FARINHA
PROFESSOR HILTON CASTRO, SONIA, RAQUEL, BARBARA, LUCIANE E
LUTTI LUTIANO
FERNANDO RODRIGUES, SEBASTIÃO BRITO, CÍNTIA VIANA – SECCIONAL
DO GUAMÁ
ROSIVALDO MESQUITA
WILSON FILÓ – TUCURÍ
BOB FREITAS
TITAN PADILHA
RONALD LIA
MARLENE TITAN
TONI CASTRO
JOSÉ PUTY
LAURO QUEIROZ
RENATA E ROSE DANIM
LUIZ FALACHE
DR ADALCIDES CONDE BRILHANTE E ESPOSA
GABRIEL PADILHA
JORGE CARDOSO – BRAGANÇA
PROF JORGE FILGUEIRAS
IVO AMARAL
AMARO SENAC
PEDRO GALVÃO
LU BANDEIRA – TOMÉ
PAULO ELCÍDIO NOGUEIRA
PROF CARLOS LIMA – LIVRARIA CULTURA USADA, ASIS DE
VASCONCELOS
CACIQUE DA CASTELO
ADILSON TENÓRIO – MOTORISTA CEASA VER O PESO
VILA VITÓRIA – NO RIO CUIPIJÓ E LIMOEIRO DO AJURÚ
ANTÔNIO LEITE – COBRADOR TAPANÃ VER O PESO
CARÍSSIMA PAULA SAMPAIO
JR BRAGA
ROBERTO SENNA (DIEESE)
CLEMENTE
MIKE BRAIAN – TUCURUÍ
PROFESSOR NEGO BILL – BRAGANÇA
SANDRA LIMA
LUCIANA ALMEIDA
MAURO LIMA
THALES PAMPLONA – PANIFICADORA MONTENEGRO
VALDECY QUADRO E BEL – CURIÓ
DR BELÉM ATAÍDE – HOSPITAL DE STO ANTÔNIO DO TAUÁ
ADMA CARVALHO

ADALBERTO, CELSO E LÁZARO LUMA
GILSON
PROF. MÁRIO BRANDÃO
PEPE SASTRE
WALDA MARQUES
LAURO LINCON
JORNALISTA FERREIRA DA COSTA
PAULO SANTOS
SERGIANE E JANJÃO
GRACIETE E MARCELA – MARITUBA
RAIMUNDO E JUREMA
LUIZ COSTA – BENFICA
CLÁUDIO LAVAREDA
LUIZ HELENO – VAL DE CANS
TONICO – SOL INFORMÁTICA
SOFIA ATAÍDE SANTANA
PLÍNIO E ANTÔNIO MAX
VALÉRIA NASCIMENTO E EDIR GAIA
ALCIR GUIMARÃES
ALFREDO SEIXAS – MARITUBA
ANICETO ALMEIDA
JOÃO BORGES
RUTH ALZIRA
DONA ENEIDA – UMARIZAL
CONJUNTO PROVIDÊNCIA
LOURIVAL IGARAPÉ – ICOARACI
SÉRGIO SANTANA – TRIBUNAL DE CONTAS
DINO E VITOR BRELAZ
ARTHUR KUNZ
THAIS E PAULO VITOR
BATALHÃO DA PM (PALÁCIO DOS DESPACHOS)
APOLO DE ASSIS
ANA HELENA
ELOY
CAROLINA E MAX REIS
FRANCISCO DA – PHILILANDIA
FORTUNATO ATIAS
LUIS ALBERTO MORAES
KEKA
LUIS PARDAL
RENATO CONDURÚ
DIRCEU CASTRO
PROFESSOR FRANZ
ELI POTIGUARA – BENEVIDES
BILÃO E VALÉRIO – QSE
JORGE OHANA
DRA CRISTINA ANDRADE
TIAGO AMARAL
CABINHO – ABAETETUBA
LUCINHA BASTOS

ANDRÉA PINEIRO
FRANCISCO ROCHA
BIRA PORTO
ROPÍ
VETINHO DO BOLE BOLE
SÉRGIO RIBAMAR PINHEIRO
OSVALDO GARCIA
DELEGADO ROLLO – DIVISÃO DE HOMICÍDIO SÃO BRAZ
GERALDO MELO GUIMARÃES – SHOPPING SÃO BRAZ
RAIMUNDO VIEIRA E MANUELA CASTRO (PROFESSORES DE REDAÇÃO)
KIKO XAVIER, MARA LÚCIA E FRANCE LÚCIA
DUDU NEVES
JUAREZ – INCRA
RAFAEL LIMA
ANTÔNIO MARIA
ROSANA, CLARA, PEDRO E CLEMENTE
VALDEMIR – SECOM
PAULO EUCÍDES NOGUEIRA
JOSÉ MARIA MARTA
MÁRCIA FORTE
JOSÉ MARIA VILHENA
DENNIS SOUZA – GEÓGRAFO ITERPA
HENRIQUE COSTA – TENONÉ
NEREIDA CAMPOS – CAMPINA
LAURA, LIA E LUIZÃO DOM KING
ACÁCIO ELERES
PAULO SÁ
TIA ANTÔNIA – TELÉGRAFO
ANA TERRA
ERENILDE ALMEIDA
LUIZ COSTA
TURMA DE CORRETORES – DETRAN
ANTÔNIO JORGE CAMPOS
MARCOS BARROS
FRANCISCA CHAVES
JOÃO VITOR E ANDREZA GOMES
ROSA E TIA ANDRÉA – MARAMBAIA
IONETE BRITO – PEDREIRA
PESSOAL DA CEPLAC – AUGUSTO MONTENEGRO
JOÃO – BAR THE BEATLES
ANTÔNIA ALFAIA
INÊS FREITAS – CIDADE NOVA
MANCUSO E TIO JOÃO
BARETA
PESSOAL ÁREA 3 DA CODEM
ARMANDO CHERMONT
SILVIA LEITE – CANUDOS
HELEN CRISTINA – JADERLÂNDIA
NEY – LIVRARIA BELÉM
FLÁVIO PORTELA

JOÃO CARLOS E EMÍLIA FARINHA
DA SILVA PARIOCA
NAZARÉ ATAÍDE
RAIMUNDO SAAVEDRA
VALMIR CHAVEIRO CRISTAL
ALFREDO MONTEIRO (CONDOR)
LUIS CARECA (GUARDA DA SANTA)
TAPAJOS MEDICAMENTOS
DENILSON DIAS
HELENICE FIGUEIREDO (SEAD)
EDMILSON RODRIGUES
PROFESSORA ROSEANE COELHO
DEUSA DE CANUDOS
PRISCILA AMARAL
PESSOAL DA SEAD
DALMA MARIA
DANIELE FRAZÃO (MARITUBA)
JORGE AGE DE CARVALHO
ANTÔNIO JOSÉ MELO DE MOURA
LAURA QUEIROZ
DRIKA CHAGAS
PROFESSOR RAMOA
CAROL ABREU
ZELIA AMADOR
ROSENILDO FRANCO
MARIA FRAZÃO
EUCLIDES BUJARU
DONA MARIA JOSÉ
IPIFÂNIA DO MARAJÓ
DONI COSTA (MARAMBAIA)
SIDICATO DOS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS DA SISBEL
ELZA LEITE
BAZZANE TAPANÃ
NASSIF JORDY
DR. JORGE MELIN (ANESTESIOLOGISTA) E ENFERMEIRO JESSÉ
EDMILSON SANTOS (GUARDA DA SANTA E COORDENADOR DA GUARDA
DE NAZARÉ)
MICHELE MURCHIO
CATALINA
ADRIANA (COZINHA E OUVES A FEIRA)
PROFESSOR FRANZ
MARIA JOSÉ (MÃE DO RUBÃO)
TIAGO CATANHEDE BEZERRA
JOSÉ NAZARENO E KEVIN
RAIMUNDO BONFIM (ENCARDENAÇÃO DA IOE)
NATAN E SABRINA LOBATO PEREIRA
ABDIAS PINHEIRO (BRASÍLIA)
OSMAR CARVALHO (PERNAMBUCO)
LUIS FLÁVIO (ÔNIBUS BENEVIDES)
DR. EREDINO DÓRIA (SOM DIAGNÓSTICO SHOPPING BOULEVARD)

RUBENS SANTOS (AMAZON PRODUÇÕES FOTO E FILMAGENS, MARCO)
RUY GALEÃO (EMBRAPA)
DENILSON MAUÉS
PROF DIEGO MESQUITA (ESCOLA 2 IRMÃS)
EURÍDICE OLIVEIRA
ADILSON NATUREZA (JURUNAS)
REGINALDO AQUINO
NALDO BASTOS (SALINAS)
ROSELY RISUENHO
GERARDO (DIRETOR DA SEDE NÁURICA DA TUNA LUSO)
ARYTANA
IDAÍÁ FREIRE
FRANCISCO PEDROSA (ENDOCRINOLOGISTA)
ENILSON, GILBERTO LIMA E AMANDA
FRANCISCO DO GOVINDA
ARMANDO CHERMONT
GERALDINHO ROOTS, RAFAELA E PÉTALA
AFONSO ARUJO
RAIMUNDO COSTA (RR PNEUS)
ANDRESSA VILHENA, ANA CLARA, CAIO MORENO E VITOR (PEDREIRA)
LOURO SAPATEIRO (CLIPPER DO GUAMÁ)
MARCOS MORAES (TUNA)
CESAR COLIÊ
ANGELO POÇA (BARCARENA)
RONALDO MOTORISTA, JAILSON COBRADOR (DISTRITO SAO BRAZ)
CARLOS AMORIM (ÁGUIA RÁDIO TAXI)
MASRCOS SANTOS (DIARIO DO PARÁ)
ALDA PIANI E MYTHIA (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE ICOARACI)
CARLOS ELSOM (CONSULTOR EMPRESARIAL)
MARIA LOURENZA
VELOSO DIAS
OLINDINA AGUIAR
FRANCISCO DAS CHAGAS
PAULO FRANCO
EMANUELE SILVA
MICHEL PINHO (FOTÓGRAFO E HISTORIADOR)
ROMÉLIA BRITO
ANA MARIA (SETOR DE PENHOR DA CAIXA ENTRONCAMENTO)

CANTINHO DOS BEATLES I

LUIZ E NINA FAILACHE
RENATA E ROSE DANIM
RONALDO LIMA
DR ADALCIDES CONDE BRILHANTE E ESPOSA
BOB FREITAS, NEGO NELSON, SIVIA KARDEC
JOSÉ PUTY
MARLENE TITAN
WILSON E FILÓ – TUCURUÍ
ROSIVALDO MESQUITA
FLORIANO COUTINHO

MARCO MOREIRA
GERALDO TAVARES
CAMILA E PAULO GUEDES
PROFESSORA IVANA OLIVEIRA
JOSIANE, MATEUS E ED.
PETER MULLER
EDSON MATOSO
LÍGIA MARIA
BARETA
LULU CARTUNISTA LUIS PINTO
HELENA MARIA
HEITOR MAUÉS, HELENO MAUÉS, MARCELO MAUÉS
JOÃO CARDOSO
HÉLIO ARRUDA
MARCOS GAMBOA
SAMIA CAROLINA
BENTO
ROGERIO
LAREDO NETO
BRENDA FREITAS
PEDRO ALBERTO BENTO GOMES
ALBERTO SALVADOR

CANTINHO DOS BEATLES II

PEDRO PAULO DA COSTA MOTA
REGINA PINHEIRO
ROBERTO NAVARRO
WASHINTON DO VALE
LEONARDO POLARO
PEDRO HENRIQUE
PAULO OLIVEIRA
SAMMYA DIAS
TONO CISTA
JULIA MAUÉS (MARINA E PEDRO MAUÉS SANTA HELENA)
SÔNIA
MARGARETE
EDSON COSTA
INANETE
FERNANDA CARVALHO
MARIA CRUZ
CLEMENTE BELLA
PAULO MATINS
FÁTIMA PINTO
GABI VICARI
CLÁUDIO – BANPARÁ
JACIANE – ICOARACI
LARISSA E VERA DUARTE

LUCIA, LUENE E INGO MULLER CHAVES
RODRIGO BAHIA
FLAVIO NASSAR
TOM MENEZES
ANTÔNIO VITOR MENEZES
NILO FIOK
ORLANDO RUFFEIL
ERIC PEDREIRA
LEANDRO BORBOREMA
MARCOS SOUZA – SESMA
EDUARDO BUERES
CARLOS HACHEM
DAVI PESSOA